**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E CIÊNCIAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

IRENE DA SILVA COELHO

**Hibridismo do gênero crônica: discursividade e autoria em
produções do E.F.II**

**SÃO PAULO
2009**

IRENE DA SILVA COELHO

Hibridismo do gênero crônica: discursividade e autoria em produções do E.F.II

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Dr.^a em Letras.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa (Ensino de Língua Materna).

Orientador: Prof.^a Dr.^a Norma Seltzer Goldstein.

**São Paulo
2009**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação
Serviço de Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Coelho, Irene da Silva.
Hibridismo do gênero crônica: discursividade e autoria em
produções do E.F.II; orientadora Prof.^a Dr.^a Norma Seltzer
Goldstein. - São Paulo, 2009. 262f

Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, 2009.
1. Gêneros. 2. Crônica. 3. Produção de textos. 4. Linguística
Aplicada. 5. Autoria.

CDD

COELHO, Irene da Silva. Hibridismo do gênero crônica: discursividade e autoria em produções do E.F.II. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em LETRAS.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Ao meu pai, in absentia, e minha mãe.

Aos meus filhos, Denis e Livia.

Aos meus familiares.

Àqueles que acreditam que a Educação pode mudar um país.

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dr.^a Norma Seltzer Goldstein pela compreensão, pela paciência, pelo exemplo, pela disponibilidade, condições fundamentais para a concretização de um sonho.

À Prof.^a Dr.^a Sheila Grillo pela contribuição indispensável, pelo critério e hierarquização de observações durante o exame de qualificação e acima de tudo pela compreensão.

À Prof.^a Dr.^a Maria Sílvia Olivi pelo acolhimento, pelas contribuições indispensáveis e valiosas no exame de qualificação.

Às minhas professoras do Ensino Fundamental, fundamentais em minha vida.

Aos meus professores do Curso de Letras e de Pedagogia.

Aos meus professores do Curso de Pós Graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP (1996-1997), sem os quais não teria conseguido dar continuidade aos meus estudos na Pós-Graduação da USP, em 1998.

Aos meus pais, pelo respeito à vida, por revelarem, desde cedo, a importância do professor na vida das pessoas e em minha vida.

À Livia, pelo amor incondicional.

Ao Denis, pelo olhar amoroso, silencioso, cúmplice e compreensivo nos momentos difíceis.

Aos amigos do *Site* da Educação da Prefeitura Municipal de Santos que se fizeram presentes sempre: nos momentos difíceis e felizes.

Aos meus alunos, de ontem e de sempre, motivação para o prosseguimento de meus estudos.

A alguns amigos de profissão.

RESUMO

COELHO, Irene da Silva. **Hibridismo do gênero crônica: discursividade e autoria em produções do E.F.II. 262 f.** Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009.

Numa perspectiva teórica que parte dos pressupostos de Bakhtin (2000), Vygotsky (1996), estendendo-se a Bronckart (1999), Dolz e Schneuwly (2004), relata-se uma experiência didática aplicada a alunos da 8ª série do ensino fundamental com o gênero crônica, considerado um instrumento que pode ser empregado para o aprimoramento das habilidades de escrita e também da criticidade dos alunos, ou seja, para o desenvolvimento da capacidade linguístico-discursiva dos alunos. Para Schneuwly (2002), essa aprendizagem depende da apropriação dos utensílios da escrita e dos elementos constituintes dos gêneros e suas relações. No tocante à crônica, identificam-se, na materialidade linguística dos textos produzidos, as marcas que revelam alguns dos aspectos relacionados ao contexto de produção: aspectos enunciativos e organizacionais, vistos a partir dos pressupostos do interacionismo sócio-discursivo que propiciaram a observação de aspectos da produção de textos que dizem respeito à dimensão semântica e linguístico-discursiva dos textos. Verificou-se que o gênero crônica é um instrumento que possibilitou ao aluno expressar sua opinião, analisar criticamente os fatos que o rodeiam e aprimorar sua habilidade de escrita. Nas produções dos alunos ficaram evidentes: seu posicionamento, suas intenções - as ações que podem ser realizadas por meio do uso da linguagem e os diferentes efeitos de sentido produzidos. O trabalho foi desenvolvido por meio de uma sequência didática que procurou salientar as características, os parâmetros do gênero e, assim proporcionar aos alunos situações para que eles refletissem sobre a crônica e sobre os diferentes modos de organização do gênero. A análise das crônicas produzidas pelos alunos revelou a assimilação dessas características e de marcas de autoria e estilo, traços que revelam o trabalho de escrita empreendido pelo aluno e o efeito da sequência didática. Para Bronckart, os gêneros textuais veiculam representações ou conhecimentos que estão disponíveis no intertexto e foram elaborados por gerações anteriores ou contemporâneas que as semiotizaram.

Palavras-chave: 1. Crônica. 2. Gêneros. 3. Sequência didática. 4. Interacionismo. 5. Autoria.

ABSTRACT

COELHO, Irene da Silva. **“Hybridism of the chronicle genre: discursive and authorship of productions on 8th grade classes, “Fundamental Teaching”**262f. This paper is presented to the Philosophy, Letters and Human studies College of the University of São Paulo, 2009.

In a theoretical perspective which started from the presuppositions of Bakhtin (2000), Vygotsky (1996), extend as far as Bronckart (1999), Dolz and Schneuwly (2004) reports an educational experience applied to pupils of the 8th grades on fundamental teaching with the chronicle genre, considered a way that can be used to improve writing skills and also pupils criticism, in other words, to the development of discursive language ability of these pupils. For Schneuwly (2002), this apprenticeship depends on the appropriation of the writing tools and on the elements of this genre and their relations. Regarding the chronicle, aspects are identified, in the linguistic materiality of the produced texts, the tools show some of the aspects relating to the context of the production: enunciatively and organizational aspects, which concern the semantic and language discursive dimension. It was checked that chronicle genre is one of the tools that let the pupils express their own opinions, analyze the facts around them and improve their writing skills. In the pupils' productions they were obvious: their positioning, their intentions – the actions can be carried out by the language use and the different effects of the produced sense. This paper was developed by an educational sequence that aims to point out the characteristics of the genre and makes pupils think about the different ways of genre organizing. The analysis of chronicles produced by the pupils revealed the assimilation of these characteristics and the authorship and style registration. For Bronckart, the textual genre shows us knowledge available in the intertext and they were prepared by previous or contemporary generations, on a semiotics way.

Key words: 1.Chronicle; 2.Genres; 3.Educational sequence; 4.Interactionism; 5.Authorship.

LISTAS E FIGURAS

Quadro 1.....	130
Quadro 2.....	132
Quadro 3.....	132
Quadro 4.....	138
Quadro 5.....	139
Quadro 6.....	143
Quadro 7.....	176
Quadro 8.....	176
Quadro 9.....	177
Quadro 10.....	178
Quadro 11.....	179
Quadro 12.....	181

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
INTRODUÇÃO.....	15
1. INTERACIONISMO E DIALOGISMO.....	25
1.1 Contribuições de Vygotsky para a educação.....	25
1.2 Contribuições de Bakhtin: o dialogismo.....	28
1.3 A crônica.....	32
1.4 O gênero e suas acepções.....	34
1.5 A tipologia enunciativa de Bronckart.....	38
1.6 Tipos de discurso.....	40
1.6.1 Configurações dos tipos de discurso.....	41
1.7 O intertexto.....	43
1.7.1 Tipos de sequências.....	45
1.8 Mecanismos de textualização.....	47
1.9 Mecanismos enunciativos.....	48
1.11 Suportes ou veículos e suas implicações.....	52
1.12 A didatização de um gênero - segundo Dolz, Schneuwly e Bronckart	53
1.13 Bronckart e seu modelo.....	57
2. A CRÔNICA – UM GÊNERO MULTIFACETADO.....	60
2.1 Origens.....	60
2.2 Crônicas e crônicas - a diversidade de formas.....	66
2.3 A crônica como gênero.....	67
2.4 Autoria, estilo e criatividade.....	69
2.5 Relações entre criatividade e gramática, autoria e estilo.....	73
2.6 Análise das crônicas trabalhadas em classe.....	75
2.6.1 Análise prévia da professora.....	76
2.6.1.1 Escolha o seu sonho.....	77
2.6.1.2 Os que ficam.....	85
2.6.1.3 O lucro do arrastão.....	88

2.6.1.4 Em defesa das nádegas.....	94
2.6.1.5 Crônicas lidas.....	98
3. DE TENTATIVAS VIVE O PROFESSOR.....	103
3.1 A metodologia.....	103
3.2 Categorias	105
3.3 Apresentação do contexto - São Vicente.....	106
3.4 Ensino público e privado: problemas similares.....	108
3.5 A escola particular.....	111
3.6 Os voos – decolagens e pousos.....	112
3.7 A elaboração de uma sequência para o ensino de produção de crônicas.....	114
3.7.1 Módulo 1 - pesquisa sobre a cidade.....	116
3.7.2 Módulo 2 – leitura das crônicas.....	118
3.8 Levantamento dos dados.....	124
4. PRODUÇÕES DISCENTES.....	128
4.1 O conhecimento linguístico-discursivo.....	128
4.2 Grupo controle-análise descritiva.....	129
4.3 A segunda produção do grupo controle.....	141
4.3.1 Análise das crônicas do grupo controle.....	144
4.3.2 Critérios para a re-escrita.....	145
4.4 As produções do grupo controle.....	145
4.4.1 Primeiro texto - <i>Paz na praia</i> de F.P.R.....	145
4.4.1.1 Segunda versão de F.P.R.....	150
4.4.2 Segundo texto –produção de G.V.....	155
4.4.2.1 Segunda versão de G.V.....	159
4.4.3 Terceiro texto de <i>Nem melhor,nem pior apenas uma cidade</i> de L.....	160
4.4.3.1 Segunda versão de L.	164
4.4.4 Quarto texto <i>Vá a São Vicente e relaxe</i> de C.C.D.S.....	164
4.4.4.1 Segunda versão de C.C.D.S.....	167
4.4.5 Quinto texto <i>Bem-vindo à nossa amada São Vicente</i> de A.M.M.....	171
4.4.5.1 Segunda versão de A.M.M.....	173
4.5 Análise dos textos do grupo experimental.....	174
4.5.1 Primeiro texto <i>São Vicente</i> de T.G -primeira versão.....	181

4.5.1.2 Re-escrita de T.G.....	187
4.5.2 Segundo texto –sem título-de V.R.....	189
4.5.2.1 Re-escrita V.R.....	195
4.5.3 Terceiro texto <i>O melhor lugar para se viver</i> -texto de I.M.....	196
4.5.3.1 Re-escrita de I.M.....	199
4.5.4 Quarto texto <i>A praia</i> texto de T.R.F.....	205
4.5.4.1 Re-escrita de T.R.F.....	209
4.5.5 Quinto texto <i>Meu lugar</i> de M. C.	210
4.5.5.1 Re-escrita de M.C.	212
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 215
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 220
 APÊNDICE A (REVISTAS).....	 227
 APÊNDICE B (CRÔNICAS DO GRUPO CONTROLE).....	 244
 APÊNDICE C (CRÔNICAS DO GRUPO EXPERIMENTAL).....	 254

APRESENTAÇÃO

Sou professora de ensino fundamental e superior e, ao longo de minha vida profissional, tenho atuado nas redes de ensino pública e particular. Pertencço ao quadro da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Santos. Durante dez anos atuei como formadora de Língua Portuguesa do Município de Santos, num projeto de formação continuada, cujo objetivo era propor cursos e oficinas para professores de Língua Portuguesa, interessados em aperfeiçoar a própria prática. Outra função que desempenho é desenvolver projetos voltados para o atendimento de alunos que apresentem algum tipo de dificuldade. Atualmente, trabalho na equipe do portal da Educação de Santos, um site que veicula informações, faz pesquisas e oferece assessoria a professores sobre o emprego da informática e da internet na Educação.

Em 2008, ofereci um curso à distância, com um encontro bimestral presencial para doze professores de língua, número bastante reduzido face à totalidade de 86 professores da rede. Estive ainda, até o final de 2008, respondendo pela produção de avaliações diagnósticas que visam à verificação do desempenho da competência leitora dos alunos de 6º ao 9º ano, cujo formato obedece aos pressupostos das provas do SAEB, do SARESP e da Prova Brasil. O objetivo da prova é verificar quais são as habilidades de leitura alcançadas ou não, pelos alunos da rede municipal, bimestralmente, para que a secretaria acompanhe os resultados e ofereça subsídios às escolas e professores. Essas avaliações respondem a algumas exigências do MEC que, há mais de dez anos, avalia as habilidades de leitura de alunos do ensino fundamental, médio e superior.

No SAEB 2002, na área de Língua Portuguesa, optou-se por avaliar somente habilidades de leitura. Um bom leitor, além de mobilizar esquemas cognitivos básicos, de ativar conhecimentos prévios partilhados e relevantes ao contexto, recorre a seus conhecimentos linguísticos para ser capaz de perceber os sentidos, as intenções — implícitas e explícitas — do texto e os recursos que o autor utilizou para significar e atuar verbalmente" (SAEB 2001,p. 18).

É evidente que, quando se trata de testar somente a competência leitora dos alunos, ficam esquecidas as questões relativas às ações de linguagem realizadas

pelo sujeito produtor de linguagem, por meio de textos, lugar em que emerge a competência linguístico-discursiva e comunicativa do aluno, e onde ficam evidentes suas dificuldades.

Por sentir falta de um instrumento que fomentasse a produção de textos na Rede Municipal de Ensino de Santos, sugeri a criação, em 2007, de um concurso de produção de textos: “Semeando Escritores, Revelando Talentos”, com formato parecido com o do projeto “Escrevendo o Futuro” – gerador da atual Olimpíada Nacional de Língua Portuguesa –, porém muito mais modesto, com o objetivo de despertar os alunos para o universo da escrita. O concurso seleciona os vinte melhores textos produzidos nas categorias poesia, notícia, conto e crônica. Os textos selecionados passam por um processo de reescrita para, posteriormente, serem publicados em um pequeno livro distribuído na FENALBA (Feira Nacional do Livro da Baixada Santista), durante a Semana da Educação de Santos. O professor que apresenta o maior número de alunos selecionados é premiado e tem seu trabalho reconhecido, institucionalmente.

Por meio desse concurso, pude fazer o levantamento de alguns problemas relacionados à produção textual dos alunos da rede municipal de Santos. Problemas que ocorrem normalmente em qualquer instituição de ensino, independentemente de seu caráter municipal, estadual ou particular. Dentre eles, destaco: I) não adequação ao gênero em estudo ou ausência de suas características; II) não obediência ao tema proposto; III) deslizes de diversos tipos: a) repetições desnecessárias; b) problemas de acentuação e ortografia; c) falhas no uso da concordância e regência verbal e nominal. Um fato que chamou a atenção foi a presença do senso comum em quase todos os textos e ausência de um trabalho que expresse algum tipo de inovação e criatividade, fato que sugere a ausência de um repertório de leituras, assim como de um trabalho que leve em conta a reflexão sobre o uso da língua e uma efetiva análise dos gêneros em estudo. Diante dessa realidade, enviei às escolas alguns textos que subsidiassem o trabalho dos professores, dando-lhes informações para que abordassem as questões relativas à caracterização dos gêneros¹. Complementarmente, coordenei, em 2007, para os professores do município, cinco oficinas que visavam à caracterização de alguns

¹ Marcuschi, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade; Rojo, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas.

gêneros do discurso na perspectiva de Dolz e Schneuwly². Cabe comentar que houve pouca participação. Atribuo a pouca procura a diferentes fatores: as oficinas foram realizadas fora do horário de trabalho dos professores, na forma de “convite”, fato que não despertou interesse nos professores, dada a incoerência do discurso oficial da prefeitura - formação continuada e estímulo ao docente; outro fato diz respeito à jornada dupla ou tripla de trabalho que muitos professores exercem. É possível também que a obrigatoriedade de ler textos durante o curso tenha desestimulado os professores; não seria descabido, tampouco, imaginar falhas por parte da formadora, afinal, são muitas as variáveis.

Em janeiro de 2009, submeti ao FDE um projeto que envolve a participação de minhas alunas do Curso de Pedagogia como alunas pesquisadoras, em escolas da Rede Estadual de Ensino – alunas da UNISANTA e da Faculdade de São Vicente (UNIBR). O projeto tem como objetivo possibilitar o desenvolvimento de conhecimentos e experiências necessários aos futuros profissionais de educação sobre a natureza da função docente no processo de alfabetização dos alunos da 1ª série do Ciclo I; apoiar os professores da 1ª série do Ciclo I na complexa ação pedagógica de garantir aprendizagem da leitura e da escrita a todos os alunos ao final do ano letivo; construir conhecimentos sobre a prática docente em relação ao processo de aprendizagem dos alunos; apoiar e subsidiar os professores titulares [das salas de aula] na sistematização de conteúdos de Língua Portuguesa, fortalecendo as relações entre ensino e aprendizagem, por meio da garantia de algumas condições e orientações didáticas importantes no processo de alfabetização no ciclo I. Elaborei também um projeto para uma revista eletrônica para a Faculdade de São Vicente.

Ser professor e pesquisador são papéis que se completam, pois penso na Educação como uma longa estrada, com dificuldades, tropeços, tentativas que visam sempre a alcançar melhores resultados. Foi nessa direção que se realizou a aplicação relatada neste trabalho, com alunos da rede particular de ensino, salientando-se que, em ambas as redes – pública e privada- as preocupações da docente pesquisadora são as mesmas.

² Mais especificamente, textos encontrados em “Gêneros orais e escritos na escola”. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

INTRODUÇÃO

A possibilidade de vivenciar diferentes papéis nas redes de ensino, pública e particular, em seus variados níveis e escolas, além da experiência na Secretaria de Educação, deram a esta pesquisadora a oportunidade de discutir as incongruências existentes no processo de leitura e produção de textos com os professores que frequentam os cursos de formação promovidos pela Secretaria Municipal de Educação de Santos. Na busca por soluções para a melhoria da qualidade do ensino, tomou-se contato com inúmeras novas propostas de ensino-aprendizagem de leitura e produção de textos que pretendem minimizar os resultados apresentados pelos alunos nas avaliações oficiais realizadas pelo MEC e pelos sistemas gestores do ensino em níveis estadual e municipal.

Os resultados obtidos no final de 2006 na rede municipal de Santos apresentaram uma situação generalizada: baixo rendimento ao final do ano e um número grande retenções, o mesmo ocorrendo também no município de São Vicente.

Acredita-se que esses resultados continuem a se repetir, se não for realizado um trabalho efetivo de formação, apoio linguístico e pedagógico, melhoria de condições de trabalho, intervenção junto aos alunos e seus familiares, para que os problemas sejam melhor compreendidos e soluções sejam encontradas e validadas por todos os que estão envolvidos no processo.

Em 2007, na posição de professora-formadora, propus, conforme já se disse na Apresentação, a realização de um concurso de produção de textos para alunos do 6º ao 9º ano. Essa iniciativa se somou a outras de formação continuada de professores e de projetos de produção de textos realizados em escolas - tentativas que buscam de alguma forma melhorar a qualidade da escola.

Uma outra iniciativa que é objeto desta pesquisa foi também realizada em 2007, numa escola particular de São Vicente, em quatro salas: duas sétimas e duas oitavas séries. No espaço dessa escola, desenvolveu-se um projeto de produção de textos nas oitavas séries, de modo a conciliar esse trabalho com o estudo dos conteúdos obrigatórios do bimestre, a leitura do livro programado para o mesmo período e, ainda, as seis avaliações bimestrais obrigatórias.

Os alunos foram convidados a redigir textos para uma revista sobre a cidade onde vivem. Essa revista seria organizada a partir de dados recolhidos pelos alunos em outras revistas, sites oficiais da cidade e livros. Nela deveria constar um sumário, um editorial, artigos e, finalmente, crônicas, que revelassem a visão pessoal do aluno sobre a cidade.

Esta pesquisa foi desenvolvida num contexto amplo e complexo: a situação em que se encontra atualmente o ensino fundamental II envolve muitos problemas e carências: problemas sociais aparecem de forma perversa na escola como o desamparo, a fome, a falta de perspectiva, a violência, a ausência e indiferença dos pais diante da problemática enfrentada pelos professores, em sala de aula, relacionada aos problemas comportamentais dos alunos de escolas públicas e particulares - que não respeitam as regras da escola, por não terem clareza da função dela no processo de sua formação e, ainda, por não pensarem na escola como um lugar que lhes ofereça muitas perspectivas. Há ainda problemas relacionados aos resultados colhidos nas avaliações externas realizadas pelo MEC e os indicadores de qualidade - ou falta de - que revelam problemas relacionados a um currículo escolar nem sempre conectado à realidade do aluno, ao não desenvolvimento de capacidades necessárias, a má formação do professor.

É nesse contexto que surge este trabalho, com o propósito de aplicar alguns fundamentos teóricos já presentes na dissertação de mestrado desta pesquisadora, além de outros novos, que foram adaptados às necessidades dos alunos, com a finalidade de buscar respostas e caminhos que possibilitem, de alguma forma, auxiliar os alunos a escrever e, ainda, contribuir para que a produção de textos se transforme em algo significativo para os envolvidos no processo.

Antes da aplicação, fez-se a [re] leitura de alguns pressupostos teóricos resultantes da reflexão de especialistas e pesquisadores da área da Linguística Aplicada e da Psicolinguística, principalmente aqueles que fazem parte da escola de Genebra³. A partir da leitura desses autores, foram selecionados aqueles que ajudariam no sentido de caracterizar a crônica e de embasar uma sequência didática para aplicação em classe, de modo a obter resultados positivos.

Por meio deste estudo, pretende-se:

³ Principalmente Dolz, Schneuwly e Bronckart.

1. relatar uma aplicação junto a alunos da série final do E.F.II que buscou desenvolver a capacidade lingüístico-discursiva dos alunos, por meio do gênero crônica, tendo por tema a cidade em que eles vivem;
2. levar os alunos a identificar o gênero, seus recursos linguísticos, traços de seu estilo e as marcas da presença do autor;
3. identificar se houve apropriação das características essenciais do gênero crônica como a reflexão, a ação, a criticidade, a opinião e outros traços do estilo do gênero como, por exemplo, o diálogo com o leitor;
4. avaliar as marcas de autoria, por meio da inserção de vozes e do diálogo com outros gêneros, considerando que a crônica é um gênero híbrido – mescla de relato e ficção – e que o uso de recursos estilísticos dão ao texto a marca do autor;
5. identificar os fatores que contribuíram para essa apropriação e os pontos falhos do processo que tiveram papel negativo.

As hipóteses que norteiam esta pesquisa partem dos seguintes pressupostos:

- o intertexto é essencial para a produção de textos, pois o aluno incorpora e emprega em seu processo de produção, elementos com os quais entrou em contato e se tornaram relevantes durante o processo de produção;
- o emprego do gênero crônica, considerando-se o hibridismo característico desse gênero, na escola, contribui para a formação de leitores e escritores críticos, pois os instrumentaliza e os prepara para argumentar, explicar, descrever e narrar - se assim se fizer necessário, permitindo que os alunos produzam outros gêneros, já que a crônica é um gênero híbrido por excelência;
- o desenvolvimento da capacidade lingüístico-discursiva por meio da produção do gênero crônica deve conduzir os alunos a estabelecer paralelos entre este e os demais gêneros;
- o ponto de partida consiste em expor o aluno a situações em que ele faça uma apreciação inicial dos aspectos semânticos, discursivos e linguísticos do texto para, posteriormente, trabalhar a produção textual;
- a proposta de produção deve considerar as condições de produção e sua relação com as diferentes formas de organização do gênero, dadas as necessidades e intenções do sujeito e de seu agir no/pelo discurso; também deve levar em conta o suporte do texto.

Em função desses objetivos e hipóteses, os módulos foram organizados em uma “sequência específica”, descrita no Capítulo 3.

Considera-se a leitura e produção de crônicas uma atividade relevante e bastante produtiva para os alunos, pois os coloca em contato com fatos do cotidiano que são retomados pelo cronista criticamente, motivando-os à leitura. A crônica frequentemente apresenta uma característica do agrado dos alunos que é muito recorrente: o comentário leve, divertido e, por vezes, uma veia irônica e humorística. É oportuno lembrar que ela geralmente expressa, em pequeno espaço, vários aspectos a serem explorados: opinião, visão de mundo, temas atuais e universais, componentes essenciais à formação do leitor crítico. A crônica analisa fatos do cotidiano veiculados em jornais e revistas e também trata de temas universais, não deixando de lado a emoção e a arte do bem escrever.

A seleção das crônicas trabalhadas em classe, para a introdução do gênero, obedeceu a diferentes critérios: diversidade de temas, aspectos linguísticos e discursivos (linguagem empregada, criticidade, humor), relações entre gêneros e também aspectos expressivos. Com o propósito de caracterizar o gênero crônica quanto aos aspectos linguísticos, textuais e discursivos, procurou-se levar os alunos a levantar as características do gênero, de seu funcionamento, de seu modo de dizer em função do tema, do suporte / veículo, da intenção comunicativa e do público-leitor. Foram consideradas pertinentes as características que evidenciaram a multiplicidade de formas que a crônica assume, conforme o projeto discursivo do sujeito, suas motivações e o veículo ou suporte em que se encontra o texto: rádio, jornal, Internet, apostila ou livro.

As sequências didáticas foram desenvolvidas a partir de crônicas estudadas por esta pesquisadora em sua dissertação de mestrado e de outras que foram surgindo ao longo do percurso como professora e como leitora. A primeira crônica trabalhada com os alunos foi “Escolha seu sonho”, de Cecília Meirelles, inicialmente veiculada em rádio e, depois, publicada em livro com título homônimo. A opção por essa crônica não foi feita ao acaso. Por meio de sua leitura, pretendeu-se enfatizar para os alunos a relação autor-texto-leitor-veículo e levá-los a identificar os recursos expressivos empregados para o envolvimento do interlocutor/ouvinte/leitor. As outras crônicas: “Em defesa das nádegas” de Moacyr Sciliar, “O lucro do arrastão” de Carlos Heitor Cony, “Os que ficam” de Luís Fernando Veríssimo, foram escolhidas por sua organização, pela presença de recursos que expressam a ironia, o diálogo

com o leitor e por terem sido veiculadas em jornais, livros e internet, ou seja, por apresentarem os elementos característicos do gênero e que despertariam a curiosidade e o interesse dos alunos. Outros aspectos foram também decisivos na escolha: criticidade, ironia, reflexão, linguagem, proximidade entre texto e leitor, pequena extensão, circulação nacional, ser dirigidas a leitores de diferentes idades: jovens e adultos pertencentes a diferentes classes sociais. O acesso da classe média ao texto pode ser feito por meio do livro, da revista, do jornal, da internet - o que implica poder aquisitivo para comprar jornais, computadores, manter-se conectado. O menos abonado tem acesso ao gênero por meio de livros didáticos, revistas ou livros encontrados na biblioteca escolar e, às vezes, também na escola, pela internet, quando há, na escola, disponibilidade de equipamentos com acesso à rede.

Quanto aos aspectos observados e trabalhados em sala, destacam-se:

- a reflexão sobre o homem, a vida e outros temas, a partir de um fato do cotidiano;
- a linguagem empregada que visa à aproximação com o leitor;
- presença de figuras de linguagem;
- emprego de advérbios, substantivos, verbos e adjetivos que revelam a opinião e as avaliações do agente produtor do texto sobre o tema apresentado;
- predomínio de formas verbais no presente – típicas do discurso interativo e teórico, segundo Bronckart;
- proximidade com o tom de conversa e do comentário casual que retrata e critica o cotidiano;
- atitude responsiva do agente (segundo Bakhtin);
- ação de linguagem produzida pelo agente (segundo Bronckart).

Para a realização da pesquisa, foram levantados subsídios teóricos sobre: gêneros do discurso; enunciação; interacionismo, particularmente, o interacionismo sociodiscursivo. Os fundamentos teóricos de Vygotsky auxiliam na compreensão do processo de aprendizagem e de desenvolvimento. O aluno é visto como sujeito da aprendizagem, é aquele que aprende a partir de seu contato com o outro e com seu grupo social. Ele aprende, portanto, conceitos, valores que são disseminados e produzidos pela sociedade ao longo de sua história. Assim sendo, fica evidente o papel da interação na produção do conhecimento, mediado pelo outro e pela

linguagem - por intermédio da linguagem as funções mentais superiores são formadas e culturalmente transmitidas. Encontra-se, portanto, nos pressupostos de Vygotsky elementos que se interpenetram e se complementam. A linguagem é concebida como produção e não como reprodução, elaborada por um sujeito ativo num dado processo em que esse sujeito se utiliza dos instrumentos semióticos para se comunicar e agir sobre o outro.

Nessa direção encontra-se o trabalho do interacionismo sociodiscursivo que também utilizado nesta pesquisa. Na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo, o texto é tomado como objeto empírico que é resultado de uma ação realizada pelo sujeito. Este mobiliza a representação que o sujeito tem do contexto de ação e o seu conhecimento sobre os gêneros, vistos como formas comunicativas elaboradas por gerações anteriores e disponíveis aos usuários de uma língua enquanto instrumentos. Essa ação se inicia a partir da escolha de um gênero, da consideração da esfera de atividade a que está associado, conforme os fundamentos de Bakhtin.

Para a elaboração da didatização do gênero, buscaram-se os pressupostos de teorias que se voltam para a consecução de projetos e sequências didáticas, conforme Dolz, Pasquier e Schneuwly (2004), Bronckart (1999 e 2003), Coutinho (2005) e Marcuschi (2007), além de orientações sobre o funcionamento dos gêneros.

Além dos fundamentos já citados, para identificar as marcas de estilo e autoria, são empregados os pressupostos de Possenti (2002 e 1993).

Com relação às orientações que dizem respeito ao currículo e formas de abordagem de ensino, fez-se a revisão dos pressupostos de Mizukami (1986) e de Marinho (2007).

Com relação às questões do gênero e os tipos de pesquisas realizadas em Linguística Aplicada e outras áreas de conhecimento, buscaram-se subsídios em teses e artigos que tratam da questão do gênero, indicadas nas referências bibliográficas. Alguns dos trabalhos comentam como se dá a relação entre o gênero textual, o contexto e sua composição interna. Nessa perspectiva, o trabalho de Baltar (2005) explicita os mecanismos que revelam como se estabelecem as relações entre os tipos de discurso, as sequências, as relações contextuais, as atividades de ação de linguagem e a situação de enunciação.

Baltar reflete sobre quais relações podem ser estabelecidas entre a competência discursiva escrita e o trabalho com os gêneros textuais - postulado por Bronckart. Para desenvolver a pesquisa, o autor usou como ferramenta

metodológica a atividade de linguagem de produção de um jornal em sala de aula, com alunos do ensino médio de duas escolas públicas de Porto Alegre. Os alunos das duas escolas trabalharam com gêneros textuais diversificados, buscando interagir sociodiscursivamente com seus colegas-leitores e com toda a comunidade escolar. A pesquisa revelou a emergência de gêneros híbridos que surgiram em função da produção de gêneros textuais jornalísticos no ambiente discursivo escolar.

Em Sandoval (2005), foram encontradas referências sobre os estudos realizados por meio dos gêneros na conjuntura acadêmico-científica brasileira mais recente. Segundo o autor, os estudos procuram atualizar a possibilidade de se articularem questões teóricas com questões aplicadas, ligadas ao ensino de língua na escola. O conceito de gênero aparece como pertinente para estudos explicitamente ligados à área de linguística aplicada e de linguística do texto, do discurso, da enunciação, apresentando preocupação de ordem didático-pedagógica. Essa natureza didático-pedagógica que marca a reflexão mais recente sobre gênero explica, conforme Sandoval, dois fenômenos: primeiramente, o interesse da pesquisa acadêmica pela caracterização de produções de linguagem tomadas como gênero, as quais, uma vez descritas, podem ser didatizadas. Trata-se de um investimento investigativo direcionado ao “pólo da produção de gêneros, considerados produtos-dados a serem analisados”. (Sandoval, p. 1156 / 1157)

Conforme Sandoval (2005), dois pólos, portanto, chamam a atenção dos pesquisadores sobre gênero, no Brasil, no contexto dos estudos da linguagem. O autor procedeu ao levantamento de um *corpus* composto por cento e cinquenta e sete artigos científicos que tematizam o conceito – publicados, entre 1998 e 2002, em periódicos especializados, anais de reuniões científicas e coletâneas como CELSUL (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul), GEL (Grupo de Estudos Linguísticos), GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste) e da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística), reconhecidamente importantes no cenário nacional quanto aos estudos linguísticos. Para Sandoval (2005), há algumas tendências da reflexão acadêmica brasileira sobre gêneros que revelam dimensões e direções diferentes: 1) dimensão didático-pedagógica identificada pelo uso de expressões como ensino-aprendizagem de gêneros, gêneros escolares/gêneros escolarizados, gênero como objeto de ensino etc; 2) recortes ou delimitações temáticos propostos pelos trabalhos sobre o conceito de gênero numa dimensão

textual-enunciativo-discursiva da linguagem ou análise de questões macrodiscursivas em gêneros particulares, além de outros recortes.

Dos textos citados por Sandoval, foram selecionados para consulta os seguintes ensaios: “Gêneros do discurso na escola”, de Brandão (2000); “Gêneros textuais e ensino”, de Dionísio, Machado e Bezerra (2005); “Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos”, de Lopes-Rossi (2002) e “A prática de linguagem em sala de aula – praticando os PCNs”, organizado por Roxane Rojo (2001).

Em “Estudos sobre o discurso”, tese de livre-docência, Brandão (2001) analisa marcas do discurso em crônicas e revela o que há de brasilidade nelas. Em seu texto, a autora reforça a natureza híbrida da crônica e sua versatilidade. Essas ideias interessam particularmente a este trabalho por apresentar relações entre gêneros que revelam sua natureza híbrida e seus limites.

Assim, da reflexão gratuita à crítica militante, da ironia ao arrebatamento, a crônica é o vale-tudo do jornalismo e da literatura. Interpretação, opinião, experiência e imaginação, nos entalhes da expressividade linguística, produzem a crônica, em cuja linhas cabem a narrativa anedótica, a descrição impressionista, os apontamentos reflexivos.

Sua versatilidade está no comentário indignado, no flagrante risível, nas mazelas individuais, tendo o prazer da leitura como um compromisso permanente. Seu espaço nos jornais, nas antologias, nos manuais didáticos atesta o gosto de leitores diferenciados culturalmente, mas igualados no diletantismo pelas narrativas cotidianas e pelas divagações aparentemente prosaicas, no que elas oferecem de circunstancial e episódico. Sensibilidade criativa, individualizadas pelo estilo, emprestam maioridade à crônica, que buscou na poesia o que não encontrou no jornalismo, para ser o excedente da notícia e a parte mais leve da literatura. (Brandão, 2001, p.88-89)

Foram consultadas também algumas dissertações de mestrado que tratam do gênero crônica e procuram delimitar algumas de suas características ou analisar o estilo do autor. Ana Maria J. Fabrino, em dissertação de mestrado defendida na USP-SP (2001), estabeleceu a diferença entre a crônica jornalística e a crônica poética de Rubem Braga. Concluiu que essas diferenças se encontram principalmente na linguagem, pois Rubem Braga, ao elaborar suas crônicas, emprega recursos estilísticos e poéticos próprios da poesia e da prosa poética, articulados a metáforas produzidas no cotidiano. Ela explica ainda que o autor organiza suas crônicas como um diário confidenciado ao leitor. Para Fabrino, essa forma de escrever se opõe à de outros cronistas que se entregam a amenidades ou

a conversas curtas, sem se preocuparem necessariamente com o uso estilístico da linguagem. Conforme a autora, ocorre uma espécie de deslocamento da referência temporal que resulta numa criação artística tornada marca desse autor:

...há um deslocamento da referência crônica e instaura-se a novidade: a crônica poética, que por usar uma linguagem literária, torna-se literatura. É a passagem do efêmero – o texto datado e por isso perecível como a maioria dos textos veiculados pelo jornal, para o perene – o texto literário. A crônica jornalística se identifica com o gênero de discurso primário por empregar uma linguagem mais despojada; a crônica poética é mais elaborada e, embora mantenha a estrutura da crônica jornalística devido ao seu local de publicação – uma coluna demarcada no jornal – e apresente um modo de produção semelhante, o emprego da linguagem elaborada a impulsiona para os gêneros de discursos secundários: o plano literário. (Fabrino, 2001, p.61).

Outra dissertação consultada foi a de Fernanda de Carvalho (2006) sobre produção de crônicas. A autora busca integrar os procedimentos do texto narrativo e da crônica no ensino de Língua Portuguesa, com o objetivo de que seus alunos construam novos conhecimentos. Como objetivo específico, ela apresenta o resultado de uma proposta de sequência didática de aplicação do texto narrativo e do gênero crônica no contexto escolar.

Concomitantemente ao estudo da bibliografia consultada, procedeu-se à aplicação da sequência didática desta pesquisadora, buscando verificar como se dá a apropriação do gênero e de seus elementos constitutivos.

Complementarmente, foram também consultados artigos que tratam do estudo dos gêneros por meio de sua leitura e análise, partindo de diferentes pressupostos teóricos, com a finalidade de compreender o seu funcionamento ou aplicá-lo em sala de aula. Em “A Retórica do riso nas crônicas de José Simão”, de Maria Teresa de Rego França, artigo publicado em uma coletânea organizada por Mosca (2006), dois objetivos se destacam: identificar se o riso pode ser meio de persuasão e analisar os textos humorísticos numa perspectiva retórica. A autora do artigo escolheu algumas crônicas de José Simão, publicadas no período das eleições presidenciais e estaduais de outubro de 2002. Partindo dos pressupostos de Perelman e Grize, constatou que as figuras retóricas são estratégias fundamentais e eficazes para a construção linguística do riso.

O artigo de Maria Lúcia da Cunha V.de Oliveira Andrade (2005) “As crônicas de Carlos Heitor Cony e a manutenção de um diálogo com o leitor” oferece ao leitor uma reflexão sobre o papel social que a crônica exerce no jornal e o modo como o locutor interage com o leitor. A autora reafirma a disposição dialógica da crônica, a cumplicidade existente entre autor e leitor e a qualidade do texto que emerge dos comentários e desabaços produzidos pelo cronista.

Deixa-se de comentar outras fontes pesquisadas, para não estender excessivamente esta introdução. À medida que se justifique a inserção de comentários a respeito de subtemas que forem colocados na sequência do texto, introduzir-se-ão explicações e citações de fontes secundárias.

Em função dos objetivos propostos nesta pesquisa, optou-se por organizá-la em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata do conceito de interação, dialogismo e gênero, a partir das contribuições de Vygotsky, Bakhtin, Bronckart e outros, procurando ressaltar os conceitos essenciais para as análises das crônicas e também para a elaboração da sequência didática.

O segundo capítulo comenta a crônica – origens e características, a partir da leitura de textos de especialistas que tratam do tema, procurando assim caracterizar o gênero e estabelecer parâmetros do gênero.

O terceiro capítulo relata a sequência didática fundamentada nos pressupostos de Dolz, Schneuwly, Noverraz e Bronckart. O mesmo capítulo também caracteriza a escola e os alunos participantes da pesquisa.

O quarto capítulo apresenta as análises das crônicas produzidas pelos alunos – inseridas nos anexos. E, posteriormente, ao comentário dos resultados obtidos.

1. INTERACIONISMO E DIALOGISMO

Este capítulo trata do conceito de interação, dialogismo e gênero a partir das contribuições de Vygotsky, Bakhtin, Bronckart e outros. É essencial retomar esses conceitos em virtude das tendências atuais da área de Linguística Aplicada, de Estudos da Linguagem e do Discurso e Educação, os quais estabelecem relações entre ensino-aprendizagem. Sendo assim, faz-se necessário conhecer os gêneros e suas configurações contextuais como uma das condições para desenvolver a capacidade linguístico-discursiva dos alunos na produção do gênero crônica.

1.1 Contribuições de Vygotsky para a educação

Vygotsky (1998) fundamentou seus pressupostos a partir da idéia de que o desenvolvimento do indivíduo é resultado de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento. Sua questão central é a aquisição de conhecimentos por meio da interação do sujeito com o meio. São três os fundamentos que ancoram seu pensamento: o primeiro deles diz respeito à adoção de um método genético para estudar as questões psicológicas; o segundo, aos processos psicológicos e sua origem social; o terceiro, aos processos e à mediação por meio de instrumentos.

Para Vygotsky (1998), os processos psicológicos superiores apenas podem ser compreendidos e explicados, se forem estudados a partir de sua gênese e de seu desenvolvimento.

Os processos psicológicos superiores têm uma origem social, ou seja, aparecem no âmbito das relações sociais, por meio da interação social. Essa relação do ser humano com o meio sempre é ativa e transformadora, pois é feita sob mediação dos instrumentos desses processos. Os signos funcionam como estímulos artificiais por meio dos quais o ser humano controla e regula sua conduta.

As teses de Vygotsky referentes à origem dos processos psicológicos superiores manifestam-se no que foi denominado por ele como lei geral do desenvolvimento cultural – a lei da dupla formação dos processos psicológicos superiores. De acordo com essa lei, os processos da linha social e cultural do desenvolvimento têm origem sempre entre os indivíduos, isto é primeiro se inicia na relação com os outros e, depois, individualmente. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores denota a passagem da regulação intermental para a regulação intramental. A princípio executam-se as tarefas a partir da instrução de alguém dotado de maior conhecimento (plano intermental), em seguida, realiza-se essa mesma tarefa de forma autônoma (plano intramental). O plano intermental está relacionado ao que Vygotsky denomina como zona de desenvolvimento potencial, isto é a capacidade de desempenhar tarefas com auxílio de companheiros mais capazes. Existem tarefas que as crianças não são capazes de realizar sozinhas, porém acabam se tornando capazes se alguém lhes der instruções ou fizer demonstrações, fornecer pistas ou orientá-las durante o processo.

Sendo assim, o desenvolvimento reflete as experiências culturais das crianças. O nível de desenvolvimento potencial tem relação com um momento do desenvolvimento que caracteriza não só as etapas já alcançadas, mas também as etapas posteriores, nas quais a interferência de outras pessoas afeta, significativamente, o resultado da ação individual. Já o plano intramental, nível de desenvolvimento real na teoria vygotskyana, caracteriza o desenvolvimento de uma forma retrospectiva, isto é, referente às etapas já alcançadas pelo educando. As funções psicológicas que fazem parte do nível de desenvolvimento real da criança resultam de processos de desenvolvimento já consolidados, completados.

A internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos. Os processos psicológicos, tal como aparecem nos animais, realmente deixam de existir; são incorporados nesse sistema de comportamento e são culturalmente reconstituídos e desenvolvidos para formar uma nova entidade psicológica. O uso de signos externos é também reconstruído radicalmente. As mudanças nas operações com signos durante o desenvolvimento são semelhantes àquelas que ocorrem na linguagem. Aspectos tanto da fala externa ou comunicativa como da fala egocêntrica "interiorizam-se", tornando-se a base da fala interior.

A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana; é a base do salto quantitativo da psicologia animal para a psicologia humana. (Vygotsky, 1998, p.75-76)

A internalização é o mecanismo responsável pela transição entre o funcionamento intermental e intramental e é definida por Vygotsky como um processo de reconstrução interna de uma atividade externa.

A zona de desenvolvimento Proximal (ZDP) apresenta-se como a região dinâmica em que se pode realizar a transição, desde o funcionamento intermental até o intramental, isto é a internalização. A ZDP seria a distância entre o nível de desenvolvimento real, que é determinado pela distância entre a capacidade de encontrar, de modo autônomo e independente, a solução de problemas (o que se sabe fazer sozinho) e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por meio da solução de problemas sob orientação de alguém com mais conhecimento (o que é capaz de ser feito apenas com ajuda). Expressa-se assim a diferença entre o que o indivíduo sabe fazer com ajuda de outros e aquilo que sabe fazer sozinho. Sendo assim, a ZDP refere-se ao caminho que o indivíduo percorre para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que se tornarão funções consolidadas, estabelecidas no nível de desenvolvimento real. Trata-se de um domínio psicológico em constante transformação: aquilo que uma criança é capaz de fazer com a ajuda de alguém, hoje, poderá conseguir fazer sozinha amanhã.

O aprendizado desperta processos de desenvolvimento que, aos poucos, vão se tornar parte das funções psicológicas consolidadas do indivíduo. Interferindo constantemente na zona de desenvolvimento proximal das crianças, os adultos e as crianças mais experientes contribuem para movimentar os processos de desenvolvimento dos membros imaturos do mesmo ambiente cultural. A zona de desenvolvimento proximal tem, portanto, relação com as funções que ainda não amadureceram e estão em processo de maturação.

A escola tem, assim, um papel essencial na construção do ser psicológico racional. Deve, por isso, dirigir o ensino não para etapas intelectuais já conquistadas, mas para estágios de desenvolvimento ainda não incorporados pelos alunos, funcionando como um incentivador de novas conquistas psicológicas.

O processo de ensino-aprendizagem na escola deve ser construído, então, tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança – num dado momento e com relação a um determinado conteúdo a ser desenvolvido – e como ponto de chegada os objetivos estabelecidos pela

escola, supostamente adequados à faixa etária e ao nível de conhecimentos e habilidades de cada grupo de crianças. (KOHL, 1997,2003,p.62)

Sendo assim, a escola tem ou deveria ter, como ponto de partida, o nível de desenvolvimento real da criança em relação aos conteúdos; e, como ponto de chegada, os objetivos da aula que devem ser alcançados, ou seja, motivar o educando a desenvolver ao máximo o seu potencial.

Nessa abordagem, o professor atuará então como agente mediador, que interfere e auxilia na construção e na reelaboração do conhecimento do educando, para que ele aprenda e se desenvolva.

Fica portanto evidente que os fundamentos teóricos de Vygotsky auxiliam na compreensão do processo de aprendizagem e de desenvolvimento. A função da escola e do professor, nessa perspectiva, é de mediação e de intervenção pedagógica que deve desencadear o processo ensino-aprendizagem, por meio de situações que provoquem avanços nos alunos, o que se concretiza no momento em que se interfere na zona de desenvolvimento proximal.

O aluno é o sujeito da aprendizagem, é aquele que aprende a partir de seu contato com o outro e com seu grupo social - aprende os conceitos, os valores disseminados e produzidos pela sociedade ao longo de sua história. É evidente o papel da interação na produção do conhecimento, mediado pelo outro e pela linguagem - por intermédio da linguagem as funções mentais superiores são formadas e culturalmente transmitidas. Tem-se assim a relação entre os pressupostos de Vygotsky e de Bakhtin, elementos que se interpenetram e se complementam, dado que a linguagem é concebida como produção e não como reprodução, elaborada por um sujeito ativo num dado processo. Conceituação que se afina com o pensamento de Bakhtin.

1.2 Contribuições de Bakhtin: o dialogismo

O segundo fundamento que ancora este trabalho é o de que todo homem, enquanto sujeito histórico, constitui-se por meio da interação com o outro, em determinado contexto. Tal pressuposto reconhece que toda palavra procede de

alguém, é dirigida a alguém, havendo, portanto, uma ligação entre um sujeito e outro, entre um locutor e um interlocutor, ação que evidencia a natureza discursiva e dialógica da linguagem.

O ser humano não pode se constituir fora de suas relações com o outro, pois é o outro que o completa, que traz a percepção do eu ou a imagem de sua totalidade. Os enunciados de um interlocutor estão impregnados pelo enunciado do outro, trata-se de um processo de interação verbal, realizado por meio de trocas de enunciados, que, segundo o contexto histórico-social, darão ao emissor a percepção do grau de aceitação ou rejeição daquilo que propõe.

Assim, por meio da palavra, a comunicação social é materializada, transformada em fenômeno ideológico que veicula o sentido daquilo em que se acredita, por que se luta e que se propõe. Os sujeitos que fazem parte do processo de interação estão marcados pelos valores de sua época, os quais permeiam toda a interação e determinam a atitude compreensiva do ouvinte. Assim sendo, todo ato comunicativo tem caráter discursivo, por isso é inevitável que todo estudo da língua leve em conta o seu papel na comunidade linguística que a utiliza. Essa comunidade compõe-se de diversos grupos sociais, com diferentes costumes, crenças e valores que usam a língua – objeto impregnado de conteúdo ideológico. Por essa razão, é preciso considerar qual é o contexto de enunciação e qual é o contexto histórico-social. Qualquer enunciado produzido deve ser analisado a partir de suas condições de produção, já que esse enunciado é constituído de/por um sujeito histórico, ideológico e social, que dialoga com seu tempo e com os outros sujeitos.

Esse diálogo está presente nas situações do cotidiano e, também, se manifesta na obra literária:

A obra, assim como a réplica do diálogo, visa à resposta do outro (dos outros), uma compreensão responsiva ativa, e para tanto adota todas as espécies de formas: busca exercer uma influência didática sobre o leitor, convencê-lo, suscitar sua apreciação crítica, influir sobre êmulos e continuadores, etc. A obra predetermina as posições responsivas do outro nas complexas condições da comunicação verbal de uma dada esfera cultural. A obra é um elo na cadeia da comunicação verbal; do mesmo modo que a réplica do diálogo, ela se relaciona com as outras obras-enunciados: com aquelas a que ela responde e com aquelas que lhe respondem, e, ao mesmo tempo, se assemelham à réplica do diálogo, uma obra está separada das outras pela fronteira absoluta da alternância dos sujeitos falantes. (Bakhtin, 1979, p.298)

Toda obra é um elo que se relaciona com obras-enunciados. Na conversação cotidiana, no discurso da ciência, o traço distintivo é o diálogo entre textos. As palavras foram de alguma forma usadas em outros momentos e carregam em si traços de seus usos anteriores.

A concepção de dialogismo proposta por Bakhtin deixa evidente que o discurso do "eu" é concebido em função do "outro", para o qual o discurso é orientado. O "outro" condiciona e permeia o discurso do "eu". Trata-se de um fenômeno social, entre parceiros discursivos, durante a interação oral ou escrita.

O princípio do dialogismo é próprio da língua e visível na língua, nas marcas de interatividade com o leitor. Na análise dos gêneros, encontram-se indícios que deixam à mostra atos de interatividade que sugerem uma relação direta e intencional do autor com o suposto leitor.

Para Dias (2005), a evidência do dialogismo se dá pelo grau de definição do interlocutor, nos gêneros examinados e em suas formas de manifestação. Essas formas podem ser observadas nos indícios de orientação para um interlocutor determinado: perguntas diretas (incluindo as de caráter retórico); indícios em face de leitores definidos, por exemplo, na proposta de uma tese (uma espécie de declaração de intenções); na defesa ou explicitação da proposição quando se apresenta ao leitor o argumento da tese; ou quando antevê possíveis objeções; na resposta a objeções; nos indícios de suposição de partilhamento quando se encontra a presença de verbos na segunda pessoa do plural, ou, no caso da língua portuguesa, na 3.^a pessoa empregada com valor de 2.^a pessoa (vocês), verbos epistêmicos (sabemos, vemos etc.); advérbios de modalização epistêmica (reconhecidamente; é verdade que etc.); explicitação do sentido de palavras etc.; indícios da fala de um interlocutor com o qual se dialoga: discurso direto em turno conversacional; indícios de oferta de orientação e seletividade - uso de dêiticos para fazer referência a algo dentro do próprio texto (leia acima, notas de rodapé) etc.

Essas marcas são encontradas tanto em textos não-literários como em textos literários. Nestes últimos, estão refletidos os valores, as crenças, o legado cultural, na medida em que as obras se refletem umas nas outras de diferentes formas.

A palavra do outro se manifesta na materialidade do texto. Dias (2005) refere-se à intertextualidade, vista sob a perspectiva da lingüística.

Ao falar em intertextualidade, é preciso citar também a memória discursiva que fornece os elementos já citados, que são incorporados e usados na formação de

novos discursos. Há duas tendências na inter-relação entre os discursos do autor e o do outro: uma consiste em guardar a integridade do discurso do outro, nos seus limites nítidos e estáveis, por meio de esquemas linguísticos que isolam o discurso citado das interferências do próprio autor; a outra consiste em diluir o caráter fechado do discurso do outro: o locutor atenua os contornos da palavra do outro por meios sutis que são elaborados pelo manejo da língua: a ironia e a entonação, dentre outros.

Emerge do interior de cada texto um diálogo entre os diferentes textos de uma cultura, entre vozes sociais diversas que afirmam a natureza polifônica dos discursos. Em cada enunciado há vozes que polemizam entre si, completando-se e respondendo umas às outras, pois a palavra traz em si a perspectiva de outras vozes.

O sujeito, ao dividir seu espaço com o outro, reforça a subjetividade e a heterogeneidade do sentido. A presença do outro pode ser percebida, na linguagem escrita, quando o locutor, sem interromper seu discurso, inscreve as palavras do outro entre aspas, dentro de parênteses, grafadas em *itálico* ou por meio de conectores que inserem numa sequência textual a voz do outro. Na modalidade oral, por meio da entonação e das pausas.

Essas formas diferentes de marcar a presença do outro no enunciado, ou de mostrar a alternância das vozes, remetem a elementos composicionais do enunciado que permanecem visíveis ou são sugeridos num texto.

Há no enunciado três grupos diferentes desses elementos: os que se referem ao conteúdo temático; os que remetem ao estilo - os recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais; e aqueles que sustentam a construção composicional. Esses elementos formam o conjunto do enunciado, influenciados pela respectiva esfera de comunicação. No texto literário, a diversidade dos gêneros oferece possibilidades diferentes, pois o locutor se ajusta a tipos de enunciados estáveis, chamados de gêneros do discurso, de tal modo que o interlocutor reconheça o gênero do discurso do qual se faz uso. Conforme Bakhtin, as esferas de atividade elaboram gêneros do discurso diversos. O autor diferencia gêneros primários e secundários, situando o primeiro em relação à comunicação espontânea, ao diálogo, e o segundo, em relação ao meio cultural.

1.3 A crônica

A crônica – gênero de que trata este trabalho - apresenta certa ambiguidade, pois absorveu características do gênero primário e do secundário. Tende para aquele, na medida em que tem como meta propor um diálogo informal com o interlocutor, em tom próximo ao da conversa. Não deixa, no entanto, de apresentar o estatuto de gênero secundário, pois esse recurso é estratégia persuasiva, para se aproximar do leitor e fisgar sua atenção.

Na verdade, a crônica é um dos gêneros fixados pela tradição literária, pois tem “regras”, fundadas nos seguintes aspectos: é apresentada num suporte ou veículo (jornal, revista, livro, rádio, internet), sua temática é pré-definida (relacionada ao cotidiano, por vezes, traços de problemas universais), caracteriza-se pela brevidade cronológica e espacial, tem parentesco com a conversa, com o “bate-papo”. O tom usado é decorrente da interlocução proposta pelo cronista. Este constrói a crônica de tal forma que a leva a funcionar quase como uma espécie de ponte entre o gênero primário e secundário, a crônica seria um gênero intermediário, já que sendo secundário, guarda marcas do primário.

Os sujeitos, durante o processo de alternância, vão criando fronteiras que marcam os enunciados e manifestam sua individualidade. Nasce assim o autor da obra que se expressa e se diferencia por suas escolhas estilísticas, sua visão de mundo ou por algum traço que o distingue.

O enunciado oral ou escrito, primário ou secundário, relacionado a qualquer esfera de comunicação reflete a individualidade de quem fala ou escreve, de modo singular, isto é, deixa emergir as marcas de um estilo individual.

De acordo com Bakhtin, o autor corresponde ao locutor do enunciado, é ele o responsável por todo o enunciado, sua individualidade e estilo se sobressaem e ficam evidentes na superfície textual do gênero que pode ou não, apresentar mais ou menos marcas que evidenciam o gênero que se quer produzir. No enunciado, percebe-se o intuito discursivo do locutor, elemento subjetivo que é combinado com o objeto do sentido, visto como elemento objetivo que forma a unidade de sentido que se materializa por meio do gênero eleito.

A individualidade do produtor é observada na entonação expressiva, nas marcas que evidenciam o conteúdo valorativo e emocional do intuito discursivo. As

marcas de um estilo individual de enunciado são definidas pelos aspectos expressivos. Nesse sentido, a entonação expressiva pertence ao enunciado e não à língua, conforme Bakhtin. O sujeito que escreve é aquele que se dirige aos leitores, num dado momento e numa dada situação.

A partir do exame realizado por Bakhtin sobre o romance, ficou evidente que todo sujeito absorve vozes sociais da comunidade linguística e fala sobre objetos já falados, produz diálogos entre pontos de vista diferentes, ou mesmo tendências contraditórias.

A significação do discurso é tomada como expressão da situação que a gera e determinada pelas formas linguísticas que a compõem: palavras, formas sintáticas e morfológicas, sons, entonação e aspectos extra-verbais da situação. O enunciado é composto de duas partes: uma verbal e uma não-verbal (situação do enunciado que é composta de três aspectos: o tempo e o espaço do acontecimento; o tema do enunciado; a posição dos interlocutores em relação ao acontecimento, ou seja, sua avaliação).

Para Bakhtin, um tema é carregado de valores, relacionados ao horizonte ideológico comum aos interlocutores. A expressão de valor pode ser perceptível no gesto, no movimento de cabeça, na voz, pois na linguagem há meios semânticos e não-semânticos que a exprime.

Os efeitos semânticos resultam da seleção e combinação realizadas pelo sujeito. Os meios seletivos referem-se à escolha de material lexical de metáforas, epítetos, expressões. A combinação remete à organização de sintagmas, frases, orações, períodos, ordem das palavras no texto, topicalizações, opção por períodos mistos, coordenados ou subordinados. Essa combinação tem relação com o que Bronckart chama de infraestrutura textual - aspecto que será visto na próxima seção.

Bakhtin (1997, 1999, 2003) insiste ainda no caráter social dos fatos de linguagem, considerando o enunciado como o produto da interação social, determinado não só por uma situação material concreta como também pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma dada comunidade linguística. Ele insiste ainda na diversidade das atividades sociais exercidas pelos diversos grupos e, conseqüentemente, sobre a diversidade das produções de linguagem a elas relacionadas: a língua usada no cotidiano, a língua usada no trabalho, as narrações literárias, as peças jurídicas, os textos políticos etc. constituem

sistemas diferentes e atestam a necessidade de uma competência poli-linguística fundamental por parte de todo falante.

A riqueza e a diversidade das produções de linguagem neste universo são infinitas, mas organizadas. Bakhtin estende os limites da competência para além da frase, na direção dos "tipos relativamente estáveis de enunciados" o que ele chama de "sintaxe das grandes massas verbais", "os grandes comportamentos verbais", "o modo discursivo", isto é, os gêneros discursivos, para os quais os seres humanos são sensíveis desde o início de suas atividades e de linguagem.

1.4 Os gêneros e suas acepções

Desde os anos 80, a perspectiva adotada como a mais adequada para o ensino tem sido aquela que toma o texto como unidade de ensino, por entendê-la como produto do funcionamento da língua. Nessa perspectiva, o trabalho com a dimensão discursiva do texto deve estar fundamentado numa concepção de linguagem centrada na interlocução, ou seja, numa concepção sociointeracionista, como já se comentou.

Como foi dito, a abordagem sociointeracionista enfatiza a interação e leva em consideração as condições de produção, enfatizando a influência delas na produção textual. Essas condições são determinadas e construídas pelos sujeitos, seus conhecimentos, crenças e valores. Quanto aos conhecimentos, é preciso ter clareza sobre o que se diz, como se diz, por que se diz, quem diz, para qual interlocutor, com qual finalidade. Esses aspectos são relevantes, essenciais e determinantes na escolha de um gênero e no processo de produção de textos.

Há várias classificações de "gênero", algumas voltadas para o enfoque literário, outras para o linguístico, segundo diferentes perspectivas. Retomar-se-á rapidamente algumas, ressaltando desde já que a perspectiva deste trabalho é sociointeracionista.

As primeiras classificações remontam à época do início da filosofia grega, por volta do século V antes de Cristo e foram sistematizadas, principalmente, por Platão e Aristóteles. Nesse período diferenciou-se, segundo categorias literárias, o gênero

épico, o lírico e o dramático. Trata-se de uma classificação bastante antiga, mas que perdura até hoje, quando a referência é a literatura.

Para essa classificação, Platão toma os gêneros como obras da voz e baseia-se no modo de representação mimética. Inicialmente, separou-os em gêneros sérios e burlescos. A epopéia e a tragédia pertencem ao primeiro, enquanto a sátira e a comédia, ao segundo. Posteriormente, em “A república”, propõe uma classificação a partir da observação do contraste entre realidade e representação. A tragédia e a comédia como gênero mimético; a epopéia como gênero misto; e o ditirambo, o nomo e a poesia lírica, como expositivo ou narrativo e toda forma lírica como condenável, pois imita a realidade e não se refere a ela como verdadeira e nem colabora para organizá-la como república:

- Aqui está o que tínhamos a dizer, ao lembrarmos de novo a poesia, por, justificadamente, excluirmos da cidade uma arte desta espécie. Era a razão que a isso nos impelia. Acrescentemos ainda, para ela não nos acusar de uma tal ou qual dureza e rusticidade, que é antigo o diferendo entre a filosofia e a poesia (Platão, s/d, p. 475).

Na mesma obra, Platão cita vários gêneros, condenando os “líricos” e a conclui narrando um “conto” (o mito de Er). Logo, pode-se notar um apanhado de gêneros em um texto pertencente a um gênero específico, que traduz a própria obra de Platão, o diálogo.

Aristóteles também classifica os gêneros segundo um critério que se baseia “no modo de representação mimética”, conforme Machado, 2005, p.151, mas não condena a poesia. Em a “Arte Poética”, ocupa-se em identificar e diferenciar os vários gêneros da poesia: a comédia, a tragédia e a epopéia e chega a citar o “diálogo socrático” como gênero:

Propomo-nos tratar da produção poética em si mesma e de seus diversos gêneros, dizer qual a função de cada um deles, como o número e natureza de suas diversas partes, e falar igualmente dos demais assuntos relativos a esta produção. Seguindo a ordem natural, começaremos pelos mais importantes. 2. A epopéia e a poesia trágica e também a comédia, a poesia ditirâmbica, a maior parte da aulética e da citarística, consideradas em geral, todas se enquadram nas artes de imitação. (...) 8. Carecemos de uma denominação comum para classificar em conjunto os mimos de Sófron e de Xenarco e os diálogos socráticos. (Aristóteles, s/d, p. 241).

Vê-se, portanto, que o estudo dos gêneros, inicialmente, foi concebido no âmbito da poética e da retórica, tendo sido retomado muitas outras vezes.

Conforme Brandão (2000), Staiger emprega o critério de localização temporal para a classificação do gênero. O épico está relacionado ao passado e o dramático ao futuro.

Outra classificação, também citada por Brandão, diz respeito à teoria dos estilos: elevado, médio e humilde. Como representantes desses estilos, cita a “Eneida” de Virgílio que representa o estilo elevado; o estilo médio é representado pelas “Geórgicas” e o estilo humilde, pelas “Bucólicas”. Essa classificação apresenta critérios que se voltam tanto para o campo literário como para o da linguagem.

A contribuição da retórica para a classificação dos gêneros se volta para os tipos de discurso: deliberativo, epidítico e judiciário. O primeiro é dirigido a um auditório a quem se aconselha; o judiciário relaciona-se a um orador que acusa ou defende; o epidítico relaciona-se a um elogio ou repreensão dados a alguém.

No âmbito da linguística, os estudos sobre os gêneros e sua classificação têm por objetivo categorizar e classificar seu material de análise. Para isso, a área emprega critérios linguísticos que destacam suas características e as condições de produção do discurso.

No final do século XX, os pesquisadores procuram estabelecer uma tipologização para assim entender os princípios da organização dos textos. Nessa direção, surgiram várias classificações complexas que apresentam certa heterogeneidade.

Brandão (2000, p.23) aponta quatro tipologias:

- as tipologias funcionais, fundadas sobre o estudo das funções dos discursos (na perspectiva de Bühler e Jakobson, 1963);
- as tipologias enunciativas que tratam da influência das condições de enunciação (interlocutores, lugar e tempo) sobre a organização discursiva (aqui se incluem os modelos inspirados por Benveniste (1966) e o trabalho de Bronckart et al. (1985);
- as tipologias cognitivas, que tratam principalmente da organização cognitiva, pré-linguística, subjacente à organização de certas seqüências – narrativas, descritivas, dentre outras. Neste grupo está inserido o modelo de Adam (1987);
- a tipologia sociointeracionista de Bakhtin (1992).

A tipologia de Jakobson apropria-se, parcialmente, do modelo desenvolvido por Bühler que envolve o ato de comunicação verbal, ampliando-o. Jakobson apresenta como fatores de comunicação o código, o canal, a mensagem, o eu que fala, o tu com quem se fala e o referente de quem se fala. Conforme o preomínio de um desses elementos, prevalece uma das funções de linguagem. Essa tipologia é encontrada ainda em livros de Língua e Literatura para o Ensino Médio, publicados ainda em nossos dias.

A tipologia cognitiva compreende o funcionamento textual a partir de sua organização cognitiva. A tipologia proposta por Adam parte da hipótese de que há unidades mínimas na composição de um texto, intimamente relacionadas à textualidade e às sequências que a constituem, porém, o modelo deixa de analisar as condições sócio-históricas de produção desses enunciados, voltando-se para os cinco tipos de estruturas sequenciais: a narração, a descrição, a argumentação, a explicação e o diálogo.

A classificação discursivo-interacionista bakhtiniana volta-se para o caráter social da linguagem e considera os enunciados como produtos das interações e do contexto. Para Bakhtin, as diferentes esferas de uso da língua criam tipos estáveis, ou seja, gêneros do discurso que são identificados pelos conteúdos e meios que empregam. Ele distingue os gêneros em primários e secundários, conforme já se disse anteriormente: os primários ou espontâneos mantêm relação imediata com a situação de produção, enquanto os ou estáveis ou secundários emergem das trocas realizadas por meio da linguagem escrita.

A crônica, por ser híbrida e apresentar elementos compositivos de vários gêneros, estaria alocada em um espaço em que a intersecção dos gêneros se consolida, apresentando características que são comuns aos gêneros primários e aos secundários, cabendo aos pesquisadores e estudiosos tentarem delimitar de que maneira e em que medida (se possível, já que se trata de um gênero híbrido) o cronista inova, modifica e materializa no texto produzido: crônica – conteúdos dizíveis numa dada organização, numa dada esfera de comunicação.

Esquemáticamente tem-se:

1.5 A tipologia enunciativa de Bronckart

A proposta de Bronckart tem caráter enunciativo e considera aspectos sociais, interacionais, convencionais e ativos relacionados à linguagem. O autor centraliza sua análise nos aspectos da enunciação, das condições de produção dos enunciados e do contexto.

Bronckart pertence ao grupo de Genebra que vem desenvolvendo pesquisas sobre a estrutura e funcionamento dos *textos* em francês, sobre as capacidades de produção de *textos* na escola e sobre a construção de sequências didáticas e de manuais educacionais.

Atualmente, a atenção dos pesquisadores do grupo voltou-se para questões mais amplas. Schneuwly tem procurado analisar as ações do professor em sala de aula e Bronckart tem-se voltado para a gênese das ações, em situações de trabalho diferenciadas.

Os estudos de Bronckart versam sobre a estrutura interna dos textos, a partir do aspecto dialógico e interacional da língua. Na perspectiva adotada por ele, o gênero é visto como materialização da interação construída por aqueles que participam da situação de produção de um texto empírico. Os elementos investigados dizem respeito ao interior do texto, ou seja, ao que se encontra no texto

que permite a percepção de conjunto e de suas características - o que predomina, domina e forma o todo.

Para analisar a organização do texto, o autor propõe que sejam utilizados os métodos elaborados pelas ciências da linguagem na atualidade.

A análise deve considerar e abordar os conceitos e hipóteses já construídos para efeito comparativo “das espécies de textos existentes” (Bronckart, 1999, p.119). Sendo assim, a organização textual é concebida como um folhado organizado em três níveis superpostos e interativos: i) a infra-estrutura geral; ii) os mecanismos de textualização; iii) e os mecanismos enunciativos. Essas camadas expõem a trama da organização textual que apresenta uma dada hierarquia.

A infra-estrutura geral do texto é constituída pelo plano mais geral do texto, pelos tipos de discurso e sequências produzidas.

No plano geral, observa-se a organização do conteúdo temático que pode ser sintetizado por meio de um resumo, de uma síntese das ideias discutidas, do encadeamento das ações. O conteúdo temático é desvendado a partir da análise dos mecanismos de textualização, constituídos pelas isotopias e pelas retomadas nominais. Esse conteúdo temático é estruturado por meio de combinações de tipos de discurso e de sequências que formam a infra-estrutura.

Conforme Bronckart, um texto comporta segmentos que formam os “tipos de discurso”. Em um texto podem ser inseridos segmentos de discurso diferentes, encaixados pelo agente-produtor de acordo com suas necessidades. Esse aspecto na obra de Bronckart interessa, particularmente, por possibilitar ao produtor inserir tipos de discurso diferentes e empregar sequências que melhor expressem as necessidades do agente-produtor.

Um aspecto não considerado por Bronckart é o suporte em que se coloca o texto. Este deveria ser considerado, por apresentar algumas restrições quanto ao espaço destinado ao gênero, pois a distribuição do texto na página, o tamanho da fonte, o uso de imagens é condicionado pelo espaço reservado ao texto – página do jornal, página do livro, página da revista, página da web, é, portanto, dependente do suporte. Outro aspecto que diz respeito ao suporte e as condições de produção, são as motivações subjetivas do agente-produtor que se apresentam e são dependentes do espaço destinado à crônica - qualquer diferença precisa ser adaptada: tamanho, distribuição dos elementos na página (quando se trata de livro, jornal ou revista), tamanho da fonte, cores usadas para ressaltar/enfatizar algum aspecto do texto,

inserção de imagens (desenhos, fotos). Além dessas implicações, há também outras relativas ao estilo do autor que, no caso das crônicas estudadas e produzidas, estão relacionadas às características do autor do texto: escolhas expressas na materialidade linguística do texto (fonemas, léxico, sintaxe, figuras, vozes, figuras de linguagem). Sem contar a importância do leitor a que o suporte se destina.

Os aspectos citados são essenciais na análise de funcionamento de textos empíricos, pois tais aspectos podem provocar a emergência de formas híbridas que revelam a autoria, o estilo e o salto qualitativo que o sujeito produtor do texto realiza.

Na dissertação de mestrado (2002) desta pesquisadora, foram apontadas as diferentes formas de organização composicional da crônica, pois o produtor, durante o processo de produção, ativa conhecimentos diversos, considera algumas especificidades do veículo ou suporte, combina seu gosto pessoal e seu estilo ao conteúdo temático, às possibilidades de composição do gênero e a seu leitor. Assim, o texto produzido é resultado da mistura de sequências narrativas, explicativas, descritivas e argumentativas, distribuídas com a finalidade de envolver, enredar o leitor e se adaptar ao suporte ou veículo que o incorpora. No caso daquela pesquisa, o programa radiofônico, o livro ou jornal, pois o tipo de suporte condicionou algumas das escolhas do agente produtor em face do público a que seu texto se dirigia.

1.6 Os tipos de discurso

Para explicar como se organiza a infraestrutura textual, Bronckart (1999) em seu livro “Atividade de linguagem, textos e discursos” classifica e descreve quatro tipos de discursos, esclarecendo que há possibilidade de haver variantes e fusões em suas fronteiras. A partir dessas fusões e variações, elaboram-se diferentes textos empíricos pertencentes a inúmeros gêneros textuais.

Os discursos apresentam características de configuração interna variáveis de língua para língua. Machado (2005), ao tecer comentários e explicações sobre os pressupostos de Bronckart, esclarece que, no caso da língua portuguesa, as características de configuração interna são mantidas e estão de acordo com os pressupostos de Bronckart, não havendo, assim, grande variação.

É preciso, porém, esclarecer que a crônica não foi objeto de análise de Bronckart. A crônica brasileira diferencia-se da crônica européia, apresentando elementos próprios, aspectos diferenciados e específicos.

1.6.1 Configurações dos tipos de discurso

Os tipos de discurso caracterizados por Bronckart apresentam algumas especificidades que dizem respeito ao modo de configuração do discurso.

O discurso interativo, por exemplo, é marcado pela interação, pelo diálogo. Predominam frases interrogativas e frases imperativas, a interação é marcada pela alternância dos turnos de fala. Ocorrem unidades dêiticas, que marcam a conjunção e/ou a implicação existente entre o mundo discursivo construído e o mundo ordinário do agente produtor, em virtude da interação social. Os pronomes de pessoa (primeira e segunda no singular, e segunda no plural) remetem diretamente aos protagonistas da interação verbal. Nesse tipo de discurso estão presentes anáforas pronominais em relação às anáforas nominais e aos dêiticos temporal e espacial. Predomina o subsistema verbal em torno do presente, que inclui o pretérito perfeito e o imperfeito.

O discurso teórico é monologado e não ocorrem unidades dêiticas, tampouco organizadores temporais. Estão presentes os organizadores lógico-argumentativos e organizadores como sumários, títulos de capítulos, citações de rodapé, citações de outras obras. O discurso teórico caracteriza-se pela baixa frequência de frases interrogativas e imperativas, predominam frases declarativas. O tempo presente é usado, com alguma frequência, assim como o pretérito perfeito e, raramente, o futuro. Os verbos apresentam mais um valor genérico do que um valor dêitico.

O relato interativo é monologado e se desenvolve em situações de interação que podem ser reais (orais), ou colocadas em cena, como nos romances ou peças de teatro; caracteriza-se pelo predomínio de frases declarativas sobre frases não declarativas; tem caráter disjunto-implicado; há presença de organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais, coordenativos, subordinativos), anáforas pronominais associadas a anáforas nominais. O relato interativo possui alta densidade verbal e baixa densidade sintagmática. O subsistema verbal assemelha-

se ao da narração: usa o pretérito perfeito e o imperfeito e algumas variações do passado como o mais-que-perfeito, o futuro simples e o futuro do pretérito.

A narração é um discurso monologado em que há predomínio de frases declarativas. Apresenta caráter disjunto-autônomo; um subsistema de verbos com predomínio do pretérito perfeito e do imperfeito, ocorrendo formas verbais do passado, compostas ou não, para marcar a relação de retroação, ou formas compostas do futuro para indicar projeção. Os organizadores temporais empregados são os advérbios, sintagmas preposicionais, coordenativos e subordinativos. São pouco frequentes os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa do singular.

Um outro tipo de discurso elencado por Bronckart é o discurso misto interativo-teórico que apresenta características do discurso interativo e do discurso teórico. Este tipo de discurso emprega unidades dêiticas e lógico-argumentativas. Apresenta alta densidade sintagmática e seu sistema de verbos é igual ao do discurso interativo e do teórico.

1.7 O intertexto

O intertexto, de acordo com Bronckart (1999, p.100), está relacionado ao conjunto de gêneros de textos que circulam pela sociedade, e foram elaborados pelas gerações precedentes. A organização dos gêneros é ampla, constituindo-se por “conjuntos de textos muito claramente delimitados e rotulados pelas avaliações sociais e por conjuntos mais vagos, compostos de espécies de textos para os quais os critérios de rotulação e de classificação ainda são móveis e/ou divergentes”.

Os gêneros, de acordo com Bronckart, comportam valores de uso, expressam uma determinada formação social e esta os considera mais ou menos pertinentes para uma situação de ação. Logo, os gêneros existentes foram e são moldados de acordo com a situação. Empregando o que diz Bakhtin a esse respeito, eles seriam infinitos.

Todo ser humano dispõe de um certo conhecimento sobre os gêneros. De acordo com as circunstâncias de seu desenvolvimento pessoal, todos são expostos a um número de gêneros. Cada sujeito, cada leitor conheceu suas características e as “experimentou”, colocando-as em prática numa determinada situação de ação.

Assim sendo, o produtor escolhe, a partir dos parâmetros da situação, do contexto físico e sociosubjetivo, o gênero que considera mais eficaz em relação ao objetivo visado.

Trata-se de um processo de empréstimo que se inspira:

em um modelo existente, quase nunca acaba em uma cópia integral ou em uma reprodução exata de um exemplar desse modelo. Os valores do contexto sociosubjetivo e do conteúdo temático de uma ação de linguagem sendo, pelo menos em parte, sempre novos, o agente que adota um modelo de gênero também deve, necessariamente, adaptá-lo a esses valores particulares. Esse processo de adaptação incidirá sobre a composição interna do texto assim como sobre as modalidades de gestão dos mecanismos de textualização e dos mecanismos enunciativos. Ao final do processo, portanto, o texto empírico produzido se encontrará dotado de seu estilo próprio ou individual. (Bronckart, 1999, p. 101)

Conforme já afirmado antes, os gêneros são meios para uma ação de linguagem em que o agente produtor aplica esquemas de utilização: calcula a adequação do gênero à situação de ação e emprega os mecanismos de que dispõe e que conhece para concretizar essa ação.

Durante esse processo, é possível observar as adaptações que o produtor realiza, gerando assim novos gêneros ou variações de um mesmo gênero, que se assemelham mais ou menos aos existentes. Explica-se assim a mudança que se observa em alguns gêneros: “é pelo acúmulo desses processos individuais que os gêneros se modificam permanentemente e tomam um estatuto fundamentalmente dinâmico ou histórico”. (Bronckart, 1999, p. 102)

É graças ao acúmulo desses processos que são observadas as mudanças, as alterações. O processo criativo de adaptação que o agente produtor investe em seu texto revela suas necessidades, preferências, estilo e deixa evidente sua marca - a autoria emerge nesse processo. Explica-se assim a emergência de diferentes formas composicionais da crônica, ilustradas nas análises presentes dos próximos capítulos.

Conforme Bronckart, as planificações mais encontradas nos tipos de discurso são:

- a sequência dialogal no discurso interativo;

- sequência descritiva, explicativa e argumentativa, ou plano expositivo puro ou esquematização no discurso teórico;
- script e sequência narrativa no relato interativo;
- sequência narrativa e sequência descritiva na narração.

Fundamentando-se na noção de sequência textual apresentada por Adam, Bronckart emprega o termo planificação de linguagem para explicar as formas desenvolvidas no plano geral do texto. Essas formas prototípicas são representações de superestruturas canônicas de texto, as quais circulam na sociedade, são apreendidas pelos agentes, armazenadas e ficam disponíveis na memória. As sequências podem assumir formas linguístico-estruturais que se originam a partir das decisões do agente em relação à situação. Segundo Bronckart, há seis categorias: argumentativa, injuntiva, explicativa, narrativa, descritiva e a dialogal. Devido à heterogeneidade textual, Bronckart afirma que as duas dimensões maiores da infra-estrutura de um texto são os tipos de discurso e as formas de planificação local, nas quais estão inseridas as sequências, os scripts e as esquematizações.

Para Bronckart, as sequências servem aos tipos de discurso que mantêm relações com os mundos discursivos. O autor não aceita o caráter prototípico associado a modelos cognitivos que Adam atribuiu às sequências.

1.8 Os tipos de sequências

As sequências compõem os textos empíricos, originam-se do intertexto e são fundadas, como todas as propriedades do intertexto, em dimensões práticas e históricas, podem modificar-se de acordo com a interação verbal. As sequências resultam de uma reestruturação do conteúdo temático que é organizado pelo produtor do texto de forma lógica em macroestruturas semânticas, organizadas linearmente para formar um todo coerente que expressa o efeito de sentido que o agente produtor do texto pretende criar. Elas dependem das decisões tomadas, do gênero e do tipo de discurso e têm um estatuto dialógico.

A sequência narrativa, de acordo com Bronckart, é uma organização baseada numa intriga que envolve personagens implicados em acontecimentos estruturados no eixo da sucessão. Há um estado de equilíbrio seguido de uma tensão, que desencadeará uma ou mais de uma transformação. Há três fases: situação inicial, transformação e situação final. Bronckart cita outros exemplos de organização semelhantes, apresentando variações em sua extensão.

A sequência descritiva, conforme o mesmo autor, tem origem a partir das discussões propostas por Adam e Petitjean e é analisada a partir de três fases: ancoragem, aspectualização e relacionamento. A fase da ancoragem apresenta o tema-título introduzido por uma forma nominal, desde que não trate de uma descrição de processo. A segunda fase é chamada aspectualização - nessa fase são apresentados aspectos do tema que dizem respeito a suas propriedades, possíveis sub-temas são decompostos em outras partes que são, também, apresentados a partir da aspectualização e de relações estabelecidas. Ocorre na sequência uma espécie de enumeração de qualidades hierarquizadas. A terceira fase é a de relacionamento, a qual descreve os elementos por meio de comparações e de metáforas. De acordo com Bronckart, a sequência descritiva é utilizada para fazer ver, guiar o olhar, mostrar algum detalhe dos elementos do objeto do discurso ao interlocutor, sem influenciar a progressão temática do texto.

É preciso observar que o aspecto descritivo apresenta uma intenção que vai além do mostrar, do dar a ver. Uma sequência descritiva que normalmente funciona em um texto como pano de fundo para descrição de eventos, ações ou personagens, pode ter uma intenção argumentativa, pois o produtor, ao atribuir uma qualidade ao objeto que é tema-título do texto, não o faz aleatoriamente, mas

intencionalmente. Há, assim, complementarmente, uma intenção argumentativa ou explicativa.

Conforme Bronckart, uma sequência argumentativa é organizada numa sucessão de quatro fases: fase de premissa (dados) - constatação inicial; fase de apresentação dos argumentos que orientam para uma conclusão (exemplos, justificativas); fase de apresentação de contra-argumentos, restrições em relação à orientação argumentativa, os quais podem ser ratificados ou refutados por justificativas; fase de conclusão que resume e integra os efeitos dos argumentos e contra-argumentos.

A sequência explicativa origina-se a partir de uma incompletude, de uma problematização presumida pelo produtor do discurso sobre o conhecimento, as atitudes, os sentimentos do interlocutor. Há, portanto, necessidade de prover-se uma explicação, apresentando-se causas e razões da afirmação inicial. O raciocínio explicativo apresenta uma fase de constatação inicial – introdução do tema incontestável; uma fase de problematização e explicitação dos motivos; uma fase de resolução, que traz informações que respondem às questões colocadas; uma fase de avaliação ou conclusão, que completa a formulação inicial.

A sequência dialogal apresenta como principal característica a de realizar-se apenas nos segmentos de discursos interativos dialogados. A sequência monológica é uma variante da sequência dialogal, que organiza o relato interativo. O discurso interativo primário e secundário são variantes do discurso interativo. A semiotização do conteúdo temático mobilizado na interação está relacionada ao mundo ordinário dos agentes dessa interação no discurso interativo primário, como, por exemplo, nos gêneros conversação, entrevista (oral/escrita). Há, porém, discurso interativo secundário nos gêneros romance, novela quando são encaixados segmentos de relatos interativos ou de narração, na forma de discurso direto. Nesse caso, os segmentos remetem a personagens e acontecimentos textualizados, como na narração, ou encenados, como no teatro.

Os relatos interativos, as narrações e os discursos teóricos são organizados na forma de monólogo, enquanto o discurso interativo se apresenta em forma de diálogo.

Bronckart trata da sequência injuntiva como uma sequência autônoma cujo objetivo é fazer agir o destinatário, o interlocutor. Pretende-se que ele faça algo ou modifique sua visão sobre determinado ser ou objeto. Essas sequências são

encontradas em cartas, receitas que dão instruções sobre como proceder, manuais de instrução, placas de jardins, de garagens: “não pise na grama”, “ não estacione”. São empregados verbos na forma imperativa. É caso da crônica “Em defesa das nádegas”, que apresenta predominantemente a seqüência injuntiva e que será analisada no próximo capítulo.

Um outro tipo de seqüência é o script, que apresenta os acontecimentos de uma história do mundo do narrar, dispostos em ordem cronológica, sem deflagrar nenhum processo de tensão.

Outra forma de seqüência é a esquematização, usada no mundo do expor, quando o objeto do discurso não é considerado nem contestável nem problemático. O desenvolvimento de suas propriedades é feito a partir de um segmento de texto puramente expositivo ou informativo, então, a organização desses segmentos não se dá nem por intermédio de uma seqüência convencional nem por um script, mas por outras formas de esquematização constitutivas da lógica natural, como é o caso da definição, da enumeração, do enunciado de regras, da cadeia causal, etc.

A organização dos discursos do expor pode ser feita também, por meio de esquematizações, apresentando seqüências de forma local e breve, frequentes nos discursos teóricos e acompanhadas de seqüências descritivas. As seqüências argumentativa, explicativa e injuntiva ocorrem nos discursos mistos e nos discursos interativos, enquanto as seqüências descritivas apoiam seqüências argumentativas ou explicativas, neste tipo de discurso.

As seqüências no discurso do narrar - relatos interativos e narrações - são organizadas em forma de script, de seqüência narrativa e na forma secundária de seqüência descritiva. Esta última aparece como a forma de planificação comum às duas ordens do Narrar e do Expor. Bronckart, aparentemente, atribui um valor secundário à seqüência descritiva.

1.9 Mecanismos de textualização

Os mecanismos de textualização contribuem para a construção da coerência temática e estão relacionados a com a pessoa quem é dirigido o texto. São três os

mecanismos considerados pelo autor: a conexão, a coesão nominal e a coesão verbal.

A conexão marca as articulações da progressão temática. As conjunções, as preposições, os advérbios e locuções adverbiais, grupos de preposições, grupos nominais, grupos de frases são considerados organizadores textuais que contribuem para a marcação das articulações entre as frases.

A coesão nominal e a coesão verbal são construídas por meio de mecanismos que introduzem o tema, o retomam e o substituem. É o caso dos anafóricos (pronomes), das elipses e alguns sintagmas nominais. A organização temporal resulta do emprego dos tempos verbais, dos advérbios e de outros organizadores textuais.

1.10 Mecanismos enunciativos

Os mecanismos enunciativos correspondem ao nível superficial, pois dependem do tipo de interação estabelecida entre o agente produtor e o destinatário. Bronckart considera esse nível o mais superficial das três camadas superpostas. Esses mecanismos são responsáveis pela coerência pragmática do texto: expressam avaliações, julgamentos, opiniões, sentimentos, formulados a partir do conteúdo temático do texto, das instâncias de agentividade que são responsáveis por essas avaliações.

Conforme já se disse em seção anterior, os gêneros textuais veiculam representações ou conhecimentos que estão disponíveis no intertexto e foram elaborados por gerações anteriores ou contemporâneas que as semiotizam. Essas representações mantêm, portanto, relação dialógica com as representações de outros textos e outros sujeitos, assim sendo não podem estar apenas no espaço mental do autor, exigindo por vezes a criação de um espaço mental coletivo, ou seja, os mundos discursivos - instâncias de enunciação que dividem com o autor a responsabilidade do que será dito no texto. Essas instâncias são o narrador, pertencente ao mundo do narrar e o expositor, relativo ao mundo do expor; há também o textualizador, responsável pela articulação dos tipos de discurso, do plano geral do texto e dos mecanismos de textualização. Outra entidade que assume a

responsabilidade do que é enunciado é a voz, já que a instância discursiva pode lançar mão de uma ou de várias vozes que serão identificadas de forma superposta, em relação ao narrador ou ao expositor, como a voz de personagens; as vozes sociais: provenientes de personagens ou grupos sociais que não intervêm diretamente na ação que compõe o conteúdo temático, mas que servem como instâncias externas para a avaliação desse conteúdo. A voz do autor é aquela que procede diretamente da pessoa que está na origem da produção verbal e que intervém no texto com comentários, avaliando ou explicando algum aspecto do conteúdo temático.

Outros mecanismos de enunciação são as modalizações que pertencem à dimensão configuracional do texto e contribuem para o estabelecimento da coerência pragmática ou interativa. As modalizações aparecem para orientar o interlocutor na interpretação do conteúdo temático do texto. Bronckart elenca quatro tipos de funções de modalização que surgem no texto por meio de marcas linguísticas específicas.

- modalizações lógicas: avaliam o conteúdo temático por meio de conhecimentos organizados no mundo objetivo sob o ponto de vista de suas condições de verdade e possibilidades: *é evidente, é necessário, provavelmente, talvez;*
- modalizações deônticas: avaliam o conteúdo temático por meio de opiniões e regras do convívio social: *é lamentável, é inadmissível;*
- modalizações apreciativas: avaliam o conteúdo temático por meio de expressões oriundas do mundo subjetivo, da voz originária dos julgamentos, que podem ser, de acordo com a entidade avaliadora: infelizes ou felizes, benéficos ou maléficos, absurdos, estranhos. Ex.: *infelizmente;*
- modalidades pragmáticas: indicam a responsabilidade das instâncias enunciativas em relação às ações, intenções, razões, etc, na proposição de um conteúdo temático. Ex.: *se soubesse disso...*

As marcas linguísticas que indicam a modalização podem ser expressas por verbos condicionais ou modais: “gostar, querer, dever, ser necessário, poder”. Como também podem ser expressas por advérbios ou locuções adverbiais; orações impessoais ou adverbiais: “com certeza”, “certamente”, “infelizmente”, “talvez”,

“necessariamente”. Podem ser orações impessoais ou adverbiais: “é provável que, é lamentável que, é duvidoso que, é incerto”.

Na perspectiva da Linguística do Texto, conforme Koch (2001), os modalizadores se originaram na lógica clássica: os advérbios, as locuções adverbiais e as orações modalizadoras têm a função de modificar um conteúdo proposicional ou acrescentar nuances.

Numa perspectiva voltada para os aspectos pragmáticos da linguagem, Kerbrat-Orecchioni (1999) afirma que, ao descrever um referente, o sujeito da enunciação escolhe do estoque lexical e sintático armazenado, o tipo de discurso de que necessita: discurso objetivo, que procura apagar os traços de existência de um enunciador individual; ou o subjetivo, que revela e expressa explicitamente a presença do enunciador. As unidades enunciativas revelam diferentes graus de subjetividade no discurso, pois todas as escolhas implicam o locutor/enunciador, seu modo de ver uma dada situação, traços reveladores de sua posição e opinião. O posicionamento e a opinião são então revelados por meio da escolha de termos.

Kerbrat-Orecchioni faz a distinção entre termos objetivos e subjetivos. De acordo com ela, há no discurso um sistema de índices que traduzem a apropriação do discurso pelo locutor: pronomes pessoais/dêiticos e modalizadores. Por meio da observação desses índices, percebe-se como o autor/locutor constrói as relações entre os interlocutores e o enunciado, e como manifesta sua opinião, basta observar os substantivos, os adjetivos, os advérbios e os verbos empregados. O uso de termos avaliativos expressa a opção ideológica do sujeito da enunciação e revela ao leitor caminhos para a construção dos sentidos. A utilização dessas formas revela pistas para o nível interpretativo da linguagem.

Os adjetivos, por exemplo, são classificados por Kerbrat-Orecchioni como objetivos (céu azul) e subjetivos, estes subdivididos em: afetivos (filme emocionante) e avaliadores – por sua vez, de dois tipos: axiológicos (filme cansativo) e não axiológicos (filme longo). O adjetivo afetivo enuncia uma propriedade do objeto que ele determina e uma reação emocional do sujeito falante face ao objeto, como também manifesta a presença do enunciador no enunciado.

Os avaliativos não-axiológicos avaliam o objeto quantitativa e qualitativamente, expressando a experiência pessoal do locutor. Já os axiológicos expressam os valores éticos e estéticos do enunciador, indicando um julgamento de valor positivo ou negativo. Sendo assim, são duplamente enunciativos, pois o uso de

axiológicos varia conforme a natureza particular do sujeito da enunciação e na medida em que se manifesta uma tomada de posição a favor ou contra o objeto denotado. É importante observar que seu uso pode aparecer superposto, trazendo uma noção de valorização ou desvalorização, enfatizado pelo papel da entonação.

Os substantivos são classificados pela autora como afetivos, avaliadores ou substantivos com certa tendência à neutralidade, aparecendo geralmente em seqüências que apresentam gradação.

Quanto aos verbos, há uma distinção entre os subjetivos e os ocasionalmente subjetivos. Os verbos subjetivos implicam uma avaliação feita pelo sujeito da enunciação ou pelo locutor. Os verbos ocasionalmente subjetivos expressam uma disposição favorável, como “apreciar”, “gostar” ou uma disposição desfavorável como “depreciar”, “criticar”.

Sobre os dêiticos, a autora explica que a referência é mais importante que o sentido, pois a linguagem é ancorada à situação de comunicação por meio dos dêiticos. O “eu” organiza o aqui-agora da situação comunicativa. O pronome “eu”, por exemplo, tem sempre o mesmo sentido, porém, a cada emprego a referência muda. Os pronomes são orientados para quem enuncia – o locutor “eu/nós”; para quem se dirige o enunciado - o “tu”, “você”, “vocês” ou “vós”. O pronome “ele” indica a que ou quem se refere o enunciado.

O grau de adesão do sujeito ao conteúdo afirmado é dado pelos modalizadores que funcionam como indicadores das intenções e atitudes do locutor em relação ao seu discurso. Alguns advérbios especificam a natureza e as condições da ação do sujeito, outros expressam seu grau de adesão ao conteúdo. Há também orações modalizadas que têm a função de orientar uma determinada conclusão.

O emprego de modalizadores marca o discurso e deixa explícita a presença do sujeito que se expressa, revela, portanto, sua opinião, sua intenção de orientar e encaminhar a direção do olhar do leitor, seja numa abordagem pragmática ou da lingüística do texto.

1.11.1 Suportes ou veículos e suas implicações

Os pressupostos abordados até agora foram considerados para o desenvolvimento das análises realizadas, por contribuírem para a consecução do trabalho de:

- caracterização do gênero;
- classificação do gênero considerando seu hibridismo e intenção comunicativa.

Esses fundamentos teóricos dão, assim, suporte à proposta de didatização do gênero. Há, porém, um aspecto que deve ser retomado: a questão do suporte, pois a consideração desse aspecto é essencial para a caracterização do gênero. É preciso previamente delimitar o significado de suporte: trata-se da superfície física ou virtual que apresenta um formato específico que fixa, mostra, suporta um texto.

Marcuschi (2007) esclarece que a idéia central na observação do suporte diz respeito a sua não neutralidade, pois um gênero está acondicionado nele. Com relação ao suporte, Marcuschi aponta ainda uma linha divisória que diz respeito à separação entre suportes convencionais e incidentais.

Há suportes que foram elaborados tendo em vista a sua função de portarem ou fixarem textos. São os que passo a chamar de *suportes convencionais*. E outros que operam como suportes ocasionais ou eventuais, que poderiam ser chamados de *suportes incidentais*, com uma possibilidade ilimitada de realizações na relação com os textos escritos. Em princípio, toda superfície física pode, em alguma circunstância, funcionar como suporte. Vejam-se os *troncos de árvores* em florestas com declarações de amor ou poemas em suas cascas. Por isso, convém restringir a noção de suportes textuais para o caso dos suportes convencionais. Não obstante isso, vamos analisar outros suportes incidentais até porque ele são freqüentes na vida urbana. (Marcuschi, 2007, p.)

Marcuschi diferencia suportes típicos ou característicos – aqueles que foram produzidos para essa finalidade e a categoria dos suportes incidentais - não são destinados a tal finalidade de modo sistemático ou na atividade comunicativa regular, mas acabam funcionando como tal.

Um livro é sempre um suporte, pois em alguns casos contém um só gênero (um livro de poemas), em outros casos contém muitos gêneros diversos (uma obra

com as publicações de um determinado jornal). Em todos os casos o livro é um suporte para os gêneros ou gênero que comporta.

O jornal diário e, mesmo o jornal semanal, são suportes que comportam muitos gêneros: notícias, cartas do leitor, editoriais, notas sociais. No jornal, temos gêneros que não circulam e aqueles que circulam: notícias, reportagens, editoriais, receitas culinárias, história em quadrinhos, charge, entrevistas e assim por diante.

A revista semanal é vista por Marcuschi como algo amplo que comporta também vários gêneros. Muitos gêneros são específicos de jornais diários enquanto outros não. Certos gêneros circulam com notícias ou fatos apenas do dia, pouco aparecem em revistas. A titulação em revistas e jornais tem diferenças consideráveis na forma de apresentação, no projeto gráfico e tamanho de fonte. Em se tratando revistas científicas há diferenças significativas: público leitor e recursos empregados. Esses aspectos são determinantes para o processo de produção de um texto.

O rádio como suporte pode ter sido desenhado para este fim, pois é serviço ou meio quando tomado como uma emissora. As notícias no rádio não têm o mesmo tipo de tratamento. Elas apresentam diferenças quando colocadas no rádio ou no jornal. Sendo assim há aspectos a serem considerados por aquele que produz um texto e vai colocá-lo em suporte que exige adaptações. É possível observar, por exemplo, pouca incidência de discurso direto (citações de fala) no rádio e na TV, ao passo que isso ocorre frequentemente no jornal e na revista.

1.12 A didatização de um gênero - segundo Dolz, Schneuwly e Bronckart

É ponto pacífico para todos os professores de língua que o trabalho com a escrita é visto por muitos alunos como algo muito difícil. Para alguns é quase torturante, pois o modo como encaram o processo de produção de textos reproduz um comportamento que se estende há anos. Na tentativa de buscar soluções e possíveis encaminhamentos para esse problema, muitos pesquisadores têm procurado formas operacionais de abordar a questão. Auguste Pasquier e Joaquim Dolz são pesquisadores da área de didática da escrita e vêm buscando desenvolver experiências voltadas para desenvolver as capacidades de escritura de alunos, por

meio de sequências levadas a cabo em diferentes unidades escolares da Europa, e exercendo o controle delas.

Os pesquisadores citados partiram do pressuposto de que produzir um texto coerente em relação aos conteúdos e à coesão é uma capacidade ao alcance de qualquer pessoa, desde que sejam oferecidas condições de ensino e aprendizagem adequadas.

Eles se referem a alguns aspectos considerados essenciais para o desenvolvimento de um trabalho com os gêneros. Para que esse trabalho seja realizado, os professores precisam conhecer os instrumentos didáticos disponíveis e ter conhecimentos sobre o ensino da produção escrita. Esse conhecimento pode tornar o processo agradável.

Os pesquisadores da Escola de Genebra sugerem que o trabalho com produção de textos leve em consideração dez aspectos essenciais. O primeiro deles, diz respeito à diversidade textual.

Para Schneuwly (1992), o primeiro aspecto a ser considerado para a abordagem de produção de textos é o da variedade de textos, os conhecimentos sobre os gêneros e seu funcionamento e estratégias de ensino diferenciadas que facilitem a aprendizagem. Parte das dificuldades dos alunos decorrem da falta de contato com os diferentes gêneros, da ausência de alguns gêneros em sala de aula e também da falta de um trabalho cujo enfoque seja enunciativo e leve em consideração as especificidades de cada tipo de discurso ou gênero textual.

Nesse sentido, concorda-se, aqui, com Pasquier e Dolz quando afirmam que o aluno deve tomar consciência da diversidade textual, pois esse contato, mediado pelo professor, propiciará reflexão sobre as diferentes formas de organização do discurso, sobre sequências textuais, mecanismos enunciativos, implicações decorrentes das condições de produção.

(...) aprender a escrever textos não “em geral”, mas em função das situações particulares de comunicação (segundo o objetivo que se pretenda atingir, convencer, divertir, explicar; segundo seu destinatário: autoridades, colegas de classe, professores, pais, alunos de outra escola; segundo o lugar social onde o texto será publicado: revista ou jornal da escola, fichamentos para uso em aula etc.) E, para isso, terá de inspirar-se em ou ter como referência outros textos sociais em uso. (Pasquier e Dolz, 1996, p.31-41).

Além da diversidade deve-se também considerar a qualidade desses textos, atestada pela organização dos elementos linguísticos que expressam as diversas formas de pensamento, possibilidades variadas de organização, para assim serem transformados em modelos para estudo e avaliação.

Não há dúvida de que se trata de uma premissa relevante e essencial à aprendizagem. Porém, é possível também, ao longo do processo de ensino-aprendizagem, realizar-se um trabalho que privilegie o uso de um mesmo gênero num dado momento do processo, numa tentativa de realizar um trabalho que faça com que os alunos reflitam sobre as diferentes formas de organização e planificação de um mesmo gênero que, no caso desta pesquisa, é o gênero crônica e apresenta diferentes modos de organização. Acredita-se que o trabalho com a crônica ofereça rico material para a produção de textos e possibilite o desenvolvimento das habilidades necessárias para a posterior produção de outros gêneros.

Um outro aspecto diz respeito à complexidade das tarefas, pois produzir um texto é uma atividade complexa que envolve instrumentos e estratégias que precisam ser mobilizados pelo aluno. Nesse processo, a compreensão do funcionamento do gênero é essencial. Para que o aluno possa responder a uma situação de comunicação complexa, é preciso que o professor esclareça, desde o início, quais são os parâmetros da situação. Somente assim o aluno poderá mobilizar os conhecimentos necessários à produção.

Para Dolz e Pasquier, as aprendizagens são mais eficazes e duráveis, se o trabalho for realizado de maneira intensiva e num período breve, de não mais do que duas ou três semanas para que o aluno possa manter o interesse e desenvolver as atividades propostas. Com certeza, este é um dos aspectos que deve ser considerado, pois os alunos perdem o interesse quando a atividade é extensa demais.

Outro aspecto abordado pelos pesquisadores diz respeito ao corpus selecionado. Este deve ser útil ao trabalho a ser desenvolvido e estar relacionado às práticas sociais, pois somente assim a produção de textos pode fazer sentido e ser considerada relevante.

Essencial à reflexão do aluno e à apreensão dos conceitos e procedimentos desenvolvidos durante o processo de produção de textos é sua revisão. A metodologia sugerida pelos pesquisadores é a do método indutivo, realizado por

meio de exercícios específicos. Desse modo, o professor conduz o aluno e o leva a se apropriar de habilidades indispensáveis para a realização de uma tarefa.

É preciso planejar e ordenar os exercícios a serem propostos, pois a ordem de realização deve considerar o grau de dificuldade da atividade, aspecto que contribuirá para a construção de capacidades comunicativas e linguístico-discursivas.

Para auxiliar o aluno a superar as dificuldades, os pesquisadores sugerem que o projeto de escrita seja contextualizado.

Considera-se importante também acrescentar aos aspectos elencados por Dolz e Schneuwly um outro: a necessidade de construção de um repertório de informações sobre o tema que será abordado. Isso pode ser feito por meio de pesquisas sobre o tema. Dessa forma, o aluno terá acesso aos meios que o ajudarão a construir um repertório de informações. Esse repertório pode ser construído a partir de discussões sobre o tema, por meio de pesquisas realizadas em livros, jornais, revistas, internet.

Para Dolz e Schneuwly há várias dimensões ensináveis de um gênero. Destacando-se: os conteúdos, a estrutura comunicativa, a intenção comunicativa, as configurações específicas das unidades linguísticas.

Os conteúdos que se tornam dizíveis por meio do gênero, no caso da crônica, estão relacionados ao tema e seu desenvolvimento, assim como ao posicionamento do produtor em relação ao tema abordado; modo de organização do texto; tipos de sequências; implicações do suporte ou veículo; e intenções do produtor, além de aspectos expressivos relacionados a características do produtor, do gênero e do destinatário. A estrutura comunicativa dos textos pertencentes ao gênero - dada a diversidade do gênero e seu hibridismo formal, produz diferentes efeitos no leitor, pois as crônicas são instrumentos polivalentes que podem influenciar os leitores e até formar opiniões.

A intenção comunicativa revela pontos de vista diferentes sobre o tema e produz efeitos diversificados como divertir, criticar, sensibilizar etc.

As configurações específicas das unidades linguísticas dizem respeito às marcas da posição enunciativa do enunciador, às sequências textuais e tipos de discurso que formam sua estrutura. No caso da crônica, as análises revelam que ela pode apresentar tipos de discurso diferenciados nos quais se encaixam sequências narrativas, expositivas, argumentativas, descritivas e injuntivas.

Esses aspectos oferecem as condições necessárias à produção de um texto. A eles é possível acrescentar, ainda outros, elencados por Bronckart na produção de um texto.

1.13 Bronckart e sua proposta

Para Bronckart, os textos são objetos de estudo que podem ser analisados a partir de seus níveis de organização e adaptações que são produzidas pelos sujeitos que participam da vida social e os utilizam para se comunicar. Bronckart propõe:

1. A necessidade de elaboração de um modelo didático que deve considerar:
 - o gênero e sua adaptação aos conhecimentos dos alunos;
 - a análise das propriedades desse texto, seus usos, formas de realização, variações e contextos de uso.
2. Após a produção do modelo, observar:
 - quais são os critérios de escolha do gênero em vista da situação comunicativa;
 - qual o posicionamento do produtor do gênero, quais são suas intenções em relação a seus destinatários ou interlocutores;
 - quais conhecimentos devem ser mobilizados para produzir o gênero nas circunstâncias previstas;
 - quais estruturas comunicativas e qual formato o gênero apresenta.
3. Quanto às sequências típicas:
 - saber ordenar as sequências e organizá-las.
4. Mecanismos linguísticos:
 - analisar os aspectos sintáticos, morfológicos (gramaticais de uma maneira geral) e as propriedades léxicas - registros e estilos;
 - observar a organização textual sob o seu aspecto local (coesão) e global (coerência).
5. Identificar as capacidades adquiridas:
 - Identificar se houve apropriação por parte dos alunos dos três aspectos trabalhados: as capacidades relativas às ações discursivas, tipológicas, linguístico-textuais.

6. Elaborar e conduzir atividades de produção:
 - Preparar exercícios de produção dos gêneros em condições específicas e situações determinadas de acordo com os elementos analisados em (1 e 2) acima.
7. Avaliar as novas capacidades adquiridas.
8. Proceder à análise das produções textuais dos alunos, dando-lhes retorno, para que possam prosseguir no trabalho com gêneros similares ou não.

Observados os aspectos apontados para a produção do texto, acompanha-se o processo e identifica-se quais foram os conhecimentos construídos. No capítulo que segue, são apresentadas as características do gênero crônica e são analisadas algumas crônicas lidas e analisadas em classe, com o objetivo de ilustrar, caracterizar, descrever o gênero.

Um Passeio Pela História

2. CRÔNICA - UM GÊNERO MULTIFACETADO

O objetivo deste capítulo é caracterizar o gênero crônica, descrevendo, inicialmente, os elementos que compõem sua organização, conforme os especialistas no gênero e segundo a perspectiva adotada por seus produtores - os cronistas. Serão retomados os pressupostos abordados na dissertação de mestrado desta pesquisadora, articulados a outros conceitos que fundamentam as análises. Pretende-se, portanto, estabelecer alguns parâmetros que auxiliem na delimitação e caracterização desse objeto de estudo para aplicação em sequência didática que visa ao desenvolvimento da capacidade linguístico-discursiva de alunos da 8.^a série de escola particular da cidade de São Vicente.

2.1 Origens

O vocábulo “crônica” (*chronikós*), segundo Moisés (2000), é de origem grega, e mantém relação direta com tempo (*chronos*). Se o relacionarmos ao latim, ele transforma-se em *chronica*.

A princípio pode designar uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo. O sentido tradicional do termo crônica é decorrente de sua etimologia grega (*kronos* = tempo): relato de acontecimentos em ordem cronológica, sentido que durante muito tempo prevaleceu em vários idiomas. Para Coutinho (1976), a crônica inicialmente se limitava a fazer o registro de eventos, sem que houvesse nenhuma outra preocupação.

A partir do século XII, aproxima-se da historiografia e passa ser empregado em sentido histórico, porém, ostenta traços de ficção literária ao longo dos séculos seguintes. Como exemplo, pode-se citar os relatos feitos pelos cronistas que visitaram o Brasil, no período colonial.

Embora a palavra perca parcialmente a conotação historicista, não deixa de efetuar o registro de fatos reais, relacionados a pequenos acontecimentos, viagens e lembranças. Como exemplo, pode-se mencionar homenagens, aniversários que

ganham um novo sentido quando transformados em crônica. De acordo com Moisés (2000), essa característica esteve presente na crítica diária do Professor Julien-Louis sobre as atividades dramáticas que ocorriam na época, prática que o levou a cultivar uma forma embrionária de crônica, tendo como seu suporte o jornal:.

Beneficiando-se da ampla difusão da imprensa, nessa época a crônica adere ao jornal, como a sugerir, no registro do dia-a-dia, a remota significação ante-histórica do anuário. É em 1799 que o seu aparecimento ocorre, mercê dos feuillets dados à estampa por Julien-Louis Geoffroy no Journal de Débats. (Moisés, 2000 p.102).

O vocábulo “crônica” começa então a ser usado com o sentido de gênero específico, ligado ao jornalismo. A transformação do gênero no Brasil dá-se apenas no século XIX, época em que os jornais publicavam uma seção semanal que trazia comentários sobre os assuntos da semana.

A crônica brasileira começou, de fato, a tomar o aspecto atual, com Francisco Otaviano, no “Jornal do Comércio” do Rio de Janeiro, em 1852. Vários escritores cultivaram a nova forma: José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Olavo Bilac. Foram seguidos mais tarde por: Coelho Neto, Humberto de Campos, João do Rio, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Ribeiro Couto, Rubem Braga, Fernando Sabino, Luís Fernando Veríssimo, Rachel de Queiroz, Paulo Mendes Campos, Carlos Eduardo Novaes e tantos outros.

A imprensa, durante a segunda metade do século XIX, influenciada pelos franceses, promove a mudança de nomenclatura. Machado de Assis, em uma crônica de 30 de outubro de 1859, define as características do gênero, do modo como é entendido hoje:.

(...) o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta última afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação.

(...)O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira, e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política (Assis apud Coutinho, 1976, p. 81)

Fica evidente a intenção de Machado de dar à crônica características do lugar, ressaltar aquilo que há de peculiar nos fatos relatados, tirando-lhes o peso natural e acrescentando-lhes certa leveza e cor, para que o gênero possa assim assumir características próprias.

O folhetim transforma-se em crônica e assume personalidade de gênero. Conforme Coutinho (1976), a crônica é um dos gêneros que mais se abasileiraram, no estilo, na língua, nos assuntos, tomando proporções inéditas na literatura brasileira. Os autores que a praticam e praticaram, deram à crônica feição literária e a tornaram um gênero cheio de inventividade e de lirismo.

Segundo Cândido (1996), a crônica moderna definiu-se e consolidou-se na década de 1930, como um gênero cultivado por grande número de escritores e jornalistas que procuraram estabelecer a dimensão dos seres e das coisas, pois apresentam as ocorrências cotidianas com brilho, leveza e criticidade.

A crônica pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. (Cândido, 1996, p.24)

A crônica, na modernidade, segundo Bender e Laurito (1993), alçou vôo com cronistas que se espelharam na linhagem de João do Rio, como Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Cecília Meireles e outros, para impregná-la de um colorido todo especial, com marcas de uma “brasilidade” expressa por meio de um registro próximo do coloquial que revela o mundo e as pessoas sob uma nova ótica. A caracterização ganha realce e relevo especial quando vista sob a ótica do próprio cronista. Uma geração de cronistas com qualidade literária, mais as potencialidades do gênero e as possibilidades de combinações, propiciam o surgimento de depoimentos dos cronistas sobre seu objeto de trabalho, visto por eles como gênero do cotidiano, como veículo ideológico e exercício literário. Conforme Sabino apud Bender (1981, p.96):

Acho que o gênero se classifica, atualmente, como as doenças: se não for aguda, é crônica. Porém, noto certa prevenção contra a crônica, e cronistas são Fernão Lopes, Diogo do Couto, João de Barros, Fernão Mendes Pinto, Pero Vaz de Caminha, Machado de Assis, João do Rio, Rubem Braga...

como você vê, uma linhagem das mais nobres, que só faz engrandecer a melhor literatura de todos os tempos. Pois, na verdade, eu não sou nem nunca pretendi ser cronista (...) na sua maioria, não passa de pequenos trabalhos em prosa de ficção, contos, histórias curtas (nada no mundo me fará usar a palavra estória), exercícios literários, reminiscências ou simplesmente anedotas desenvolvidas literariamente

Rubem Braga expõe uma visão que estabelece relações entre o objeto e o suporte que o veicula. Em Braga apud Franchetti e Pécora (1980, p.75), encontra-se: “Escrever para mim sempre foi uma coisa ligada a jornal, não me lembro de ter escrito nada que não fosse para ser publicado no dia seguinte, ou na semana seguinte”.

Essa é a relação entre agente, objeto escrito e acontecimentos diários transformados em matéria reflexiva, revigorados pelo talento do cronista... É isso que encontramos nas crônicas de Rubem Braga. Ele é capaz de dar a acontecimentos cotidianos um caráter diferenciado, uma identidade própria.

...Todo cronista tem seu dia em que, não tendo nada a escrever, fala da falta de assunto. Chegou o meu dia. Que bela tarde para não se escrever!

Esse calor arrasa tudo; esse Carnaval que está perto, que aí vem no fim da semana; esses jornais lidos e relidos na minha mesa, sem nada interessante; esse cigarro que fumo sem prazer; essas cartas na gaveta onde ninguém me conta nada que possa me fazer mal ou bem; essa perspectiva morna do dia de amanhã; essa lembrança aborrecida do dia de ontem; e outra vez, e sempre, esse calor, esse calor, esse calor...

(...)Fiquem sabendo que eu hoje tinha assunto e os recusei todos. Eu poderia, se quisesse, neste momento, escrever duzentas crônicas engraçadinhas ou tristes, boas ou imbecis, úteis ou inúteis, interessantes ou cacetes. Assunto não falta, porque eu me acostumei a aproveitar qualquer assunto. Mas eu quero hoje precisamente falar claro a vocês todos (Braga, 1980,p.13).

O poder da crônica é amplo e perceptível em diferentes situações. Com o objetivo de conquistar o leitor e estabelecer empatia com ele, a crônica é escrita para o público consumidor de jornais, revistas e de livros. Seja um leitor atento e interessado ou aquele que lê casualmente, de forma apressada e desatenta. Esses leitores são fiscados pelo texto, pois a crônica é capaz de sensibilizar e divertir o leitor desavisado, chamando-lhe a atenção, por meio de títulos interessantes,

divertidos, inusitados que despertam a curiosidade. É o que se pode observar na crônica de Sérgio Porto - Stanislaw Ponte Preta, “O Homem das Nádegas Frias”.

A historinha que vai contada abaixo, naquele estilo literário que fez de Stanislaw Ponte Preta um escritor de importância transcendental, é absolutamente verdadeira e – a par de ser jocosa – serve para provar que na época hodierna a mulher está tão desacostumada ao cavalheirismo, que engrossa a toda hora, por falta de treino.(...)

Vai daí, havia um senhor que estava sentado distraidamente lendo o seu jornal e nem percebeu que havia em pé, ao seu lado, uma jovem senhora dessas que não são nem de capelão largar a batina, nem de mandar dizer que não está. Em suma: uma mulher bastante razoável. (Ponte Preta, p.61)

O cronista, em seu texto, mescla o acontecimento diário ao comentário às vezes sentimental, às vezes crítico ou irônico. Quando voltadas ao acontecimento, ao fato citado pelo jornal, a crônica é impregnada pela atmosfera dessa esfera, quando mistura temas universais em forma de prosa e poesia, transforma-se em poética ou filosófica.

Assumida assim pelo cronista Stanislaw Ponte Preta, *Notícia de jornal* exemplifica essa combinação, de forma bem humorada. Nela, há referência ao poeta cuja influência é visível na escolha do tema da crônica e das imagens reproduzidas, a intertextualidade é usada como estratégia para prender o leitor e homenagear o poeta:

Quem descobriu, perdida no noticiário policial de um matutino, a intensa poesia contida no bilhete do suicida? Creio que foi Manuel Bandeira. Sim, se a memória não falha (e, meu Deus, ela está começando a falhar, foi o poeta Bandeira. Ele é que tem o Dom da poesia mais forte. Claro, todos nós somos poetas em potencial, amando a poesia no vôo de um pássaro, na comovente curva de um joelho feminino, no pôr-do- sol, na chuva que cai no mar. Mas nós somos os pequenos poetas, os que sentimos a poesia, sua mensagem de encantamento, sem capacidade bastante para transmitir ao amigo, à amada, ao companheiro aquilo que nos encantou(...)

(...)Num matutino de ontem, num desses matutinos que se empenham na publicidade do crime, havia a seguinte notícia: João José Gualberto, vulgo Sorriso, foi preso na madrugada de ontem, no Beco da Felicidade, por ter assaltado a Casa Garson, de onde teria roubado um lote de discos.

Pobre redator, o autor da nota. Perdido no meio de telegramas, de barulhos de máquinas, campainhas de telefone, nem sequer notou a poesia que passou pela sua desarrumada mesa de trabalho, e que estava contida no simples noticiário de polícia.

(...) Fosse o repórter menos vulgar e teria escrito:

O Sorriso roubou a música e acabou preso no Beco da Felicidade. (PONTE PRETA, 1981, p. 28 , 29)

Por ser um texto destinado à descontração, de rápido consumo, a crônica opta pela modalidade de linguagem que fica a meio caminho entre o informal e o formal, o leitor/interlocutor já foi “desenhado”, assim já se previu como se dará a apreensão do conteúdo - imediatamente.

Quando o cronista registra o acontecimento, interpreta-o num contexto maior, deixa marcas de seu estilo pessoal, ultrapassa as amarras da referencialidade que foi seu ponto de partida, produz um texto plurissignificativo, moldado em linguagem literária que leva a crônica a ultrapassar a efemeridade do periódico e atingir o estatuto literário, transformando-se em algo especial...

Produto do diálogo entre cronista e leitor, a crônica apresenta uma característica bastante peculiar: equilíbrio entre linguagem formal e informal, entre nível culto e coloquial, transpondo assim os muros que separam o real e o fictício, o discurso jornalístico do literário, permitindo que aflorem vestígios da espontaneidade e da sensibilidade do cronista. Como afirma Cândido (1996), é pretexto para pequenas criações ficcionais em que, por vezes, poesia e prosa confundem-se. Como representante e um dos expoentes do gênero, na década de 60, cita Carlos Drummond de Andrade:

E já vimos por alto que nos anos 60 ele começaria a intensificar a prática daquela modalidade de poemas que bem caberiam na definição Versiprosa. Aí, a crônica em mais de um sentido, ficção e poesia se combinam sob a regência desta, mostrando a livre circulação de um autor que, sendo altíssimo poeta e não menos alto prosador, pode transitar entre os gêneros e acima deles (CÂNDIDO, 1996, p.18).

De acordo com Sá (1999), o cronista é capaz de captar, com seu toque de lirismo reflexivo, instantes brevíssimos que fazem parte da condição humana. É ele também o responsável pela transformação de uma simples situação em material para uma boa leitura, que reúne graça miúda e seriedade e permite ao leitor reconhecer pontos de contato entre a dura realidade e a fantasia. Ela trata de qualquer tema. Segundo Andrade (2005, p.302), os temas são aleatórios, assistemáticos, porém recorrentes “porque repetem o cotidiano, o banal e, por meio dessa repetição, explicitam a própria essência estilística da crônica.”

Sendo assim, o diálogo entre o leitor e o texto é inevitável, pois o leitor “vê” seu cotidiano retratado pelo cronista, tendo acesso a ele de forma facilitada, pela linguagem simples, permeada de linguagem figurada e jogos de significado. O cronista estabelece o diálogo ao comentar os fatos e propor uma reflexão sobre o cotidiano. Esse cotidiano é variado: trata de política, políticos, tragédias, amenidades, saúde, educação, falta de educação, temas tratados com muita seriedade impertinente, crítica, comentários jocosos, irônicos, colaborando assim com a formação da opinião do leitor, pois o cronista deixa claro seu ponto de vista, sua opinião. Muitas crônicas mesclam o comentário expositivo ou argumentativo com a conversa informal, porém não deixam de aprofundar o significado das ações humanas, fazendo crítica e, ao mesmo tempo, convidando o leitor a refletir sobre a questão.

O estilo pode ser simples, divertido, breve, às vezes, mais complexo quando discute problemas situados num plano reflexivo ou filosófico. O cronista é habilidoso, rápido, sintético. Tais características transparecem em sua linguagem e organização composicional, o oral e o escrito estão superpostos, no sintático e no semântico. O cronista tem ainda uma tarefa árdua: limitar o seu discurso, pois o texto deve ocupar pouco espaço no jornal, ou seja, a crônica deve dizer muito, “falando” pouco.

O tom da crônica mistura traços do discurso jornalístico com o literário. Isso fica evidente na organização do discurso, o cronista tem em vista um leitor previsto, já conhecido, sabe o que precisa fazer para satisfazê-lo. Para isso, emprega uma linguagem que aproxime texto e leitor, efeito produzido pela linguagem empregada. Conforme Coelho (2002), a crônica mistura oralidade e escrita, já que seu tom de conversa fiada ou não, simula a conversação natural, expressa por meio de seus elementos lingüísticos e, às vezes, gráficos que revelam a opinião, os comentários do cronista, organizados sob a forma de segmentos expositivos, narrativos, descritivos, argumentativos.

Essa diversidade dificulta um pouco a caracterização da crônica, pois ela pode ser organizada de diversas formas. Na tentativa de buscar caminhos para explicitar mais claramente essa caracterização, faz-se necessário recorrer a outros fundamentos teóricos para essa delimitação.

2.3 A crônica como gênero e como espaço para a manifestação da autoria

Como já foi colocado, a crônica é um gênero híbrido, o que coloca alguns problemas para sua caracterização.

Para ultrapassar essa dificuldade, procuraram-se subsídios em Bronckart (1999) e Coutinho (2005 e 2006) para a realização das análises das crônicas, com vistas a levar os alunos a compreender o gênero e identificar suas características. Era preciso que eles compreendessem o que é uma crônica e, ao mesmo tempo, como traços de autoria emergem no texto produzido. Essas informações seriam fundamentais na etapa seguinte, de elaboração das próprias produções.

Coutinho (2005 e 2006) propõe uma “dupla dimensão acional e lingüística” dos textos. A autora faz a distinção entre parâmetros de gênero e mecanismos de realização textual. Para ela, os “parâmetros de um gênero” dizem respeito à identidade do gênero e às variáveis que, de alguma forma, possibilitam ou impossibilitam a interpretação dos diferentes níveis organizacionais, além de regular as tarefas de produção e de interpretação de um texto concreto. Diz respeito, portanto, à captação dos fatores que caracterizam a estabilidade de cada gênero, a partir de um viés social e temporal da atividade a que ele se encontra associado.

Os “mecanismos de realização textual” relacionam-se às opções de ordem particular que dizem respeito à produção do texto, mediante os parâmetros do gênero que podem sofrer alterações, já que são maleáveis e estão articulados às práticas sociais.

Em Coutinho, Rastier (2001) e Bronckart (1999 e 2003) encontram-se referências à necessidade de não redução do gênero a fatores de textualidade apenas. Esses autores apontam a necessidade de observar a organização própria de cada gênero, considerando seus aspectos gerais.

Conforme Rastier, a formação de um texto tem relação com o gênero:

Certains genres régissent des textes composés d'une phrase, d'un mot, d'une énumération; et de nouvelles pratiques sociales peuvent demain susciter des genres aujourd'hui imprévisibles; s'il existe des règles de bonne formation, elles restent relatives aux genres, non à la textualité. (RASTIER, 2001, p. 2)

De acordo com Coutinho (2005 e 2006), há certa previsibilidade quanto à presença de unidades verbais em um texto, o que permite observar qual é a importância e a frequência com que se encontram, no texto, tais elementos. Essa presença (vista a partir de sua frequência) revela a existência de diferentes funções exercidas por esses elementos, constituindo assim uma função primária ou secundária. A função primária está relacionada à presença desses elementos - o que constitui um parâmetro do gênero. Sendo assim, torna-se relevante a análise da interação entre o não verbal e o verbal em determinados textos, além de outros tipos de interação, pois os textos produzidos revelam escolhas diferenciadas, diante das necessidades do produtor, ou seja, a presença de elementos de outros gêneros, assim como revela opções feitas pelo sujeito no momento de sua produção.

A identificação dos parâmetros da crônica e de seus mecanismos de realização são essenciais para a construção das sequências didáticas que visam a oferecer condições para que os alunos das 8.^a séries possam produzir crônicas que farão parte da revista sobre sua cidade. Assim sendo, optou-se por caracterizar o gênero a partir do que afirmam Coutinho, Bronckart e outros especialistas que descreveram o gênero em questão.

Coutinho (2005) afirma a necessidade de observar como se desdobram e se distribuem os tipos discursivos, no interior de gêneros de texto diversificados, visando ao levantamento das sequências que deles fazem parte, o efeito conseguido e a intenção que emerge da organização.

No caso da crônica, tem-se um gênero em que predominam o discurso misto – teórico e interativo e o relato interativo -, pois as marcas que emergem no texto revelam: a necessidade de expor o tema e, ainda, “conversar” com leitor e interlocutor – leitor do livro, do jornal, da revista produzida ou o professor (que interage com os alunos durante o processo de produção). Trata-se assim de um diálogo que se estabelece em todas as crônicas, pois a presença do suposto leitor ou destinatário fica, em geral, evidente no texto pelo uso de pronomes como *você*, *tu*, *nosso*, *nós*. Deste diálogo emergem diferentes vozes que manifestam diferentes opiniões e representações, criando na crônica um trabalho de linguagem que desvenda uma atitude reflexiva e questionadora. O hibridismo da crônica revela-se pela escolha do discurso misto (teórico e interativo) e do relato interativo, considerados como mecanismos de realização textual de parâmetros do gênero enquanto forma de representação dos destinatários e das finalidades. A temática do

cotidiano é veiculada em determinado suporte (livro, jornal, revista, blog, publicação da internet), condição que pode resultar em diferenças quanto ao emprego de determinados recursos expressivos na produção do texto (efeito de objetividade ou subjetividade; uso de imagens na página; uso de recursos rítmicos; presença de humor; tom de denúncia; estratégias persuasivas para envolvimento do leitor com o tema e o texto). Esses aspectos também estão associados à figura do destinatário (perfil) e às características próprias do produtor: jornalista e escritor, poeta e escritor ou aluno produtor do texto. Não se trata de um gênero diferente, mas de um gênero maleável e flexível que se adapta à situação de produção e aos efeitos que se deseja produzir.

Na análise de diferentes crônicas, percebe-se a presença ou ausência de recursos que expressam maior ou menor grau de subjetividade, o estilo característico de um autor, diferentes modos de organização sintática, escolha do léxico, vozes que são introduzidas no texto para representar o que se deseja expressar, o tipo de suporte, assim como o destinatário ou interlocutor podem determinar o modo de organização de um texto.

Na crônica, há originalmente a relação da esfera literária com a jornalística, a função informativa articulada à atitude reflexiva, crítica ou permeada pelo humor – característica intimamente ligada ao estilo do autor.

2.4 Autoria, estilo e criatividade na materialidade do texto

As perguntas que norteiam esta seção inicialmente são: Como um autor se constitui? Existem marcas de autoria? O que permite a alguém falar ou escrever de uma determinada forma que possibilite a um leitor reconhecer que se trata de um determinado poeta, romancista ou jornalista? Para responder a essas perguntas é preciso recorrer a alguns autores que se têm preocupado com essa questão.

Bakhtin afirma que um autor se constitui à medida que se coloca e se posiciona em seu texto, deixando claro o seu intuito, o seu querer-dizer no enunciado que produz, revelando seu estilo articulado ao estilo do gênero escolhido. Fica evidente, assim, a inter-relação entre o enunciado produzido e a situação de produção, pois esta interfere na escolha do sujeito quanto ao gênero que melhor

expressa o seu querer-dizer e se adapta à situação. Nesse processo de adaptação emergem marcas que evidenciam a autoria e o estilo do sujeito produtor, aliadas ao estilo do gênero.

“Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.). O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado [...] O estudo do estilo sempre deve partir do fato de que os estilos da língua pertencem por natureza ao gênero e deve basear-se no estudo prévio dos gêneros em sua diversidade.”(Bakhtin, p.284) grifos nossos

De acordo com Bakhtin, há, portanto, relação direta entre gênero e estilo, relação visível e reconhecível por meio da observação do tema, dos elementos compositivos, da funcionalidade do gênero e sua adequação à esfera de atividade. Na perspectiva bakhtiniana, o estilo faz um elo entre o social e o individual, pois é resultado de uma enunciação. O enunciado é composto pela alternância dos sujeitos falantes, pelo querer-dizer do locutor (sua amplitude e fronteiras) e pelo acabamento que lhe é dado - em que se pode perceber o que locutor escreveu ou disse, respondendo a alguém e tomando uma posição. Logo, para concretizar o seu querer-dizer, o locutor escolhe a forma de comunicação adequada ao tema e à esfera de atividade em que se encontra, o enunciado se caracteriza então pelo conteúdo e expressividade do locutor em relação ao objeto e ao sentido.

É a partir desse trabalho realizado pelo autor que se pode perceber as marcas de seu estilo e as do gênero. Esse trabalho com e pela linguagem evidencia sua intenção. É preciso observar os recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado, para recuperar algumas das possíveis intenções expressas no todo do enunciado, no gênero em questão.

Quando escolhemos uma palavra, durante o processo de elaboração de um enunciado, nem sempre a tiramos do sistema da língua, da neutralidade lexicográfica. Pelo contrário, costumamos tirá-la de outros enunciados e, acima de tudo, de enunciados que são aparentados ao nosso pelo gênero, isto é, pelo tema, composição e estilo: selecionamos as palavras segundo as especificidades de um gênero [...] No gênero a palavra comporta certa expressão típica. Os gêneros correspondem a circunstâncias e a temas típicos da comunicação verbal e, por conseguinte, a certos pontos de contato típicos entre as significações da palavra e a realidade concreta. (Bakhtin, p.311-12)

Um enunciado é permeado por referências e lembranças de outros enunciados e a eles está vinculado. Assim, quando se insere a palavra do outro, fica-se vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado produzido pode ser de confirmação, refutação ou complementação. A complementação pode ser feita a partir da inserção de um elemento que expresse algo diverso ou que sugira outra orientação. Para Kerbrat-Orecchioni (1999), o modo de dizer pode denunciar pontos de vista diferentes e que provocam a irrupção do sujeito, de sua assinatura.

Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, revela uma concepção de destinatário. Assim quando procede à escolha de recursos lingüísticos que compõem o todo, o produtor do texto está, na verdade, dando o arremate que considera adequado e deixando as marcas de seu estilo.

A noção de estilo que Bakhtin deixa antever é de que o estilo não se observa na língua, nas estruturas frasais, mas no conjunto do texto. Uma reflexão que aborda as diferentes visões de estilo é feita por Possenti (1993) em "*Discurso, estilo e subjetividade*". Ele critica inicialmente as concepções típicas do estilo na linguística, procurando explicitar as condições de produção desse conceito, e propondo uma concepção compatível com as grandes linhas emprestadas de Granger.

Para Possenti (1993), os gramáticos e os linguistas, em geral, definem o estilo de forma mais ou menos vaga, tendo como ponto de referência a oposição língua-fala ou a oposição ou complementaridade entre as diversas funções da linguagem.

Ele tece comentários a respeito de Bally (1951), de seu ponto de partida e de chegada. De acordo com Possenti (1993), Bally parte de Saussure, aceitando que a linguagem expressa nossos sentimentos, nossas ideias, mas acrescenta que não é essa a única função da linguagem, pois ao invés de refletir a realidade, ela a *refrata*, ou seja, impõe-lhe uma deformação cuja causa é a natureza do nosso "eu". A

discordância de Possenti com relação à Bally remete à dimensão de sua estilística: sua restrição a uma função da linguagem de certa maneira subsidiária, embora seja relevante. O grande problema de Bally é sua oposição, no estilo, a uma função primeira da língua, a de representar uma ideia geral. Neste caso, não se tem estilo, mas apenas a língua na sua função ideacional ou representativa. A representação é neutra do ponto de vista do indivíduo, portanto, não traz consigo nenhuma marca emotiva.

Possenti comenta ainda o posicionamento de Mattoso Câmara que, segundo o autor, é semelhante ao de Bally. Conforme Possenti, há apenas uma diferença entre Câmara e Bally: Mattoso recusa, como ponto de partida, a dicotomia de Saussure (aquela que postula a estilística como complemento da gramática), assumindo como mais adequada a tríplice função da linguagem definida por Bühler. Com base nas três funções propostas por Bühler (expressão, apelo e representação), Mattoso afirma que a língua fornece formas para estabelecer e dar a conhecer as representações, juntando-se a elas, a exteriorização do estado d'alma em que tais representações lançam os seres humanos, e seu impulso de partilhar. Logo, para Mattoso, as três funções se dão simultaneamente, por isso, para ele, a "estilística vem completar a gramática".

É preciso ainda perceber no trabalho de Mattoso, segundo Possenti (1993), que a noção de estilo está relacionada à de desvio da norma, havendo assim uma individualização da personalidade. Mattoso centra sua estilística no complemento da gramática e da função expressiva. Diz que, embora não parta de Saussure, a conceituação de estilo nos moldes de Bally é o cerne do problema.

Para Possenti, os problemas dos lingüistas, ao definirem estilo, decorrem da forma como buscam inserir na língua uma função paralela à ideacional para a linguagem. No entanto, esta função está sempre fora do lugar neste tipo de concepção. O problema dos linguistas *stricto sensu*, ao abordarem a questão do estilo, está em sua concepção de língua e de gramática.

O ponto de partida adequado para poder-se pensar a questão do estilo é a admissão da variabilidade dos recursos como constitutiva da língua, conforme os pressupostos assumidos por Granger (1968): o estilo deve ser visto a partir da pluralidade dos códigos.

Possenti retoma a necessidade de se compreender que o discurso é uma atividade, é feito na língua e atua em cada evento circunstancial sobre ela. Ele

finaliza o capítulo com uma citação bastante relevante de Goethe: “o estilo não é (...) nem o particular puro, nem o universal, mas o particular em instância de universalização e o universal que se despe para remeter a uma liberdade singular.” (Goethe apud Possenti, 1993, p.199)

As marcas de autoria, conforme Possenti (2002), são, na verdade, da ordem do discurso e dizem respeito a traços do autor que aparecem num texto e expressam a historicidade dos eventos e das coisas que têm sentido. “Pode-se dizer provavelmente que alguém se torna autor quando assume (sabendo ou não) fundamentalmente duas atitudes: dar voz a outros e manter certa distância.” (Possenti, 2002, p.106)

De acordo com Possenti (2002), os indícios de autoria são revelados quando diversos recursos da língua são agenciados mais ou menos pessoalmente - segundo um critério de gosto. Estes também devem produzir efeitos de autoria, quando agenciados a partir de condicionamentos históricos, pois só na cadeia histórica podem fazer sentido.

Vê-se, portanto, que, para Possenti, a noção de autoria remete à noção de estilo, havendo entre ambas uma complementaridade, revelando-se esta produtiva para a observação, no interior de um texto, da presença do sujeito autor que usa diferentes recursos para marcar sua presença e seu estilo.

É preciso também estabelecer pontos de contato entre autoria, estilo e ensino de gramática, este último visto como parte do processo de produção de um texto em que o sujeito agencia o que sabe, o que já incorporou como seu, ao longo de sua vida, e usa em situações determinadas, visando à produção de determinado efeito de sentido em seu destinatário ou interlocutor.

2.5 Relações entre criatividade e gramática, autoria e estilo e o trabalho do professor

Em texto bastante conhecido, Carlos Franchi (2006) discutiu a relação entre “criatividade e gramática”. O autor analisou situações de ensino de gramática nas escolas, observando que se faz necessário rever a abordagem e os conteúdos considerados para o ensino:

Se identificamos bem os problemas do ensino gramatical, poderíamos resumi-los assim:

- apesar de tudo o que tem sido dito pela linguística e pela pedagogia, mantém-se um viés normativo que não se limita a levar os alunos ao domínio da modalidade culta e escrita (um dos objetivos da escola), mas que constitui um fator importante de discriminação e repressão linguísticas;
- enquanto sistema nocional descritivo, a gramática escolar esconde intuições interessantes sobre a linguagem sob uma capa de definições e um conjunto de critérios que não dão conta dos fatos das línguas naturais;
- enquanto prática escolar, o ensino gramatical se reduz ao exercício de técnicas insatisfatórias de descoberta e de classificação de segmentos de orações;
- em nenhum dos casos se busca responder à questão relevante para qualquer estudo gramatical da linguagem: por que as expressões significam aquilo que significam. (Franchi, 2006, p.79 -80)

Para esta pesquisa, interessa recuperar alguns dos conceitos debatidos por Franchi, articulados à reflexão sobre estilo, autoria, criatividade e gramática, além, é claro, daqueles que dizem respeito à produção de textos conforme os pressupostos de Dollz, Schneuwly, Noverraz e Bronckart.

A revisão de Franchi sobre a noção de criatividade e o reconhecimento de que há criatividade em todo ato lingüístico é essencial, pois a produção de um ato de fala, nos moldes de Franchi, diz respeito à opção por uma forma possível, dentre um feixe de possibilidades de expressão que o sujeito tem a seu dispor. Ele revela e critica uma concepção de gramática praticada nas escolas que em nada contribui para o aspecto criativo da linguagem.

A proposta do autor para o ensino - e que está relacionada aos interesses desta pesquisa - diz respeito a operações que se realizam pela e com a linguagem, por meio da revisão e transformação de textos, de modo que o aluno possa perceber a variedade possível das formas de expressão: as atividades epilinguísticas.

A atividade epilinguística é compreendida como o trabalho reflexivo e de transformação da linguagem escrita, nas atividades de sala, em que se pode observar como se dão as substituições, a ampliação de sintagmas, as transformações de sintagmas nominais em verbais e vice-versa, a alteração da relação entre orações, a troca de conectivos, todos esses processos articulados aos efeitos de sentido que se deseja incorporar ao texto.

Os alunos devem ter contato com diversas variedades linguísticas, conhecê-las e se conscientizar de seu uso, fazendo opções adequadas às diferentes situações de comunicação e de produção do discurso. Buscar transformações para

testar seu efeito no texto produzido resulta em exercitação operacional que permite aperfeiçoar a produção e refinar a linguagem e o estilo. Eis a principal lição de Franchi.

O professor deve, assim, orientar o aluno na busca de diferentes possibilidades de construção de sentido, trabalhando a gramática de forma reflexiva e produtiva, possibilitando ao aluno escolher, testar e selecionar a construção que melhor se adapte às suas necessidades, tendo sempre em vista o seu interlocutor e as finalidades de seu texto.

A contribuição do professor se operacionaliza nas situações em que possibilita ao aluno refletir sobre as diferentes formas de dizer, sobre a consideração das características da situação de produção e sobre as implicações do intertexto (segundo Bronckart) sobre o aluno. Dessa forma, o professor intervém na zona de desenvolvimento do aluno e contribui para a construção de um texto em que sobressaem diferentes formas de organização e emergem marcas de um estilo que propicia o surgimento de um autor que sabe como proceder, para alcançar seu destinatário ou interlocutor.

2.6 Análises das crônicas trabalhadas em classe

As análises que seguem foram feitas com o objetivo de orientar a leitura dos textos iniciais pelos alunos. Procurou-se fazer o levantamento do mundo discursivo, dos tipos discursivos, dos mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos empregados, visando ao mapeamento dos elementos recorrentes que constituem as crônicas. Foram analisadas junto aos alunos quatro crônicas: “Escolha o seu sonho” (Cecília Meireles), “Os que ficam” (Luís Fernando Veríssimo), “O lucro do arrastão” (Carlos Heitor Cony) e “Em defesa das nádegas” (Moacyr Scliar). Outras crônicas como “De que ri a Mona Lisa” (Affonso Romano Sant’Anna), “Entre o jornalismo e o literário” (Carlos Heitor Cony) foram lidas apenas pelo prazer da leitura, sem que a análise fosse aprofundada.

2.6.1 Análise prévia das crônicas

A análise que segue apresenta algumas palavras sublinhadas. Elas são essenciais para guiar o olhar do leitor para os elementos compositivos do texto. Os sublinhados destacam:

- os organizadores textuais, responsáveis por encaixamentos e fusões ao longo do texto;
- os elementos relacionados à coesão verbal e nominal;
- expressões ou orações que são repetidas e revelam a opinião do autor, enfatizam seu ponto de vista e, ao mesmo tempo, descrevem o objeto de que se fala.

2.6.1.1 Escolha o seu sonho

Devíamos poder preparar os nossos sonhos como os artistas, as suas composições. Com a matéria sutil da noite e da nossa alma, devíamos poder construir essas pequenas obras primas incomunicáveis, que, ainda menos que a rosa, duram apenas o instante em que vão sendo sonhadas, e logo se apagam sem outro vestígio que a nossa memória.

Como quem resolve uma viagem, devíamos poder escolher essas excursões sem veículos nem companhia - por mares, grutas, neves, montanhas, e até pelos astros, onde moram desde sempre heróis e deuses de todas as mitologias, e os fabulosos animais do Zodíaco.

Devíamos, à vontade, passear pelas margens do Paraíba, lá onde suas espumas crespas correm com o luar por entre as pedras, ao mesmo tempo cantando e chorando. - Ou habitar uma tarde prateada de Florença, e ir sorrindo para cada estátua dos palácios e das ruas, como quem saúda muitas famílias de mármore... - Ou contemplar nos Açores hortênsias da altura de uma casa, - lagos de duas cores, e cestos de vime nascendo entre fontes, - com águas frias de um lado e, do outro, quentes... - Ou chegar a Ouro Preto e continuar a ouvir aquela menina que estuda piano há duzentos anos, hesitante e invisível - enquanto o cavalo escolhe, de olhos baixos, - o trevo de quatro folhas que vai comer...

Quantos lugares, meu Deus, para essas excursões! Lugares recordados ou apenas imaginados. Campos orientais atravessados por nuvens de pavões. Ruas amarelas de pó, amarelas de sol, onde os camelos de perfil de gôndola estacionam, com seus carros. Avenidas cor-de-rosa, por onde cavaleiros emplumados, de rosa na testa e colar ao pescoço, conduzem leves e elegantes coches policromos...

...E lugares inventados, feitos ao nosso gosto: jardins no meio do mar; pianos brancos que tocam sozinhos; livros que se desarmam, transformados em música...

Oh! Os sonhos do "Poronominare"!... Lembram-se! Sonhos dos nossos índios: rios que vão subindo por cima das ilhas: ...meninos transparentes, que deixam ver a luz do sol do outro lado do corpo... gente com cabeça de pássaro... flechas voando atrás de sombras velozes...moças que se transformam em guaribas... canoas...serras...bandos de beija-flores e

borboletas que trazem mel para a criança que tem fome e a levantam em suas asas...

Devíamos poder sonhar com as criaturas que nunca vimos e gostaríamos de ter visto: Alexandre o Grande; São João Batista; o Rei David, a cantar; o Príncipe Gáutama...

E sonhar com os que amamos e conhecemos, e estão perto ou longe, vivos ou mortos...Sonhar com eles no seu melhor momento, quando foram mais merecedores de amor imortal...

Ah!... – (que gostaria você de sonhar esta noite?)

(Cecília Meireles *in Escolha o seu sonho*)

A organização do conteúdo temático da crônica “Escolha o seu sonho”, de Cecília Meireles, apresenta coordenadas conjuntas às da ação de linguagem, pois o conteúdo do texto está relacionado ao mundo discursivo conjunto, próximo ao da interação social. Há marcas no texto que remetem à situação e ao envolvimento do sujeito, ou seja, presença do pronome “nós” e da pergunta feita ao leitor: “Devíamos poder preparar os nossos sonhos, (que gostaria você de sonhar esta noite?)”.

A relação com os parâmetros da ação de linguagem (implicação da situação material) revela que a ação de descrever está apoiada no eixo do expor, próprio do discurso interativo. A presença de segmentos como: “nossos sonhos”; “devíamos” expressam a disposição do enunciador em assumir uma posição e revelam seu engajamento.

Para fazer a descrição do plano geral do texto, é necessário, conforme Bronckart, fazer um resumo do plano geral e sua relação com o tipo de discurso. O discurso foi organizado a partir do mundo do expor, por meio de meio de esquematizações, encontradas nos discursos mistos. A esquematização é acompanhada de seqüências descritivas, que, no caso dessa crônica, oferecem ao leitor um quadro bastante abrangente das possibilidades do sonhar/ler. As seqüências descritivas apoiam seqüências argumentativas ou explicativas, neste tipo de discurso.

Trata-se de uma crônica elaborada em primeira pessoa do plural, abordando diferentes modos de sonhar, um deles decorrente da aproximação entre o sonho e a leitura. O universo do sonho é instaurado pelo emprego da perífrase verbal “devíamos poder”, com a finalidade de marcar o caráter fictício e deôntico do que é dito, instaura, ao mesmo tempo, uma certa leveza, atenuação do peso, da necessidade de que isso venha a ocorrer.

O texto é marcado pela firme convicção de que o ser humano, para viver melhor, necessita sonhar/ler (viajar), exercitar a imaginação, iludir-se, supor-se em lugares sonhados ou imaginados, projetar, planejar e dar asas à criatividade. O agente-produtor sugere que uma das maneiras de se conseguir esse treino imaginativo seria o constante exercício da leitura e do sonho.

Nesse sentido, conduz o leitor por um caminho em que a leitura é exercida por meio da contemplação de paisagens, de esculturas, do contato com o pensamento de autores da literatura universal, da mitologia, de lendas indígenas, de personagens da História Universal.

A crônica propõe: você tem condições de sonhar com o que quiser: *escolha o seu sonho*, escolha sua leitura, escolha sua forma de imaginar e sonhar. Essa proposição permite aproximar a atitude sonhadora – parte de um processo imaginativo-construtor do ser humano – da atividade de leitura. Torna-se *sonho* o termo metafórico que sugere a relação entre a atividade de sonhar e a de ler/viver. Metáfora cujo único elemento presente é o termo metafórico, segundo Martins (1997), uma metáfora em ausência ou metáfora pura, cujo sentido pode ser apreendido pela observação do contexto e do cotexto.

Dessa forma, a crônica desenvolve-se num processo de gradual conquista do leitor, usando para isso diferentes estratégias: a repetição, a enumeração, o caráter valorativo da passagem, a organização sintática dos parágrafos, a qual emprega orações subordinadas que exprimem juízos avaliativos sobre os seres a que se referem, ressaltando neles atributos que os identificam com um universo diferenciado.

Devíamos, à vontade, passear pelas margens do Paraíba, lá onde suas espumas crespas correm com o luar por entre as pedras, ao mesmo tempo cantando e chorando. - Ou habitar uma tarde prateada de Florença, e ir sorrindo para cada estátua dos palácios e das ruas, como quem saúda muitas famílias de mármore... - Ou contemplar nos Açores hortênsias da altura de uma casa, - lagos de duas cores, e cestos de vime nascendo entre fontes, - com águas frias de um lado e, do outro, quentes...

As orações adverbiais comparativas e as orações adjetivas restritivas ajudam a compor o quadro descritivo do texto e propõem uma reflexão sobre a importância do instante, primeira condição da contemplação – relacionada à instância do sonho.

Como quem resolve uma viagem, devíamos poder escolher essas excursões sem veículos nem companhia - por mares, grutas, neves, montanhas, e até pelos astros, onde moram desde sempre heróis e deuses de todas as mitologias, e os fabulosos animais do Zodíaco.

A consciência da brevidade da vida, da rápida passagem das coisas é tema recorrente na obra ceciliana. Relacionado a essa temática, o primeiro parágrafo sugere duas categorias de relação: o sonho comparado, inicialmente, a uma obra prima; e, em segundo lugar, à rosa, imagens evocadoras de aspectos que se opõem. A obra prima é algo duradouro, que permanece ao longo do tempo, sempre vista e revista pelas gerações seguintes, enquanto a rosa traduz concreta e imagetivamente a representação da transitoriedade, do passageiro, do efêmero, deixando-nos impotentes diante daquilo que, ao mesmo tempo, nos encanta e nos escapa. A rosa é tema encontrado na obra poética de Cecília, quer remetendo à beleza feminina, quer retomando a tradição renascentista que apontava na rosa o símbolo da juventude efêmera como fase da vida em que o amor deve ser vivido e compartilhado.

De certo modo, tudo o que possui vida é passageiro, a questão consiste em relativizar o tempo, no momento da reflexão. Nesse sentido, o sonho é metáfora construída a partir da relação entre dois substantivos termo A sonho = termo B1 obras primas comunicáveis e termo B2 que duram apenas um instante. Entre os termos B1 e B2, o paralelo aponta encontros e desencontros nos traços que os caracterizam: tanto a rosa quanto a obra prima apresentam em comum a beleza e a elaboração (a primeira, pela natureza; a segunda, pelo artista); mas a primeira é efêmera, sua beleza, seu perfume e sua maciez duram pouco, enquanto a outra tem condições de ser perpetuada através do tempo.

Desse modo, desde o início, o sonho / a leitura / a viagem por meio da imaginação surgem marcados pela ambigüidade, graças à mescla entre o efêmero e o perene.

A forma verbal “devíamos” em primeira pessoa do plural, torna perceptível a presença do locutor e de um ou mais interlocutores/destinatários no enunciado, ou seja, um eu e um tu inscritos em um nós, idéia reforçada pela presença do pronome possessivo “nossos” acompanhando “sonhos” e retomado no final do parágrafo pelo pronome possessivo “nossa”. A presença implícita do pronome dêitico “nós” permite identificar a pessoa do discurso e associá-la à instância da enunciação na figura do

enunciador que representa a pessoa de cujo ponto de vista são apresentados os acontecimentos. Desse modo, sugere-se estarem locutor e enunciador considerados como equivalentes, ou seja, identificados com a autora empírica, pois as marcas deixadas permitem reconhecê-la.

O sujeito encontra-se emocionalmente implicado, pois registra sua marca no enunciado e se posiciona em relação a ele, como se verifica na sequência: “Com a matéria sutil da noite e da nossa alma”. O adjetivo “sutil + da noite e da nossa alma”, caracterizadores do substantivo *matéria*, acrescentam ao enunciado uma avaliação subjetiva sobre o conteúdo veiculado no discurso. Para o sujeito da enunciação, supõe-se haver uma correlação entre os substantivos *noite* e *alma*, imagens que evocam o mistério, o tempo e os desejos escondidos no homem e pelo homem, na alma do homem.

Ainda no primeiro parágrafo, o locutor descreve ações e estados de coisas que são atribuídos simultaneamente ao mundo real e a mundos possíveis, paralelos, criados pelo poder da imaginação. Esses mundos ficam evidentes nos verbos empregados: poder e dever que são auxiliares modais encontrados na sequência: verbo + auxiliar no infinitivo + verbo infinitivo. A locução e os advérbios *ainda menos*, *apenas* e *logo* presentes na sequência são modalizadores também, que acentuam a indicação de avaliação quantitativa: ... *ainda menos que a rosa, duram apenas o instante em que vão sendo sonhadas, e logo se apagam...*

A sequência imperfeito + verbo no infinitivo: *devíamos poder* é repetida quatro vezes ao longo do texto. Além do exemplo já comentado, a reiteração ocorre no segundo, terceiro e sétimo parágrafos. Essa repetição paralelística confere ritmo ao discurso e enfatiza o conteúdo proposicional inicial, acentuando por efeito cumulativo os sentidos construídos na crônica e, ao mesmo tempo, garantindo a progressão temática. No segundo parágrafo, há seqüências encaixadas, que têm a função de complementar o que é dito, tem-se a subordinação empregada. Nesse parágrafo, apresenta um número menor de orações, ralentando o ritmo do texto. Ocorre na seqüência uma inversão: a oração principal é deslocada da posição inicial para uma posição medial. A subordinada adverbial comparativa inicia o parágrafo, topicalizando e enfatizando a idéia do viajar, provocando um efeito de valorização da circunstancialidade. Essa inversão acrescenta e acentua na seqüência um efeito de ritmo, provocado pela constante repetição de vogais nasais – que sugerem movimento – e de aliterações de/s/, presentes na enumeração de substantivos que

sugerem a expansão do movimento rítmico: “Como quem resolve uma viagem, devíamos poder escolher essas excursões sem veículos nem companhia - por maress, grutass, nevess, montanhass, e até peloss astross, onde moram desde sempre heróiss e deusess de todas as mitologiass, e os fabulosos animaiss do Zodíaco.”

A viagem pelo sonho, pela leitura, pode ser feita através de *mares, grutas, neves, montanhas*. Dispostos em seqüência, o conjunto de elementos enumerados consistem em recurso constante na poética ceciliana, configurando a realidade física apreendida e descrita como algo a ser contemplado nos sonhos – sonhados, vividos ou lidos. Esses elementos da natureza remetem o leitor a uma dimensão diferenciada, apreendida pela leitura, pela contemplação e pelos sentidos. Desse modo, o leitor é conduzido e convidado a entrar em um novo universo que o levará por diversos lugares *e até pelos astros*. Na seqüência: *e até pelos astros*, há a presença do operador *até* que, segundo Koch (2001), assinala o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão, deixando subentendida a existência de uma escala com outros argumentos. O argumento mais convincente é o que sugere a relação entre viagem e leitura, encontrado nessa passagem pela referência aos heróis míticos e deuses: “onde moram desde sempre heróis e deuses de todas as mitologias, e os fabulosos animais do Zodíaco”.

Há, na seqüência do segundo parágrafo, a reunião de elementos fluidos mares/neves e sólidos grutas/ montanhas combinados numa seqüência que os alterna: “mares, grutas, neves, montanhas”. Esta combinação sugere um efeito de diluição da concretude dos objetos, apreensível na imagem da imensidão do mar e da brancura da neve, transformadas em algo etéreo. A excursão por grutas e montanhas indica um movimento que implica o distanciamento dos problemas diários. O viajante se submete às agruras e encantos do caminho para chegar a locais em que as paisagens naturais se misturam a elementos misteriosos, míticos e imaginários.

O terceiro parágrafo diferencia-se dos demais, pela presença significativa da coordenação, prevalecendo quantitativamente sobre a subordinação, diferentemente dos parágrafos precedentes. O primeiro inicia pela oração principal, introduzida pela perífrase verbal “devíamos passear”, intercalada pela locução adverbial “à vontade”, seguida de uma subordinada adjetiva, e duas reduzidas de gerúndio. Na oração principal, a locução “à vontade” foi encaixada, colocando em evidência o desejo da cronista de que o passeio possa ser o resultado de uma escolha individual, feita

com liberdade. Na seqüência, foi empregada a oração adjetiva introduzida pelo advérbio “lá” que remete a lugar de sonho, às margens do Paraíba, uma paisagem branca que se assemelha a um tapete de neve, de nuvem, de espumas: “ lá onde suas espumas crespas correm com o luar por entre as pedras, ao mesmo tempo cantando e chorando.”

As imagens são poéticas, assim, na crônica, o poético decorre dos diferentes recursos expressivos elencados e combinados, num texto cuidadosamente elaborado, recorrendo a sinédoques (às margens do Paraíba), sinestésias (espumas crespas), e prosopopéias (espumas crespas correm com o luar por entre as pedras), além de aliterações de /r/, /s/, assonância de /a/ e a presença de vogais nasais /ã/, / ~e/ que imprimem ritmo cadenciado à seqüência: “passear pelas margens do Paraíba, lá onde suas espumas crespas correm com o luar por entre as pedras, ao mesmo tempo cantando e chorando...”

No primeiro período do quarto parágrafo, observa-se a presença da apóstrofe, que revela um movimento da cronista em direção a seu interlocutor, falando-lhe como se estivesse presente. A cronista oferece um cenário, uma pintura ao leitor/ouvinte que pode ser recuperada pela seqüência que se apresenta. A diversidade de lugares para as excursões é apresentada de modo muito enfático, revelando o entusiasmo daquela que vê no viajar uma forma criar, inventar. A ausência de verbos em oração principal cria um efeito de estaticidade e suspensão do tempo, marcado por aliterações e assonâncias: “Quantos lugares, meu Deus, para essas excursões! Lugares recordados ou apenas imaginados. Campos orientais atravessados por nuvens de pavões. Ruas amarelas de pó, amarelas de sol, onde os camelos de perfil de gôndola estacionam, com seus carros. Avenidas cor-de-rosa, por onde cavalinhos emplumados, de rosa na testa e colar ao pescoço, conduzem leves e elegantes coches policromos...”

No sexto parágrafo, a cronista dirige-se a seus interlocutores no mesmo tom dos parágrafos anteriores, convidando-os a viajar pelo universo das lendas indígenas do Brasil: “Oh! os sonhos do Poronominare!... Lembram-se?”. A referência às lendas reforça, no conjunto do texto, o encaminhamento para a questão da leitura, elemento essencial para a formação do homem, para a construção de seu conhecimento e de sua cultura, manifestada nos mais diferentes tipos de textos e tradições. Segundo Cascudo (1984), não há lendas inúteis ou desinteressadas, elas servem ou doam alguma coisa, material ou abstrata,

apresentam experiências de vida, são indutoras de reflexões, passam ensinamentos para aqueles que as lêem, assim como faz esta crônica ao oferecer ao leitor e ouvinte a oportunidade de ler e ouvir sobre. Há, portanto, na citação feita às lendas uma indicação de que a viagem pela leitura seria feita num sentido amplo, validando todas as formas de legado cultural. Cecília Meireles manteve-se sempre interessada pela cultura popular nacional e açoriana, desenvolvendo algumas pesquisas a esse respeito, publicadas em 1968 sob o título: *Notas de folclore gaúcho-açoriano*. Ela participou da Comissão Nacional do Folclore, do I Congresso Nacional de Folclore, em 1951, no Rio Grande do Sul. O contato com lendas, mitos, crenças populares e com a literatura de modo geral deu-se na vida da autora muito cedo, o que lhe permitiu uma vivência enriquecida pela combinação harmoniosa de realidades e de sonhos.

O nono parágrafo se condensa visual, sintática, sonora e semanticamente: - *Ah!... (que você gostaria de sonhar esta noite?)* Ele é introduzido pelo travessão e pela interjeição *Ah!* que explicita o diálogo que desde o início do texto se manifesta, talvez uma fala da cronista dirigida ao leitor, talvez o retorno da mesma voz que já havia se pronunciado no parágrafo sexto. Observem-se sinais gráficos: uso de travessão e parênteses. Note-se também a presença de reticências após a interjeição, provocando uma pausa e sugerindo o intervalo para a interferência de outra voz. Essa voz dirige-se a seus interlocutores reiterando os sentidos propostos desde o início da crônica: - *(que você gostaria de sonhar/ler esta noite?)*.

A relação entre o sonho e a leitura é, portanto, construída pela constante reiteração da idéia de viajar, enquanto exercício da individualidade, da possibilidade de escolha pessoal. A cronista aponta diversas possibilidades de viagem: viagem como forma de criação artística, viagem pela imaginação, viagem pelas diversas culturas, viagem pelo contato com a história de nossos ancestrais, viagem no tempo, viagem por lugares *recordados* e *imaginados*. O sonho se configura como uma tentativa de recompor a realidade, como uma forma de equilibrar o que está desequilibrado, como também o é a leitura, passaporte para a viagem, viagem que se dá pela linguagem cuja simplicidade aparente induz o leitor à reflexão. Os sentidos vão sendo construídos a partir do exercício individual expresso pela escolha das formas verbais e substantivos repetidos que introduzem os parágrafos, na mesma posição e por duas vezes em posição alternada, sugerindo visualmente a própria possibilidade de escolha (disposição gráfica no papel). Desse modo, a

escolha sintática é essencial porque realça os elementos descritos, colabora na construção da coesão e da coerência e permite a concretização da leitura. As frases nominais empregadas ao longo do texto indicam de maneira incisiva e sucinta os elementos essenciais do quadro descritivo. Em todos os parágrafos ocorre o paralelismo sintático e a repetição de estruturas sintáticas semelhantes, elementos de grande importância na construção dos significados. O paralelismo, as repetições e as elipses constroem o ritmo poético da crônica, acentuado pelas aliterações e assonâncias largamente presentes. A pontuação também contribui, marcadamente, por meio das reticências nos parágrafos três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove para a manifestação do ritmo.

Fica evidente nesta análise que as marcas da autora estão presentes no texto pelas escolhas realizadas: tipo de discurso, léxico empregado, paralelismos, recursos sonoros, dentre outros. A poetisa-cronista dá vida ao seu projeto discursivo quando dialoga com o leitor, insere outras vozes em seu texto, manifesta sua opinião – revela seu estilo.

2.6.1.2 Os que ficam

OS QUE FICAM

(...)Praia é uma república em que todos são iguais perante o Sol. Nenhuma democracia social é tão adiantada quanto a praia, onde as raças não apenas convivem como fazem tudo para se tornarem iguais. Suam, literalmente, para diminuir suas diferenças. Os brancos tentam ficar marrons, embora às vezes só fiquem vermelhos, os marrons ficam pretos e os pretos já estão prontos. A praia também é a democracia econômica com que tantos sonham. É difícil distinguir o rico do pobre sem roupa. Muitas vezes a única diferença entre o biquini de uma granfina e o biquini de uma suburbana é a etiqueta, e você não pode ficar pedindo para ver a etiqueta da moça. Mesmo que, muitas vezes, o biquini seja só a etiqueta.

A não ser no detalhe - uma barriga mais próspera, um par de óculos escuros obviamente mais caro - não há como ostentar riqueza na praia. Não existem guarda-sóis-mansões e guarda-sóis populares, ou sombra de luxo e sombra conjugada. E o mesmo isopor que traz o champanha traz a farofa. Na praia todo mundo é posseiro e ninguém é proprietário, e não há conflitos territoriais. A não ser os causados por boladas do frescobol, que são resolvidos no grito.

Na praia só há uma distinção de classes, e esta independe de dinheiro e posição social: a distinção entre os mais bonitos e os menos bonitos. Mas os privilegiados da praia são generosos com a sua beleza, geralmente os que mais possuem são os que mais esbanjam, e todos em volta têm acesso - pelo menos visual - ao seu patrimônio. A elite da praia são as mulheres bonitas. Elas têm aquela empáfia, aquela certeza de que merecem tudo que Deus lhes deu, que caracteriza todas as elites. Mas diferentes de outras aristocracias, não guardam seus tesouros longe dos menos favorecidos. Não os depositam em contas na Suíça nem deixam para desfrutá-los apenas em ambientes exclusivos, na presença de outros

privilegiados. Quanto mais têm, mais mostram. As mulheres bonitas da praia são pioneiras nesta obra de grande alcance social que é a distribuição de encantos. Todos os avanços - que no caso são recuos - na moda de praia são motivados, acima de tudo, pela consciência de que sonegar beleza dos olhos dos outros é um egoísmo tão grave quanto seria sonegar a paisagem. As mulheres bonitas, cedendo partes cada vez maiores do seu corpo aos olhos de todos na praia, dão lições diárias de desprendimento democrático. Ainda atingirão a democracia plena, não usando nem uma etiqueta.

Gosto, sim, de praia. Talvez até fique numa uns quatro dias, algum dia.
(Veríssimo, Luís Fernando)

A crônica “Os que ficam” foi organizada em quatro parágrafos que desenvolvem um raciocínio que estabelece relações comparativas entre a praia e uma democracia econômica: igualdade e desigualdade são mostradas de forma irônica e bem-humorada, além das motivações subjetivas do produtor do texto para permanecer ou não, na praia. Para isso, ele representa a praia como uma república democrática, recorrendo ao emprego de palavras que pertencem ao universo da política, aproveitando a oportunidade para estabelecer comparações entre a praia – “uma república democrática”, e “uma democracia econômica”, opondo-as por meio de expressões que remetem ao mundo dos ricos e da população menos favorecida – esta que também faz parte da república e deveria ter os mesmos direitos da aristocracia, mas não tem acesso a eles. A igualdade, neste caso, somente se dá no âmbito da vestimenta: mínima em ambos os casos.

O mundo discursivo construído é conjunto, próximo ao da interação social, organização que evidencia a presença do produtor do texto e de seu posicionamento, sempre permeado pela ironia, pelo tom jocoso ao longo de todo o texto: *Gosto, sim, de praia. Talvez até fique numa*, revelando assim, explicitamente, no último parágrafo, sua situação de implicação.

A praia também é a democracia econômica com que tantos sonham. É difícil distinguir o rico do pobre sem roupa. Muitas vezes a única diferença entre o biquini de uma granfina e o biquini de uma suburbana é a etiqueta, e você não pode ficar pedindo para ver a etiqueta da moça. Mesmo que, muitas vezes, o biquini seja só a etiqueta.

As sequências do texto apresentam-se misturadas, encaixadas umas nas outras: são descritivas-explicativas-argumentativas, pertencem ao eixo do expor, caracterizando-se assim como discurso misto. Esse tipo de organização permite ao produtor expor o que pensa, analisar e interpretar fatos de uma realidade, usando para isso uma organização diferenciada que ilustra o estilo do gênero crônica.

O raciocínio é comparativo, visando à produção da reflexão, da observação, convocando o leitor, o interlocutor a pensar sobre as semelhanças e as diferenças, sobre os aspectos pitorescos da praia e os de uma democracia.

A praia é um lugar que normalmente não suscita qualquer reflexão no leitor, o cronista ao expor seu ponto de vista sobre esse lugar – a república-praia e a democracia econômica mostra criatividade e criticidade, pois a crônica não deixa de estabelecer sua ligação com fatos que afetam a todos que vivem neste país: a praia é do povo, pertence a todos, sem distinção; mas também pertence a alguns que têm acesso a tudo. Sendo assim, ele tem o cuidado de combinar as sequências de modo a produzir esse efeito: “Muitas vezes a única diferença entre o biquini de uma granfina e o biquini de uma suburbana é a etiqueta, e você não pode ficar pedindo para ver a etiqueta da moça. Mesmo que, muitas vezes, o biquini seja só a etiqueta”. Observa-se neste trecho uma sequência de orações coordenadas e subordinadas. Estas últimas expressam relações de dependência construídas pelo uso de nexos subordinativos próprios do discurso do expor: relações de finalidade (“para ver ...” e de concessão (“mesmo que...”) que sustentam a argumentação desenvolvida e que, na crônica, produzem o efeito de ironia – particularmente a subordinada concessiva.

As sequências são formadas por conjuntos de períodos mistos: subordinados e coordenados. As orações coordenadas aditivas e alternativas têm a função de ligar os conjuntos de frases que formam as sequências, sendo empregadas, no caso desta crônica, quando o cronista deseja enumerar os atributos do objeto-alvo de sua descrição, para comentá-lo em seguida e expor o que pensa a seu respeito, empregando as coordenadas adversativas e subordinadas adjetivas. As adjetivas são encaixadas na sequência, visando também à composição do quadro descritivo-explicativo-argumentativo, acrescentando-lhes, ainda, humor e ironia - típicos da crônica e, neste caso, do estilo do cronista Luís F. Veríssimo, marca de autoria. Esse tipo de organização ilustra as características do gênero e de seu funcionamento.

Não existem guarda-sóis-mansões e guarda-sóis populares, ou sombra de luxo e sombra conjugada. E o mesmo isopor que traz o champanha traz a farofa. Na praia todo mundo é posseiro e ninguém é proprietário, e não há conflitos territoriais. A não ser os causados por boladas do frescobol, que são resolvidos no grito.

Por meio desse tipo de organização, o autor introduz no texto novas sequências que contribuem para a construção da coerência e da continuidade temática.

Na sequência do texto, verifica-se a presença de coordenadas adversativas que mantêm relação com o discurso do expor e desvendam a opinião do cronista, ao dirigir o olhar do leitor para a direção que deseja enfatizar. As orações adversativas cumprem o papel de mudar a orientação de leitura do parágrafo, inserindo uma voz diferente da voz do segmento anterior.

Na praia só há uma distinção de classes, e esta independe de dinheiro e posição social: a distinção entre os mais bonitos e os menos bonitos. Mas os privilegiados da praia são generosos com a sua beleza, geralmente os que mais possuem são os que mais esbanjam, e todos em volta têm acesso - pelo menos visual - ao seu patrimônio.

Nesse fragmento, ele insere na sequência um novo aspecto que é alvo de seu olhar: uma inusitada distinção de classes pela via da aparência. A diferenciação é dada pelo contraste entre feios e bonitos, mostrada pela beleza das mulheres da praia. Para ele, as mulheres são exemplos de desprendimento democrático, que chegarão ao auge da democracia quando não mais usarem nenhuma roupa. Opinião em tom de brincadeira, impregnada de muita ironia, que expressa uma visão masculina da questão – vozes sociais inseridas que se juntam a do produtor. Isso fica evidente no uso que ele faz de alguns substantivos, adjetivos e verbos.

A elite da praia são as mulheres bonitas. Elas têm aquela empáfia, aquela certeza de que merecem tudo que Deus lhes deu, que caracteriza todas as elites. Mas diferentes de outras aristocracias, não guardam seus tesouros longe dos menos favorecidos. Não os depositam em contas na Suíça nem deixam para desfrutá-los apenas em ambientes exclusivos, na presença de outros privilegiados. Quanto mais têm, mais mostram.

Os verbos do texto são empregados na 3ª. pessoa do singular ou do plural, do presente do Indicativo, tempo usado, conforme já se disse, nas sequências descritivas e explicativas do discurso do mundo do expor. Esses verbos retratam os elementos observados como fotos, imagens captadas pelo olhar crítico do cronista que vão sendo ordenadas quadro a quadro, dando a “ver” a quem lê e a impressão de se estar ouvindo-o falar – isso se deve à mescla de afirmação e comentário, e também à construção que mistura orações subordinadas substantivas, adverbiais e adjetivas, compondo o quadro que opina, descreve, revela.

As mulheres bonitas da praia são pioneiras nesta obra de grande alcance social que é a distribuição de encantos. Todos os avanços - que no caso são recuos - na moda de praia são motivados, acima de tudo, pela consciência de que sonegar beleza dos olhos dos outros é um egoísmo tão grave quanto seria sonegar a paisagem.

O processo de produção deixa suas marcas no tipo de sequência, na variante empregada, na opinião e posição defendida. Reitera o intuito do produtor: mostrar, criticar, fazer refletir.

A opinião é expressa pela adjetivação e pelas formas verbais empregadas que são usadas com finalidade diversa, ou seja, as palavras são empregadas com sentido novo, o que revela escolhas de um sujeito criativo, de um estilo, de um autor.

A coesão verbal do texto é construída pelas combinações entre presente, pretérito perfeito e locuções verbais que remetem ao quadro descritivo-explicativo-argumentativo criado, verbos que compõem o mundo criado pelo cronista e expressam sua relação com o discurso misto, do mundo do expor: um modo de organização que reflete a marca de seu estilo, de sua autoria - fruto de seu projeto discursivo.

2.6.1.3 O lucro do arrastão

A leitura da crônica que segue possibilita ao aluno a recuperação de dados e notícias do momento em que ocorreu o fato de que trata “O lucro do arrastão”. É preciso esclarecer que os textos foram dispostos na mesma página para

apresentação aos alunos, visando a oferecer-lhes uma visão da página e dos recursos usados nos dois textos: recursos verbais e não verbais. Por meio da observação desse conjunto e desses detalhes, é possível estabelecer relações entre o conteúdo temático e as características dos dois textos, um do gênero notícia e outro do gênero crônica. A disposição em conjunto tem o objetivo de ressaltar a presença dos elementos do gênero notícia presentes na crônica e tornar evidente para o aluno, o diálogo nos textos e entre os textos. Assim sendo, o aluno é levado a observar como um texto retoma o outro.

ASSUNTO DA SEMANA- O LEITOR NO GLOBO

"À luz do dia e no Leblon. O que falta mais?", manchete de quarta-feira, foi a que mais repercutiu junto aos leitores: foi citada por 76,7% como a mais importante. A notícia sobre o arrastão na Praia do Leblon, cujas imagens foram gravadas por um cinegrafista amador, teve o percentual mais alto da semana. Nas imagens, mais de 20 jovens atacam banhistas indefesos. Dois PMs, no local, não prendem ninguém.

A seqüência de fotos sobre a gangue que atacou turistas na Praia do Leblon foi a que mais chamou atenção dos leitores: 78,7% dos entrevistados classificaram as fotos como as mais importantes.

O Globo 04/10/2004-p2 A íntegra da Pesquisa com os Leitores está no GLOBO Online em www.oglobo.com.br/painel

O lucro do arrastão

CARLOS HEITOR CONY

RIO DE JANEIRO - Não tenho certeza do ano, mas do fato. Em 1992, na semana que antecedeu a eleição municipal aqui do Rio, ocorreu o primeiro arrastão no Arpoador e em Ipanema. Um domingo de sol. Desde cedo, equipes da TV se postaram no local, duas no calçadão, uma na própria areia. Seria mais uma reportagem sobre o início do verão carioca - foi o que me informaram.

Eu levava Mila e Titi para o único banho de mar permitido pelas manhãs aos cães, na praia do Diabo. Ali pelo meio-dia, a empregada, esbaforida, pediu que eu ligasse a TV. Vi o arrastão enorme, bem maior do que o mais recente, na semana passada. Eram uns 30, 40 homens, desarmados inaugurando um tipo de horror que não chegou a fazer vítimas nem danos consideráveis. O bando não tinha intenção de roubar, apenas assustar e aparecer na TV ali postada.

A candidata do PT, que liderava as pesquisas para prefeito, ainda não havia sofrido o desgaste posterior de seus tempos de Governadora. Estava com

37 ou 38 por cento de preferência do eleitorado. Caiu para uns 17 - se não estou enganado. Não foi eleita.

Sabia-se que um grupo ultra-reacionário estava disposto a fazer qualquer coisa para impedir que uma negra, moradora do morro, governasse uma cidade como o Rio, sala de visita e cartão postal do Brasil.

Mais tarde, houve outras tentativas de arrastão, sempre em vésperas de eleição. O estrago na imagem do Rio e do país é enorme e irrecuperável. Mas parece que o recurso foi absorvido como prática.

O lucro do assalto praticado nas areias da zona sul em forma de arrastão é ridículo. Ninguém leva valores para a praia, leva talvez um celular, uns trocados para a água-de-côco, nenhuma bijuteria, o relógio mais vagabundo de cada um. Qualquer lanchonete, ali pelo meio-dia, oferece mais dinheiro e mercadoria. E os bandidos sabem disso.

Folha de S.Paulo 04/10/2004-caderno A2

A crônica “O lucro do arrastão” faz referência direta ao fato noticioso que serve de ponto de partida para sua produção: o arrastão – fato que suscita no cronista a necessidade de trazer à tona um acontecimento recorrente - é preciso refrescar a lembrança do leitor e observar o recurso utilizado por aqueles que mantêm interesses não muito nobres.

O conteúdo do texto é abordado em um mundo discursivo que mistura a conjunção e a disjunção, pois há no texto marcas de afastamento e proximidade, marcas de interação social, que evidenciam a presença do produtor e de seu posicionamento: “ RIO DE JANEIRO - Não tenho certeza do ano, mas do fato,” dados que confirmam sua relação com a situação descrita e sua implicação, o que caracteriza esse segmento com o discurso misto. Os dados que remetem à disjunção são observáveis em momentos pontuais em que há relato interativo, que, segundo Bronckart, caracteriza a disjunção: “Em 1992, na semana que antecedeu a eleição municipal aqui do Rio, ocorreu o primeiro arrastão no Arpoador e em Ipanema...”, a referência temporal empregada no início revela ligação com o relato interativo que emprega recursos do mundo do narrar.

São seis parágrafos que apresentam o fato que desencadeou a produção da crônica: o arrastão, suas implicações e consequências. Ao longo do texto, o cronista insere sequências narrativas, expositivas e descritivas que permitem que ele organize seu texto de forma a concretizar seu intuito, o seu querer-dizer.

RIO DE JANEIRO - Não tenho certeza do ano, mas do fato. Em 1992, na semana que antecedeu a eleição municipal aqui do Rio, ocorreu o primeiro arrastão no Arpoador e em Ipanema. Um domingo de sol. Desde cedo,

equipes da TV se postaram no local, duas no calçadão, uma na própria areia. Seria mais uma reportagem sobre o início do verão carioca - foi o que me informaram.

A crônica faz referência a um fato que se transformou em manchete de jornal num dado período da história política do Brasil e serve como estratégia para retomar o assunto e desencadear o comentário crítico e irônico do cronista. Para isso, ele emprega verbos do passado, ou seja, do pretérito perfeito, mais-que-perfeito e imperfeito, para relatar o que ocorreu no Rio de Janeiro. O cronista, ao empregar esses tipos de sequências, faz referência a fatos e também os ilustra, pois o leitor por meio das sequências descritivas recupera os dados da cena. Essa forma de organização do texto revela criticamente o que ocorreu e ainda ocorre no país, esse recurso possibilita ao leitor recuperar dados de que já não dispõe ou dos se esqueceu, revelando assim a preocupação de trazê-los de volta ao leitor e compartilhar com ele sua indignação. Indignação que talvez tenha passado despercebida ao leitor desatento, pois o fato noticioso não relatou, por exemplo, a presença da emissora de TV, desde cedo, nas areias da praia, a aguardar o que estava “programado para acontecer” – dado apresentado tão somente na crônica. Os fatos são apresentados e comentados em sequência cronológica.

A sequência inicial é mista: sequência explicativa na qual é encaixada uma sequência narrativa e descritiva:

Eu levava Mila e Titi para o único banho de mar permitido pelas manhãs aos cães, na praia do Diabo. Ali pelo meio-dia, a empregada, esbaforida, pediu que eu ligasse a TV. Vi o arrastão enorme, bem maior do que o mais recente, na semana passada. Eram uns 30, 40 homens, desarmados inaugurando um tipo de horror que não chegou a fazer vítimas nem danos consideráveis. O bando não tinha intenção de roubar, apenas assustar e aparecer na TV ali postada. A candidata do PT, que liderava as pesquisas para prefeito, ainda não havia sofrido o desgaste posterior de seus tempos de Governadora. Estava com 37 ou 38 por cento de preferência do eleitorado. Caiu para uns 17 - se não estou enganado. Não foi eleita.

O cronista nas sequências dos três últimos parágrafos relata o que se passara, por isso emprega formas verbais próprias do mundo do narrar.

Os três parágrafos situam o leitor sobre os acontecimentos anteriores que têm relação com os atuais. Por meio de sequências narrativas e descritivas, o autor

constrói o pano de fundo que sustentará o que diz mais a frente, sugerindo que o arrastão poderá provocar os mesmos danos ao candidato do momento.

Sabia-se que um grupo ultra-reacionário estava disposto a fazer qualquer coisa para impedir que uma negra, moradora do morro, governasse uma cidade como o Rio, sala de visita e cartão postal do Brasil.

É preciso observar que o cronista inicia o parágrafo utilizando o verbo saber, sugerindo que alguém tinha conhecimento do interesse de um grupo em prejudicar a candidata, porém o autor não explicita o sujeito do verbo. Trata-se de uma estratégia para provocar o leitor, instigar sua curiosidade e marcar seu enunciado com “pistas”, que revelam sua posição a respeito do que acredita, por isso usa a modalização visando a influenciar o comportamento do leitor.

Mais tarde, houve outras tentativas de arrastão, sempre em vésperas de eleição. O estrago na imagem do Rio e do país é enorme e irrecuperável. Mas parece que o recurso foi absorvido como prática.

No parágrafo seguinte, ele explicita que houveram várias tentativas posteriores de arrastão, asseverando por meio do modalizador “sempre” que essas ocorreram durante eleições.

O período seguinte é iniciado pela conjunção “mas”, inserindo na sequência uma outra voz que se opõe ao posicionamento anterior do autor. O recurso da sugestão se faz presente novamente por meio do uso verbo “saber” e de sujeito indeterminado.

O lucro do assalto praticado nas areias da zona sul em forma de arrastão é ridículo. Ninguém leva valores para a praia, leva talvez um celular, uns trocados para a água-de-côco, nenhuma bijuteria, o relógio mais vagabundo de cada um. Qualquer lanchonete, ali pelo meio-dia, oferece mais dinheiro e mercadoria. E os bandidos sabem disso.

As escolhas lexicais efetuadas (uso de modalizadores epistêmicos - verbos epistêmicos, uso de advérbios e adjetivos) e de tipos de discurso refletem o estilo do autor. No texto estão combinados, portanto, os discursos: interativo e relato

interativo monologado, tipos de discurso considerados adequados à intenção comunicativa e à interação que se estabelece entre autor e leitor. Apresenta o caráter disjunto-implicado, na seqüência narrativa e conjunto-implicado na seqüência do discurso interativo – tipos de discurso que dialogam entre si e que servem à finalidade do texto e do cronista.

Quanto aos organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais), aos nexos coordenativos e subordinativos e às anáforas pronominais associadas a anáforas nominais, observa-se no texto uma quantidade considerável que se refere ao discurso interativo e ao relato interativo monologado, apoiando assim o raciocínio do cronista: lembrar, criticar, denunciar e comentar.

Eu levava Mila e Titi para o único banho de mar permitido pelas manhãs aos cães, na praia do Diabo. Ali pelo meio-dia, a empregada, esbaforida, pediu que eu ligasse a TV. Vi o arrastão enorme, bem maior do que o mais recente, na semana passada.

A estratégia é se colocar no texto, mostrar, confirmar o relato. O relato interativo assemelha-se à narração: usa o pretérito perfeito e o imperfeito, tempo verbal também usado na seqüência descritiva.

A candidata do PT, que liderava as pesquisas para prefeito, ainda não havia sofrido o desgaste posterior de seus tempos de Governadora. Estava com 37 ou 38 por cento de preferência do eleitorado. Caiu para uns 17 - se não estou enganado. Não foi eleita.

O mesmo não ocorre na seqüência explicativa-argumentativa: o fato é exposto e comentado, deixando evidente a opinião do produtor do texto. Na seqüência explicativa-argumentativa, predominam os tempos do presente e do pretérito perfeito: “O estrago na imagem do Rio e do país é enorme e irrecuperável. Mas parece que o recurso foi absorvido como prática.”

É preciso observar que o último parágrafo deixa explícita a opinião do cronista, basta identificar na seqüência construída o emprego dos adjetivos empregados que avaliam a situação e ainda notar a presença da conjunção “mas” que introduz, no parágrafo, a voz que se opõe ao dito e deixa evidente o recurso desonesto usado por muitos.

2.6.1.4 Em defesa das nádegas

A crônica que segue apresenta também a possibilidade de estabelecer relações entre o gênero notícia de jornal e o gênero crônica: quanto ao conteúdo temático, quanto à presença de alguns elementos dispostos em ambos os textos, que os aproximam e os distanciam, além das referências a escritores e movimentos de setores da sociedade. O intertexto está presente: na referência à notícia, a Manuel Bandeira e na forma de organização que remete à receita ou a outro similar, como estatuto, código ou instruções de uso.

Outro elemento relevante para o ensino e que deve ser considerado é o humor construído por meio da sequência injuntiva que impregna toda a crônica. Além desses aspectos deve ser ressaltada a presença do texto não verbal que chama a atenção do leitor e antecipa os sentidos do texto verbal.

Em defesa das nádegas

Para inchar estádios, CBF manda encolher bumbum. Confederação conclui que o padrão internacional é demais para o conforto do torcedor; orienta federações a cortar espaço e dar só 45 cm para “bunda no chão” nas arquibancadas. Folha Esporte, 26. set. 2004.

Durante muito tempo, a expressão “bundão” foi considerada depreciativa no Brasil. Agora sabemos que representará também um transtorno. Num país que sempre valorizou as cadeiras (ao menos nas mulheres) o espaço para assento foi reduzido, ao menos nas arquibancadas dos estádios, lugar antes popular e democrático. Pergunta: o que fazer? Aqui vão algumas sugestões:

1. Proteste. *Proteste, e de forma organizada. Recrute seus amigos bundudos e forme com eles o MDNG, o Movimento de Defesa das Nádegas Grandes. Denunciem o preconceito, característico de uma certa cultura. Lembrem que, para os hotentotes, por exemplo, nádegas opulentas são sinal de saúde. Criem um lema do tipo “As nádegas exigem seu espaço”. Formem piquetes, como na Argentina. Enfim, lutem.*

2. Compre dois ingressos, em vez de um. *Se você não tem disposição para a briga e se seu orçamento permite, arranje espaço adicional. Isto vai lhe valer olhares de inveja e ressentimento, mas você pode ignorá-los: concentre-se na partida.*

3. Arranje um amigo magrinho. *O que sobrar de espaço para ele você ocupa.*

4. Assista ao jogo na posição “plantando bananeira”. *Isto pode ser um pouco difícil no começo, mas a verdade é que, na arquibancada, as mãos ocupam muito menos lugar do que as nádegas. Além disto, assistir à partida de cabeça para baixo proporciona uma visão original – aquela visão que os técnicos brasileiros procuram tão afanosamente.*

5. Tente sentar usando só uma nádega. *Isto pode ser mais fácil na ponta da arquibancada, mas nos outros lugares, desde que você fique semi-reclinado, não é de todo impossível. A coluna vertebral vai sofrer, mas resistência ao sofrimento faz parte do kit de sobrevivência do torcedor brasileiro.*

6. Faça uma lipoaspiração das nádegas. *Não há dúvida de que este procedimento ganhará grande impulso no futuro próximo. É possível prever até a instalação de miniclínicas nos próprios estádios, prontas para atuar em caráter de urgência.*

7. Assista aos jogos em casa. *Lá, como Bandeira em Pasárgada, você é amigo do rei, isto se você não for o próprio rei. Lá, você poderá dizer: “Terei as nádegas que quero/no assento que escolherei.”*

O escritor Moacyr Scliar escreve às segundas-feiras, nesta coluna, um texto de ficção baseada em matérias publicadas no jornal. Segunda-feira, 4 de outubro de 2004 COTIDIANO Folha de S.Paulo

O texto inicia com a inserção do fato noticioso: “Para inchar estádios, CBF manda encolher bumbum” – fato apresentado de forma sugestiva e irônica. O vocabulário empregado reflete as escolhas do cronista: quanto ao léxico, quanto aos tipos de segmento, quanto à variante linguística usada - formal e informal; à organização sintática e diálogo entre gêneros e textos. No caso desta crônica, a organização reflete a intenção do cronista de se aproximar do leitor e chamar sua atenção.

A crônica foi organizada como se fosse um conjunto de regras ou mandamentos para o comportamento dos “gordinhos” nos estádios. Essa organização é feita por meio de uma enumeração em que a ironia se apresenta todo o tempo - a voz do cronista entra em conflito com a voz do opositor.

Em função desse tipo de organização, as sequências são injuntivas, justificando-se assim o uso do imperativo, sugerindo instrução, ordem ou conselho. A progressão da crônica segue a seguinte orientação de ações:

1.^a Protestar: fazer passeatas, movimentos.

O cronista usa também siglas que fazem referência a sindicatos, movimentos de entidades que “lutam” por melhores condições de trabalho, de vida. A combinação é irônica, procurando, de certa forma, ridicularizar essas ações, pois o cronista tem conhecimento de que serão ações inúteis.

- 2.^a Desigualdade social: a sugestão da compra de dois ingressos deixa evidente as diferenças econômicas e sociais.
- 3.^a O hábito de levar vantagem sobre o outro: explora-se a condição do outro – situação de desvantagem em que o outro se encontra.
- 4.^a Proposta absurda: tentativa de ridicularizar algumas tentativas de conduzir as partidas, fazendo uso de “técnicas” não tradicionais.
- 5.^a Ironia ao sofrimento do torcedor.
- 6.^a Ironia à comercialização e ao marketing-oportunismo.
- 7.^a Solução sensata para a situação que se apresenta..

As sugestões dadas revelam o raciocínio do cronista e seu processo criativo. Destaca-se também nesse processo o dialogismo. A interlocução está presente, inicialmente, por meio da convocação do leitor e da pergunta que lhe é dirigida - respondida prontamente pelo cronista.

Durante muito tempo, a expressão "bundão" foi considerada depreciativa no Brasil. Agora sabemos que representará também um transtorno. Num país que sempre valorizou as cadeiras (ao menos nas mulheres) o espaço para assento foi reduzido, ao menos nas arquibancadas dos estádios, lugar antes popular e democrático. Pergunta: o que fazer? Aqui vão algumas sugestões:

A crônica “Em defesa das nádegas” obedece, portanto, a uma organização diversa das anteriores quanto às sequências usadas.

Quanto ao conteúdo do texto, ele é abordado em um mundo discursivo conjunto, próximo ao da interação social, pois há marcas no texto que evidenciam a presença do produtor do texto e de seu interlocutor, dada a presença de perguntas e de sequências injuntivas: “Num país que sempre valorizou as cadeiras (ao menos nas mulheres) o espaço para assento foi reduzido, ao menos nas arquibancadas dos estádios, lugar antes popular e democrático. Pergunta: o que fazer? Aqui vão algumas sugestões: 1. Proteste. Proteste, e de forma organizada (...)”

São nove parágrafos que apresentam sequências explicativas e injuntivas, relacionadas ao eixo do expor, caracterizando-se assim o discurso misto, com predomínio do discurso interativo, dada a intenção do produtor do texto e dos tipos de sequências usadas.

A caracterização da arquitetura textual, proposta por Bronckart, se diferencia da proposta de classificação de Dolz e Schneuwly (2004). Estes relacionam as sequências injuntivas aos gêneros do prescrever - adequados a situações em que se deseja instruir. Essa classificação parte de um critério comunicativo, tem, portanto, relação com os domínios sociais de comunicação e das capacidades de linguagem dominantes.

Diferentemente, Bronckart (1999) privilegia o folhado textual, os tipos de discurso e de sequências usadas associadas ao contexto de produção e sujeitos envolvidos. No caso dessa crônica, no folhado, predominam sequências injuntivas, destinadas a fazer agir. Esse tipo de organização é pouco comum, numa crônica. Normalmente, a sequência injuntiva é encontrada em textos prescritivos⁴, os quais apresentam a função de regular comportamentos ou descrever ações. No caso da crônica em questão, sugere medidas a serem tomadas pelos interlocutores, possivelmente os torcedores e frequentadores usuais de estádios de futebol.

Três parágrafos da crônica fazem referência a assuntos polêmicos: redução do assento X gordura (excesso de peso) e modismo das cirurgias plásticas:

3. Arranje um amigo magrinho. *O que sobrar de espaço para ele você ocupa.*

5. Tente sentar usando só uma nádega. *Isto pode ser mais fácil na ponta da arquibancada, mas nos outros lugares, desde que você fique semi-reclinado, não é de todo impossível. A coluna vertebral vai sofrer, mas resistência ao sofrimento faz parte do kit de sobrevivência do torcedor brasileiro.*

6. Faça uma lipoaspiração das nádegas. *Não há dúvida de que este procedimento ganhará grande impulso no futuro próximo. É possível prever até a instalação de miniclínicas nos próprios estádios, prontas para atuar em caráter de urgência.*

A organização é criativa: há um jogo de linguagem construído por meio da combinação de sequência injuntiva + sequência explicativo-argumentativa que proporciona reflexão e riso, pois o comentário colocado na sequência é crítico e divertido. Duas vozes confrontam-se nessas sequências: a do cronista e a voz social que representa os interesses e valores da época.

⁴ Classificação encontrada em Dolz, Schneuwly e Noverraz (2004, p.121).

Como estratégia usada para finalizar o texto, o autor acrescenta novo item à enumeração. É introduzida a referência final que fecha o conjunto.

O cronista introduz na crônica, o poeta Manuel Bandeira de forma bastante sugestiva e enfática. Ele apresenta uma solução divertida, crítica e “contundente”, pois vai de encontro à medida da CBF: em vez de ir ao estádio, o torcedor pode ficar no conforto de sua casa, não se submetendo à falta de espaço nas arquibancadas e aos preços abusivos cobrados.

A referência visual às “nádegas” e o emprego da palavra no lugar do termo “mulher”, permitem ao leitor recuperar o trocadilho: *nádegas X mulher; no assento X na cama*. Fica assim evidente o paralelismo construído. Observe os termos grifados e sublinhados:

7. Assista aos jogos em casa. Lá, como Bandeira em Pasárgada, você é amigo do rei, isto se você não for o próprio rei. **Lá**, você poderá dizer:

“Terei as nádegas que quero/no assento que escolherei.”

Vou-me embora pra Pasárgada

Lá sou amigo do rei

Lá tenho a mulher que eu quero

Na cama que escolherei

No conjunto, a crônica revela a intenção do produtor: criticar, comentar, divertir o leitor e convocá-lo à ação.

2.6.1.5 Crônicas lidas

Os textos que seguem foram apenas lidos em sala, o objetivo da leitura foi apresentar outras crônicas que tivessem organização diferenciada e pudessem servir à formação do repertório.

CACHORROS!

Paris é tão bonita que você anda na rua olhando para todos os lados menos para onde pisa. Os cachorros de Paris vão a toda parte com seus donos, comem nos mesmos restaurantes, participam ativamente da sua vida social, frequentam vernissages e palestras, mas o convívio civilizado não afetou seus hábitos de higiene, que continuam iguais aos de cachorro de todo o mundo. Há, provavelmente, mais cachorros por habitantes em Paris do que em qualquer grande cidade do mundo. O resultado desta combinação de falares é que seu deslumbramento com Paris é constantemente interrom-

pido pela sensação deslizante de ter pisado numa das características menos atraentes, e mais comuns, das suas calçadas. Você está admirando a fachada de uma igreja antiga e — iush - passa, em segundos, do barroco ao rococô. Os parisienses já calcularam, com rigor cartesiano, a quantidade de "merde, alors!" depositada nas ruas pelos cachorros dos seus concidadãos. Chega a toneladas anuais. Instituíram patrulhas catacô, motocicletas verdes munidas de aspiradores que percorrem as ruas como tamanduás mecânicos, ou pequenos elefantes crapófilos, sugando os dejejos. Eles não dão conta. Talvez sentindo-se desafiados, os cachorros aumentaram sua produção. Já houve a sugestão de que se alargasse a boca do aspirador e, em vez do cocô, se sugassem os cachorros. Os parisienses não acham graça. Amam seus cachorros com uma devoção cada vez mais difícil de tolerar. Eu, por exemplo, já perdi qualquer simpatia que tinha por esses incontinentes. Quando vejo um cachorro na rua tento adivinhar, pelo tamanho ou pela sua cara, que peças no caminho eram da sua autoria. Elas rivalizam, na variedade de dimensões e configurações, com os doces expostos nas vitrines das "pâtisseries". Imagino que cada cachorro tenha, por assim dizer, a sua assinatura, o seu estilo de sujar as calçadas, e noto em muitas das suas obras aquela arrogância no acabamento de quem desdenha a crítica e não teme a retribuição. Preciso me controlar para não gritar "Salaud!" na cara deles. E sair correndo antes que o dono me pegue, claro.

(Veríssimo, Luís Fernando, http://portalliterat.terra.com.br/verissimo/nas_cidades)

DE QUE RI A MONA LISA

Estou na Sala Da Vinci, no Louvre. Aqui penetrei encaminhado por uma seta que dizia "Sala Da Vinci". É como se fosse uma indicação para uma grande avenida no trânsito de uma cidade. Não que a seta seja apelativa ou extraordinária. Mas reconheço que nela está escrito implicitamente algo mais. É como se sob aquelas letras estivesse inscrito: Preparem o seu coração para um encontro histórico com a Gioconda e seu indecifrável sorriso". E tanto é assim que as pessoas desembocam nesta sala e estacionam diante de um único quadro - o da Mona Lisa.

Do lado esquerdo da Gioconda, dezesseis quadros de renascentistas de primeiro time. Do lado direito, dez quadros de Rafael, Andrea Del Sarto e outros. Em frente, mais dez Ticianos, além de Veroneses, Tintoretto e vários outros quadros do próprio Da Vinci.

Mas não adianta, ninguém os olha.

Estou fascinado com este ritual. E escandalizado com o que a informação dirigida faz com a gente. Agora, por exemplo, acabou de acorrer aos pés da Mona Lisa um grupo de japoneses: caladinhos, comportadinhos, agrupadinhos diante do quadro. A guia fala-fala-fala e eles tiram-tiram-tiram fotos num plic-plic-plic de câmeras sem flash. Sim, que é proibido foto com flash conforme está desenhado num cartaz para qualquer um entender.

E lá se foram os japoneses. A guia os arrastou para fora da sala e não os deixou ver nenhum outro quadro. E assim pessoas vão chegando sem se dar conta de que sobre a porta de entrada há um gigantesco Veronese, Bodas de Caná. E singularíssimo, porque o veneziano misturou a festa de Caná com a "última ceia". Cristo está lá no meio da mesa, num cenário greco-romano. O pintor colocou a escravidão no plano superior da tela e ali há uma festança com a presença até de animais.

Entrou agora na sala outro grupo. São espanhóis e italianos. "Veja só os olhos dela", diz um a sua esposa, exibindo o original senso crítico. "De qualquer lado que se olha, ela nos olha", diz outro parecendo ainda mais esperto. "Mas, que sorriso!", acrescenta outro ainda. E se vão.

Ao lado esquerdo da Mona Lisa reencontro-me com dois quadros de Da Vinci. Mas como as pessoas não foram treinadas para se extasiar diante

deles, são deixados inteiramente para mim. São A Virgem dos Rochedos e São João Batista. Este último me intriga particularmente. É que este São João assim andrógino tem uma graça especial. E mais: tem um rosto muito semelhante ao da Santa Ana, do quadro Santa Ana, a Virgem e o Menino, no qual Freud andou vendo coisas tão fantásticas, que se não explicam o quadro pelo menos mostram como o psicanalista era imaginoso.

Chegou um bando de garotos ingleses-escoceses-irlandeses, vermelhinhos, agitados, de uniforme. Também foram postos diante da Mona Lisa como diante do retrato de um ancestral importante. Só diante dela. O guia falava entusiasmado como se estivesse ante o quadro de uma batalha. E ele ali, talvez, achando graça da situação.

Enquanto isto ocorre, estou enamorado da Belle Ferronière, do próprio Da Vinci, que embora possa ser a própria Mona Lisa de perfil, ninguém olha.

Chegou agora um grupo de jovens surdos-mudos holandeses. Postaram-se ali perplexos, o guia falou com as mãos e foram-se. Chegou um grupo de africanos. E repete-se o ritual. E ali na parede os vários Rafaéis, outros Da Vincis, do lado esquerdo os dezesseis renascentistas de primeira linha, do lado direito os dez quadros de Rafael, Andrea dei Sarto, e outros e na frente mais dez Ticianos, além dos Veroneses, Tintoretos etc., que ninguém vê.

O ser humano é fascinante. E banal. Vêm para ver. Não vêem nem o que vêem, nem o que devia ver. Entende -se. Aquele cordão de isolamento em torno da Mona Lisa aumenta a sua sacralidade. E tem um vigia especial. E um alarme especial contra roubo. Quem por ali passou defronte dela acionando sua câmera, pode voltar para a Oceania, Osaka e Alasca com a noção de dever cumprido. Quando disserem que viram a Mona Lisa, serão mais respeitados pelos vizinhos.

Mal entra outro grupo de turistas para repetir o ritual, percebo que a Mona Lisa me olha por sobre o ombro de um deles e sorri realmente.

Agora sei do que ri a Mona Lisa.

(Sant'Ana, Affonso Romano. Porta do colégio e outras crônicas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. Para gostar de ler, v. 16.)

TEXTO 6

DO JORNALISMO AO LITERÁRIO

(Cony, Carlos Heitor. O tudo e o nada. SP: Publifolha, 2004, p. 293-296-06/12/2002)

ALUNOS do curso de comunicação pedem-me uma definição do jornalismo literário e, em complemento, o papel da crônica neste tipo de jornalismo. Embora não me considere a pessoa indicada para falar sobre o tema, tentarei dar uma resposta coletiva ao que me pedem, com as naturais ressalvas sobre a autoridade (nenhuma) com que me meto nesta praia, que não é a minha.

Para definir o jornalismo literário, vamos começar pelo substantivo, que é jornalismo, deixando o adjetivo para depois. O que é o jornal? É um periódico, uma coisa feita de período em período. Por mais que pareça incrível, Franz Kafka, que nunca foi realmente um jornalista, tem a imagem mais perfeita que conheço sobre o assunto. Ele compara o jornal a um trem que sai todo dia, num determinado horário, vazio ou cheio, e de determinada plataforma, para chegar a outra. Se estiver lotado, tudo bem. Se estiver com lugares vazios, dará prejuízo, porque cada lugar sem passageiro não poderá ser reciclado, usado uma segunda vez.

Em países subdesenvolvidos, espera-se o trem encher, como um lotação, um pau-de-arara. Uma ferrovia civilizada faz o trem cumprir o horário, independentemente de estar cheio ou com lugares vazios.

O jornal é como um trem — dizia Kafka. Tem que sair em determinado dia, ou todos os dias, mas com uma diferença básica em relação aos trens: ele não pode sair vazio. Com assunto ou sem assunto, tem que ocupar todas as suas páginas, seja com anúncios, ilustrações ou textos paralelos,

desvinculados de sua função natural, que é a notícia, a informação, o serviço da comunicação propriamente dito.

O veículo-jornal, ao contrário do veículo-trem, não pode sair com lugares não-ocupados. E, para encher com alguma dignidade o ângulo morto de cada edição, apelou-se, entre outras coisas, para a crônica, que tem uma tradição paralela na história da comunicação humana.

Nos séculos 16 e 17, a crônica era um gênero-bonde, um gênero-ônibus, onde tudo cabia com o nome de crônica. Qualquer relato levava o nome de crônica, que tem embutido o conceito de tempo (*khronos*), cobrindo um período, sendo, portanto, um periódico.

Voltemos agora ao jornalismo dito literário. A literatura é, em essência, o oposto do período, do tempo. Ela procura ser intemporal, sem vínculo com a data — nada mais frustrante do que a literatura datada.

Daí a conclusão de que a crônica, como gênero jornalístico ou como gênero literário, é uma contrafação. Os mais radicais poderão considerá-la subjornalismo ou subliteratura. Dirão alguns: há crônicas admiráveis, e a citação de Machado de Assis é obrigatória. E cada um poderá citar um autor ou uma determinada crônica admirável. Mas, se Machado não tivesse escrito os romances finais de sua carreira, seria hoje um João do Rio melhorado, um Humberto de Campos mais consistente.

Contudo não podemos ignorar que foi nos jornais, aqui e em outros países, que, para ocupar lugares vazios, os editores procuravam autores de textos exclusivamente literários, sem compromisso com o período, com a data. Em jornal, Manuel Antônio de Almeida publicou as Memórias de um Sargento de Milícias. Em jornal, saiu O Guarani, de José de Alencar. Grosso modo, o folhetim mesmo com sua carga pejorativa, seria o padrão do jornalismo literário, o passageiro disponível que ocuparia o lugar de uma notícia, de uma informação, de um serviço.

Antes da existência dos jornais, a comunicação era feita por arautos ou mesmo por camadas de fumaça, à maneira dos índios, ou por sinais luminosos. Não corria o risco de ser confundida com a literatura. Quando os sinais foram codificados em palavras compostas por letras, a aproximação com a literatura tornou-se inevitável. Mas a notícia, base do jornal, é como a anedota em que Guimarães Rosa a comparava ao fósforo que se acende, brilha um instante e se apaga. Torna-se inútil como um fósforo queimado. Não funciona uma segunda vez.

Comprometido com a notícia, com o fato do dia, o jornal abriu espaços para a comercialização, que o sustenta industrialmente, e para os passageiros robotizados que podem ocupar os lugares vazios de cada edição. Surgiram então as colunas, os *potins*, os *faits divers*, as charges e, naturalmente, as crônicas, que são a expressão mais visível do jornalismo dito literário. Daí que os cronistas, mesmo os bem-sucedidos, são vistos como subprodutos, autores de circunstância que, mais cedo ou mais tarde, ficarão datados.

Resumindo a ópera: pode-se concluir que não há jornalismo literário. Há jornalismo e há literatura. Funcionam por meio de sinais ou símbolos, que são as palavras compostas por letras, mas nem todas as letras formam necessariamente aquilo que se compreende como literatura.

Há jornalistas que dominam a técnica e a composição do texto. Mas são eles, exatamente, que se tornam cada vez melhores à medida que deixam de ser literários.

3. DE TENTATIVAS VIVE O PROFESSOR

Neste capítulo, descreve-se a pesquisa, ou seja, a produção ficcional e hipotética de uma revista e, especificamente, de uma de suas seções: a de crônicas. Este foi o instrumento empregado visando ao desenvolvimento da capacidade linguístico-discursiva na escrita de alunos de 8ª série. Previamente, são tratadas algumas das questões que foram alvo da reflexão do professor. Em seguida, relata-se o processo de produção dos textos, sob a ótica de uma atividade de linguagem específica – a produção de crônicas para uma revista destinada a turistas da região da Baixada Santista, experiência realizada em duas salas de oitava série de uma escola particular da cidade de São Vicente, no ano de 2007.

3.1 A metodologia

Este trabalho é de natureza qualitativa, compreendido como pesquisa-ação, realizado em uma situação concreta e real, ou melhor, por meio de várias situações em que a professora-pesquisadora interfere e analisa sua prática didática.

Nessa perspectiva, ao longo do processo, os objetos são revistos e podem ser redefinidos, já que se trata de uma pesquisa que apresenta o processo dialógico em seu cerne.

A pesquisa-ação tem como característica a construção do objeto do conhecimento durante processos constatados na prática, na transformação das relações. Neste caso, por meio da leitura e produção de textos, os alunos participantes foram expostos a situações que propiciaram reflexões sobre a cidade em que vivem e também sobre o próprio processo de produção textual. A pesquisa proporcionou à professora a análise de sua prática e poderá, no futuro, inspirar outros professores. Inicialmente, a pesquisa tem como objetivo criar na escola um lugar de diálogo e aprendizagem, para que os alunos envolvidos compreendam o lugar em que vivem e os discursos produzidos sobre ele. Ao falarem de si, do lugar em que vivem e das ações que são realizadas por meio da linguagem, - no caso,

crônicas -, espera-se que também exercitem sua criticidade e capacidade linguístico-discursiva.

Para atingir os objetivos delimitados, o eixo do trabalho tinha de ser uma sequência didática que desenvolvesse a capacidade linguístico-discursiva a partir do gênero crônica. Por ser um gênero híbrido, ela apresenta diversas formas compositivas, as quais permitem ao aluno observar, num mesmo gênero, diferentes possibilidades de se expressar. Trata-se de um gênero que possibilita a reflexão sobre as ações humanas, sobre as ações que se produzem por meio da linguagem e sobre o possível efeito provocado no leitor. É um gênero que agrada a jovens e adultos, por apresentar temas relevantes com seriedade ou tom irônico e divertido. Para que os objetivos fossem atingidos, buscou-se um referencial teórico que se adaptasse às necessidades e objetivos da pesquisa: os pressupostos do interacionismo sócio-discursivo, referencial que oferece os elementos necessários para a compreensão das implicações do contexto de produção na situação de produção de textos.

A concepção de linguagem vygotskiana apoiou a compreensão das relações entre a produção simbólica que se constitui sócio-historicamente e sua contribuição para o desenvolvimento da linguagem. Não se pode deixar de citar o conceito de interação que permeia o pensamento do autor e encontra no pensamento de Bakhtin correspondências.

Dentre outros elementos discursivos propostos por Bakhtin, o princípio do dialogismo permitiu a compreensão de como ocorre a apropriação dos significados construídos e das crenças e valores disseminados por meio dos signos, além de ampliar a concepção de diálogo e de interação, seja na fala ou na escrita. Associado a esses conceitos, encontra-se também o conceito de estilo que, Possenti, partindo de Bakhtin amplia.

O quadro teórico desenvolvido e discutido por Bronckart (1999) e Dolz, Schneuwly e Noverraz (1996 e 1998) orientou a organização das sequências didáticas desenvolvidas na escola, contribuindo para a análise de tudo o que envolveu os textos produzidos: situação de ação verbal, tipos de discurso e organização sequencial, além dos mecanismos de textualização e de enunciação. Esses elementos permitiram compreender como os alunos se apropriaram das características do gênero crônica, e como aperfeiçoaram sua capacidade linguístico-discursiva.

Foram observados, ainda, na análise dos textos dos alunos, os mecanismos de textualização (conexão e coesão nominal e verbal) e enunciativos empregados por Bronckart. Foi possível observar como emergem as opiniões, como o aluno (produtor) avalia o que está ao seu redor e quais escolhas lexicais e sintáticas escolhem para expressar sua visão, seu "modo de ver".

3.2 Categorias

As categorias que são analisadas nesta tese referem-se, portanto, aos aspectos que dizem respeito ao gênero híbrido crônica: encontrado em diferentes suportes, e adaptado às necessidades sócio-comunicativas e discursivas do produtor.

Das categorias observadas, foram destacadas as que revelam as características do gênero. Foram pesquisadas no texto:

- Resposta à situação comunicativa;
- Temática: cotidiano;
- Predomínio de linguagem formal e nível culto, ainda que com alguns traços da linguagem informal;
- Marcas autorais do produtor: pronomes e dêiticos espaciais e temporais;
- Marcas de dialogismo:
- Presença de diferentes vozes;
- Tipos de discurso e tipos de sequências empregadas;
- Organizadores textuais;
- Tipos de sequências;
- Coesão verbal;
- Modalizadores que expressam avaliações, opiniões, atitudes do agente: adjetivos, advérbios, formas verbais;
- Escolhas lexicais, reveladoras do posicionamento do autor face ao tema;
- Extensão do texto: número de parágrafos.

3.3 Apresentação do contexto - São Vicente

São Vicente é um dos municípios do Estado de São Paulo que fica na Região Metropolitana da Baixada Santista.

Foi a primeira vila fundada na América pelos portugueses, em 1532. A cidade está situada na metade ocidental da Ilha de São Vicente. Sua economia é dependente do turismo.

Parte do município pertence ao continente: são duas porções distintas. Uma delas, o bairro do Japuí, está ligada à Ilha, por meio da Ponte Pênsil, construída em 1914; em outra parte, fica o distrito de Samaritá, que inclui os bairros de Humaitá, Parque das Bandeiras, Vila Ema e Quarentenário, bairros que fazem divisa com Cubatão, Praia Grande e os contrafortes da Serra do Mar.

Gaspar de Lemos chegou ao Brasil, em 22 de janeiro de 1502 e deu à ilha o nome de São Vicente, local antes conhecido como Ilha de Gohayó.

Martim Afonso de Sousa, nomeado, pelo rei de Portugal Dom João, donatário de duas capitanias hereditárias que incluíam a ilha, foi enviado pela coroa portuguesa para explorar a nova colônia e colocar marcos territoriais no litoral atlântico e no Rio da Prata. Fundou então a vila de São Vicente, em 22 de janeiro de 1532. Por ter sido a primeira vila fundada no Brasil, ostenta o título de 'cellula mater' da nacionalidade.

Atualmente, o município de São Vicente conta com dezessete escolas de Educação Infantil, setenta e uma Creches Municipais, quarenta e três escolas de Ensino Fundamental, dentre elas um Centro de Educação Especial com o Núcleo de Atendimento a Autistas, dois Centros Municipais de Educação Supletiva, e nove Centros Educacionais e Recreativos (CER).

Há também no município inúmeras escolas particulares que atendem alunos da Educação Básica. Em sua maioria, atendem alunos oriundos de escolas municipais e estaduais e de outras escolas particulares da região.

A escola XYZ é uma das seis unidades que pertencem a uma grande rede de escolas particulares da Baixada Santista. Foi inaugurada em 2006, em São Vicente, apresenta por isso grande heterogeneidade, pois os alunos originam-se de escolas municipais, estaduais e particulares da região. Representam a diversidade que

normalmente forma as escolas da cidade. A escola apresenta os mesmos problemas que outras da região.

3.4 Ensino público e privado: problemas similares

Diante do que se vem constatando nos resultados das avaliações realizadas pelo Governo Federal e Estadual, os objetivos a serem alcançados na escola nas habilidades de leitura e escrita não têm sido garantidos durante os oito anos de escolarização, agora, nove. A pergunta que se faz: por que isso acontece? O que é feito? Insiste-se em ensinar regras gramaticais que são repetidas, mas não compreendidas? A leitura não é vista como algo relevante, tampouco a escrita? O que tem sido feito? O que pode ser feito? Essas são questões que preocupam e são objeto de pesquisa de muitos professores.

Em Kleiman (2000, p.79-80) encontram-se algumas explicações que abarcam diferentes aspectos e apresentam diversas implicações. Uma delas diz respeito à necessidade de programas de formação continuada para o professor. Outra está relacionada ao contexto institucional e à imposição de uma concepção escolarizada de leitura como prática normalmente descontextualizada, associada à imposição de práticas de leitura maniqueístas. Ocorre ainda certo reducionismo com relação à função do texto, além de inculcação de valores morais - práticas que engessam a leitura e produzem uma “leitura escolarizada”. Como sugestão, a autora aponta a necessidade de que o professor comece a participar da elaboração de projetos pedagógicos produtivos. Mas, antes, é necessário que amplie seu próprio letramento, que diversifique suas práticas de leitura e de escrita. Para ela, seria preciso incentivar a construção de uma identidade profissional nos cursos de magistério e de letras, envolvendo a aquisição de um sistema de conhecimentos e de parâmetros interpretativos, partilhados pelo grupo profissional, que deveria estar em constante *re-elaboração devido a sua dependência contextual, por um lado, e ao conflito social que o contato com outros sistemas lhe acarreta, por outro*. Desse modo o professor contribuiria com soluções para o problema de leitura. Outra implicação é a necessidade da reconfiguração conceitual do objeto do ensino - a escrita - nos programas de formação do professor.

Os valores e concepções que mobilizam a prática do professor constituem um conjunto de premissas adquiridas durante o processo de formação, e, portanto, fazem parte da sua identidade: não são nem evidentes nem transparentes para ele, nem fáceis de serem transformadas, o que dificulta e pode até inviabilizar os programas de formação em serviço. Ainda, concepções como a transparência dos sentidos na linguagem (e portanto quem não entende não quer cooperar), o mito do letramento (e portanto quem não aprende é inferior), ou a concepção medieval sobre o fim moral da leitura (e portanto quem discorda é pecador?) permitem que o aluno passe a ser, mais uma vez o responsável pelo fracasso, reproduzindo, também mais uma vez, expectativas, diagnósticos e previsões que o desqualificam social, cultural e cognitivamente. (KLEIMAN, 2000, p.79 -80)

É claro que ocorre uma somatória de concepções. Um professor, ao realizar seu trabalho em sala de aula, expressa as crenças e valores adquiridos ao longo de sua formação. Além dessa concepção, há ainda as concepções da escola, da instituição que se colocam diante do professor e, eventualmente, podem se transformar em um obstáculo a ser enfrentado. Por exemplo: o uso de livros didáticos escolhidos pela equipe técnica da escola e não, pelo professor; exigências colocadas ao professor pela coordenação, enfatizando a necessidade de que os textos dos alunos revelem domínio de regras gramaticais, em vez de ter como foco a coesão e coerência.

Outras explicações para o problema ficam evidentes quando são examinadas as propostas de produção que constam nos livros didáticos ou nas apostilas adotadas nas escolas- muitas delas não especificam as condições da produção, não refletem sobre as motivações internas e externas do sujeito que escreve, inviabilizando-se assim uma produção comprometida com o real.

Há também que se considerar a artificialidade das propostas de redação encontradas em manuais e livros didáticos, além da má administração do espaço-tempo escolar que impõe restrições à produção de textos. Explicações como essas são encontradas em pesquisa realizada por Tardelli (2002, p.169) e corroboram o que se afirmou anteriormente:

Pelos dados colhidos na maioria das escolas públicas estaduais pesquisadas pelos integrantes do projeto "A Circulação dos Textos na Escola", acrescidos das minhas observações junto à professora de Português, constatou-se que os agentes educacionais costumam ficar à mercê de restrições impostas por forças coercitivas e determinações

externas ao processo de ensino/aprendizagem. Premidos pelo tempo estabelecido burocraticamente, açodados por um espaço que constrange o princípio dialógico da linguagem, bem como a subjetividade emergente na instância enunciativa, professor e alunos acabam presos a um conteúdo mecânico, pautado numa gramática prescritiva que exclui a historicidade linguística e reduz o ensino da língua materna à memorização de normas e regras, segundo uma perspectiva que concebe a língua como um sistema fechado, inflexível, pretensamente estático, mas que se ajusta às constrictões impostas pela Instituição. Nesse contexto, professor e alunos não se erigem em sujeitos do processo educativo, pois, direta ou indiretamente, as instâncias superiores determinam *o tempo, o espaço e o conteúdo pedagógicos*, aos quais os protagonistas da educação devem se submeter, configurando a expropriação da autonomia docente.

Uma outra explicação está relacionada à falta do hábito de escrever - o aluno normalmente se nega a escrever por considerar a ação desinteressante e desnecessária. As propostas nem sempre apresentam elos com a realidade do aluno e suas necessidades imediatas.

Outro fator de complicação está relacionado à questão do currículo e da organização dos conteúdos, pois a gramática prescritiva descontextualizada ainda tem primazia na sala de aula sobre a produção de texto e a análise linguística. Fato também que ocorre na escola XYZ da rede particular de ensino, em que foi realizada a pesquisa. Houve certa dificuldade para realizar um trabalho diferenciado, pois a quantidade de “conteúdos” a serem vencidos era numerosa e a cobrança feita à professora com relação ao uso de apostilas, igualmente. Esses fatores, aliados a outros de ordem econômica, dificultam o trabalho do professor que deseja realizar um trabalho diferenciado.

A escola em que foi realizada a pesquisa divulga “externamente” um discurso pedagógico moderno, preocupado em preparar o aluno para enfrentar os problemas sociais, ambientais e econômicos do país, porém, apresenta certa incoerência, pois, na prática, focaliza e centraliza na apostila (oferecida pela escola como material didático essencial) as atividades a serem desenvolvidas na sala de aula – exige cumprimento de todos os exercícios e tarefas. Essas dificuldades, ressalte-se, são encontradas tanto em escolas que apresentam propostas tradicionais quanto naquelas que se dizem interacionistas. Conforme Marinho (2006,p.89):

Algumas propostas pretendem ser exclusivamente interacionistas, julgando como conteúdo curricular explicitar essa concepção e sugerindo o seu desdobramento para uma concepção geral nas três áreas básicas do ensino: leitura, produção de texto e conhecimentos lingüísticos ou gramática. Uma segunda tendência toma a concepção interacionista de linguagem como principal, mas trabalha intencionalmente com outra. Uma última tendência assume um conteúdo tradicional, não explicitando a sua concepção de língua como um conjunto de regras. A possibilidade de detectar uma diversidade de concepções sobre a língua e a linguagem não quer dizer que essa diversidade esteja claramente definida.

A maioria das propostas deveria estar sintonizada com as tendências contemporâneas dos estudos da área de linguagem e caberia ainda uma revisão dos pressupostos teóricos que as fundamentam.

Um currículo coerente e funcional só pode ser construído, quando conta com a participação representativa dos profissionais do ensino e quando os seus usos e funções estão sintonizados com os desejos e possibilidades da comunidade educacional. Quando isso não ocorre, surgem novos problemas e se cria um descompasso entre linha de trabalho e interesse dos alunos, equipe técnica e professores.

Marinho (2000) reflete sobre as contradições no campo dos pressupostos teóricos adotados em função da prática exercida nas/pelas instituições. Conforme a autora, no discurso, algumas delas se dizem arrojadas, preocupadas com o social, apresentam pressupostos filosóficos interacionistas, sócio-interacionistas. No entanto, na prática, são tradicionais.

Pelas razões já elencadas, a professora, ao realizar o seu trabalho em sala de aula, viu-se obrigada a ultrapassar os limites propostos pela coordenação da escola e, ainda, a articular conteúdos curriculares obrigatórios com o projeto de produção de crônicas.

Fica assim evidente que, no ensino público e no privado, há problemas que funcionam como camisas de força e impedem que o curso das ações de qualquer professor ocorra naturalmente - estejam os problemas relacionados à condução dos processos, aos alunos, aos professores, à filosofia da escola ou a coerções advindas de outras instâncias.

Marinho, ao tratar do assunto, apresenta algumas das justificativas dadas pelas propostas:

As propostas utilizam-se de justificativas diferentes para a utilização de estudos lingüísticos sistematizados (gramática). Uma primeira tendência, mais representativa, apontou que o estudo da gramática pode servir de suporte para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Uma segunda tendência situou um tipo de análise lingüística como um caminho aberto para confrontar as variantes lingüísticas padrão e não-padrão, nas modalidades oral e escrita. Frequentemente este confronto vem impregnado de uma visão unilateral que situa os padrões da língua escrita como o único ponto de referência para a comparação. Uma última tendência é a que insiste em estudar a gramática como um conteúdo autônomo, com uma finalidade em si mesma. (MARINHO,2006,p.53)

No âmbito do ensino público, no que diz respeito aos conteúdos, de um lado tenta-se minimizar um pouco a força da tradição gramatical, voltando-se para o desenvolvimento de estratégias que levem os alunos a refletir sobre os usos e intenções daqueles que utilizam a língua, ainda que esse trabalho não apresente muita consistência, pois ainda não há total clareza sobre o aporte teórico e sua relação com a prática. De outro lado, apresenta problemas estruturais: espaço físico inadequado, excessivo número de alunos em sala de aula, falta de recursos materiais; livros didáticos que não apresentam adequação aos novos pressupostos teóricos; falta de recursos para o professor desenvolver suas aulas; falta de computadores em número suficiente e em funcionamento. No que diz respeito ao material humano, o professor ainda precisa lidar com problemas de ordem disciplinar, pois os alunos apresentam comportamentos inadequados em sala, o que gera problemas para a condução das atividades.

Esses são alguns dos problemas... O que fica evidente? É preciso buscar novas maneiras de ensinar, novos recursos, novas estratégias... Há ainda outros problemas que serão rapidamente mencionados, mas não aprofundados neste trabalho: o que fazer diante do cansaço, da insatisfação, dos problemas salariais, da indiferença, da falta de comprometimento e da desesperança de tantos professores...

3.5 A escola particular

A instituição XYZ (doravante assim denominada) da rede particular em que esta pesquisa foi realizada apresenta alguns dos problemas elencados acima, encontrados tanto nas escolas públicas como nas privadas.

Um dos problemas considerado prejudicial é a prioridade dada, pela direção da escola, ao ensino da metalinguagem, das formas gramaticais, em vez da reflexão sobre os processos que permeiam a linguagem, o uso da língua em seus aspectos lingüísticos e discursivos. O enfoque recai sobre o que se ensina e não sobre quem aprende ou sobre como se ensina.

Conforme já se mencionou, a escola diz-se moderna, engajada, consciente dos processos sociais, políticos e econômicos por que passa o país. Tenta, muitas vezes, conduzir um trabalho nessa direção, mas perde-se, pois a cobrança dos “conteúdos” prevalece, impõe-se, paralelamente ao uso obrigatório das apostilas.

Esses fatores associados à desconsideração dos saberes apropriados pelos alunos ou não, à indisciplina, à falta de medidas, à não solução de problemas apontam para uma problemática que está relacionada também à questão “currículo programático” - que precisa ser cumprido, pois os conteúdos serão cobrados nas diversas avaliações oficiais que a escola impõe, num espaço de tempo que não permite a apropriação do conhecimento pelos alunos. Os conteúdos são “despejados” e os alunos, em meio a esse processo, buscam apenas a média mínima, suficiente para sua aprovação.

Nessa instituição, o processo de avaliação é conduzido pela coordenação geral mediante uma série de instrumentos de verificação, produzidos por diferentes professores, de diferentes regiões, já que se trata de instituição com inúmeras unidades, espalhadas por diferentes regiões da cidade.

Por discordar dessa proposta, modificou-se a condução do processo e a dinâmica das salas em que se trabalhou, para criar condições de aplicar o projeto de produção de crônicas.

3. 6 Os voos - decolagens e pousos

Este trabalho foi realizado com duas turmas de alunos de uma escola da rede particular de São Vicente. Esses alunos estiveram sob a responsabilidade da

professora por dois anos: na sétima e oitava séries. As turmas já eram conhecidas e não houve, portanto, necessidade de identificar suas experiências anteriores em relação à leitura e à escrita.

A escola funciona há apenas dois anos em São Vicente, esta unidade foi aberta em 2007. Os alunos que foram matriculados vinham de diferentes escolas: públicas e privadas. Eram bem diferentes: quanto à classe social e à escolaridade, pois muitos alunos vieram de diferentes redes: alguns vieram de escolas públicas (alguns deles eram bolsistas) e outros, da rede particular de São Vicente. As classes tinham cerca de trinta alunos cada uma.

Procurou-se conviver com essa heterogeneidade e entender que os alunos traziam experiências anteriores diversas e também uma história de vida que era reflexo de sua vivência num determinado grupo social.

Tem-se, porém, consciência de que os alunos participam da sociedade, convivem e interagem com uma diversidade de enunciados escritos e que apresentam características próprias no que se refere aos aspectos biológico, cognitivo, linguístico e emocional. Dada a fase em que se encontram, eles riem, brigam, questionam e desafiam. Quanto aos problemas comportamentais que interferem no processamento das informações e aquisição de conceitos, observa-se a desatenção, o desinteresse pelas atividades, a falta de motivação que geram problemas disciplinares.

Desenvolveu-se a pesquisa com esses adolescentes, procurando adequar a ação pedagógica às necessidades que surgiam no momento.

As atividades relacionadas à produção textual seguiram uma sequência especial, conciliando essas atividades com o uso da apostila obrigatória.

Os conteúdos e as atividades foram planejados e organizados em torno de uma unidade temática: “minha cidade”. O tema abarcava diferentes áreas do conhecimento: história, geografia, economia, artes, permitindo que os alunos entrassem em contato com diversos conhecimentos.

O projeto de produção foi trabalhado no último bimestre, nos meses de outubro e novembro de 2007.

O objetivo geral:

- desenvolver a capacidade linguístico-discursiva dos alunos, oferecendo-lhes a oportunidade de se tornarem autores, de publicarem seus textos e ainda de se

posicionarem criticamente, de expressarem seus sentimentos, crenças e valores, por meio da produção do gênero crônica.

Por meio da elaboração das sequências didáticas, oferecer aos alunos repertório que os ajude a construir conhecimentos sobre:

- revistas de turismo - dar a conhecer suas características;
- o gênero crônica;
- a cidade e seus aspectos econômicos, sociais, culturais, artísticos, históricos e geográficos;
- levar os alunos a produzir crônicas que pudessem figurar em revista sobre a cidade de São Vicente;
- identificar se houve apropriação das características do gênero;
- identificar os fatores que contribuíram para essa apropriação e quais outros tiveram papel negativo.

3.7 A elaboração de uma sequência didática para o ensino de produção do gênero crônica

Para elaborar os módulos e seqüências, a inspiração veio de Dolz, Schneuwly, Noverraz e Bronckart. Assim foi programada a sequência didática para a instrumentalização dos alunos, oferecendo-lhes os subsídios para a produção. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Uma sequência que visa à produção de crônicas deve apresentar a seguinte configuração:

- I. a apresentação da situação da tarefa, do gênero a ser produzido, da modalidade e dimensão dos conteúdos e temas.
- II. caracterização do gênero.
- III. produção individual.
- IV. produção de módulos que solucionem os problemas surgidos na produção.
- V. correção coletiva comentada.
- VI. produção do texto final.

Essa sequência foi modificada e sofreu algumas alterações, em virtude das características da classe, do gênero, do tema e dos objetivos propostos. Fez-se necessário colocar os alunos em contato com um número considerável de crônicas para, depois, solicitar a primeira produção do texto.

As sequências devem propiciar o contato com o gênero em suas diferentes formas de organização, de manifestação e dos veículos ou suportes em que se encontram, pois esses elementos interferem no processo de produção, provocando alterações na composição do texto, fazendo emergir características de outros gêneros e traços estilísticos que se manifestam no texto. Sendo assim, apresentaram-se alguns exemplos de crônicas veiculadas em jornais, livros, revistas eletrônicas e também presentes nas apostilas dos alunos. Dessa forma, os alunos entraram em contato com o gênero inserido em suportes diferentes, circulando em diferentes esferas de comunicação: literária e jornalística. Pretendeu-se levar os alunos a refletir sobre as diferentes maneiras de organizar o plano geral e identificar os tipos de sequências textuais de uma crônica. Com relação aos temas das crônicas, escolheram-se aqueles que apresentavam características canônicas de uma crônica e suas variações, observando-se sempre o posicionamento crítico do autor, sua forma de apresentar o tema: crítica aguda, crítica bem-humorada, crítica sensível, ironia...

Os alunos fizeram várias operações e movimentos para:

- identificar o tema;
- reconhecer os movimentos feitos pelo autor para dar continuidade e acrescentar novas informações;
- observar o modo como o autor conduz o leitor numa determinada direção, quando seu intuito é provocar reflexão, indignação, insatisfação ou riso descompromissado.

A finalidade é observar como o autor do texto organiza o conteúdo temático em função de suas representações, de seus objetivos, do leitor pressuposto, do contexto, do suporte e da situação em que o texto é lido ou ouvido (no caso da veiculação por rádio).

Assim sendo, as atividades procuraram fazer emergir o processo de produção e suas relações com a dimensão formal do texto, de tal forma que, por meio dos

módulos, os alunos se apropriassem das características do gênero estudado, observando sua composição, suas marcas linguísticas e mecanismos enunciativos.

A produção de textos ocorreu depois de lidas, comentadas e analisadas as crônicas propostas pelo professor.

O trabalho metodológico priorizou a observação, a análise e o levantamento de regularidades, emergentes nos textos, características da crônica

Assim, os alunos foram expostos ao projeto de produção do gênero crônica, parte integrante da revista de turismo e cujo tema era a cidade de São Vicente. Cada grupo tinha a tarefa de produzir a revista destinada a turistas e viajantes e, ainda, produzir, individualmente, sua crônica.

Para a organização da revista, foram observadas algumas de suas características: capa, editorial, artigos que tratassem da história, geografia, economia, cultura, arte, culinária, pontos turísticos e, por fim, as crônicas que deveriam versar sobre algum fato ou aspecto relevante da cidade que despertasse interesse. Ficou claro que poderiam tratar de aspectos pessoais, ou subjetivos desde que se relacionassem à cidade. Para que isso fosse possível, os alunos:

1. entraram em contato com diferentes pontos de vista sobre o tema: a cidade de São Vicente.
2. realizaram pesquisa sobre a cidade, visando à construção de um repertório de informações que os ajudasse a produzir a revista e, particularmente, as crônicas.
3. tornarem-se capazes de reconhecer o gênero, identificar suas características e seu suporte.
4. apropriarem-se das características do gênero crônica, a partir das leituras e observação de mecanismos enunciativos e sequências textuais das crônicas trabalhadas em classe.

Os módulos foram constituídos por várias “oficinas”.

3.7.1 Módulo 1 - pesquisa sobre a cidade e leitura de crônicas

Aula 1 – das intenções da professora e das representações dos alunos.

Tempo previsto: uma aula de 50’

Objetivo: apresentar o projeto de produção e o produto previsto para o final do processo.

Trata-se do momento em que os alunos começam a construir suas representações sobre a situação de ação e sobre a atividade de linguagem que deviam executar: produção da revista turística, contendo crônicas sobre a cidade e outros gêneros que não serão comentados neste trabalho, mas que estão inseridos na revista.

Foram apresentadas aos grupos algumas revistas como **Terra**, **National Geographic** etc. para que eles pudessem conhecer a organização de uma revista voltada ao turismo: tipo de linguagem, seções, etc. Dentre os gêneros encontrados, destacam-se:

- EDITORIAL - gênero em que se encontra a opinião do jornal sobre os fatos tratados na edição do dia e considerados os mais relevantes.
- ARTIGO - gênero que traz a opinião do autor, é sempre assinado, escrito geralmente em primeira pessoa e não representa necessariamente a opinião do jornal.
- NOTÍCIA - gênero em que se relata um fato do cotidiano, uma ocorrência que é vista pela sociedade e pelo jornal como relevante.
- FOLDER DE DIVULGAÇÃO TURÍSTICA - gênero que tem a intenção de informar o turista sobre pontos turísticos, locais para compras, alimentação, eventos culturais e naturais do município. Apresenta o local de que se fala: como é; o que oferece ao turista; apresenta aspectos históricos do local; pode incluir mapas, imagens e fotografias.

Em seguida, propôs-se a formação de grupos. Cada elemento do grupo pesquisaria um dos temas relativos à cidade de São Vicente: economia, arte, geografia, história, pontos turísticos ou comidas típicas.

Aula 2 – a cidade

Tempo previsto - uma aula de 50'

Objetivo: dialogar e fazer um levantamento das representações dos alunos sobre a cidade. A professora pediu que os alunos falassem sobre a cidade: suas impressões sobre o lugar, dissessem de que lugar gostavam ou não, e por que.

Durante o processo, constatou-se que a maioria dos alunos das duas salas tinha um julgamento bastante severo sobre a cidade. Para eles, o lugar apresentava

problemas: era desorganizado e formado por pessoas de gosto duvidoso e mal-educadas. A visão dos alunos revelava uma imagem da cidade semelhante à encontrada no conto “O patinho Feio”. A cidade era vista como o “patinho feio da Baixada Santista” - comparada a outras cidades da baixada.

Discutiu-se essa representação na aula, pois os alunos iriam falar sobre a cidade em que viviam e mostrá-la a outras pessoas em sua revista, sendo assim eles precisavam refletir sobre a imagem que iriam propor, pois uma revista de turismo é feita com o objetivo de divulgar, oferecer informações, mas também “vender lugares bonitos e aprazíveis”. Sendo essa a função de uma revista de turismo, foi preciso rever esse posicionamento. Afinal todos eles faziam e fazem parte da cidade e da população: seriam eles também “mal-educados e feios”? (forma empregada pelos alunos na caracterização dos habitantes locais). Perguntou-se a eles se algum turista gastaria seu tempo e dinheiro indo a lugares feios. Ou para serem maltratados.

Em seguida, os alunos fizeram um levantamento no grupo, para apontar, dentre os lugares da cidade, aqueles de que mais gostavam e de que menos gostavam.

Os grupos fizeram suas colocações e, à medida que falavam, a professora escrevia na lousa o que diziam. Por meio desse exercício oral, os alunos descreveram o lugar e suas impressões sobre ele, apresentando ainda a razão da escolha do lugar e de qual relação mantinham com esse lugar.

Essa situação foi produtiva por levar os alunos a descrever o lugar, explicar suas razões e até mesmo argumentar quando questionados pela professora sobre a razão da excessiva severidade. Chegou-se, dessa forma, a um retrato mais fiel da cidade, com destaque também para os pontos positivos. Era preciso modificar a visão inicial para que o texto, a crônica, atendesse à proposta e tivesse coerência.

3.7.2 Módulo 2 – Leitura das crônicas

Aula 3 – das expectativas

Tempo previsto - uma aula de 50’

Objetivo: introduzir o tema da primeira crônica a ser trabalhada.

A aula teve início a partir do seguinte questionamento: o que fariam quando o ano acabasse? Estavam terminando a 8.^a série e eles teriam que começar a pensar sobre as áreas do conhecimento com as quais “simpatizavam”. Quais eram os planos para o futuro?

Essas perguntas tinham o propósito de fazê-los refletir sobre seus sonhos, desejos, perspectivas. As respostas dos alunos trariam à tona representações, experiências que ajudariam na construção de um repertório de ideias.

As respostas variaram bastante em ambas as salas. Alguns alunos expressaram preocupações, outros indiferença, prevalecendo a insegurança e a falta de perspectivas. Muitos deles disseram qual profissão desejavam seguir; outros disseram não ter muitos planos ainda. Parte deles enumerou os objetos que pretendiam um dia adquirir por meio do trabalho que viriam a exercer. Um deles disse que não sonhava nunca e outro, que seu maior sonho era poder dormir - um dos alunos da 8.^a M (grupo experimental).

Em resposta às colocações dos alunos, a professora procurou se colocar, recordando um pouco seu passado, pretendendo assim compartilhar experiências e observar se alguns dos alunos levariam em consideração a importância de projetar o futuro, ter sonhos e desejar concretizá-los.

Aula 4 – a leitura de “Escolha o seu sonho”

Tempo previsto - uma aula de 50’

Estratégia: leitura em voz alta.

Objetivos do primeiro momento da aula:

- observar se os alunos compreenderam o texto; quais eram os conhecimentos dos alunos sobre a função e linguagem do texto;
- observar se ocorreria algum estranhamento - dadas as repetições e imagens presentes no texto.

Após a leitura feita em voz alta, pediu-se aos alunos que respondessem algumas questões sobre o texto e as entregassem. As questões encontram-se a seguir:

1. Qual é o assunto do texto?
2. Como você classifica esse texto? É um conto, uma notícia, uma fábula, uma crônica, um poema, um artigo? Justifique sua resposta.

3. Ao começar o texto com *Devíamos poder preparar os nossos sonhos como os artistas, as suas composições*, o autor do texto expressa seu sentimento e desejo. Além disso, o que mais a frase revela?
4. Ao ler o texto, percebemos o predomínio de algum tipo de sentimento?
5. Em: *Ah!... – (que gostaria você de sonhar esta noite?)*, a quem é dirigida a pergunta?
6. O nível da língua do texto é culto ou coloquial?
7. Quanto às repetições do texto:
 - a) Qual seria a intenção do autor do texto ao fazer uso dessas repetições?
 - b) Para você, essas repetições são necessárias? Por quê?
8. Por que razão a autora usou: *devíamos poder preparar, devíamos poder escolher*?
9. Se você fosse responder a pergunta do texto – o que você responderia?
10. Fernando Pessoa disse em um poema: “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”. Poderia haver alguma relação entre o que ele diz e o que Cecília Meireles expressa no texto?

Essas perguntas ofereceram ao aluno a possibilidade de refletir sobre aspectos discursivos e lingüísticos do texto.

Ressaltaram-se, porém, os recursos expressivos do texto como a presença de paralelismo sintático, a gradação, as metáforas e comparações presentes ao longo do texto. Pretendeu-se assim deixar claro o trabalho realizado pelo autor com a linguagem.

Aula 5 - a leitura das respostas dos alunos

Tempo previsto - uma aula de 50'

Objetivos:

- comentar as respostas dos alunos;
- comentar as características da linguagem e das sequências textuais - aspectos da organização do discurso em função do suporte, do público e das características estilísticas da produtora do texto.

É preciso esclarecer que a concepção de leitura adotada ao longo dos módulos teve como pressuposto a interação e a atitude responsiva ativa do leitor durante a leitura - a partir de seus valores, seus conhecimentos prévios e experiências de vida. Nessa perspectiva o leitor elabora hipóteses, faz previsões, inferências sobre o conteúdo, sobre a linguagem do texto e se posiciona - a leitura é

um processo dialógico entre texto e leitor, texto e contexto. A compreensão ativa resulta das relações estabelecidas pelo leitor ao ler o texto, assimilando o dito e dialogando com ele. Por meio desse processo, o leitor incorpora, guarda aquilo que lhe interessa, observa o que vem sendo produzido há anos pela sociedade. Esse processo tem relação com o que Bronckart chama de intertexto.

Os alunos de ambas as salas apresentaram dúvidas quanto à classificação do texto. Muitos disseram que se tratava de um conto e muitos, que era crônica. Quanto ao tema todos disseram que o texto tratava dos sonhos das pessoas, dos desejos.

A maioria dos alunos notou as repetições de palavras e as relacionou à intenção de a autora enfatizar suas ideias, além de querer acrescentar ritmo às sequências - observação que se deve ao trabalho feito no bimestre anterior com leitura e produção de poemas, ressaltando suas características, expressividade e efeitos de sentido produzidos pelas escolhas relacionadas ao léxico e o tipo de organização dos versos, por isso ela repetia a frase diversas vezes, querendo mostrar que todos têm o direito de sonhar. Os alunos sabiam quem era a autora do texto, pois haviam lido alguns de seus no semestre anterior. Eles sabiam que era uma poetisa e, por isso, disseram que ela estava querendo fazer combinações como aquelas, encontradas em seus poemas.

Aula 6 – apresentação das características da crônica em questão

Tempo previsto - uma aula de 50'

Objetivos:

- desvendar algumas características da crônica;
- comparar os parágrafos do texto, observando como a autora organizou-os;
- destacar o papel das inversões sintáticas no parágrafo, da anteposição e da posposição de adjetivos e advérbios e os respectivos efeitos.

Nessa aula, os alunos compararam os parágrafos do texto. Essa atividade visava a garantir a observação dos recursos linguísticos utilizados pela cronista para construir seu texto.

Teceram-se comentários sobre o tema da crônica, sobre a forma de organização dos parágrafos, as repetições presentes, as descrições e as possíveis intenções da autora.

Propôs-se aos alunos que reescrevessem alguns parágrafos da crônica, para que percebessem o efeito que a reorganização do parágrafo em ordem direta e indireta causaria.

Eles concluíram que essa reorganização “destruiu” o parágrafo, pois a organização feita pela cronista agradava mais aos ouvidos e chamava atenção para determinado aspecto do tema discutido. Essa ordenação diferente era feita por meio de encaixamentos na sequência das orações dos períodos – as sequências descritivas mostravam ao leitor algum aspecto que a autora queria ressaltar e “servia” para “convencer”. Discutiu-se a intenção do autor e, também, as influências que o autor de um texto sofre ao escrever.

Aula 7 - Parágrafo explicativo e argumentativo (produção realizada somente com a 8.ª M - grupo experimental)

Sexto Momento – produção de parágrafo expositivo/argumentativo sobre os desejos e sonhos futuros dos alunos.

Tempo previsto – uma aula de 50’

Objetivos:

- exercitar a produção de sequências explicativa e argumentativa;
- observar a organização do parágrafo;
- analisar alguns dos parágrafos produzidos e dar sugestões para re-escrita.

Os alunos produziram o parágrafo, expressando o que pensavam a respeito dos sonhos, dos seus desejos e das necessidades dos seres humanos. Alguns foram escritos no quadro, para que os outros comentassem e dessem sugestões para re-escrevê-lo de outras formas. Comparadas as diferentes versões, o autor escolhia a que expressasse melhor o que ele queria dizer.

A atividade de re-escrita foi também pautada na limpeza e ordenação do parágrafo – os alunos preocuparam-se com questões de concordância, de acentuação, de ortografia, buscando o padrão culto da língua.

Aula 8 e 9 – Leitura da crônica “Os que ficam” e produção da crônica para a revista

Tempo previsto: duas aulas

Objetivos:

- observar o modo como o cronista organiza seu texto;
- identificar os trechos descritivos e os trechos que expressam opinião-observação de orações adjetivas, substantivas e adverbiais;

- analisar os recursos linguísticos utilizados pelo autor, em cada trecho, na organização dos períodos – aqueles que expressam a opinião e aqueles que servem à descrição;
- verificar como são produzidos o humor e a ironia;
- produzir uma crônica sobre o tema combinado inicialmente.

Realizou-se a leitura da crônica em voz alta. A crônica foi bem aceita pelos alunos, pois se aproximava muito do gosto deles e era uma leitura divertida. Os alunos comentaram alguns aspectos do texto: a “graça”, a ironia, o modo como o autor “repetia” o mesmo tipo de construção, mudando as palavras. As sequências descritivas foram novamente ressaltadas pela professora, procurando chamar atenção para o efeito que o autor desejava produzir.

Em seguida, os alunos elaboraram suas crônicas. Na aula seguinte, eles entregaram seus textos à professora.

Aula 10 – Leitura da notícia e da crônica “O lucro do arrastão”

Tempo previsto- uma aula

Objetivos:

- ler a notícia geradora da crônica e a crônica “O lucro do arrastão”, observando o diálogo entre os dois tipos de textos;
- comparar os textos;
- identificar os recursos linguísticos neles presentes;
- preencher um quadro com os elementos identificados.

Para alcançar os objetivos propostos nessa aula, a professora montou um quadro em que foram colocadas questões sobre os textos. Dessa forma, a professora pretendia que os alunos “enxergassem” as semelhanças e diferenças. Seguem abaixo as questões dadas aos alunos.

1. Qual é a preocupação do texto 1(notícia)?
2. E do texto 2 (crônica)? Você nota alguma diferença entre eles? Qual(is)?
3. A linguagem dos textos é formal ou informal?
4. O fato que originou os dois textos é o mesmo?
5. A visão dos autores é a mesma?
6. Comparando os dois textos, qual deles revela mais objetividade e qual deles procura direcionar a reflexão do leitor?

7. Que estratégia o autor do 2º texto empregou para conduzir o raciocínio do leitor?
8. O texto 1 foi escrito por um jornalista e o texto 2, por um cronista, jornalista, escritor de romances. Isso faz alguma diferença?
9. O título do segundo texto antecipa para o leitor o que será exposto no texto. Você, ao ler o título do texto, começou a buscar no texto a informação de qual seria o lucro do arrastão? Por quê?
10. No segundo texto, o trecho – *foi o que me informaram* revela a preocupação do autor da crônica em revelar ao leitor o que lhe disseram na época. Você acredita que poderia haver alguma outra intenção?

Para responder a essas questões, os alunos foram organizados em grupos. Ao final da atividade, a professora pediu aos grupos que respondessem em voz alta às questões. Em sua maioria, os grupos conseguiram responder às questões sem grande dificuldade, a não ser pela sétima e décima questões que exigiam do aluno a observação mais atenta da organização e do tipo de raciocínio desenvolvido pelo autor.

O paralelo entre a notícia e a crônica “O lucro do arrastão” propiciou aos alunos ver o modo como ocupam a página do jornal e os recursos usados em cada um dos textos: verbais e não verbais. Por meio da observação desses detalhes, eles puderam estabelecer relações entre o conteúdo temático, a organização, as características, ressaltando-se, ainda, os traços do gênero notícia presentes na crônica. Por meio desses textos, os alunos observaram o diálogo neles e entre eles: na linguagem, na forma, no tema.

Aula 11 – Leitura de “Em defesa das nádegas”

Tempo previsto- aula de 50’

Objetivo:

- observar as características da crônica quanto à organização e ao espaço ocupado na página;
- reforçar aspectos que não foram compreendidos anteriormente;
- avaliar o estilo do cronista e o efeito provocado sobre o leitor, observando-se o tipo de discurso e as sequências injuntivas do texto - uso dos tempos verbais no imperativo.

Por meio dessa aula, os alunos observaram uma outra forma de organização da crônica.

O projeto discursivo do autor ficou evidente para os alunos que puderam também rever alguns aspectos do gênero. Essa retomada possibilitou aos alunos incorporar elementos essenciais para a re-escrita da crônica.

O estudo das sequências injuntivas do texto permitiu aos alunos observar a estratégia usada pelo autor para se aproximar do leitor e também incitá-lo a agir.

Aula 12 – Leitura das crônicas produzidas pelos alunos em classe

Tempo previsto-uma aula

Objetivo:

- ler, compartilhar e comentar.

Essa aula permitiu que os alunos observassem e comentassem as produções dos colegas, expusessem suas opiniões e dessem sugestões para o aperfeiçoamento dos textos.

Não se fez qualquer comentário para controlar as observações dos alunos, deu-se liberdade a eles para se posicionar e trocar ideias.

Os comentários feitos pelos alunos foram pertinentes - não houve troca de ofensas. As crônicas mais elogiadas foram aquelas que tinham alguma pitada de humor, de ironia e de criticidade.

Aula 13- produção realizada no laboratório de informática, apenas com o grupo experimental 8.^a M

É preciso esclarecer que a classe controle fez a re-escrita em casa, não mantendo contato com a professora nesse momento, e fazendo uso apenas dos conhecimentos adquiridos até aquele momento.

A 8.^a M fez a re-escrita no laboratório de informática da escola. Durante essa atividade, a classe teve contato com a professora que atendia às solicitações feitas pelos alunos.

Foi possível observar que a classe conseguiu “enxergar” melhor alguns detalhes gráficos, visuais, gramaticais e de ordenação sintática, aspectos que o computador permite visualizar melhor. As dúvidas apresentadas pelos alunos se referiam apenas a aspectos ortográficos e de concordância. Aspectos relacionados ao gênero e suas características não foram questionados. Aparentemente, eles tinham segurança quanto a esse aspecto. Os comentários feitos durante a leitura dos textos foram relevantes para a elaboração.

Aula 14 - montagem da revista com o grupo controle 8.^a L apenas. (o grupo experimental 8.^a M não realizou essa atividade, trouxe a revista montada)

Tempo previsto-uma aula

Objetivo: montar a revista.

Os alunos do grupo controle trouxeram os materiais necessários para a montagem da revista: textos, cartolinas, imagens etc.

3.8 Levantamento dos dados referentes às produções dos alunos

Os textos foram ordenados e separados, a produção inicial e a final. Para que assim se fizesse a leitura e se verificasse a evolução dos alunos quanto aos seguintes aspectos :

- tema;
- tipo de discurso e plano textual;
- características do gênero crônica;
- marcas do enunciador do texto: tomada de posição do autor, e seus indícios presentes no texto;
- unidades linguísticas relativas a pessoa, não-pessoa; indicação de espaço/tempo; emprego de tempos verbais.
- variante linguística empregada;
- presença ou ausência de modalizadores;
- presença de vozes; diálogo entre textos; remissões a outros textos;
- recursos expressivos que revelem traços de autoria e estilo;.

Foram lidas e analisadas todas as primeiras produções. A análise foi esquemática, pois visava ao levantamento das categorias listadas nos quadros quantitativamente. Depois, foram selecionadas 10 produções dos alunos, cinco produções do grupo controle e cinco do grupo referência, por serem representativas, para constituir o *corpus* da pesquisa. A escolha levou em consideração a participação dos alunos na atividade, a realização da re-escrita do texto, o atendimento ao tema e a presença de marcas de autoria e estilo.

SÃO VICENTE

4. PRODUÇÕES DISCENTES

Neste capítulo serão comentadas as produções dos alunos. Com a finalidade de explicitar os aspectos trabalhados em sala de aula, ao longo das sequências didáticas e, também, de observar a presença das características da crônica, foram elaborados gráficos ilustrando os resultados gerais do conjunto das produções.

A partir do exame dos dados gerais, foram selecionados seis alunos de cada grupo cujas produções foram analisadas quanto aos seguintes aspectos: características do gênero (Coelho, Fabiano, Moisés); presença do tema proposto e dialogismo (Bakhtin, Bronckart, Possenti); tipos de sequência (Bronckart, 1999) intencionalidade; criatividade e usos de recursos linguísticos (Possenti e Franchi); posição crítica; traços de autoria e estilo (Possenti, 1993 e 2002).

4.1 O conhecimento linguístico-discursivo

Com relação ao conhecimento linguístico-discursivo, a análise considerou o posicionamento enunciativo, por meio do levantamento das unidades linguísticas que indicam as relações de implicação/autonomia do texto em relação ao contexto; as modalizações; e o emprego adequado dos organizadores textuais. Observaram-se também aspectos relacionados ao tema e à variante linguística utilizada.

As relações de implicação/autonomia foram verificadas pela ocorrência de dêiticos de pessoa - pronomes de primeira e segunda pessoa do singular e do plural; de espaço e de tempo; pelo uso de pronomes de terceira pessoa do singular e do plural, pela presença de vocativos e de nomes próprios e comuns, conforme os pressupostos de Bronckart (1999).

As modalizações foram analisadas, a partir da presença de advérbios, adjetivos, verbos e expressões avaliativas sobre o conteúdo apresentado, de acordo com Bronckart (1999) e Orecchioni (1999).

Os mecanismos de textualização foram interpretados pelo uso das conexões, ou seja, dos organizadores textuais. Foram também levantados os mecanismos de apagamento, bem como as anáforas nominais em diferentes formas de manifestação: repetição do antecedente, substituição de palavras, elipse.

O diálogo foi observado a partir das relações estabelecidas entre o texto do produtor e os textos que fizeram parte dos módulos, além dessas marcas, foram também observadas aquelas que faziam referência à presença do outro no texto.

Os traços que revelam a autoria e o estilo foram considerados a partir dos elementos expressivos do texto e da ação de dar espaço a outras vozes, conforme Possenti (1993 e 2002).

4.2 Grupo controle – análise descritiva

A análise descritiva, conforme categorias já explicitadas na seção 5.1 levou à elaboração de alguns quadros que elencam essas categorias. O quadro 1 do grupo controle ilustra Para efetuar o levantamento dos elementos constitutivos das crônicas produzidas, procedeu-se à análise e ao levantamento das categorias descritivas que compõem esta pesquisa. O levantamento foi realizado por meio de quadros que elencam essas categorias (categorias já explicitadas anteriormente). Para exemplificação, são apresentados alguns desses quadros e, em seguida, as análises descritivas de algumas crônicas.

Grupo controle - 8.^a L - Primeira Versão

Aluno	Mundo				Tipo de discurso					
	Nar rar	Expor	Impli cado	Autôno mo	Interati vo	Teóri co	Nar rar (nar rati vo)	Relato interati vo	Misto- Teórico Interati vo	Outro- poético- não considera do
AB										
AM										
CC										
CG										
DP										
FP										
GF										
GV										
HM										
JC										
JM										
JV										
KR										
L										
MF										
M										
MD										
PC										
PK										
PP										
RL										
RY										
RU										
TB										
W										
YV										

Quadro1

O quadro da primeira versão dos textos dos alunos do grupo controle permite visualizar quais aspectos predominam quanto ao mundo discursivo construído e quanto aos tipos de discurso.

Os textos produzidos pelos alunos apresentam predominantemente – dadas as operações constitutivas dos mundos discursivos - relação com o mundo do expor implicado, pois as coordenadas são conjuntas às de ação de linguagem. A relação de implicação se deve ao fato de o texto produzido pelo aluno considerar o conteúdo temático e o mundo ordinário em que se desenvolve a ação de linguagem: de

persuadir, de criticar, de denunciar e, em função dessa intenção, realiza um texto que coloca em cena recursos próprios do discurso misto. Dos 26 textos produzidos, deixam de optar pelo discurso misto-teórico/interativo apenas 04 alunos. A organização do tipo de discurso desses alunos não corresponde em sua totalidade, a nenhuma das categorias criadas por Bronckart, por isso, esses textos não foram objeto de análise.

Tendo em vista o que diz Bronckart (1999) quanto à constituição dos mundos discursivos e às operações constitutivas deles, os alunos enquanto agentes tomam decisões sobre o modo de representar esses mundos, ou seja, os produtores dos textos organizam o conteúdo temático de acordo com as instâncias de agentividade inscritas: espaço, tempo de produção e parâmetros físicos da ação de linguagem, optando pelo mundo discursivo do expor. Este mundo expressa a intenção de expor um ponto-de-vista sobre um tema considerado relevante e, às vezes, polêmico. As sequências mais empregadas na composição desses mundos são: descritivas, explicativas e argumentativas, com predomínio das formas verbais do presente, do futuro e nominais de infinitivo.

Essas escolhas decorrem do contexto de produção e refletem, em certa medida, as leituras com as quais os alunos entraram em contato, ao longo das sequências didáticas. Outro fator que contribuiu para essa escolha, relaciona-se à proposta de trabalho e ao tema: comentar, colocar em evidência algum aspecto da cidade – algum acontecimento da cidade, algum lugar pitoresco, algum aspecto pitoresco que seja considerado relevante e possa provocar o interesse do leitor. Durante os módulos, os alunos entraram em contato com várias crônicas que continham alguns desses elementos, e foram organizadas em sequências descritivas, explicativas e argumentativas com o objetivo de dar a ver e persuadir o leitor a compartilhar do mesmo ponto de vista do autor, ou pelo menos, fazer refletir sobre o fato. O contato com esses textos e o contexto de produção foram determinantes, para que a maioria dos alunos, organizasse seus textos a partir do mundo do expor e do tipo de discurso do expor. Os tipos de sequências predominantes nesses textos resultam de uma decisão consciente dos alunos sobre a organização dos mundos discursivos, fato que se constata no quadro 2, a seguir:

Quadro 2

Observa-se que os textos dos alunos, em sua totalidade (100%), optaram pelo mundo do expor implicado. A relação de implicação se deve ao fato de o produtor do texto encontrar-se num processo específico, em condições específicas.

Quadro 3

O quadro 3 apresenta o percentual de alunos que fizeram opção pelo discurso misto (teórico interativo): 85%. Esse tipo de discurso reflete uma configuração que

expressa o projeto discursivo do aluno, isto é, o modo como o produtor do texto organiza o conteúdo temático que pode ser sintetizado por meio de um resumo, de uma síntese das ideias discutidas, do encadeamento das ações. O conteúdo temático do texto dos alunos diz respeito a algum aspecto específico da cidade: relação-qualidade de vida e paisagens da cidade; evolução e desenvolvimento da cidade - o que a cidade tem a oferecer ao turista; necessidade de desenvolvimento e qualidade de vida; aspectos pitorescos. Esse conteúdo é percebido a partir da análise dos mecanismos de textualização, constituídos pelas isotopias e pelas retomadas nominais que são organizadas e visíveis nos tipos de discurso e de sequências que formam a infra-estrutura textual.

Para identificar os tipos de sequências que caracterizam a crônica, é preciso considerar a influência dos aspectos citados anteriormente e, também, observar como são encaixadas as sequências.

Nas crônicas analisadas, há a presença constante de sequências descritivas. Observa-se que o aspecto descritivo apresenta uma intenção que vai além do mostrar, do dar a ver, a sequência descritiva que normalmente funciona em um texto como pano de fundo para descrição de eventos, ações ou personagens, funcionará, nas crônicas analisadas, com uma intenção argumentativa, pois o produtor ao atribuir uma qualidade ao objeto que é tema-título do texto, não o faz aleatoriamente, mas intencionalmente. Há, assim, complementarmente, uma intenção argumentativa ou explicativa.

No caso das crônicas produzidas pelos alunos, essa relação de dependência pode ser esquematizada da seguinte forma: apresentação do tema + enumeração dos atributos → sustentação de uma posição → manutenção do posicionamento + retomada-conclusão. Esse tipo de organização fica visível em sequências como as abaixo exemplificadas, retiradas de crônicas produzidas pelos alunos da 8ª série e autores escolhidos para integrar as sequências. Esses textos articulam sequências descritivo-explicativas com argumentativas, misturando assim as sequências e tipos de discursos.

São Vicente(tema-título)

aquele imensa praia
com diversas ilhas,

o barulho do mar acalma, alivia e deixa a alma limpa.

não é uma cidade tão calma assim,
é muito viva

peessoas jogando bola na areia, caminhando nas águas,
teleférico,
as belas praias,
ótimos restaurantes.

Retomada-conclusão

É realmente um lugar marcante.

A forma de planificação escolhida pelo produtor mistura tipos de sequências que revelam como o aluno representa a cidade e como hierarquiza o que deseja mostrar ao leitor, levando-o a compartilhar sua visão. Essa organização reflete a intenção de persuadir o leitor a compartilhar a mesma posição. As sequências explicativas e argumentativas estão encaixadas às descritivas ou vice-versa. O gênero é produzido e adaptado às necessidades do produtor do texto, visando à criação também de diferentes efeitos de sentido.

Conforme Bronckart, uma sequência argumentativa é organizada numa sucessão de quatro fases: fase de premissa (dados) - constatação inicial; fase de apresentação dos argumentos que orientam para uma conclusão (exemplos, justificativas); fase de apresentação de contra-argumentos, restrições em relação à orientação argumentativa, os argumentos podem ser ratificados ou refutados por justificativas; fase de conclusão que resume e integra os efeitos dos argumentos e contra-argumentos. A crônica “Os que ficam” apresenta sequências que podem ser identificadas com esse tipo de organização: encaixes de sequências explicativas, argumentativas e descritivas. O autor define o que é a praia, partindo de uma afirmação inicial que é sustentada por um raciocínio comparativo que enumera os atributos da praia comparando-a a uma democracia.

OS QUE FICAM

(...)Praia é uma república em que todos são iguais perante o Sol.

Nenhuma democracia social é tão adiantada quanto a praia, onde as raças não apenas convivem como fazem tudo para se tornarem iguais. Suam, literalmente, para diminuir suas diferenças.

Os brancos tentam ficar marrons, embora às vezes só fiquem vermelhos, os marrons ficam pretos e os pretos já estão prontos.

A praia também é a democracia econômica com que tantos sonham. É difícil distinguir o rico do pobre sem roupa. Muitas vezes a única diferença entre o biquini de uma granfina e o biquini de uma suburbana é a etiqueta, e você não pode ficar pedindo para ver a etiqueta da moça. Mesmo que, muitas vezes, o biquini seja só a etiqueta.

A não ser no detalhe - uma barriga mais próspera, um par de óculos escuros obviamente mais caro - não há como ostentar riqueza na praia. Não existem guarda-sóis-mansões e guarda-sóis populares, ou sombra de luxo e sombra conjugada. E o mesmo isopor que traz o champanha traz a farofa.

Na praia todo mundo é posseiro e ninguém é proprietário, e não há conflitos territoriais. A não ser os causados por boladas do frescobol, que são resolvidos no grito.

De maneira semelhante, um dos alunos organiza sua crônica, sem a ironia e acidez da crônica “Os que ficam”, mas obedecendo a uma organização que se aproxima dela. O tema é a praia e a indiferença de seus moradores (a não valorização de seus atributos) fato comentado e considerado pelo(a) aluno (a) como relevante e polêmico, pois apresenta a praia a partir de sua representação e, em seguida, descreve os atributos da praia, principalmente os positivos, visando à persuasão do leitor. É preciso observar que o aluno encaixa sequências descritivas que servem à defesa do ponto de vista adotado

Paz na Praia

As pessoas que moram em São Vicente, talvez, não percebam a diferença que a praia faz na nossa vida.

2 Todos os dias são dias de rotina. Temos que ir à escola ou ao trabalho e encaramos essa cidade como outra qualquer. Mas não é **. Em qual outro lugar podemos respirar um ar puro como o que vem do horizonte marítimo?

3 As pessoas, ao verem a praia, encontram paz e alegria. Alegria de saber que em cada raio de sol que cresce no horizonte, é como um fogo de artifício.

4 Na praia, ninguém fica triste. Todos nós ficamos livres do stress que nos cerca diante dos nossos desafios. Na praia, não há desafios.

5 Nem sempre ** é calma. Com a chegada do verão, todos vêm para cá em busca de tudo que é bom na vida.

6 Talvez, se ** fôssemos morar em uma cidade grande como São Paulo, ** daríamos mais valor ao que nos foi dado. A felicidade.

No texto produzido, percebe-se uma constatação inicial que expressa a opinião do autor: “As pessoas de São Vicente, talvez, não percebam a diferença que a praia faz na nossa vida”.

Em seguida, ele insere os atributos e justificativas que servem à defesa de seu posicionamento:

Praia	ninguém fica triste; Todos são livres; felicidade
ar puro	
horizonte marítimo	
raio de sol	

O autor finaliza o texto retomando o dito e concluindo: “Talvez, se fôssemos morar em uma cidade grande como São Paulo, daríamos mais valor ao que nos foi dado. A felicidade.”

Na crônica “Paz na Praia”, observa-se o hidridismo na organização das sequências apresentadas: sequências explicativas, argumentativas e descritivas. A exposição e a enumeração de atributos e explicitação de motivos são expressos por meio de encaixamentos produzidos pelo produtor que expressa seu ponto de vista sobre a praia e a cidade em que vive, deixando claramente expressa sua intenção explicar e persuadir. Fica, portanto, explícito que o tipo de discurso é misto.

Para Bronckart, a sequência explicativa origina-se a partir de uma incompletude, de uma problematização presumida pelo produtor do discurso sobre o conhecimento, as atitudes, os sentimentos do interlocutor. Há, portanto, necessidade de prover-se uma explicação, apresentando-se causas e razões da afirmação inicial. O raciocínio explicativo apresenta uma fase de constatação inicial – introdução do tema incontestável; uma fase de problematização e explicitação dos motivos; uma fase de resolução, que traz informações que respondem às questões colocadas; uma fase de avaliação ou conclusão, que completa a formulação inicial.

As sequências resultam de uma re-estruturação do conteúdo temático, que é organizado pelo produtor do texto de forma lógica em macroestruturas semânticas. Estas são organizadas linearmente para formar um todo coerente que expressa o efeito de sentido que o produtor do texto pretende criar, fazendo emergir no texto as marcas de autoria e estilo que ficam evidentes quando se observa o aspecto dialógico do gênero. A crônica, em sua essência é dialógica, pois apresenta um hibridismo natural, um diálogo permanente do autor com o leitor, do gênero com outros gêneros e entre esferas comunicativas. Esse diálogo fica evidente quando se observa a presença de elementos próprios do poema, da notícia, do editorial, do “folder” turístico, do ensaio e de textos didáticos.

Para descrever a crônica produzida pelos alunos e enumerar os elementos que anteriormente foram observados nas crônicas dos autores estudados, construiu-se um quadro que elenca algumas das categorias que caracterizam o gênero, funcionando como parâmetro do gênero, permitindo visualizar a presença ou ausência desses elementos nos textos. Das categorias representativas que refletem aspectos linguísticos e discursivos, destacam-se: temática do cotidiano; tipo de linguagem usada; atitude crítica; humor; marcas explícitas da opinião do produtor; ironia; dialogismo – interlocução explícita marcada pela presença de pronomes; remissões a outros textos por aspectos formais ou pelo conteúdo temático; organização sintética expressa por número reduzido de parágrafos; tipo de suporte; presença de vozes que expressam pontos de vistas diferentes; presença de figuras de linguagem: de palavras, de sintaxe.

Descrição dos elementos que fazem parte do gênero crônica-parâmetros do gênero-primeira versão dos textos dos alunos da 8.^a L

Aluno	Tema Cotidiano	L. Formal	L. Informal e formal	Criticidade	Opinião explícita	Humor	Ironia	Dialo gismo interlocução	N.º de Parágrafos	Suporte de origem Re Jor Int Rá	Vozes	Remissões a outros textos Forma	Remissões a outros textos Conteúdo	Presença de figuras de sintaxe: anáfora, paralelismo e inversão	Elementos	Outras figuras
A.B.									3							
A.M.									4							
C.C.									4							
C.G.									3							
D.P.									2							
F.P.									6							
G.F.									3							
G.V.									3							
H.M.									4							
J.C.																
J.M.									5							
J.V.									6							
K.R.																
L.									3							
M.F.									4							
M.									6							
M.D.									2							
P.C.																
P.K.									4							
P.P.									2							
R.L.									6							
R.Y.																
R.U.									1							
T.B.									4							
W.									1							
Y.V.									1							

Quadro 4

Quadro 5

Quanto ao tema, observa-se que 100% dos alunos são fiéis à proposta e ao tema, fazendo referência a algum aspecto do cotidiano da cidade, discutindo-o, e propondo uma reflexão. A manutenção do tema expressa o trabalho realizado durante o processo inicial quando foram explicados a proposta e os procedimentos. Foram aceitas também as sugestões dadas pelos alunos para a organização da revista – aspectos que dizem respeito à formatação da revista.

Quanto à linguagem usada, 81% dos alunos mistura a linguagem formal com a informal, empregando esta última como estratégia para se aproximar do leitor e fazê-lo identificar-se com o tema. Esse aspecto foi observado no módulo quando se buscou enfatizar os mecanismos usados com vistas ao envolvimento do leitor.

A atitude crítica do aluno fica evidente em 85% dos textos, o que evidencia a reflexão sobre o tema e um posicionamento diante dele. Esse aspecto foi trabalhado nos módulos, no momento em que se fazia a leitura dos textos. Nesses momentos ressaltaram-se as marcas, as evidências do posicionamento do autor e sua opinião, buscando revelar o grau de criticidade em relação tema tratado. As reflexões

realizadas pelos alunos deram-lhes elementos para a re-escrita do texto – produção que levou em consideração os módulos e sequências didáticas, além do quadro produzido que os auxiliou a controlar aspectos relevantes para a produção de seu texto.

Traços que revelam a presença do humor ficaram evidentes em apenas 4% dos textos, aspecto da produção que não transparece nos textos dos alunos, embora tenha sido observado no módulo em que se discutiu a relação texto verbal e não verbal e o humor que emerge no léxico usado na crônica “Em defesa das nádegas”. Esse aspecto pode não ter sido considerado relevante pelos alunos pelo fato de terem um projeto discursivo que visava a ressaltar, com seriedade, aspectos considerados relevantes da cidade. Há, porém, a presença da ironia em 38% dos textos, indicando a assimilação dos mecanismos de linguagem empregados pelos cronistas de “Em defesa das nádegas” e “Os que ficam”. Isso talvez possa ser explicado pela atitude crítica do aluno e também por tentar manter um certo cuidado com a linguagem para não chocar o leitor – uma estratégia de preservação de faces. Durante o processo de leitura nos módulos, procurou-se evidenciar a ironia resultante da estratégia de dizer o contrário do que se pensa ou do que se quer que seja pensado. Ressaltou-se a ambigüidade dos sentidos construídos na relação texto/leitor, nos jogos de palavras, na duplicidade das vozes, nas marcas de contradição entre texto e contexto. Destacou-se também que o uso da figura, indício que revela um estilo, uma atitude do autor.

O dialogismo, a interlocução explícita marcada pela presença de pronomes e de verbos foi um dos aspectos mais trabalhados e que está presente em 100% dos textos. Esse aspecto ficou evidente nos textos dos alunos pela presença explícita do pronome “você” e do pronome “nós”.

Remissões a outros textos, por meio da presença de marcas que registram algum aspecto relacionado ao conteúdo temático (4%), à presença de léxico ou de organização sintática (23%) refletem escolhas dos alunos que, de alguma forma, confirmam a assimilação e adoção desse recurso - o intertexto como estratégia para a produção do texto. Os elementos compositivos do gênero e de seu estilo foram observados nas crônicas: “Em defesa das nádegas”, “O lucro do arrastão”, “Escolha o seu sonho”, exemplos eficazes para mostrar como o cronista incorpora em seu texto elementos de outros textos.

A organização sintética dos textos - expressa por número reduzido de parágrafos foi também assimilada. Isso não se deve tão somente à exposição dos alunos a crônicas de dimensão reduzida, mas também a características dos próprios alunos – querer reduzir o texto ao mínimo possível. As dimensões variaram de 1 a 6 parágrafos, sendo significativa a porcentagem de 42% de textos que se compunham de 3 e 4 parágrafos.

Quanto à presença de vozes que expressam pontos de vistas diferentes, verificou-se a presença de 92% de vozes que polemizam – aspecto significativo que revela a assimilação pelo aluno da necessidade de se discutir, comentar fatos e de fazer uso de recursos da língua que expressem os diferentes modos ver, de se posicionar diante de algo. Esse aspecto foi observado durante a leitura de todas as crônicas, por meio da observação de alguns conectores como o “mas”, o “porém”, o “pois”, o “por que” ou “porque” e também pela inserção de outros mecanismos como uso de pronomes.

A presença de figuras de linguagem, de palavras e de sintaxe, foi um aspecto observado nas aulas, assim como a relação literário e não literário; maior grau de subjetividade e menor grau de subjetividade; criatividade; e estilo. Verificou-se a presença desses elementos em todas as crônicas, pois os próprios alunos, a partir da segunda crônica já percebiam a presença da enumeração, do uso de expressões reveladoras de opinião e de paralelismos sintáticos.

A presença de sequências descritivas nos textos revela a apropriação de um aspecto estilístico assimilado por 92% dos diante de seu projeto discursivo, haja vista a necessidade de enumerar os lugares pitorescos e aprazíveis da cidade, além, é claro, da enumeração dos problemas da cidade.

4.3 A segunda produção do grupo controle – 8.^a L

A segunda produção do grupo controle caracterizou-se pela manutenção do estatuto misto do tipo de discurso. Isso se deve à necessidade de expor, argumentar, comentar, propor reflexão em função do tema proposto – originário de fato ou acontecimento que provocou o início de uma conversa entre agente produtor e leitor ou destinatário presumido. Além da intenção comunicativa e necessidade de

apresentar informações dependentes de sua visão subjetiva, de sua implicação com o dito e de uma necessidade de aproximação com o interlocutor/leitor, o aluno ainda considerou as características do suporte em que é veiculado o texto.

O raciocínio construído teve, portanto, que se espelhar no projeto e no processo empreendido: dada a situação de produção e suas implicações, o aluno reflete em sua produção a conjunção dos tipos de discursos. O projeto discursivo dos alunos manteve-se fiel à situação de produção, não revelando alterações significativas no conjunto. Há, porém, alterações que se devem à releitura dos textos e observação de alguns aspectos ortográficos que foram desconsiderados no primeiro texto e se tornaram relevantes na retomada do texto, além de outras mudanças .

O grupo controle deixou de realizar algumas atividades, especificamente aquelas que se referem aos seguintes temas das aulas:

- Aula 7 - Parágrafo explicativo e argumentativo (produção realizada somente com a 8.ª M - grupo experimental).
- Aula 13- re-escrita - produção realizada no laboratório de informática apenas com o grupo experimental 8.ª M.

A não realização dessas atividades não chegou a comprometer o conjunto das produções. Talvez, elas pudessem ter servido à reorganização dos textos que foram descartados – textos que apresentaram tipos de discurso não previstos por Bronckart – como os poemas produzidos pelos alunos que apresentam o cotidiano, a linguagem, o diálogo com o leitor, nos quais predominam aspectos e recursos expressivos próprios do poema, da poesia, ou seja, ficaram fora do que foi proposto inicialmente.

Para ilustrar as produções discentes, foram selecionadas 6 amostras de textos de cada classe que, no conjunto, refletem o processo construído nas aulas. A seguir, apresentam-se os quadros das características desses textos que permitem visualizar as operações realizadas pelos alunos na segunda versão.

O quadro da segunda produção (re-escrita) que se encontra a seguir, ilustra os seguintes aspectos:

Grupo controle 8.^a L - segunda versão

Aluno	Mundo				Tipo de discurso					
	Nar rar	Ex por	Implica Do	Autôno mo	Interativo	Teórico	Narrar	Relato interativo	Misto- Teórico interativo	Outro
F.P.R										
G.V.										
L.										
C.C.D.S.										
A.M.M.										

Quadro 6

No quadro 6, observa-se a presença dos elementos constitutivos da crônica construídos a partir dos pressupostos teóricos tratados no capítulo referente à caracterização do gênero e do capítulo referente ao conceito de dialogismo e interação.

O quadro permite, portanto, visualizar esquematicamente como se procedeu ao levantamento dos dados que estão relacionados às características da crônica descritas por esta pesquisadora e aquelas que foram acrescentadas por meio desta pesquisa.

Os textos produzidos pelos alunos apresentam, predominantemente – dadas as operações constitutivas dos mundos discursivos:

- relação com o mundo do expor implicado: conjugação do conteúdo temático e o mundo ordinário em que se desenvolve a ação de linguagem de mostrar, persuadir, criticar, explicar ou denunciar, realizadas tendo em vista o leitor da revista e a intenção do produtor do texto. Com exceção de uma das alunas que optou pelo relato interativo e produziu um texto que se diferenciou quanto à forma de organização do mundo discursivo e tipo de discurso. Essa mudança pode ter ocorrido devido ao contato da aluna com as últimas crônicas (aquelas que apresentaram presença da ironia, de pitadas de humor, criticidade em alto grau). O texto produzido pela aluna apresentou características semelhantes.

De modo geral, a situação e o contexto de produção a que os alunos foram expostos, foram determinantes para a produção dos textos. Por isso, a organização dos textos manteve alguns parâmetros que foram decisivos na produção da crônica. Sobressaíram-se alguns elementos e esses foram considerados em relação ao tipo de discurso, tipo de sequência e os elementos constitutivos da heterogeneidade textual como a língua, a linguagem e estilo, designados por Bronckart (1999) como

tipos de discurso. Há, portanto, por parte dos alunos uma decisão consciente sobre a organização de seu mundo discursivo.

Esse processo foi aliado ao quadro de acompanhamento, construído para que os alunos pudessem se orientar sobre quais aspectos seriam relevantes durante a produção da segunda versão. Um outro aspecto relevante para a produção dessa versão foi a leitura e apreciação dos textos pelos colegas de sala: cada aluno lia seu texto e os outros comentavam. A segunda versão foi realizada a partir das sugestões dadas pelos colegas e pelo próprio controle do aluno sobre seu texto. Não houve, porém, por parte da maioria dos alunos, alterações quanto aos mundos discursivos criados.

4.3.1 Análise das crônicas do grupo controle - 8ª. L

É preciso esclarecer inicialmente que o grupo controle é composto por alunos da 8ª. L, classe que apresenta algumas diferenças em relação à 8ª. M. Dentre as diferenças, as positivas e as negativas:

- os alunos são criativos;
- muitos apresentam problemas na expressão escrita: concordância, pontuação, acentuação;
- é uma sala bastante agitada, com problemas de disciplina;
- as aulas de língua portuguesa ocorrem sempre nos últimos horários, 5ª e 6ª aulas, 3 vezes por semana;
- há um número maior de meninos;
- alguns alunos têm certa facilidade para se apropriar de conceitos e atrapalham outros que não têm a mesma facilidade.

A organização dos módulos apresentou algumas diferenças com relação a outra sala, pois houve um menor. Assim nesta sala, não foi possível aplicar todas as atividades de modo completo, houve atividades em classe e, outras parcialmente em casa, devido a feriados e eventos da escola que não permitiram que as aulas transcorressem da mesma forma que na 8ª. M (grupo experimental).

4.3.2 Critérios para a re-escrita do texto

Antes da re-escrita, os textos foram lidos e comentados pelos alunos e pela professora. Houve consenso entre os comentários feitos pelos alunos e pela professora. É importante esclarecer que a orientação dada aos alunos, para a re-escrita ressaltou a necessidade de :

- revisão dos aspectos que os alunos considerassem relevantes para a configuração e caracterização de seus textos como pertencentes ao gênero crônica.
- recomposição da imagem da cidade, levando em consideração o fato de todos são moradores, de modo a reavaliar seus sentimentos e vínculos com ela;
- avaliação do veículo que seus textos teriam como suporte: a revista;
- revisão dos conectores que foram excessivamente repetidos.

Para a re-escrita, os alunos poderiam usar o quadro de características da crônica.

4.4 As produções do grupo controle

4.4.1 Primeiro texto: “Paz na praia” de F.P.R. - primeira versão

Paz na Praia

1 As pessoas que moram em São Vicente, talvez, não percebem a diferença que a praia faz na nossa vida.⁵

2 Todos os dias são dias de rotina. Temos que ir à escola ou ao trabalho e encaramos essa cidade como outra qualquer. Mas não é. Em qual outro lugar podemos respirar um ar puro como o que vem do horizonte marítimo?

3 As pessoas, ao verem a praia, encontram paz e alegria. Alegria de saber que em cada raio de sol que cresce no horizonte, é como um fogo de artifício.

4 Na praia, ninguém fica triste. Todos nós ficamos livres do stress que nos cerca diante dos nossos desafios. Na praia, não há desafios.

5 Nem sempre é calma. Com a chegada do verão, todos vêm para cá em busca de tudo que é bom na vida.

6 Talvez, se fôssemos morar em uma cidade grande como São Paulo, daríamos mais valor ao que nos foi dado. A felicidade.

⁵ Os parágrafos do texto foram numerados para facilitar a visão e acompanhamento das análises.

O plano geral do texto de F.P.R. expressa a visão crítica da produtora sobre os moradores da cidade e sua relação com a praia, ou seja, a falta de consciência desses moradores sobre os benefícios proporcionados pela praia.

Para a produtora do texto, trata-se de um tema polêmico.

Conforme os pressupostos teóricos empregados nesta pesquisa, a questão polêmica, no caso do texto produzido por F.P.R., está relacionada ao fato de as pessoas não perceberem e não valorizarem o lugar onde vivem. Esse é indicado como possibilidade, pois ela emprega o modalizador lógico “talvez”, revelando dúvida.

A produtora apresenta como justificativa da não percepção das pessoas a rotina a que estão submetidas. Por essa razão encaram a cidade como um lugar qualquer. A afirmação é contestada em seguida, pois ela encaixa na sequência o organizador lógico “mas” que prepara a pergunta retórica da oração seguinte, ressaltando os aspectos positivos de se viver perto do mar.

Esse procedimento revela a intenção do produtor: tentar modificar essa visão e persuadir o leitor, morador da cidade ou turista.

O texto está organizado em seis parágrafos curtos que mesclam períodos compostos constituídos de orações subordinadas adjetivas, orações coordenadas, orações subordinadas adverbiais e orações adjetivas, em sua maioria, misturadas. Essa organização sintática apóia o equilíbrio nas sequências produzidas: explicativas, argumentativas e descritivas que configuram o mundo do expor e o discurso misto.

A organização do conteúdo temático da crônica de F.P.R. tem como uma de suas características coordenadas conjuntas às da ação de linguagem, pois o conteúdo do texto é abordado em mundo discursivo conjunto, próximo ao da interação social. Há marcas no texto que denotam espaço e tempo: “Com a chegada do verão, todos vêm para cá em busca de tudo que é bom na vida”. Essas marcas são índices da relação com os parâmetros da ação de linguagem, a ação de expor e descrever estão apoiadas no eixo do expor, caracterizando assim o discurso misto (interativo-teórico). O texto apresenta características dos dois tipos de discurso: interativo e teórico, pois são usadas unidades dêiticas e lógico-argumentativas. A presença de segmentos dêiticos como: “nossa vida”; “Temos que ir à escola”; “Todos nós ficamos livres do stress que nos cerca diante dos nossos desafios” expressa a posição e o envolvimento do produtor do texto com aquilo que é dito e com o que

ocorre na cidade. Fica claro, desde o início, que F.P.R. tem consciência de que é importante perceber-se como morador de um lugar para poder apreciá-lo: “As pessoas que moram em São Vicente, talvez, não percebam a diferença que a praia faz na nossa vida.”

O sujeito dessa oração “as pessoas” é retomado, ao longo do texto, por meio da anáfora nominal “as pessoas”; por elipses; e pelo pronome “todos”: “As pessoas, ao verem a praia, encontram paz e alegria” (terceiro parágrafo).

É interessante notar que essa referência inicial será substituída por um “nós” elíptico, mais adiante, ou seja, o produtor se incluirá no grupo, basta que se observe o emprego dos verbos: “temos”, “encaramos”. Posteriormente, o objeto-tema, “a praia”, é introduzido e caracterizado como um lugar que faz diferença na vida das pessoas. É importante ressaltar que o referente “a praia” - unidade fonte, conforme Bronckart (1999), ao longo dos parágrafos do texto, é retomado numa série constituída pela repetição: “a praia” (2x) (substantivo) e “na praia” (2 x) (locução adverbial) e, no último parágrafo como “felicidade” - retomada abrangente, a partir do sentimento que a praia provoca naqueles que vivem perto dela.

Outra unidade fonte é “São Vicente”, retomada pela anáfora nominal “cidade” e, no segundo parágrafo, por meio de uma associação genérica: “outro lugar” para anunciar seus atributos.

No parágrafo: “Todos os dias são dias de rotina. Temos que ir à escola ou ao trabalho e encaramos essa cidade como outra qualquer. Mas não é. Em qual outro lugar podemos respirar um ar puro como o que vem do horizonte marítimo?”, há certo apelo sensorial: olfato e visão funcionam como elementos que buscam seduzir o leitor com as qualidades que passam a ser enumeradas. Ressalta-se a pureza do ar, por meio do emprego do adjetivo “puro”, na pergunta retórica, caracterizando o elemento ausente de muitos lugares e procurado por aqueles que buscam praia e ar puro. Além do ar puro, o apelo à visão, vem da expressão “horizonte marítimo”, logo a seguir. O produtor do texto sugere a origem distante do ar que chega à praia, levando o leitor a imaginar a imensidão da paisagem. O emprego da perífrase verbal: “podemos respirar” revela a situação de implicação com o que é dito, e serve como estratégia para aproximar-se do leitor, em função da linguagem empregada: o uso do tempo verbal do presente (nível coloquial) no lugar de “poderíamos”, nível culto.

Observa-se em todo o texto a presença do produtor, evidentes nas marcas de autoria deixadas. Observa-se isso no posicionamento claro diante do que discute, pois o produtor marca sua posição em relação a seu leitor, seu interlocutor. Há também a inserção de vozes que apresentam pontos de vista diferentes que pertencem a pessoas da sociedade, engajadas na cultura comum, implicando um co-enunciador com traços específicos: “Temos que ir à escola ou ao trabalho e encaramos essa cidade como outra qualquer. Mas não é. Em qual outro lugar podemos respirar um ar puro como o que vem do horizonte marítimo?”. Nesse trecho ficam evidentes a voz do produtor e dos outros que também vivem na cidade, expressando posições diversas - esse procedimento é encontrado também nos demais parágrafos.

Os demais parágrafos apresentam segmentos que têm a função de apresentar mais justificativas para persuadir o leitor a compartilhar o ponto de vista do produtor, por meio de sequências explicativas e descritivas que mostram ao leitor um cenário que não é valorizado. Observa-se na crônica a descrição de aspectos que são considerados importantes e colocados em destaque por F.P.R: um lugar em que todos encontram paz, alegria, beleza ficam livres do *stress*.

As pessoas, ao verem a praia, encontram paz e alegria. Alegria de saber que em cada raio de sol que cresce no horizonte, é como um fogo de artifício.

Na praia, ninguém fica triste. Todos nós ficamos livres do stress que nos cerca diante dos nossos desafios. Na praia, não há desafios.

Nem sempre é calma. Com a chegada do verão, todos vêm para cá em busca de tudo que é bom na vida.

O parágrafo seguinte repete o mesmo tipo de organização empregada no primeiro: período composto em que à oração principal é encaixada uma subordinada, cujo conteúdo revela a intenção de persuadir o leitor a compartilhar a mesma visão e opinião do produtor do texto. O apelo visual é fortemente empregado também neste parágrafo com a finalidade de revelar ao leitor a paz e alegria que encontrará ao se ver diante da praia e dos raios de sol, que simbolizam, ao mesmo tempo, calor e festa. Relação que se pode estabelecer, quando se considera o fato de que há queima de fogos na praia, a cada final de ano. Trata-se assim de ressaltar um dos pontos altos da região: o “Reveillon”. Ainda que o parágrafo pareça um tanto inconcluso e confuso, é possível relacionar uma idéia a outra, pois o produtor do

texto procedeu à anteposição de “em cada raio de sol” à oração “que cresce no horizonte”, empregando ainda a comparação “é como”, o que possibilita ao leitor compreender a intenção de comparar e estabelecer relações entre os raios de sol e as luzes dos fogos de artifício.

No quarto parágrafo, há uma sequência composta de um período simples, um período composto e outro período simples. Fica evidente o engajamento de F.P.R. com o que diz e a inclusão de seu leitor, além da intenção de acrescentar ao tema-título novos atributos que têm a função de dar continuidade ao texto e compor o cenário que sustente a argumentação defendida: “Na praia, ninguém fica triste. Todos nós ficamos livres do stress que nos cerca diante dos nossos desafios. Na praia, não há desafios.” Neste parágrafo, a produtora colocou em primeiro plano o adjunto adverbial de lugar “na praia”, cuja função é retomar, por meio da delimitação espacial e da repetição do termo, o tema-título, e também “dar a ver ao leitor” um novo componente, agora, psicológico agregado à descrição feita – o efeito da praia sobre o frequentador: a mudança de humor, afinal a praia é um lugar em que se fica livre do *stress* urbano, vilão que afeta diariamente o ser humano e lhe impõe constantes desafios, inclusive ao produtor do texto, nele implicado – basta observar uso do pronomes “nós” no trecho: “Todos nós ficamos livres do *stress* que nos cerca diante dos nossos desafios. Na praia, não há desafios.” Para finalizar o parágrafo, é repetida a mesma organização inicial do parágrafo com a repetição do adjunto adverbial.

O quinto parágrafo “Nem sempre é calma. Com a chegada do verão, todos vêm para cá em busca de tudo que é bom na vida.” apresenta uma organização semelhante ao anterior: ao período simples inicial, segue-se um composto. O primeiro anuncia a mudança que ocorre com a chegada do verão: a perda da tranquilidade usual do lugar. Porém, esta perda aparente, na verdade, é positiva para cidade, basta observar o emprego do adjetivo “bom” que funciona como modalizador, expressando a avaliação feita pelos turistas e pelo produtor. A imagem construída é a de que a cidade, no verão, apresenta aspectos sedutores para o turista que está à procura de “tudo que é bom na vida.”, neste caso, a praia.

O parágrafo final limita-se a um período composto. O modalizador “talvez” é empregado novamente junto com o condicional “se” e a forma verbal empregada no imperfeito do subjuntivo, de valor hipotético, coloca em dúvida o conteúdo do dito e, ao mesmo tempo adverte sobre a possibilidade de não se ter mais contato com o

lugar - a praia e, por extensão de sentido, com a felicidade. “ Talvez, se fôssemos morar em uma cidade grande como São Paulo, daríamos mais valor ao que nos foi dado. A felicidade.” Esse parágrafo apresenta alguns problemas de articulação entre as formas verbais, há certa confusão no emprego dos tempos, confusão que pode estar relacionada à oralidade, indicando a mistura de variantes.

O texto pode ser considerado uma crônica por apresentar-se como uma resposta à proposta feita e por apresentar os elementos característicos de uma crônica: tema relacionado ao cotidiano da cidade e do aluno; pequena extensão; manifestar reflexão e atitude crítica do produtor; dialogar com o leitor e com outros gêneros ou textos; inserir vozes que manifestam diferentes posições, opiniões.

4.4.1.1 Segunda versão de F.P.R.

"Garçom, me vê uma cerveja!"

1 É isso o que mais escutamos em um dia ensolarado de verão em São Vicente. Pessoas de fora, com o bagageiro aberto, escutando uma musica suave para relaxar tanto a família quanto o vizinho de três bairros depois. **Saem da praia, deixando-a limpíssima, já não sabemos mais se a areia é preta ou branca, e mesmo assim, **voltam para os quiosques no final da tarde.

2 Com certeza, é a parte mais gostosa do dia de todo mundo. Estórias e piadas ficam mais saborosas quando acompanhadas de uma porção de isca de frango, o clima e papo flui como as ondas do mar e o ritmo se suaviza com a chegada da noite.

3 Há pessoas que só vão embora no outro dia, mas isso não tem problema nenhum, pois a diversão que elas encontram em São Vicente não pode ser encontrada do mesmo jeito em São Paulo."

F. P. R.

Mais que revisar o texto, o produtor modificou-o bastante.

O texto foi reorganizado e agora tem três parágrafos apenas, suficientes para expressar o posicionamento do produtor diante de uma situação presente no cotidiano, que lhe chama atenção e que considera polêmica. O tema é apresentado em uma linguagem que mistura o formal e o informal, bem próxima do tom de conversa. O plano geral da crônica segue orientação semelhante à primeira versão, pois também nesta segunda versão, as coordenadas são apresentadas como conjuntas às da ação de linguagem, o conteúdo do texto é abordado em mundo discursivo conjunto, próximo ao da interação social. As marcas no texto denotam

espaço e tempo, porém sua função no encadeamento do período é descritiva e argumentativa, já que permitem a visualização do cenário: “em um dia ensolarado de verão em São Vicente; Saem da praia; voltam para os quiosques no final da tarde” (primeiro parágrafo); o clima e papo flui como as ondas do mar e o ritmo se suaviza com “a chegada da noite” (segundo parágrafo); “no outro dia” (terceiro parágrafo) .

A relação com os parâmetros da ação de linguagem (implicação da situação material) revelam que a ação de descrever está apoiada no eixo do expor, caracterizando assim o discurso misto. A presença de segmentos dêiticos como: "Garçom, me vê uma cerveja!"; "É isso o que mais escutamos"; "já não sabemos" expressam o envolvimento e posição assumida pela produtora. Percebe-se desde o início do texto que F.P.R. participou da experiência descrita ou de uma semelhante, pois os detalhes vão sendo apresentados e comentados de forma bem humorada. A linguagem é informal, bastante relaxada, muito próxima da usada em algumas das crônicas estudadas, assemelhando-se ao "tom de um comentário".

Um tom irônico perpassa todo o primeiro parágrafo, basta que sejam observados os sublinhados: "Pessoas de fora, com o bagageiro aberto, escutando uma musica suave para relaxar tanto a família quanto o vizinho de três bairros depois. Saem da praia, deixando-a limpíssima, já não sabemos mais se a areia é preta ou branca (...)

A ironia é resultado da mistura de vozes: da produtora e de uma voz social que também se posiciona contrariamente a esse tipo de comportamento. Essa forma de ver e de mostrar o que se pensa está presente no gênero crônica de modo geral e ficou evidente nas crônicas que serviram como fonte para os estudos da classe. A incorporação desse traço característico revela a assimilação pela aluna de mais uma das características do gênero.

Quanto aos tipos de sequência empregados por F.P.R. na organização de seu texto, observa-se a preferência pelas sequências explicativas, descritivas e argumentativas, presentes também na primeira versão, assim como nas crônicas que foram vistas nos módulos. Por meio dessas sequências, os costumes dos turistas que chegam à cidade de São Vicente e suas ações são comentados de forma crítica, bem-humorada e irônica.

A atenção da produtora nesta versão prende-se mais aos turistas que aos moradores, o que expressa reflexão do agente sobre a finalidade do texto e o suporte em que será publicado .

F.P.R. deixa registradas em seu texto, suas impressões e representações sobre as pessoas que vivem na cidade e que vêm à cidade nos três parágrafos explicativos, descritivos e argumentativos. A descrição detém-se sobre os objetos e seres considerados em sua simultaneidade, como na crônica anterior, aspecto observado pelo uso do tempo verbal: presente do indicativo.

A variante empregada nesta versão, como já foi dito, também mescla o formal com o informal língua é coloquial. Essa estratégia visa a representar a linguagem dos frequentadores da praia e que é retomada pelo agente para se aproximar do leitor e que ainda revela características do produtor.

O primeiro parágrafo é composto por subordinação e está organizado em três períodos. O primeiro período apresenta uma oração principal e uma subordinada que fazem referência direta ao conteúdo expresso no tema-título da crônica, além dos adjuntos adverbiais de tempo e lugar empregados para situar o leitor sobre o lugar de que se fala. O segundo período inicia pela apresentação dos seres sobre os quais se fala: “pessoas de fora”, cujo substantivo “pessoas” funciona como núcleo do sujeito da oração, e é caracterizado pelo adjunto adnominal “de fora”. Na sequência é encaixado um aposto, cuja função também é caracterizar o turista. Essa caracterização é feita, por meio do uso de uma figura de linguagem bastante produtiva, a metonímia, “com o bagageiro aberto”. As outras orações na sequência têm também a função de caracterizar o sujeito, como por exemplo, a oração adjetiva reduzida de gerúndio: “escutando uma musica suave”, esta oração é seguida de uma adverbial final reduzida de infinitivo: “para relaxar tanto a família quanto o vizinho de três bairros depois”. O conjunto expressa a ironia do sujeito - que enuncia e avalia o conteúdo da situação descrita, apoiado nos valores e nas regras constitutivas do mundo social.

O terceiro período do primeiro parágrafo é composto por coordenação e subordinação. Nele sobressai o adjetivo “limpíssima”, modalizador no grau superlativo sintético que expressa uma avaliação pessoal e irônica do enunciador a respeito da atitude das “pessoas de fora”: “Saem da praia, deixando-a limpíssima⁶, já não sabemos mais se a areia é preta ou branca (...)”. O efeito produzido é a ironia que acrescenta um tom leve e divertido, recurso que visa ao efeito persuasivo sobre o leitor. A continuação desse período apresenta uma última oração introduzida pela

⁶ Os trechos sublinhados destacam a ironia e a inserção de vozes que polemizam.

locução conjuntiva concessiva: “e mesmo assim, voltam para os quiosques no final da tarde” que se opõe ao conteúdo expresso anteriormente, de forma crítica. As expressões destacadas mostram a inserção de vozes que se opõem no parágrafo, revelando assim o diálogo que o produtor estabelece e também o uso recorrente de um recurso estilístico com o qual o produtor do texto entrou em contato. Há, assim, no parágrafo, uma série de orações que revelam a visão pessoal do produtor e de suas representações sobre o tema-título.

O segundo parágrafo é composto de dois períodos: um simples e outro composto. O primeiro período apresenta inicialmente a locução adverbial “com certeza” com função sintática de adjunto adverbial de afirmação, que, no plano do discurso, funciona como modalizador apreciativo subjetivo do conteúdo temático, com origem na voz do produtor. A sequência introduzida pelo verbo ser “é a parte mais gostosa do dia de todo mundo” remete ao parágrafo anterior, descrevendo e justificando de certa forma a ação precedente. O segundo período apresenta a oração principal seguida de subordinada adverbial iniciada por “quando”. Além do valor temporal, essa oração também tem valor condicional, podendo a conjunção “quando” ser equivalente a “se”, neste caso. “Estórias e piadas ficam mais saborosas quando acompanhadas de uma porção de isca de frango, o clima e papo flui como as ondas do mar e o ritmo se suaviza com a chegada da noite.”. Essa sequência enumera os elementos que podem ser apreciados pelos visitantes: peixe + estórias + piadas + ondas do mar. Ela combina os elementos de forma poética, partindo da comparação estabelecida entre o clima, o papo e o movimento das ondas do mar, suavizados à medida que a noite começa a chegar.

O terceiro parágrafo traz período composto por subordinação e coordenação, ou seja, o produtor produz encaixamentos e justaposições para fechar seu texto, constatando que os visitantes da cidade gostam tanto dela que a deixam tão somente no último momento, pois a alegria e prazer encontrados em São Vicente não são encontrados na cidade que habitam. “Há pessoas que só vão embora no outro dia, mas isso não tem problema nenhum, pois a diversão que elas encontram em São Vicente não pode ser encontrada do mesmo jeito em São Paulo.” Nesse parágrafo, são apresentados dois pontos de vista sobre o que ocorre: algo incômodo e, depois, prazeroso para o produtor e para aqueles que visitam São Vicente, pois a imagem negativa deslocou-se para a cidade de São Paulo. Observe-se:

- “Há pessoas que só vão embora no outro dia” – o uso de “que + só” neste período enfatiza o tempo de permanência das pessoas na cidade;
- “mas isso não tem problema nenhum” - a conjunção “mas” foi empregada com a intenção de mudar a orientação argumentativa do discurso;
- “ pois a diversão que elas encontram em São Vicente” – a conjunção “pois” é empregada para justificar o fato anterior: “Há pessoas que só vão embora no outro dia, mas isso não tem problema nenhum, pois a diversão que elas encontram em São Vicente não pode ser encontrada do mesmo jeito em São Paulo.”
- não pode ser encontrada do mesmo jeito em São Paulo - a combinação de “não pode ser” expressa uma modalização responsável por construir a oposição entre os lugares e também a representação construída pelo produtor.

O texto produzido por F.P.R. apresenta predominantemente elementos característicos do gênero crônica e, pontualmente, de outros gêneros como artigo de opinião, comentário crítico. O segundo texto produzido apresenta alterações que revelam reflexão sobre diferentes aspectos:

- Temáticos - o cotidiano está presente na primeira crônica, em que a focalização recai sobre o morador da cidade e um aspecto de sua conduta: ele se opõe, de certa forma, à atitude do turista; na segunda produção, o foco é a presença do turista, do visitante e seu modo inadequado de agir na cidade.
- Opinião: as duas produções revelam a opinião do produtor sobre a cidade, seus moradores e seus visitantes.
- Voz: presença da voz do produtor e de vozes sociais que fazem emergir as oposições entre o que é desejável e o que ocorre de fato, nas duas versões.
- Criticidade: o tom de crítica continua, agora minizado, apresentando certa flexibilidade, construída por meio do emprego dos modalizadores .
- Presença de tonalidade irônica e bem-humorada – estava ausente na primeira crônica; na segunda, está presente.
- Tipo de discurso: o discurso é misto na primeira e na segunda produção, servindo aos propósitos da produtora - mostrar, criticar e comentar.
- Tipos de sequências empregadas: descritivas, explicativas e argumentativas em ambas.

- Texto sintético - organização do primeiro texto em seis parágrafos(13 linhas) e do segundo, em três parágrafos (12 linhas). Houve uma condensação da informação em um número menor de parágrafos, porém é mantida a mesma extensão inicial.
- Nos dois textos apresenta-se a força da voz do produtor. Percebe-se que o produtor do texto assume conscientemente a autoria do texto e usa recursos expressivos indicativos de um estilo. Esses recursos expressivos apresentam-se com maior intensidade na segunda versão, após ter entrado em contato com as crônicas que têm a ironia e humor presentes, como “Em defesa das nádegas” e “Os que ficam” .

4.4.2 Segundo texto: sem título de G.V. - primeira versão

Em São Vicente tem muitas coisas boas desde lanchonetes na esquina até seus restaurantes e quiosques na orla da praia, por mais que isso gere um bom lucro para a cidade as praias ficam mais poluídas do que já são. A maior parte da população Vicentina joga diversos lixos nas águas de São Vicente, muitos falam que não jogam para parecerem civilizados, mas na verdade todos nós contribuimos para nosso mar está do jeito que está hoje. As pessoas vem para nossas praias pois acham lindas, mas não sabem da verdade (estão nadando nos esgostos despejado dos prédios no mar de nossa cidade).

Meu avô dizia que existiam golfinhos antigamente pelo mar de nossa cidade. Hoje em dia você não vê nem peixe mais somente coisas nojentas que vem com a onda. Infelizmente o ser humano é assim ele tenta se acostumar as condições sem fazer nenhum esforço, em quanto nossa população ser assim nossa cidade continuará sendo poluída.

Em compensação São Vicente tem lugares ótimos como o terraço no ilha Porchat, algumas pedras em certas praias de São Vicente e o morro da asa delta onde você sobe de teleférico e vê o horizonte de São Vicente.

O texto está organizado em três parágrafos curtos, com períodos compostos por subordinação e coordenação, constituídos por subordinadas adverbiais e adjetivas, encaixadas nas orações coordenadas ou nas principais.

O texto de G.V. expressa um ponto de vista crítico sobre a vocação turística da cidade. Começa pelos malefícios que daí decorrem, finaliza por uma reavaliação, no terceiro parágrafo, apontando os atrativos e as facilidades. Dirige-se a um provável interlocutor (você): “ Em São Vicente tem muitas coisas boas desde lanchonetes na esquina até seus restaurantes e quiosques na orla da praia, por mais

que isso gere um bom lucro para a cidade as praias ficam mais poluídas do que já são”. Nesse trecho a situação é vista pelo produtor como algo polêmico, basta que se observe a relação de causa e consequência estabelecida por ele. Para ele, a causa da poluição se deve ao fato de os quiosques e restaurantes ficarem próximos à praia e a população jogar lixo em suas águas.

A organização do conteúdo temático da crônica de G.V. apresenta inicialmente características de discurso autônomo; em seguida, do discurso implicado, pois as coordenadas são conjuntas às da ação de linguagem: “A maior parte da população Vicentina **joga** diversos lixos nas águas de São Vicente, muitos falam que não jogam para parecerem civilizados, **mas** na verdade **todos nós contribuimos** para **nosso** mar está do jeito que está hoje. As pessoas vem para nossas praias pois acham lindas, **mas** não sabem da verdade (estão nadando nos esgostos despejado dos prédios no mar de nossa cidade)”. Os trechos sublinhados e em negrito são marcas que expressam relação com o eixo do expor: presença de conectores lógicos, verbos no presente. Os parâmetros da ação de linguagem caracterizam o discurso misto, apresentando assim marcas do discurso interativo-teórico. Encaixa-se, a seguir, um segmento de relato interativo, que relata o que o avô lhe contou sobre a praia. O texto de G. V. apresenta, portanto, tipos de discursos que se mesclam.

Há conexão entre o final do primeiro parágrafo e o início do segundo:

As pessoas vem para nossas praias pois acham lindas, **mas** não sabem da verdade (estão nadando nos esgostos despejado dos prédios no mar de nossa cidade).

Meu avô dizia que existiam golfinhos **antigamente** pelo mar de **nossa cidade**. **Hoje** em dia **você** não vê nem peixe mais somente coisas nojentas que vem com a onda.

no segmento dado, há o emprego de formas gramaticais indicadoras de terceira pessoa e, em seguida, de primeira pessoa que atestam a mistura de tipos de discursos: alta densidade sintagmática, sequências explicativas misturadas ao “script”. A sequência revela a insatisfação do produtor diante do fato que ele denuncia com muita criticidade e indignação: “**mas** não sabem da verdade (estão nadando nos esgostos despejado dos prédios no mar de nossa cidade)”. Diante do

fato constatado, G. V. recupera a voz do avô que representa uma parcela da população da cidade e enfatiza o que é dito: antes não havia tanta poluição quanto agora. Portanto, o produtor lança mão de uma ou de várias vozes que são identificadas de forma superposta, em relação à voz do produtor do texto que comenta, avalia ou explica algum aspecto do conteúdo temático. São vozes sociais provenientes de personagens ou grupos sociais que não intervêm diretamente na ação que compõe o conteúdo temático, mas que servem como instâncias externas para a avaliação desse conteúdo: “A maior parte da população Vicentina joga diversos lixos nas águas de São Vicente, **muitos falam** que **não jogam** para **parecerem civilizados**, **mas na verdade todos nós contribuimos** para **nosso** mar **está** do jeito que **está** hoje”. A voz é um dos mecanismos responsáveis pela coerência pragmática do texto, já que expressa avaliações, julgamentos, opiniões, sentimentos, formulados a partir do conteúdo temático do texto, das instâncias de agentividade responsáveis por essas avaliações, conforme a função das vozes, segundo Bronckart (1999). Essas avaliações são expressas por meio dos modalizadores, das locuções adverbiais como “na verdade” que avaliam a situação e ações realizadas, assim como os verbos usados.

A presença de segmentos dêiticos como: “**todos nós contribuimos** para **nosso** mar **está** do jeito que **está** hoje.”; “**Hoje** em dia **você** não **vê** nem peixe **mais** somente coisas nojentas **que vem** com a onda” evidencia a posição e envolvimento do produtor com aquilo que diz sobre o que ocorre na cidade, ou seja, remete à relação de implicação construída e mostrada.

Esse envolvimento com o que é dito pode ser observado também nas formas empregadas no texto que introduzem o objeto tomado como tema: São Vicente e as coisas boas que possui. A referência introdutória “Em São Vicente” é retomada ao longo do texto por uma cadeia nominal anafórica: “a cidade”, “nossa cidade” (3 x repetida) e novamente “São Vicente”. Nota-se que há por parte do produtor a preocupação em delimitar e especificar geograficamente o lugar de que fala, empregando para isso a locução adverbial: “Em São Vicente”, na abertura. Ao longo do texto, diferentemente, ele emprega substantivos que são repetidos: cidade e São Vicente.

Para introduzir e descrever os elementos positivos enumerados em seu texto, o produtor usa uma referência introdutória genérica “coisas”, característica própria de um agente-produtor de apenas 13 ou 14 anos. Na sequência, ele é mais preciso:

“lanchonetes”, “restaurantes” e “quiosques”, usando para isso a preposição “desde” e a preposição “até”. A enumeração prossegue no terceiro parágrafo com a retomada dos lugares que podem ser visitados: “Em compensação São Vicente **tem lugares ótimos** como **o terraço** no ilha Porchat, **algumas pedras** em certas praias de São Vicente e **o morro da asa delta** onde você sobe de teleférico e ve u horizonte de São Vicente.”, a cadeia anafórica é distribuída da seguinte forma: lugares →terraço→pedras→morro da asa delta.

Quanto aos organizadores textuais, fica evidente a preferência de G.V. por aqueles que nas sequências introduzem explicação, e que estão relacionados também à função argumentativa: “mas”, “pois”, “e”, “que”, além das preposições já citadas anteriormente.

Além da voz, um outro mecanismo enunciativo se destaca: a modalização que pertence à dimensão configuracional do texto e contribui para o estabelecimento da coerência pragmática ou interativa. As modalizações orientam o interlocutor na interpretação do conteúdo temático do texto. No texto empírico de G.V., as funções de modalização no texto podem ser observadas nas formas verbais e nos advérbios empregados: “muitos falam que não jogam para parecerem civilizados, mas na verdade todos nós contribuímos para nosso mar está do jeito que está hoje”. O produtor avalia conteúdo temático por meio de conhecimentos organizados no mundo objetivo sob o ponto de vista de suas condições de verdade e possibilidades, como indica o uso do verbo “parecer” e da locução adverbial “na verdade”. Em “**Infelizmente** o ser humano é assim ele tenta se acostumar as condições sem fazer nenhum esforço, em quanto nossa população ser assim nossa cidade continuará sendo poluída, observa-se o emprego de uma modalização apreciativa que avalia o conteúdo temático por meio de expressões oriundas do mundo subjetivo do produtor: a constatação da condição do ser humano que “infelizmente” se acostuma a tudo. No mesmo trecho, há ainda um modalizador pragmático que indica a responsabilidade das instâncias enunciativas em relação às ações, intenções, razões, na proposição de um conteúdo temático. As modalizações apreciativas são encontradas em sequências como: “**coisas boas** desde lanchonetes na esquina até seus restaurantes e quiosques na orla da praia, por mais que isso gere um **bom lucro** para a cidade **as praias** ficam **mais poluídas** do que já são”, nessa sequência observa-se o emprego de adjetivos avaliativos: “boas” em relação “coisas”; “bom” em

relação a “lucro”; “poluídas” em relação a “praias” e também a presença do intensificador “mais”.

No último parágrafo, é recuperada a imagem da cidade, introduzida pela expressão “em compensação” que articula o terceiro parágrafo ao segundo e ressalta os aspectos positivos de outros lugares da cidade: “Em compensação São Vicente **tem** lugares otimos como o terraço no ilha Porchat, algumas pedras em certas praias de São Vicente e o morro da asa delta onde você sobe de teleférico e ve u horizonte de São Vicente.”

No texto de G.V., o nível da língua é coloquial, há reprodução de expressões próprias da oralidade ou encontradas na linguagem “internetês”. Esse uso revela hábitos do agente que se refletem na crônica, mas não foram considerados por ele durante a produção do texto.

4.4.2.1 Segunda versão de G.V.

São Vicente

Em São Vicente existem muitas coisas boas: lanchonetes a cada esquina, restaurantes e quiosques na orla da praia. O comércio gera um bom lucro para a cidade, mas as praias ficam mais poluídas do que já são. A maior parte da população Vicentina joga diversos lixos nas águas de São Vicente, muitos falam que não jogam para parecerem civilizados, mas na verdade todos nós contribuimos para nosso mar está do jeito que está hoje. As pessoas vem para nossas praias pois acham lindas, mas não sabem da verdade (estão nadando nos esgostos despejados dos predios no mar de nossa cidade).

Meu avô dizia que existiam golfinhos antigamente pelo mar de nossa cidade. Hoje em dia você não vê nem peixe mais somente coisas nojentas que vem com a onda. Infelizmente o ser humano é assim ele tenta se acostumar as condições sem fazer nenhum esforço, em quanto nossa população ser assim nossa cidade continuará sendo poluída.

Em compensação São Vicente tem lugares otimos como o terraço no ilha Porchat, algumas pedras em certas praias de São Vicente e o morro da asa delta onde você sobe de teleférico e ve u horizonte de São Vicente.

O produtor re-escreveu seu texto com poucas modificações.

São mantidos três parágrafos, com a mesma forma de organização que expressa o posicionamento do produtor diante do fato apresentado. As alterações se limitaram a algumas substituições: do verbo “ter” pelo “existir”; revelando uma preocupação com a variante usada no trecho; e também a subtração da preposição

“desde” e acréscimo da expressão “a cada esquina” . Na sequência, ocorreu uma simplificação: o período composto por subordinação que começava pela locução “por mais que” foi substituído por um período composto por coordenação, resultando em certa economia e maior simplicidade na organização sintática, uma vez que a relação de concessão que antes existia foi transformada. Outras substituições: pronome “isso” pelo substantivo “comércio” , palavra que engloba as atividades desenvolvidas no ramo da alimentação. Também foi acrescentada ao período a relação de oposição estabelecida pela conjunção “mas”.

O diálogo fica evidente no texto pela presença do outro no texto: o pronome “você” é usado duas vezes. O produtor estabelece contato com o leitor a que se dirige na tentativa de fazê-lo refletir sobre as mudanças ocorridas.

Como já se disse, a presença do produtor é evidente: ele marca sua presença deixando evidente sua posição, sua opinião.

A linguagem permanece informal. A marca que evidenciava a presença do “internetês” no período foi apagada: “estam” X “estão”.

O plano geral da crônica segue a mesma orientação, não havendo outras modificações. A desatenção com a acentuação prossegue e com a ortografia também. Porém, os elementos que constituem a crônica estão presentes. Em ambas versões as marcas de autoria são perceptíveis.

No conjunto, observa-se, nas duas versões, que G.V. apropriou-se das características da crônica: referência a fato ou acontecimento do cotidiano, linguagem que se aproxima de uma conversa entre G.V. e leitor, criticidade, expressão de ponto de vista, exposição sintética (texto curto), interlocução, inserção de vozes em seu texto e marcas no texto que evidenciam a presença do produtor do texto - o autor . Há também o emprego dos tipos de sequência que foram observados nos módulos como as sequências descritivas que sustentam a argumentação, a presença dos modalizadores que expressam a visão do autor e suas avaliações sobre o que é discutido.

4.4.3 Terceiro texto: “Nem melhor, nem pior apenas uma cidade” de L.- primeira versão

Nem melhor, nem pior apenas uma cidade

O que posso escrever sobre minha cidade? Não sei. Muitos que conheço acham que ela não poderia ser pior, mas não sei o que penso.

Como tudo no mundo ela tem defeitos, mas também qualidades, como: a praia, que é um privilégio, mesmo com a poluição devemos agradecer por sermos banhados pelas águas e suas ondas.

Somos a primeira cidade do Brasil, mas mesmo assim, sei que muitos não sabem que * existimos e só * descobrem, quando* visitam um de nossos vizinhos.

Apesar de tantas críticas, até mesmo de seus próprios habitantes, nossa cidade não é a pior e queria que outras também pensassem assim, pois faço parte da cidade e quando falam mal de São Vicente estão falando mal de todos que moram aqui.

O texto está organizado em quatro parágrafos curtos que mesclam períodos compostos por coordenação e subordinação. Estes últimos constituídos por subordinadas adverbiais e adjetivas, encaixadas nas orações coordenadas e nas principais. O mundo discursivo criado expõe o que sente e pensa o produtor, por meio do discurso misto que mescla sequências explicativas, argumentativas e descritivas.

O plano geral do texto de L. expõe suas dúvidas com relação à ação de escrever sobre a cidade, pois o produtor afirma não saber o que pensar sobre ela. Um produtor de 13 ou 14 anos que assume sua dificuldade em se expressar e se pergunta: “o que posso escrever sobre minha cidade?”. Ele responde à pergunta, trazendo uma voz geral que representa as pessoas que o produtor conhece - presença de uma voz social que não é a do produtor e manifesta o senso comum – oferecendo uma resposta aceita pela maioria das pessoas - quando o assunto é a cidade em que se vive. A solução encontrada pelo agente: tentar equilibrar os aspectos negativos da cidade com os positivos e finalizar o texto expressando o desejo de que a cidade se torne conhecida e respeitada por todos - é este o efeito que o produtor deseja despertar no leitor.

O produtor introduz o tema de que tratará o texto a partir de seu título: “Nem melhor, nem pior apenas uma cidade”, assim anuncia os aspectos positivos e negativos da cidade para o provável interlocutor a que se dirige. O tema é introduzido e retomado ao longo do texto por meio de séries anafóricas, compostas de anáforas nominais, pronominais, elipses:

- Título: “apenas uma cidade”: introdução por um SN indefinido;

- No parágrafo 1, a referência é feita pela expressão “minha cidade”, o substantivo vem acompanhado de um pronome possessivo; em seguida, a expressão é retomada pelo pronome pessoal “ela”;
- No parágrafo 2 é repetido o pronome pessoal “ela”;
- No parágrafo 3, a expressão definida “a primeira cidade do Brasil” recupera o fato histórico;
- No parágrafo 4, retomada por meio de “nossa cidade”: o substantivo vem acompanhado do pronome possessivo “nossa”; e por “São Vicente”: última retomada novo item lexical (São Vicente); retomada pelo advérbio “aqui”.

As formas usadas pelo produtor do texto revelam sua relação e seu modo de “ver” a cidade, deixando evidente sua implicação com o que diz e com sua cidade.

Ao fazer referência aos habitantes da cidade, ele faz a retomada por meio de pronomes indefinidos quando se refere à população ou pessoas que desconsideram ou desconhecem fatos da cidade. No último parágrafo, a retomada é feita pela expressão “seus próprios habitantes” quando o produtor avalia as ações dos habitantes com relação a críticas feitas pelos habitantes. São usadas várias elipses também no conjunto do texto.

P.1 “Muitos”: introdução por um pronome indefinido;

P.3 “muitos”: introdução pela repetição de pronome indefinido;

P.4 “próprios habitantes”: introdução por SN definido; “outras (pessoas)” retomada por pronome indefinido ; “todos” retomada por pronome indefinido; “que” retomada por pronome relativo.

A organização do conteúdo temático da crônica de G.V. apresenta inicialmente características de discurso conjunto, quando emprega coordenadas conjuntas às da ação de linguagem. O texto apresenta características do discurso interativo e teórico, pois o produtor emprega unidades dêiticas e lógico-argumentativas que atestam essa mistura, como os pronomes de primeira pessoa e terceira pessoa e inicia o texto com uma pergunta: “O que **posso** escrever sobre **minha cidade**? Não **sei**. **Muitos** **que** conheço acham **que ela** não poderia ser pior, **mas** não **sei** o que penso.” O produtor do texto marca explicitamente sua relação de implicação com o que vai falar: situação vista pelo produtor como algo difícil por não saber o que dizer, recorrendo, em seguida, à opinião que outros têm sobre a cidade. A estratégia funciona, pois o produtor do texto passa a fazer comentários sobre o

que pensam as pessoas, finalizando o texto por meio de um posicionamento que revela uma mudança de sua postura inicial: ele assume uma atitude diferente e deixa claro que também faz parte da cidade, é morador dela.

Há uma certa oscilação no tom do discurso de L, embora, em muitos momentos, construa períodos que vão anunciando a mudança de atitude: “ Como tudo no mundo ela tem defeitos, mas também qualidades, como: a praia, que é um privilégio, mesmo com a poluição devemos agradecer por sermos banhados pelas águas e suas ondas.”

Para contrapor os pontos de vista apresentados, o produtor traz além de sua voz que comenta, avalia ou explica algum aspecto do conteúdo temático, vozes provenientes de personagens ou grupos sociais que não intervêm diretamente na ação que compõe o conteúdo temático, mas que servem como instâncias externas para a avaliação desse conteúdo: “**Muitos** que conheço acham que **ela** não poderia ser pior, **mas** não sei o que penso.” Há também a ressonância da voz da professora que, em certa ocasião em sala de aula, perguntou aos alunos por que faziam tantas restrições à cidade...”Afinal,não eram também moradores da cidade?”

As funções de modalização estão presentes no texto desde o título: “Nem **melhor**, nem **pior apenas** uma cidade”, ou em passagens como: “**Muitos** que conheço **acham** que **ela** não **poderia ser pior**, **mas** não sei o que penso. A voz dos “opositores” emerge e a voz do produtor se manifesta duvidosa inicialmente: “**mas não sei o que penso**”.

Dos organizadores textuais empregados, ressalta-se a preferência por aqueles que nas sequências servem à exemplificação,à concessão e à descrição: “como”, “apesar de”, “mesmo”, “e”, “ mas também”.

No texto de Lucas, observa-se uma linguagem um pouco mais formal, característica que espelha a linguagem oral empregada pelo aluno em sala de aula – mais elaborada.

No conjunto, o aluno manifesta o que sente. Ele obedece à proposta e mantém o tema. Logo, percebe-se que o aluno se apropriou de algumas das características da crônica: referência a fato ou acontecimento do cotidiano, criticidade, uso de modalizadores que evidenciam sua opinião, seu ponto de vista apesar da relutância inicial. A exposição é sintética (o texto é curto).

4.4.3.1 Segunda versão de L.

Nem melhor, nem pior apenas uma cidade

1 O que posso escrever sobre minha cidade? Não sei. Muitos que conheço acham que ela não poderia ser pior, mas não sei o que penso.

2 Como tudo no mundo ela tem defeitos, mas também qualidades, como: a praia, que é um privilégio, mesmo com a poluição devemos agradecer por sermos banhados pelas águas e suas ondas.

3 Somos a primeira cidade do Brasil, mas mesmo assim, sei que muitos não sabem que * existimos e só * descobrem, quando* visitam um de nossos vizinhos.

4 Apesar de tantas críticas, até mesmo de seus próprios habitantes, nossa cidade não é a pior e queria que outros habitantes também pensassem assim, pois faço parte da cidade e quando falam mal de São Vicente estão falando mal de todos que moram aqui.

Na re-escrita, houve manutenção do número de parágrafos e do sentido global do texto. O agente não realizou qualquer alteração significativa em seu texto.

O aluno procedeu a duas operações: uma de fazer a concordância entre o substantivo “habitantes” e o pronome indefinido “outros” no plural como determinante do substantivo habitantes. No primeiro texto, não houve preocupação com essa relação, pois o aluno havia mantido concordância com um elemento ausente, mas que pode ser recuperado no contexto: o substantivo “cidades” ou “pessoas.”

O texto é coerente e coeso, mantém as características do gênero e responde positivamente à proposta de produção.

Na ocasião da re-escrita, a professora perguntou ao aluno por que ele não fez nenhuma alteração. Ele respondeu que não achava necessário, pois o texto estava bom daquele jeito.

O aluno mostrou-se desde o início reticente, não querendo se envolver com o projeto. A produção do texto e da revista foram realizados porque faziam parte de um processo de avaliação e envolvia uma nota, mínima, mas que poderia ajudá-lo caso não conseguisse a média necessária. O aluno foi transferido para a escola em março e apresentava certa dificuldade de relacionamento, conversava com poucos. Normalmente, executava o que se pedia, mas sem entusiasmo. Sentia-se mais à vontade nas disciplinas da área de exatas. Talvez, por isso o aluno não se interessasse muito pela área de humanas. Pode ser também que o projeto não fosse tão interessante. Houve resistência do aluno quando se pediu a ele que fizesse a leitura de seu texto em voz alta.

4.4.4. Quarto texto: “Vá a São Vicente e relaxe” de C.C.D.S.- primeira versão

Vá a São Vicente e relaxe

1 Todos que vão a São Vicente não podem deixar de notar a bela vista que se tem do mar, os morros que ficam escondidos entre o céu e as nuvens, as ilhas que se você parar para ouvir o mar batendo em suas pedras você nota que é um barulho relaxante. Mas a melhor parte é deitar na areia, tomar um sol, pedir uma cerveja e uma isca de peixe com limão, relaxar e dormir. De repente quando você está bem relaxado, escuta:

2 - Biscoooooito! - bem alto no seu ouvido.

3 Mas não bobeie não com a carteira porque se não, você nunca mais vai vê-la, e é muito bom fica de olho onde pisa porque é tanta gente na praia jogando lixo no chão e não tá nem aí mesmo porque não mora lá e logo vai embora.

4 Mas, esses são meros detalhes, todos deviam desfrutar da bela paisagem da cidade, do teleférico e conhecer para relaxar e comer bem porque não é por nada não,mas São Vicente tem os melhores restaurantes da baixada Santista.

O texto de C.C.D.S. foi organizado em quatro parágrafos. O mundo discursivo criado expõe a intenção de C.C.D.S.. Já em seu título, um verdadeiro convite, deixa evidente a finalidade dele: persuadir seu leitor a conhecer a cidade de São Vicente. Apresenta vários argumentos introduzidos por meio de elogios à cidade: “Todos que vão a São Vicente não podem deixar de notar a bela vista que se tem do mar.” (...) “se você parar para ouvir o mar batendo em suas pedras você nota que é um barulho relaxante.” (...) porque não é por nada não,mas São Vicente tem os melhores restaurantes da baixada Santista.”

A linguagem do texto é informal e reproduz, em certa medida, a fala empregada no dia-a-dia – numa tentativa de aproximação com o leitor e de seduzi-lo por meio das imagens construídas.

O primeiro parágrafo apresenta sequências descritivas, argumentativas e injuntivas que sugerem a atmosfera desejada pela produtora do texto para que seu leitor seja receptivo. O cenário descritivo é formado pelos lugares que chamam a atenção da produtora e de um leitor previsto que possa vir à cidade em busca de descanso. Essas descrições são introduzidas pela enumeração dos lugares (bela vista, morros e ilhas que são caracterizados por meio de orações subordinadas adjetivas). A caracterização empregada funciona como elemento persuasivo que busca sensibilizar o leitor e, ao mesmo tempo, expressa a visão de C.C.D.S. sobre a cidade em que vive e que avalia – a produtora expressa sua opinião ao longo do

texto, ressaltando aquilo que considera importante: “Mas a melhor parte é deitar na areia, tomar um sol, pedir uma cerveja e uma isca de peixe com limão, relaxar e dormir.”

O segundo parágrafo reproduz a fala do vendedor de biscoitos que está sempre presente na praia e interrompe o descanso do morador ou do turista, pois grita em seu ouvido. O emprego do discurso direto nesse parágrafo indica o esforço da produtora em trazer ao leitor a sensação de estar vivenciando a situação, uma tentativa de presentificar o que normalmente ocorre.

O terceiro parágrafo inicia com a advertência ao leitor para um fato corriqueiro e que, hoje, se apresenta em qualquer lugar: os furtos, os assaltos cometidos à beira-mar, além de denunciar também o comportamento inadequado de alguns turistas que frequentam a cidade. O parágrafo inicia com uma oração coordenada adversativa, é empregado por duas vezes o advérbio de negação “não” – reproduzindo a fala cotidiana e enfatizando a mensagem: “Mas não bobeie não com a carteira”. Na sequência do parágrafo, C.C.D.S. justifica a advertência: (...) porque se não, você nunca mais vai vê-la,”. Ainda no mesmo período, ela acrescenta uma oração coordenada aditiva influenciada pela anterior com valor adversativo e marcada pela oralidade: “e é muito bom fica de olho onde pisa” porque é tanta gente na praia jogando lixo no chão e não ta nem aí mesmo porque não mora lá e logo vai embora.”. Há ainda a crítica ao turista que não respeita o meio ambiente: a referência ao número de pessoas que frequenta a praia nos finais de semana e a suja.

4 Mas, esses são meros detalhes, todos deviam desfrutar da bela paisagem da cidade, do teleférico e conhecer para relaxar e comer bem porque não é por nada não,mas São Vicente tem os melhores restaurantes da baixada Santista.

Repete-se no quarto parágrafo um tipo de organização semelhante ao anterior: oração coordenada adversativa, intercalada de uma assindética, seguida de uma aditiva, uma subordinada final, outra aditiva, uma explicativa e outra adversativa. O emprego de uma organização paralelística revela o cuidado da produtora em enfatizar em sua mensagem aquilo que lhe parece relevante e essencial. Dessa forma, ela consegue construir a imagem desejada e produzir o efeito de persuasão: o lixo e a atitude dos turistas são “meros detalhes” - uma

tonalidade irônica se sobressai, porém, o que prevalece é a intenção argumentativa: “todos deviam desfrutar da bela paisagem da cidade, do teleférico e conhecer para relaxar e comer bem”(…).

O mundo discursivo criado é misto, o discurso é teórico e interativo, apresentando sequências descritivas, seguidas de explicativas e argumentativas que servem aos propósitos da agente produtora.

A coesão verbal é construída por verbos empregados no indicativo presente, infinitivo e futuro perifrástico (verbo + infinitivo): “vão”, “não podem deixar de notar”, “tem”, “ficam”, “parar”, “ouvir”, “nota”, “é”, “é deitar”, “tomar”, “pedir”, “relaxar”, “durmir”, “deviam desfrutar”...

Quanto ao emprego de mecanismos de textualização que dizem respeito ao nome da cidade e sua forma de retomá-lo, observa-se que a produtora empregou a seguinte cadeia: “Vá a São Vicente e relaxe” → São Vicente → São Vicente.

Dos organizadores textuais empregados, fica evidente a preferência por aqueles que nas sequências introduzem advertência e têm função argumentativa: “mas”; e também aqueles que têm função explicativa e aditiva e estão relacionados também à função argumentativa: “porque”, “e”.

A opinião de C.C.D.S. fica expressa por meio dos adjetivos, advérbios e verbos empregados que avaliam o conteúdo temático por meio de modalizações apreciativas: “bela vista”, “bela paisagem”, “os melhores restaurantes da baixada”.

Além dos modalizadores já citados, é preciso observar também a presença de modalizações deônticas que avaliam o conteúdo temático por meio de opiniões e regras do convívio social: “não podem deixar de notar a bela vista”, “todos deviam desfrutar da bela paisagem”. É preciso observar que o período apresenta o mesmo conteúdo: o dever, a obrigação de conhecer, mas também observa-se o paralelismo na organização dos períodos: há manutenção do sentido, repetição da sequência de termos, apenas com substituição dos verbos empregados.

O conjunto do texto é coeso e coerente apresentando a preocupação de manter a unidade temática e acrescentar novos elementos ao texto. Apresenta marcas de autoria que refletem o estilo da produtora - a preferência por construções paralelísticas, por subordinadas adjetivas com finalidade descritiva e coordenadas adversativas para introduzir argumentos.

No conjunto observa-se a assimilação das características do gênero, pois ela obedece à temática solicitada, mantém a coerência temática e a coesão. O cotidiano

é revelado de forma bem pessoal: com algumas pitadas de ironia. Há criticidade, marcas de autoria e estilo, pois ela revela explicitamente o que pensa e como pensa: alguns períodos do texto revelam a intenção de estabelecer o diálogo, de se aproximar do leitor e promover a reflexão.

4.4.4.1 Segunda versão: "São Vicente" de C. C. D. S.

São Vicente

1 Todos que vão a São Vicente não podem deixar de notar aquela imensa praia com diversas ilhas, o barulho do mar batendo nas pedras com um movimento contínuo que acalma, alivia e deixa a alma limpa. Mas se olhar mais adiante pode reparar que não é uma cidade tão calma assim, mas muito ao contrário é muito viva com diversas pessoas jogando bola na areia, caminhando nas águas, muitos carros e de repente... Cadê a sua carteira? já se foi há muito tempo e ... Vixi... Um escorregão? O que será? Acho que já dá pra imaginar.

2 Mas tudo isso é um mero detalhe, pois quem vai a São Vicente nunca se esquece da bela imagem do teleférico, das belas praias, ótimos restaurantes. É realmente um lugar marcante."

O texto foi organizado em apenas dois parágrafos. C.C.D.S. nos dois parágrafos que escreve, expressa sua visão a respeito da cidade em que vive e de alguns acontecimentos que estão relacionados ao dia-a-dia dela: aspectos aprazíveis e outros desagradáveis. A princípio, C.C.D.S. descreve o principal ponto turístico da cidade: a praia. Em seguida, revela o que lhe chama atenção: o furto de uma carteira em plena praia. Trata-se de um plano geral que apresenta uma orientação argumentativa, já que o tema é visto como polêmico, mas a intenção da produtora do texto é revelar a cidade e o que há de marcante nela - mesmo que seja algo negativo.

O texto é apresentado em uma linguagem que mistura o formal e o informal, em que se evidencia a veia irônica da produtora – a linguagem se aproxima de uma conversa que a produtora do texto estabelece com o leitor. O diálogo é estabelecido, por meio de perguntas dirigidas ao leitor e pelo emprego de primeira pessoa dos verbos e o pronome “você” elíptico: “ Mas se * olhar mais adiante * pode reparar que não é uma cidade tão calma assim, mas muito ao contrário é muito viva

(...) e de repente... Cadê a sua carteira? já se foi há muito tempo e ... Vixi... Um escorregão? O que será? Acho que já dá pra imaginar.”

1 Todos que vão a São Vicente não podem deixar de notar aquela imensa praia com diversas ilhas, o barulho do mar batendo nas pedras com um movimento contínuo que acalma, alivia e deixa a alma limpa. Mas se olhar mais adiante pode reparar que não é uma cidade tão calma assim, mas muito ao contrário é muito viva com diversas pessoas jogando bola na areia, caminhando nas águas, muitos carros e de repente... cadê a sua carteira? já se foi há muito tempo e ... Vixi... Um escorregão? O que será? Acho que já dá pra imaginar.

O primeiro parágrafo descreve os aspectos que chamam a atenção daqueles que visitam a cidade: o mar, as ilhas, a calma... Em seguida, C.C.D.S. insere no parágrafo um novo período introduzido pela conjunção adversativa “mas” que introduz um período misto, composto por coordenação e subordinação, dirigindo o olhar do leitor para o fato sobre o qual deseja chamar atenção. É preciso observar que ela emprega duas vezes a conjunção “mas”: uma vez com valor adversativo que muda a orientação do discurso, introduzindo uma nova voz que nega o conteúdo da mensagem anterior; na segunda vez, é inserida outra voz que tem a intenção de confirmar e enfatizar a agitação existente no lugar. O movimento é perceptível por meio da descrição realizada: “é muito viva com diversas pessoas jogando bola na areia, caminhando nas águas, muitos carros e de repente... cadê a sua carteira?”

O posicionamento, a opinião de C.C.D.S. e seu comprometimento com o dito estão presentes nos dois parágrafos e são revelados pelas escolhas lexicais que efetua. Ao mesmo tempo, a produtora do texto deixa transparecer seu descontentamento com as ocorrências que a cercam, sem deixar de revelar também sua admiração pela cidade - observada nas imagens descritas que se opõem à ironia (presente neste e no parágrafo anterior): “Mas tudo isso é um mero detalhe, pois quem vai a São Vicente nunca se esquece da bela imagem do teleférico, das belas praias, ótimos restaurantes.” É realmente um lugar marcante.” O parágrafo expressa certa ambiguidade, pois no conjunto apresenta duplicidade: o sentimento da produtora pela cidade se mostra dividido: o emprego do adjetivo “mero” revela a intenção de transformar em algo secundário o que foi dito no primeiro parágrafo: “mas tudo isso”. Os pronomes “tudo + isso” retomam o parágrafo anterior, negando-

o. Há, porém, na sequência certa ironia ao aproximar “mero” detalhe do período final em que o advérbio “realmente” está presente.

2 Mas tudo isso é um mero detalhe, pois quem vai a São Vicente nunca se esquece da bela imagem do teleférico, das belas praias, ótimos restaurantes. É realmente um lugar marcante.”

A preferência por períodos introduzidos por coordenadas adversativas introduzidas por “mas” para mudar a orientação do discurso é uma constante no texto de C.C.D.S., como também a enumeração de elementos descritivos, esses elementos são indícios de estilo e de autoria da aluna. Revelam a assimilação dos conceitos discutidos em sala: substantivos antecidos de adjetivos que revelam a opinião, a subjetividade da aluna ao escrever e enfatizam os atributos da cidade: “Mas tudo isso é um mero detalhe, pois quem vai a São Vicente nunca se esquece da bela imagem do teleférico, das belas praias, ótimos restaurantes.” Esses adjetivos revelam o envolvimento e atuam como modalizadores apreciativos, tornando evidente a avaliação feita sobre a paisagem.

Os indícios de um estilo que emergem no texto são observáveis no conjunto do texto e no tipo de discurso empregado na primeira versão do texto e se mantêm na segunda versão.

O mundo discursivo criado é misto, apresentando sequências descritivas, seguidas de explicativas e argumentativas que apóiam os propósitos da agente produtora de dar a ver ao leitor, o que caracteriza o gênero produzido: uma crônica veiculada em uma revista cuja função é divulgar a cidade. Os verbos foram empregados no indicativo presente, futuro perifrástico (verbo + infinitivo): “vão”, “podem deixar”, “acalma”, “alivia”, “deixa”, “é”, “esquece”, “pode reparar”, “acho”, “dá”.

Quanto ao emprego de mecanismos de textualização, observa-se que a produtora empregou a seguinte cadeia: “São Vicente → cidade → elipse → São Vicente → lugar”, deixando sempre evidente de que estava tratando.

O conjunto do texto de C.C.D.S. é coerente, é uma crônica, pois ela consegue manter a unidade de sentido, apresenta os elementos característicos da crônica e deixa marcas evidentes de autoria e estilo – presentes nas escolhas lexicais, organização sintática e expressividade. A segunda versão é mais pontual: crítica,

porém, enfatiza os aspectos positivos da cidade, apresenta também uma linguagem mais formal, a informalidade se apresenta apenas quando coloca em cena os elementos que está criticando. Para o público a que se destina, o segundo texto ganha em objetividade.

4.4.5 Quinto texto: “Bem-vindo à nossa amada São Vicente” (A.M. M.)-primeira versão

Bem-vindo à nossa amada São Vicente

1 São Vicente é conhecida por seu glorioso passado sendo a primeira cidade do Brasil. Porém a nossa cidade não ostenta toda essa glória no presente, ela recebe inúmeros apelidos maldosos tanto de moradores de cidades vizinhas quanto dos próprios vicentinos, que adoram falar mal da própria cidade e reclamar de seus defeitos sem fazer nada pra melhorá-la.

2 Embora eu reconheça todos os seus defeitos, eu reconheço também suas grandes qualidades: sua beleza natural que apesar de desgastada pelos turistas e pelos próprios moradores ainda é agradável de se apreciar, seu vasto comércio e claro, seus ótimos pontos turísticos.

3 É interessante também o fato de que 90% da população vicentina dizer que é de Santos quando sai da cidade. Talvez se fizessem uma pesquisa com a baixada santista perguntando de onde eles são, a população de São Vicente seria considerada quase inexistente.

4 Entretanto o fato de seus moradores falarem mal da própria cidade não impede que os mesmos não desfrutem de suas praias no fim de semana. A praia, na maioria das vezes, imprópria para banhistas é praticamente engolida pelos milhares de vicentinos e turistas que se esquecem de tudo que já falaram da cidade obter um belo bronzado.

O texto foi organizado em quatro parágrafos em que a aluna apresenta seu ponto de vista a respeito de um tema considerado polêmico: o desrespeito de moradores e turistas em relação à cidade. O tema, portanto, diz respeito ao cotidiano da cidade e a um problema que a aluna aborda e expõe ao seu leitor. A intenção é expor e revelar o que incomoda a aluna. Para isso, ela organiza seu texto com coordenadas conjuntas a ação que realiza, o mundo criado pela aluna expõe os fatos. O tipo de discurso é misto e as sequências produzidas por A.M.M. são descritivas, explicativas e argumentativas. Predominam os tempos verbais do presente que sustentam a ação de expor e revelam também que esses fatos são atuais. O mundo discursivo criado está adequado às intenções da aluna.

A linguagem do texto é formal: nível de vocabulário, concordância, regência, acentuação, revelando assim certo cuidado por parte da aluna com a expressão.

O tom do texto é de crítica, quase um desabafo. O mundo discursivo criado apresenta relação com a situação de produção, pertencendo ao mundo expor, conforme Bronckart (1999), com coordenadas conjuntas à ação de linguagem.

A.M.M. inicia o primeiro período do primeiro parágrafo fazendo referência ao passado histórico da cidade e seu reconhecimento para, em seguida, introduzir um novo período que negará o anterior por meio da conjunção “porém”. Trata-se de uma oração coordenada adversativa que insere uma outra voz com ponto de vista diverso - no passado, a glória e no presente, o desrespeito: “São Vicente é conhecida por seu glorioso passado sendo a primeira cidade do Brasil. Porém a nossa cidade não ostenta toda essa glória no presente, ela recebe inúmeros apelidos maldosos tanto de moradores de cidades vizinhas quanto dos próprios vicentinos, que adoram falar mal da própria cidade e reclamar de seus defeitos sem fazer nada pra melhorá-la.” A crítica de A.M.M. é dirigida aos “vizinhos”, mas principalmente aos moradores da cidade que apenas se limitam a reclamar. A aluna, portanto, denuncia a inércia e falta de interesse desses moradores em modificar essa situação.

A.M.M., no segundo parágrafo, explicitamente reconhece os defeitos da cidade, mas ressalta também suas qualidades, assumindo uma atitude conciliadora, na tentativa de enfatizar os aspectos positivos da cidade - sua beleza natural, seus pontos turísticos e seu comércio: “Embora eu reconheça todos os seus defeitos, eu reconheço também suas grandes qualidades: sua beleza natural que apesar de desgastada pelos turistas e pelos próprios moradores ainda é agradável de se apreciar, seu vasto comércio e claro, seus ótimos pontos turísticos.” É preciso observar que a aluna inicia o período por meio de uma subordinada adverbial concessiva, seguida da principal e de adjetiva. Dessa forma, ela prepara o terreno para apontar as características opostas da cidade: suas qualidades e sua degradação, decorrente do desrespeito dos visitantes. Trata-se de uma organização mais elaborada e de um trabalho de linguagem mais apurado. No parágrafo, a presença de adjetivos avaliativos revelam a opinião da autora e buscam persuadir o leitor a compartilhar dessa visão.

No terceiro parágrafo a aluna faz referência a um fato que é comum e pode ser observado no discurso das pessoas que vivem na cidade - a negação da própria identidade: “É interessante também o fato de que 90% da população vicentina dizer que é de Santos quando sai da cidade”. Na sequência do parágrafo, A.M.M. insere

um modalizador que reforça essa negação, na continuidade do período emerge a ironia, reforçando a ação crítica que a aluna vem construindo desde o parágrafo anterior: “ Talvez se fizessem uma pesquisa com a baixada santista perguntando de onde eles são, a população de São Vicente seria considerada quase inexistente.”

O parágrafo final do texto acentua a ironia anterior e a crítica feita aos moradores da cidade. O parágrafo inicia pela conjunção adversativa “entretanto” que articula o quarto parágrafo com o terceiro, estabelecendo uma relação de oposição: entre a sugestão da inexistência dos moradores da cidade e o que a aluna observa: “Entretanto o fato de seus moradores falarem mal da própria cidade não impede que os mesmos não desfrutem de suas praias no fim de semana. A praia, na maioria das vezes, imprópria para banhistas é praticamente engolida pelos milhares de vicentinos e turistas que se esquecem de tudo que já falaram da cidade obter um belo bronzado.” Fica explícita a crítica ao comportamento do morador e do turista que freqüentam a praia apesar das condições adversas. É interessante observar o emprego das expressões: “praticamente engolida pelos milhares de vicentinos e turistas” que apresentam uma visão hiperbólica do fato.

A criticidade está presente ao longo do texto de A.M.M., revelando o incômodo que lhe causa essa situação.

O conjunto do texto de A.M.M. é coerente, pois a produtora consegue manter a unidade de sentido, apresenta os elementos característicos da crônica e deixa marcas evidentes de sua autoria e estilo – presentes nas escolhas lexicais, organização sintática e expressividade evidentes no trabalho de linguagem realizado. A criticidade, a opinião e a ironia revelam a veia crítica da aluna. Ela comete apenas dois deslizes formais: emprega “pra” no primeiro parágrafo e se esquece de usar a preposição no final do último parágrafo, a linguagem é predominantemente formal. Quanto à acentuação e pontuação, a aluna se sai bem. Observa-se também o emprego de adjetivos precedendo substantivos o que pode revelar uma preferência e indício também de um estilo que constrói, influenciada pelos textos dos módulos - o uso de adjetivação é bastante acentuado nos textos de Cecília Meireles e de Luís Fernando Veríssimo.

4.4.5.1 Segunda versão – “Bem-vindo à nossa amada São Vicente” (A.M. M.)

1 São Vicente é conhecida por ser a 1ª cidade do Brasil. Destaca-se pelas praias, e pelo seu clima tropical e é localizada no litoral de São Paulo. Fim de semana, aqui fica lotado de pessoas de outras regiões, não só nas praias como também no shopping e nos pontos turísticos, como por exemplo a feira de doces, onde podemos ver e comprar artesanatos da região. Também temos o calçadão da praia, onde podemos ir do Ilha Porchat à Ponta da Praia (Santos).

2 Atualmente está sendo construído a ciclovia, onde os ciclistas podem andar com mais segurança, acho legal a iniciativa de "juntar" a ciclovia de Santos e São Vicente, pois tem pessoas que utilizam a bicicleta como um meio de transporte para o trabalho e com a ciclovia podemos chegar mais rápido e com mais segurança.

3 São Vicente, a cada dia vem melhorando, pois temos iniciativas que nunca ninguém fez pela nossa cidade, como por exemplo o Shopping, é um local de divertimento que São Vicente nunca teve.

A segunda versão do texto de A.M.M. mantém o título original da primeira versão e foi organizado em três parágrafos nos quais a aluna apresenta novo ponto de vista a respeito da cidade, expondo agora apenas os aspectos positivos dela. Primeiramente faz referência ao passado histórico da cidade, localização geográfica e os lugares da cidade apropriados ao turismo. O primeiro parágrafo enumera os pontos turísticos, procurando mostrar ao leitor os aspectos positivos da cidade. As coordenadas do texto são conjuntas a ação que realiza e o tipo de discurso é misto, prevalecendo o uso de sequências descritivas e explicativas em que predominam os tempos verbais do presente que sustentam a ação de expor. O mundo discursivo criado reflete a intenção da aluna de expor. O texto perdeu a criticidade e a ironia que antes existiam na primeira versão. Talvez, a aluna tenha se preocupado tanto em preservar a imagem da cidade, dado também muita importância ao veículo em que seria publicado o texto, que tenha deixado em segundo plano suas avaliações.

No segundo parágrafo, a aluna faz referência à construção da ciclovia, referência que revela o que se passa no momento na cidade e a visão de A.M.M. sobre os benefícios que essa construção trará àqueles que farão uso dela: “Atualmente está sendo construído a ciclovia, onde os ciclistas podem andar com mais segurança, acho legal a iniciativa de "juntar" a ciclovia de Santos e São Vicente, pois tem pessoas que utilizam a bicicleta como um meio de transporte para o trabalho.”

Esse parágrafo apresenta uma linguagem informal, ocorrendo alguns

deslizes na concordância nominal e verbal (palavras que estão com sublinhado duplo) e o uso do verbo “ter”. A aluna estaria assim usando uma linguagem muito próxima da população de modo geral, tentando se aproximar do leitor..

No último parágrafo, a aluna alude ao fato de que a cidade está melhorando, devido às iniciativas de ordem particular realizadas: a construção do “shopping” – considerado pela aluna como local de diversão - visão bastante comum em adolescentes de 13 ou 14 anos.

A segunda versão ainda apresenta características do gênero, porém perdeu alguns elementos próprios da crônica: o dialogismo com o leitor que antes era direto, agora, tornou-se distante – uma tentativa de manter distância? A criticidade tão essencial para a caracterização do gênero também foi reduzida. Quanto à linguagem, houve também menor cuidado com ela - os deslizes aumentaram.

4.5 Análises do grupo experimental

Conforme categorias já explicitadas na seção anterior, foram elaborados alguns quadros que elencam as categorias analisadas nas crônicas. Os quadros que seguem ilustram os elementos constitutivos das crônicas produzidas. Em seguida, as análises descritivas de algumas crônicas representativas do grupo referência.

Grupo referência- 8.^a M- Primeira Versão

Aluno	Mundo				Tipo de discurso					
	Narrar	Expor	Implicado	Autônomo	Interativo	Teórico	Narrar	Relato interativo	Misto Teórico e Interativo	Outro
A.C.										
A.O.										
Ar.										
A.P.										
A.D.										
A.L.										
C.B.										
E.G.										
F.V.										
F.P.										
G.P.										
I.M.										
J.R.										
L.V.										
M.F.										
M.C										
M.P.										
N.T.										
P.F.										
R.B.										
R.G.										
R.D.										
T.V.										
T.G.										
T.F.										
V.R.										
W.M										
Y.O.										

Quadro 7

Quadro 8

Dos textos produzidos pelos alunos (93%) apresentam relação com o mundo do expor implicado. As produções têm em vista o leitor da revista e a intenção do

produtor do texto. Dois alunos (7%) optaram pelo mundo do narrar que apresenta uma relação de autonomia, ou seja, as coordenadas são disjuntas, havendo assim uma operação de distanciamento do produtor do texto. Esse percentual não é significativo, pois os alunos produziram textos que apresentam a enumeração de ações realizadas ao longo de um dia – reflexão sobre sua rotina e não, necessariamente, somente sobre a cidade.

Quadro 9

No quadro 9, primeira versão, observa-se a predominância do discurso misto (89%). Os alunos da 8.^a M mantiveram a tendência que já havia se manifestado na 8.^a L – preferência pelo discurso misto - teórico interativo. A fusão de segmentos de discurso teórico e discurso interativo, conforme Bronckart (1999), aparecem no quadro de exposições escritas encontradas em editoriais, manuais e brochuras de propaganda. Sendo assim, a crônica produzida pelos alunos absorve alguns elementos desses gêneros. Isso se deve à situação de produção proposta aos alunos quanto à finalidade: persuadir, mostrar, informar o leitor sobre aspectos da cidade; quanto ao veículo também: geralmente a crônica é veiculada em jornais, livros, revistas, no caso da produção dos alunos – veiculada em revistas de turismo.

A presença de outros tipos de discurso como o narrar e o relato interativo não é significativa na amostra, não expressa um procedimento adotado pela maioria dos alunos e, sim, uma opção que se deve ao projeto discursivo pessoal do aluno.

Vê-se, no grupo experimental, a preferência pelo tipo de discurso misto, observada também na grupo controle.

O quadro a seguir revela aspectos gerais do gênero crônica. Os elementos dispostos no quadro permitem visualizar as categorias presentes nas análises, conforme apresentado no início das análises do grupo controle. Das categorias representativas que refletem aspectos linguísticos e discursivos da crônica, destacam-se: temática do cotidiano; tipo de linguagem usada; atitude crítica; humor; marcas explícitas da opinião do produtor; ironia; dialogismo – interlocução explícita marcada pela presença de pronomes; remissões a outros textos por aspectos formais ou pelo conteúdo temático; organização sintética expressa por número reduzido de parágrafos; tipo de suporte; presença de vozes que expressam pontos de vistas diferentes; presença de figuras de linguagem: de palavras, de sintaxe.

Aspectos gerais do gênero crônica - Grupo controle 8.^a M- Primeira Versão

Aluno	Tema Cotidiano	L. Formal	L. In-Formal	Críticidade	Opinião explícita	Humor	Ironia	Dialogismo Interlocução evidente	N.º de Parágrafos	Suporte de origem			Vozes	Remissões a outros textos Forma	Remissões a outros textos Conteúdo.	Presença de figuras de sintaxe Anáfora Paralelismo Inversão	Enuneração	Outras figuras
										Re	Jor	Int	Rá					
A.C.									4									
A.O.									2									
Ar.									3									
A.P.									3									
A.D.									4									
A.L.									7									
C.B.									4									
E.G.									1									
F.V.									4									
F.P.									6									
G.P.									7									
I.M.									3									
J.R.									4									
L.V.									3									
M.F.									3									
M.C.									4									
M.P.									7									
N.T.									4									
P.F.									4									
R.B.									11									
R.G.									1									
R.D.									1									
T.V.									9									
T.G.									5									
T.F.									9									
V.R.									5									
W.M.									7									
Y.O.									1									

Quadro 10

Quadro 11

Observa-se que os alunos se apropriaram dos aspectos relevantes para a caracterização da crônica: a temática do cotidiano esteve presente em 100% dos textos; opinião explícita sobre fato ou acontecimento que esteja relacionado ao cotidiano 100%; dialogismo em 100% dos textos – observável nas marcas que evidenciam a orientação a um locutor, perguntas diretas, perguntas retóricas, antevisão de objeções, indícios de partilhamento, presença de pronomes que indicam a segunda pessoa, verbos epistêmicos, advérbios, explicação do sentido de palavras, uso de dêiticos, inserção de vozes; criticidade em 61%; vozes diferentes inseridas em 75% - essas vozes introduzem pontos de vista diversos e revelam, conforme Possenti, indícios de autoria e estilo.

Quanto à linguagem empregada, observa-se o emprego da mistura de linguagem formal e informal (79%) e 21% da linguagem formal. A escolha dessa variante revela uma escolha do aluno que está relacionada ao contexto e ao contato deles com os textos que foram analisados. A atividade de re-escrita coletiva também

pode ter sido relevante, pois os alunos participaram e opinaram sobre as possíveis modificações que poderiam ser feitas no texto: quanto à imagem da cidade, à variante usada, erros de ortografia e acentuação.

O diálogo esteve presente em 100% dos textos, característica que manifesta o processo dialógico elaborado pelo aluno com seu leitor por meio de perguntas, por meio de pronomes, traduzindo assim a situação de produção e a ação de linguagem que se deseja imprimir.

Um aspecto que costuma aparecer nas crônicas de autores renomados atuais é a ironia, que se apresenta no texto de dez (10) alunos da sala, no momento em que expressavam seu descontentamento ou denunciavam uma situação que lhes parecia incômoda.

Outro aspecto relevante foi a remissão a textos com os quais os alunos entraram em contato, seja na forma, seja no conteúdo. Durante as sequências didáticas, um aluno apenas retomou um dos textos da sequência no que diz respeito ao conteúdo abordado. Seis alunos organizaram alguns parágrafos de seus textos de forma paralelística, como visto inicialmente na primeira sequência didática, por meio da desconstrução e reconstrução de parágrafos da crônica estudada.

O processo de enumeração dos atributos da cidade esteve presente na totalidade dos textos. Isso se deve ao fato de terem entrado em contato com textos que empregaram esse recurso expressivo. Predominou a opção pelo tipo de discurso misto, empregando sequências descritivas, explicativas e argumentativas, uma função argumentativa, pois o efeito que desejavam produzir em seu leitor era a persuasão e o compartilhamento do mesmo ponto de vista.

A subjetividade, a criticidade e a implicação do sujeito são percebidas pela preferência pelo emprego de adjetivos e advérbios que cumprem função de modalizadores, avaliando o conteúdo temático, deixando evidentes suas representações e opiniões sobre o tema – característica fundamental de uma crônica.

A expressividade e estilo do gênero confirmam-se pela temática do cotidiano, pelo dialogismo, pela criticidade, pelas escolhas lexicais, pela organização dos períodos e pelos efeitos de sentido construídos adequadamente pelos alunos. Observa-se nos textos a presença de paralelismo sintático, de anáforas e inversões sintáticas que refletem também a influência das sequências didáticas a que foram submetidos os alunos. Há outras figuras como comparação, metáfora, metonímia

que criaram imagens nos textos dos alunos relevantes para os fins pretendidos e que revelam cuidado com a linguagem, visando a envolver o leitor.

Grupo referência - segunda versão

Aluno	Mundo				Tipo de discurso					
	Narrar	Expor	Implicar	Autônomo	Interativo	Teórico	Narrar	Relato interativo	Misto: Teórico interativo	Outro
T.G.										
A										
L.										
I.M.										
M										

Quadro 12

4.5.1 Grupo experimental

É preciso esclarecer inicialmente que o grupo de referência é composto por alunos da 8.^a M, classe que apresentava algumas dificuldades relacionadas aos procedimentos de escrita: concordância, pontuação, acentuação e até mesmo de organização sintática. É importante esclarecer que :

- a sala que apresentava menos problemas de disciplina; havia, porém um aluno que desestabilizava a sala;
- as aulas de língua portuguesa ocorriam normalmente nas primeiras aulas do dia – o que favorecia a atenção;
- apresentava equilíbrio quanto ao número de alunos (meninos e meninas);
- precisavam de explicações mais detalhadas para compreenderem os conceitos.

A organização dos módulos, nessa sala, apresentou algumas diferenças com relação a outra, houve um maior número de aulas, pois não ocorreram muitos feriados nos dias das aulas de língua e também não ocorreram atividades externas. Assim, a 8.^a M realizou todas as sequências na escola, inclusive a produção e re-

escrita dos textos com a presença da professora. A seguir são apreestadas as análises.

4.5.1.1 Texto: São Vicente de T.G. – primeira versão

São Vicente

1 É, moro no litoral, **dizem** que tenho sorte por morar **aqui**, **e** por morar bem perto do mar. **Quando** vou para escola, também é possível ver o mar, **e** isso é ótimo.

2 Tem sim muito o que crescer São Vicente, **mas** já esta evoluindo, **e** sem os problemas de uma cidade grande. Além da linda praia, há pontos históricos aqui, pelo fato de São Vicente ter sido a primeira cidade do Brasil **(que legal não?!)**.

3 Aqui também tem teatro, cinema, shopping, restaurantes, bares, há muitas coisas para idosos fazerem, **e** muitas coisas para crianças também.

4 **E mesmo assim**, **se** não tiver nada para fazer, é possível chamar um amigo para ir em sua casa, **afinal** todos moram perto, é uma cidade pequena, em cada esquina você conhece alguém.

5 Aqui tem tudo para todos os gostos e bolsos. Ninguém se nega a ajudar ninguém, **nem** que seja um gato de rua, se precisar, **nem** ele fica sem abrigo. Quase não se vê mendigos, porque todos podem não ter uma bela casa, **mas todos** teem uma casa, **e todos** teim no mínimo uma bicicleta. Não há tanto desemprego, **mas** ainda tem o que crescer se tratando disso (com uma base de estudo melhor eu creio).

T.G. - 8ª.M

Numa linguagem que mescla o formal e o informal e fazendo uso de expressões conhecidas e usadas pela população, T.G. procura se aproximar de seu leitor e interlocutor por meio do quadro descritivo que revela o cotidiano da cidade de que fala. A produtora do texto cria uma atmosfera de conversa casual, logo de início e que permanece ao longo do texto. A marca da presença da produtora está presente: “moro”, “vou”. O outro também está presente: “você”, “dizem”. O mundo discursivo é da ordem do expor, o discurso é misto: interativo e teórico.

Em todo o texto emerge a intenção de persuadir. O efeito da mistura de sequências é argumentativo, afinal T.G busca convencer o leitor de que vale a pena conhecer a cidade. Para a agente-produtora é necessário “dar a ver”, mostrar ao interlocutor/leitor São Vicente.

O tema-título “São Vicente” é apresentado pela expressão inicial “no litoral” que delimita geograficamente o lugar de que se falará; retomado na sequência por

meio da cadeia anafórica: “cidade pequena”, pela repetição do nome “São Vicente” e pelo dêitico “aqui”. O mundo discursivo criado é conjunto ao mundo ordinário dos agentes da interação e, paralelamente, implicado aos parâmetros físicos da ação de linguagem. Isso pode ser observado pela presença de ocorrências de:

- frases declarativas, interrogativas e exclamativas;
- verbos no indicativo presente, pretérito perfeito, futuro perifrástico (verbo + infinitivo): moro, tenho, é, podem não ter, é possível chamar;
- unidades que indicam o espaço e o tempo da interação: aqui, moro no litoral, perto da praia;
- uso de nomes próprios, de dêiticos de primeira pessoa do singular e plural, **e de auxiliares de modo dever, querer, ser preciso**: eu, São Vicente; você (elíptico); podem não ter uma bela casa;
- modalizações lógicas, como “é possível ver o mar” - formadas pelo verbo *ser*; por organizadores de articulação lógica: porque, e mesmo assim, mas; Tem sim muito o que crescer São Vicente, mas já esta evoluindo, e sem os problemas de uma cidade grande.
- modalizações apreciativas relacionadas às avaliações feitas com base em critérios subjetivos, afetivos ou morais: isso é ótimo; ainda tem o que crescer;
- modalizações deônticas que dizem respeito às avaliações do conteúdo temático, apoiadas em valores, isto é, em opiniões e regras do mundo social: pelo fato de São Vicente ter sido a primeira cidade do Brasil;

Segundo Bronckart, a responsabilidade enunciativa varia conforme a situação de produção em que o agente-produtor se encontra inserido. Acredita-se que isso é resultado da posição ocupada pelo sujeito: estudante de 8ª série, classe média, cujo centro de interesse é manter o maior número de amigos possível e manter suas notas num padrão que agrada a seus pais e a seus professores.

Quanto ao emprego de mecanismos de textualização, observa-se que outras anáforas foram empregadas no texto: anáforas nominais e conjuntos de expressões diferentes, tendo sido empregados pronomes:

pessoais: gato-ele;

indefinidos: mendigos-todos;

demonstrativos - ver o mar – isso é ótimo;

formas de apagamento - emprego de elipses: ** dizem que **tenho sorte;

as anáforas nominais, formadas por sintagmas nominais e pela repetição do antecedente ou pela substituição de palavra: São Vicente, pequena cidade.

Quanto à coesão verbal, são empregadas formas verbais do presente do Indicativo, formas que revelam relação com o discurso misto e sua relação de simultaneidade com o momento de produção e de referência.

A organização do texto revela relações com outros gêneros com os quais a produtora manteve contato, como também a assimilação das principais características da crônica.

O texto de T.G. está organizado em cinco parágrafos. O plano geral do texto segue o seguinte raciocínio: expõe inicialmente a opinião sobre o que é morar no litoral e o processo de desenvolvimento e evolução da cidade. A produtora do texto assume um posicionamento e procura justificar suas afirmações, constrói um quadro descritivo que visa a persuadir o leitor sobre a imagem positiva da cidade.

Os parágrafos apresentam as impressões e opinião de T.G. sobre o lugar onde vive, e também apresenta em alguns momentos a inserção de vozes que acrescentam opiniões diversas a respeito do fato de viver no litoral, opinião expressa pelo verbo “dizer” na 3ª. p.p., emprego de sujeito indeterminado que expressa um conhecimento partilhado e aceito por muitas pessoas. Uma voz social é revelada no início do primeiro parágrafo: dizem que **tenho sorte por morar aqui, e por morar bem perto do mar. A inserção da voz no texto revela, segundo Possenti, um indício da autoria, da presença do autor. Para Possenti (2002), há indícios de autoria quando o produtor do texto assume duas atitudes: dá voz a outros enunciadores e mantém distância em relação ao seu próprio texto. De acordo com ele, as marcas de autoria estão relacionadas ao discurso. A noção de autoria está articulada à noção de singularidade e aliada à questão do estilo. Essa atitude deixa evidente a intervenção do sujeito no seu próprio discurso, intervenção vista numa perspectiva histórica, pois um sujeito não intervém da mesma forma nos discursos que produz.

Uma voz emerge no primeiro parágrafo e T.G. concorda com ela, revela a implicação da produtora que é corroborada pelo emprego dos verbos na primeira pessoa do singular do presente: “*moro*”, “*tenho*”, “*vou*”. Na sequência o trecho: Quando vou para escola, também é possível ver o mar, expressão que deixa claramente exposta a atitude da produtora: “isso é ótimo” (o fato de morar perto do mar), avaliação subjetiva feita pela agente que revela sua representação sobre o

conteúdo temático, deixando evidente a posição e papel social da agente produtora: estudante e moradora do lugar.

O mundo discursivo construído é misto, apresentando em sua forma de planificação sequências explicativas, argumentativas e descritivas que apresentam o ponto de vista da produtora e sua intenção de dar a ver ao leitor.

Os períodos são mistos, apresentam períodos compostos por coordenação e subordinação, havendo uma incidência maior de coordenação e emprego de orações coordenadas sindéticas aditivas e adversativas. O tom do primeiro e do segundo parágrafo dá impressão ao leitor de uma conversa informal, travada entre produtora do texto e leitor: um leitor previsto - um amigo ou um possível turista. As marcas do diálogo ficam evidentes no primeiro e segundo parágrafos como também no quarto, basta observar a presença do pronome “você” presente na sequência e também elíptico: “4E mesmo assim, se não tiver nada para fazer, é possível chamar um amigo para ir em sua casa, afinal todos moram perto, é uma cidade pequena, em cada esquina você conhece alguém.” O tom é enfático e produzido desde o início do parágrafo por meio do emprego da locução concessiva empregada para introduzir o parágrafo e ligar um parágrafo ao outro.

O segundo parágrafo apresenta inicialmente as mesmas características do primeiro: simula uma resposta a uma pergunta hipotética que alude ao não crescimento da cidade, alusão refutada pela produtora, por meio da sequência argumentativa introduzida pelo organizador “mas” + a referência temporal “já” + os verbos “estar” e “evoluir” que indicam o processo de mudança de estado por que passa a cidade: mas já esta evoluindo; e outra sequência introduzida pelo organizador “e”, empregado com a intenção de enfatizar a diferença entre a cidade pequena e a grande – há vantagens em morar em cidades pequenas: “e sem os problemas de uma cidade grande”. O período seguinte traz a enumeração dos atributos da cidade: “Além da linda praia, há pontos históricos aqui, pelo fato de São Vicente ter sido a primeira cidade do Brasil (que legal não?!).” O trecho revela o orgulho da produtora do texto em viver numa cidade cujo valor histórico é reconhecido por ela e aqueles que a visitam – isso pode ser observado por meio da expressão colocada entre parênteses: “(que legal não?!).” T.G. avalia a cidade e o que há nela por meio do uso de adjetivos que, segundo Orecchioni (1999), enunciam propriedades do tema que é “a cidade de São Vicente” e sua ligação e reação emocional face ao objeto descrito – mais um indício da presença e implicação do

agente no enunciado, além da presença do dêitico **aqui**. A tonalidade afetiva do enunciado emerge no comentário emocionado: "que legal não?!", sequência injuntiva organizada em forma de comentário-pergunta de tom exclamativo.

O terceiro parágrafo: "Aqui também tem teatro, cinema, shopping, restaurantes, bares, há muitas coisas para idosos fazerem, e muitas coisas para crianças também." dá continuidade à enumeração dos atributos da cidade e atividades que podem ser realizadas pelos turistas. O parágrafo oferece assim, ao interlocutor, a possibilidade de "ver" a cidade e saber o que há para fazer nela. É um parágrafo predominantemente descritivo.

No quarto parágrafo, prevendo uma resposta contrária ao seu enunciado, a produtora do texto antecipa-se e acrescenta à cidade outros atributos: sua natureza amiga e hospitaleira, a facilidade de manter contato entre os amigos já que se trata de uma cidade pequena. Essa visão revela a avaliação das dimensões territoriais e humanas da cidade, concluindo-se que T.G. quer enfatizar a idéia do lugar incomum em que vive por ser bastante comum.

O último parágrafo reforça as características já citadas nos anteriores: a humanidade, as possibilidades de crescimento e a necessidade de continuidade dos avanços da cidade: "Aqui tem tudo para todos os gostos e bolsos. Ninguém se nega a ajudar ninguém, **nem** que seja um gato de rua, se precisar, **nem ele** fica sem abrigo. Quase não se vê mendigos, porque todos podem não ter uma bela casa, mas todos têm uma casa, e todos tem no mínimo uma bicicleta. Não há tanto desemprego, **mas** ainda tem o que crescer se tratando disso (com uma base de estudo melhor eu creio)." Esse parágrafo apresenta paralelismo sintático. Emprego de palavras que se combinam, repetições que criam um efeito rítmico que permanece na memória do leitor. A produtora do texto procura persuadir o leitor por meio dessas combinações que refletem um procedimento bastante elaborado e eficaz: a intenção é persuadir...Tal procedimento é típico do anúncio publicitário. A expressão: (...) "para todos os gostos e bolsos" revela a intenção de T.G.: vender a imagem da cidade. O parágrafo é estratégico, apresenta um trabalho com a linguagem, uma ação de linguagem que se deseja realizar.

No texto, ficam evidentes os traços do estilo da produtora e marcas de autoria manifestos pelas escolhas lexicais, sintáticas e pela inserção do outro.

4.5.1.2 Re-escrita - Segunda versão de T.G.

Em sala de aula, os alunos receberam seus textos e depois os leram. A classe comentou, deu palpites. Propôs-se a retomada dos textos para que fizessem os ajustes necessários: aproximando-os das características próprias da crônica.

A primeira cidade do Brasil!

1Continente e ilha formam uma beleza rara.

2O clima e a beleza do lugar fazem da população um povo alegre e que recebe bem. Uma cidade em progresso, mas, ainda sem os problemas das grandes cidades.

3Em dia de chuva também não falta o que fazer: bares, restaurantes, shopping, cinemas... Diversão para todos os gostos e bolsos.

4Impossível dar uma passadinha no mercado sem encontrar um ou dois colegas, um lugar assim, te dá mais segurança, ou passa mais segurança do que em qualquer outro lugar.

5Pelo fato de São Vicente ter uma boa qualidade de vida, não se encontram muitos moradores de rua, nem cachorro aqui fica sem abrigo, ninguém se nega a ajudar ninguém. Onde todos se conhecem ou já ouviram falar.

6Nossa torcida é ver nossa cidade cada vez melhor, confiando no seu povo e, na escolha de políticos que a governem com amor e dedicação.

T.G. 8ª série M

O texto foi organizado em seis parágrafos em que se observa o emprego de sequências explicativas, argumentativas e descritivas, num discurso misto que está relacionado ao mundo do expor, ou seja, não houve mudanças com relação a isso. Esse fato revela que a produtora continua com o mesmo propósito discursivo embora, nesta versão, apresente mais descrições sobre a cidade e sua vocação turística.

O plano geral do texto apresenta a exposição do tema-título: “A primeira cidade do Brasil!”, procurando situar o leitor sobre sua característica geográfica e climática, seguida da apresentação das características do povo da cidade.

O primeiro parágrafo é formado de um período simples que descreve a beleza do lugar. O segundo descreve a população, a partir do olhar da produtora que estabelece uma relação causal entre o comportamento da população e o clima e a beleza do lugar – relação estabelecida de forma natural, sem considerar que tal afirmação possa gerar discordância – opinião que compartilha e assume como de

todas as pessoas. Na sequência, insere um novo tema: o progresso da cidade, mas prevendo a possibilidade de alguém estabelecer relação entre progresso e problemas, ela insere na sequência um argumento decisivo que contraria essa possível oposição: o progresso numa cidade pequena não leva necessariamente ao caos, pois a cidade “ainda” não apresenta esse problema como apresenta uma “grande cidade”. A voz manifesta revela a mudança de orientação por meio do conector “mas”.

O terceiro parágrafo descreve o que há para ser feito na cidade em um dia de chuva, afinal, numa cidade cuja atração turística principal é a praia, é preciso “mostrar” ao leitor outras opções de atividades: “Em dia de chuva também não falta o que fazer: bares, restaurantes, shopping, cinemas... Diversão para todos os gostos e bolsos.” A produtora procede à enumeração dos lugares e, em seguida, acrescenta a frase: “Diversão para todos os gostos e bolsos”. Esta frase já havia sido usada na primeira versão, agora é retomada com a finalidade de informar ao leitor que, em dias de chuva, há o que fazer, justificando que ainda é um bom programa vir para São Vicente.

Na sequência “Impossível dar uma passadinha no **mercado** sem encontrar um ou dois colegas, um lugar assim, te dá mais segurança, ou passa mais segurança do que em qualquer outro lugar.”, observa-se uma mudança na tonalidade empregada pela produtora: ela retoma a variante informal e acrescenta emoção ao que diz. Acrescenta imagens que visam a persuadir o leitor do calor humano encontrado na cidade e alude à sensação de segurança presente. Para o leitor que mora nos grandes centros urbanos, esse detalhe é importante. Dessa forma, a produtora aproxima-se do leitor e oferece algo de que ele necessita

No quinto parágrafo a produtora acena para o fato de que a cidade e seus moradores acolhem a todos: a cidade não possui muitos moradores de rua e cachorros são abrigados por pessoas da cidade. A produtora estabelece uma relação causal entre a ausência de moradores de rua e qualidade de vida: “Pelo fato de São Vicente ter uma boa qualidade de vida, não se encontram muitos moradores de rua, nem cachorro aqui fica sem abrigo, ninguém se nega a ajudar ninguém. Onde todos se conhecem ou já ouviram falar.” Assim fica evidente a ação de expor e persuadir o leitor sobre as qualidades da cidade.

No último parágrafo: “Nossa torcida é ver nossa cidade cada vez melhor, confiando no seu povo e, na escolha de políticos que a governem com amor e

dedicação.”, a produtora do texto expressa sua confiança na população e na escolha de políticos bem intencionados e comprometidos com a melhoria da cidade. Ela deixa assim exposta sua visão sobre a população e a cidade, apresentando uma imagem positiva e esperançosa de que isso possa acontecer. Essa visão é construída por meio das escolhas lexicais efetuadas: torcida, confiando, melhor, amor, dedicação.

Quanto ao emprego de mecanismos de textualização, observa-se que a produtora emprega inicialmente o tema-título: “A primeira cidade do Brasil!” que é retomado por expressões que se referem às partes do todo da cidade: “continente e ilha” e, em seguida, emprega os substantivos: “lugar”; “cidade”; “São Vicente”; “cidade”; e, por último, o pronome “a”.

Quanto à coesão verbal, são empregadas formas verbais do presente do Indicativo: “formam”, “fazem”, “recebe”, “falta”, “dá”, “é” e do infinitivo: “dar”, “ter”, “ver” - formas que revelam relação com o mundo discursivo construído e que está de acordo com o quadro descritivo composto: dar impressão de que o momento de produção é o mesmo do momento de referência.

A organização do texto revela relações com gêneros com os quais a aluna manteve contato durante o processo de pesquisa para a produção da revista como textos expositivos encontrados em livros didáticos de história, artigos encontrados na internet, “folders” de divulgação.

A segunda versão do texto apresenta algumas modificações que estão relacionadas à apresentação inicial do tema; porém, o intuito discursivo é o mesmo. Houve redução no emprego do verbo ter; a acentuação foi empregada e a conclusão do texto foi alterada: está mais ordenada.

O texto ficou mais formal: a linguagem que antes apresentava tom de conversa – respostas a perguntas pressupostas e vocabulário próprio de uma adolescente, passou a uma formalização maior – tornou-se mais elaborado, pois a produtora procedeu a uma série de apagamentos. A re-escrita do texto deixou-o mais limpo, criando o efeito de objetividade, as ideias que antes estavam sugeridas ou implícitas foram explicitadas, houve pequena redução na adjetivação, no emprego de pronomes e de formas verbais de primeira pessoa e da presença das vozes também, o que se deve talvez à avaliação feita pela própria aluna de seu processo. O texto manteve as características da crônica e houve melhoria na expressão escrita.

Houve, portanto assimilação dos conceitos discutidos ao longo das aulas, pois a re-escrita foi realizada após observação de várias crônicas. Observa-se também alterações na pontuação, na concordância - o que revela uma maior preocupação com o aspecto da forma de apresentação - isso se deve, possivelmente, a dois fatores: correção coletiva realizada na sala quando problemas dessa natureza foram amplamente discutidos, e re-escrita feita no laboratório de informática – o corretor de textos “indica” quando não se usa acentuação adequada.

4.5.2 2º texto: sem título de V.R. - primeira versão

Título:-----

História e beleza são adjetivos que costumo atribuir à primeira vila do Brasil. Vila esta que tenho orgulho de falar aos meus primos e amigos do interior: “Aqui eu habito”.

Grande mãe, outra característica surpreendente para uma pequena grande cidade. Grande não de praias, da Mitologia - Sim! Até isto se enquadra na grandiosa São Vicente – ou da Ipupiara, para os menos chegados. Mas, acima de tudo isso ela é a 2ª mãe do meu coração e musa da minha inspiração.

São Vicente; especial, fenomenal e tantos outros elogios estão presentes, quando * vejo-me iluminado pela **tranquilizante luz** da Ponte Pensil, que “abre caminho” de um lado a outro, protegendo as águas calmas que estão presente em baixo dela.

Menina dos meus olhos, não me deixe cego, mas trate de curar minha catarata; leve teu **lindo esplendor** a todos que estão longe das **águas salgadas** que a torna desejada.

É... Meu amor por ti é infinito, por isso te perdou e digo: “São Vicente eternamente”.

V. R. 8.ª M

O texto de V.R. está organizado em 5 parágrafos e apresenta-se sem título. O texto é uma declaração de amor à cidade de São Vicente, estendida ao longo de seus cinco parágrafos que apresentam uma tonalidade afetiva e ufanista. Foi organizado para expor, pertence, portanto, ao mundo do expor, o discurso é implicado e misto. Há uma mistura de frases declarativas e exclamativas que revelam o sentimento do produtor pela cidade: admiração, amor. Por meio da observação das formas verbais empregadas: indicativo presente; emprego de dêiticos de primeira pessoa do singular e de segunda pessoa, percebemos

claramente a relação com o mundo que o agente estabelece com o leitor e com o objeto de que fala, pois essa relação é perceptível também pelo emprego de modalizações apreciativas relacionadas às avaliações feitas com base em critérios subjetivos, afetivos ou morais e modalizações pragmáticas que revelam o julgamento do locutor no enunciado: ele se compromete com o que fala.

No primeiro parágrafo, V.R. expressa, por meio de adjetivos, sua representação da cidade em que vive e seu sentimento pela cidade - orgulha-se de ser morador da vila e de dizê-lo a seus primos do interior: “Vila esta que tenho orgulho de falar aos meus primos e amigos do interior: “Aqui eu habito.”

A forma de organização dos demais parágrafos do texto de V.R. apresenta uma anáfora nominal que remete à vila, destaca sua natureza, suas raízes míticas e revela a relação existente entre o agente produtor do texto e a cidade. É importante observar o cuidado do agente com a descrição: “pequena grande cidade” - a anteposição de adjetivos sugere a subjetividade do produtor e sua preferência pelo emprego dos adjetivos antepostos aos substantivos, indício de um estilo, de uma preferência.

Grande mãe, outra característica surpreendente para uma pequena grande cidade. Grande não de praias, da Mitologia - Sim! Até isto se enquadra na grandiosa São Vicente – ou da Ipupiara, para os menos chegados. Mas, acima de tudo isso ela é a 2ª mãe do meu coração e musa da minha inspiração.

Alguns dos substantivos empregados por V. R. refletem sua relação com temas discutidos em aulas do bimestre anterior quando fizemos a leitura da obra “A Odisseia”⁷, lida, interpretada e comentada por todos da sala. A leitura da obra foi assimilada e incorporada por V. R., evidência que pode ser verificada pelos termos “Mitologia”, “musa” empregados por V.R. em sua atividade de linguagem, além do tom eloquente empregado, uso recorrente de adjetivos avaliativos subjetivos antepostos: “grandiosa São Vicente”, e torneios sintáticos: “Grande não de praias, da Mitologia - Sim! Até isto se enquadra na grandiosa São Vicente – ou da Ipupiara, para os menos chegados”. Vê-se, portanto, a importância do intertexto, do contato com produções de qualidade que refletem escolhas realizadas pelo

⁷ Homero (adaptação de Marques Rebelo). A Odisseia de Homero. RJ: Editora Ediouro, RJ N/C

aluno: léxico, organização sintática, combinações que criam efeitos de sentido e uso de figuras de linguagem que tornam eficaz a ação de linguagem empreendida pelo produtor.

O agente emprega então uma linguagem mais formal, embora apresente deslizes encontrados na linguagem de qualquer jovem de treze anos.

Assim sendo, V. R. compõe o quadro descritivo-explicativo que mostra ao interlocutor sua cidade, sua vila por meio de expressões que revelam a admiração do aluno e seu desejo de se aproximar de seu interlocutor e de persuadi-lo, seja este um turista ou morador da própria vila.

São Vicente; especial, fenomenal e tantos outros elogios estão presentes, quando * vejo-me iluminado pela **tranquilizante luz da Ponte Pensil**, que “abre caminho” de um lado a outro, protegendo as águas calmas que estão presente em baixo dela.

No terceiro parágrafo, o agente-produtor faz uma invocação - uma apóstrofe- “São Vicente”, recurso empregado para o chamamento inicial que serve à enumeração das qualidades que serão acrescentadas à cidade, dando continuidade à homenagem. Os adjetivos usados: “especial”, “fenomenal”, modalizadores apreciativos, reforçam a imagem que está sendo construída sobre a cidade e enfatizam o sentimento expresso. Na sequência observa-se o encaixamento da oração adverbial temporal “quando vejo-me” que associa o momento de produção com o momento de referência temporal psicológica e com da ação de linguagem. No parágrafo é citado ainda um dos cartões postais da cidade “Ponte Pensil”. É importante chamar atenção para a imagem criada pelo agente e sua preocupação em empregar aspas na expressão “ que “abre caminho””, esse cuidado indica a intenção de fazer ver as qualidades, mas também de revelar ao leitor o objeto personificado - a ponte, capaz ainda de proteger as águas.

O quarto parágrafo: “ Menina dos meus olhos, não me deixe cego, mas trate de curar minha catarata; leve teu lindo esplendor a todos que estão longe das águas salgadas que a torna desejada.” Inicia também com uma expressão empregada que, ao mesmo tempo, é uma apóstrofe, uma metáfora e personificação, pois a

expressão permite a construção de várias associações. O tom empregado na sequência “não me deixe cego,mas trate de curar minha catarata; leve teu lindo esplendor” é melodramático e enfático, distanciando-se um pouco do que normalmente ocorre em crônicas. Reaparece neste parágrafo o emprego da adjetivação subjetiva que é anteposta ao substantivo: “lindo esplendor”. Para o agente-produtor, o cartão postal da cidade tem uma função: levar a imagem da cidade àqueles que estão longe e a admiram pelas águas, praias.

O último parágrafo finaliza a crônica “declaração de amor” numa constatação final em que se misturam amor e perdão. Perdão que não se encaixaria na sequência, por não existir no texto algo que necessitasse de perdão. Se forem consideradas as discussões e a situação de produção do texto, é possível estabelecer relações entre perdão e defeitos da cidade - enfatizados pela classe durante os módulos: “É... Meu amor por ti é infinito,por isso te perdo e digo: ”São Vicente eternamente”.

O tema “primeira vila do Brasil ” é retomado por cadeias anafóricas que incluem substantivos determinados e não determinados (Vila, Grande mãe, pequena grande cidade, grandiosa São Vicente, Ipupiara, 2ª mãe, musa, São Vicente, São Vicente); expressões adverbiais: “aqui”; retomadas por pronomes anafóricos: “ela”; “ti”, “te” pronomes demonstrativos, e relativos: “esta”, “que” .

Com relação à coesão verbal, notamos que há preferência pelos tempos verbais do presente, já que se trata de um tipo de discurso misto.

Quanto aos organizadores textuais empregados por V.R., destacam-se:

- 1º parágrafo: “que” pronome relativo que retoma o termo antecedente “**vila** esta que tenho orgulho de falar aos meus primos e amigos do interior”; a conjunção aditiva: “e” que liga os termos;
- 2º parágrafo: “Até isto se enquadra na grandiosa São Vicente”- emprego da preposição no início do período estabelecendo a relação entre o dito anterior e indicando a introdução de argumento mais importante; “ – ou da Ipupiara, para os menos chegados.” Emprego de conjunção alternativa para marcar a disjunção entre o período anterior e a idéia de intimidade X falta de intimidade;“ Mas, acima de tudo isso ela é a 2ª mãe do meu coração”- conjunção coordenada adversativa –empregada para introduzir argumento mais forte que os anteriores; “e musa da minha inspiração.” conjunção aditiva que acrescenta mais um atributo à “vila”.

- 3º parágrafo: “São Vicente; especial, fenomenal e tantos outros elogios estão presentes” emprego da conjunção aditiva “e” que funciona como as anteriores já citadas; “quando * vejo-me iluminado pela tranquilizante luz da Ponte Pensil,” emprego da conjunção adverbial encaixando a sequência temporal à oração anterior; “ que “abre caminho” de um lado a outro, protegendo as águas calmas” pronome relativo que introduz subordinada adjetiva; “ que estão presente em baixo dela.” Repetição de oração subordinada adjetiva introduzida pelo pronome que.
- 4º parágrafo: “mas trate de curar minha catarata;” - emprego de conjunção coordenativa adversativa que insere argumento mais forte em relação à oração anterior, redirecionando o leitor para novo sentido; “leve teu lindo esplendor a todos” - oração justaposta à anterior (coordenada assindética); “ que estão longe das águas salgadas”- emprego de oração adjetiva restritiva introduzida por pronome relativo que tem a função de acrescentar novo dado descritivo; “que a torna desejada” - repetição da mesma forma compositiva anterior.

A repetição de orações adjetivas chamam atenção pelo tipo de construção paralelística, pela ordenação e pela restrição de sentido. Esses aspectos foram estudados durante as aulas dos módulos. Essas sequências encaixadas (orações adjetivas) acrescentam ao conjunto as imagens necessárias à argumentação construída, pois sugerem a necessidade de que os distantes se aproximem.

- 5º parágrafo: “É... Meu amor por ti é infinito, por isso te perdeu” oração justaposta à anterior por meio de conjunção explicativa que justifica o fato; “ e digo.”São Vicente eternamente.” oração justaposta à anterior por meio da conjunção aditiva “e” que introduz o verbo dizer, anunciando..

No conjunto, o texto apresenta sequências explicativas, descritivas, injuntivas e argumentativas misturadas, revelando as operações de encaixamento e de justaposição efetuadas pelo agente. É interessante observar que a sequência injuntiva é empregada no momento em que o agente se dirige à Ponte dramaticamente. Essa organização reflete bem os sentimentos e intenções do agente: mostrar, justificar e persuadir, afinal V.R. quer persuadir o leitor de que seu amor é imenso e de que é bom viver nessa cidade, por isso a escolha desses tipos de sequências.

4.5.2.1 Re-escrita de V.R - Segunda versão do texto de V.R.

Título:-----

Histórica e bela são os adjetivos que costumo atribuir à primeira vila do Brasil. Vila esta que tenho orgulho de falar aos meus primos e amigos do interior: "Aqui eu habito".

Grande mãe, outra característica surpreendente para uma pequena grande cidade. Grande não de praias, da Mitologia - Sim! Até isto se enquadra na grandiosa São Vicente – ou Iupiará, para os mais chegados. Mas, acima de tudo, - ela é a segunda mãe do meu coração e musa da minha inspiração.

São Vicente, especial, fenomenal e tantos outros adjetivos a podem descrever. Quando me vejo iluminado pelas calmantes luzes vindas da magnífica Ponte Pensil, que liga um lado ao outro lado da ilha, e "abre caminho" sobre as calmas águas que faz meu município brilhar ainda mais sob a luz do Sol.

Menina dos meus olhos, apenas não me cegue: cura minha catarata; levando o esplendor de tuas águas à pobre população dos teus domínios e mostre a razão de ser desejada aos descrentes.

É... meu amor por ti é infinito, por isso te perdou e digo: "São Vicente eternamente estarei contigo!".

V.R. 8ªM

A análise da segunda versão do texto de V.R. mostra algumas alterações que melhoraram bastante o seu texto, mantendo o mesmo tipo de discurso, de sequências, de mecanismos de textualização, apenas com pequena redução no emprego de pronomes relativos. O produtor ainda apresenta problemas de acentuação, não a emprega quando deveria em alguns casos. Quanto ao emprego de figuras de linguagem, ele as mantém, indício de um estilo.

Os modalizadores permaneceram, mantendo o mesmo tom eloquente e ufanista do discurso de V.R.. Pequenas alterações em alguns verbos que foram modificados ou acrescentados e de adjetivos.

Houve, portanto, poucas alterações, mas significativas, pois revelam escolhas do aluno em função de seu projeto discursivo.

Há estilo, há marcas de autoria evidentes, há reflexão sobre o processo e indícios de que o aluno se apropriou dos conceitos necessários à produção.

4.5.3 3º texto: O melhor lugar para se viver de I.M.- primeira versão

O melhor lugar para se viver

1 Vivemos da energia do Sol, nossos castelos são de areia e colhemos os frutos do mar para comermos como se fosse nossa última vez. Ah, não tem melhor lugar para se viver. Bom, talvez cidades e metrópoles, mas isso não vem ao caso.

2 Nossas belas praias são o atrativo para o turismo, nossa fonte de renda. Sol o ano inteiro ajuda, também, mas nada como uma praia mal cuidada e suja, não é?! Ah, São Vicente, nosso santo! Nosso santo deve nos representar, não acha? Então São Vicente deve estar preso por roubar uma mísera manteiga enquanto São Governo, que roubou uma população inteira, nos trai tomando sol em outro estado e criando contas em bancos exteriores. Mas São Governo cuida de nós, ele até fez um time de futebol para a nossa cidade! E vai trazer ainda mais renda para a minha gente em 2014, que o São Governo gastará milhões fazendo a Copa do Mundo!

3 Nossa cidade tem uma misselânea de cores que é outro atrativo. Ah, é o paraíso, você tem que admitir.

I. M. 8ª série M

O tema-título “O melhor lugar para se viver” expressa a intenção da aluna de expor qual é o melhor lugar para se viver, ou seja, a cidade em que ela vive: São Vicente. O texto foi organizado em três parágrafos e, ao longo deles, ocorre a superposição de duas vozes em tensão: uma delas defende a proposta do título; a outra a contradiz, estendendo os comentários negativos para outros aspectos que ultrapassam os limites da questão anunciada.

O primeiro parágrafo descreve os maus hábitos dos moradores da cidade - hábitos compartilhados pela aluna também, como indica o a forma verbal na primeira pessoa do plural: “comemos”.

Em seguida, ela acrescenta um período introduzido pela interjeição “Ah” e seguido da afirmação “não tem melhor lugar para se viver.” – oração que introduz o posicionamento da primeira voz. Na sequência é encaixada a outra voz que manifesta uma visão diferente: “Bom, talvez cidades e metrópoles, mas isso não vem ao caso.”. As vozes manifestam pontos de vista diferentes que apresentam a questão permeada de ironia. É preciso também observar a presença do modalizador lógico “talvez” que expressa a possibilidade, não a certeza. Porém, a aluna insere na sequência a conjunção “mas” que introduz novamente a voz da

aluna com a função de refutar o que foi dito antes, reorientando o sentido do discurso.

O segundo parágrafo, além de mesclar as duas vozes, apresenta uma mistura de temas: as praias e o turismo, a política e o desvio de verbas. A produtora do texto encaixa uma sequência após a outra, cabe ao leitor estabelecer a conexão entre elas:

2 Nossas belas praias são o atrativo para o turismo, nossa fonte de renda. Sol o ano inteiro ajuda, também, mas nada como uma praia mal cuidada e suja, não é?! Ah, São Vicente, nosso santo! Nosso santo deve nos representar, não acha? Então São Vicente deve estar preso por roubar uma mísera manteiga enquanto São Governo, que roubou uma população inteira, nos trai tomando sol em outro estado e criando contas em bancos exteriores. Mas São Governo cuida de nós, ele até fez um time de futebol para a nossa cidade! E vai trazer ainda mais renda para a minha gente em 2014, que o São Governo gastará milhões fazendo a Copa do Mundo!

O segundo parágrafo aparenta, no início, a intenção de descrever os atrativos da cidade para os turistas, fonte de renda para a cidade. Porém, no período seguinte, a segunda voz questiona a condição em que se encontram as praias – denunciando que a sujeira delas pode afastar os turistas: “Nossas belas praias são o atrativo para o turismo, nossa fonte de renda. Sol o ano inteiro ajuda, também, mas nada como uma praia mal cuidada e suja, não é?!”. O parágrafo prossegue, apresentando o posicionamento crítico em relação aos políticos que deveriam representar a população, mas não o fazem. Resulta um tom irônico, decorrente do contraste e de outros recursos, por exemplo o léxico, pelo uso de termos pertencentes a outro campo semântico, o da religião, estabelecendo assim a oposição entre o que é correto e justo – de certa forma santificado, e o que é errado, injusto e desonesto. Nesse processo, o santo verdadeiro é identificado aos pobres que cometem delitos, enquanto o santo paródico estende a crítica para o âmbito geral da vida política do país: “Ah, São Vicente, nosso santo! Nosso santo deve nos representar, não acha? Então São Vicente deve estar preso por roubar uma mísera manteiga enquanto São Governo, que roubou uma população inteira, nos trai tomando sol em outro estado e criando contas em bancos exteriores”. A crítica da segunda voz é reforçada ainda pelo modalizador deôntico que faz paralelo entre o conteúdo temático e as regras do mundo político: “Nosso santo deve nos representar, não acha?”.

À sequência injuntiva anterior, é inserida uma argumentativa cuja função é introduzir um argumento que reforça a denúncia que está sendo construída - um período composto por coordenação introduzido pela conjunção adversativa “mas” que insere outra voz: “Mas São Governo cuida de nós, ele até fez um time de futebol para a nossa cidade!”. Essa voz, mais uma vez, instaura a ironia. Na sequência final do parágrafo, a aluna faz referência ao assunto que era alvo da atenção da mídia: a possibilidade de o Brasil ser sede, em 2014, da Copa do Mundo: “E vai trazer ainda mais renda para a minha gente em 2014, que o São Governo gastará milhões fazendo a Copa do Mundo!”.

O último parágrafo: “Nossa cidade tem uma misselânea de cores que é outro atrativo. Ah, é o paraíso, você tem que admitir.” fecha o texto dialogando com o leitor, levando-o a refletir sobre a situação em que se encontra. É preciso ressaltar que a aluna mantém o mesmo raciocínio crítico e tonalidade irônica até a conclusão.

O mundo discursivo criado é misto, apresentando sequências descritivas, seguidas de explicativas e argumentativas que servem aos propósitos da autora: dar a ver ao leitor o que se encontra ao seu redor. Como resultado, estabelece-se o diálogo com o leitor e a aproximação entre texto e leitor é realizada – um dos aspectos que caracteriza a crônica, presente nesta produção.

Na construção de seu texto, a produtora deixa marcas explícitas direcionadas ao envolvimento do leitor, por meio do diálogo com ele, perceptível no emprego dos seguintes recursos:

- frases interrogativas, exclamativas e declarativas;
- perguntas retóricas: “Nossas belas praias são o atrativo para o turismo, nossa fonte de renda. Sol o ano inteiro ajuda, também, mas nada como uma praia mal cuidada e suja, não é?! Ah, São Vicente, nosso santo! Nosso santo deve nos representar, não acha?”;
- pronomes e formas verbais na primeira pessoa do singular ou plural: “Vivemos da energia do Sol, nossos castelos são de areia e colhemos os frutos do mar para comermos como se fosse nossa última vez.”; “Nossas belas praias são o atrativo para o turismo, nossa fonte de renda.”; Nossa cidade tem uma misselânea de cores que é outro atrativo.”;
- pronomes de segunda pessoa: “ Ah, é o paraíso, você tem que admitir.”.

A atitude crítica, a opinião e o posicionamento assumido pela aluna decorrem de mecanismos enunciativos que estabelecem as relações entre os segmentos do texto, como:

- modalizações apreciativas relacionadas às avaliações feitas com base em critérios subjetivos, afetivos ou morais: “Nossa cidade tem uma misselânea de cores que é outro atrativo. Ah, é o paraíso, você tem que admitir.”
- modalizações deônticas: “Nosso santo deve nos representar, não acha?”- a autora questiona a falta de representatividade por meio do verbo “dever” que denota a obrigação, o dever de representar;
- verbos no indicativo presente, pretérito perfeito, futuro perifrástico (verbo + infinitivo): moro, tenho, é, podem não ter, é possível chamar;
- unidades que indicam espaço: aqui, moro no litoral, perto da praia.

Quanto ao emprego de mecanismos de textualização, especificamente quanto à coesão nominal, observa-se que a agente não deixou explícita a referência à cidade de São Vicente, não introduzindo explicitamente o tema (de que se fala) – o leitor pode encontrar alguma dificuldade para estabelecer essa relação, pois é preciso conhecer a história da cidade para saber que a cidade recebeu o nome do santo. No primeiro parágrafo faz referência a “um lugar” com areia, praias e, no último, retoma-o por meio do emprego “nossa cidade”. A coesão é construída pouco a pouco, a aluna poderia assim estar empregando uma estratégia para construir “o cenário” que vai exibindo ao leitor gradativamente.

Outros mecanismos empregados pela aluna são os conectores que marcam a articulação entre fases da sequência argumentativa e explicativa como “mas” (duas ocorrências), “isso”, “e”, “então”: “Bom, talvez cidades e metrópoles, mas isso não vem ao caso.” “Então São Vicente deve estar preso por roubar uma mísera manteiga enquanto São Governo, que roubou uma população inteira, nos trai tomando sol em outro estado e criando contas em bancos exteriores. Mas São Governo cuida de nós, ele até fez um time de futebol para a nossa cidade!”- O articulador “mas isso” estabelece relação de oposição entre o segmento seguinte e o anterior; já o articulador “então” estabelece a articulação entre o segmento de discurso interativo e segmento de discurso argumentativo- esses articuladores são responsáveis também por construir a coerência local do texto

Quanto à coesão verbal, são empregadas formas verbais no presente do Indicativo – formas que caracterizam o mundo do expor e discurso teórico interativo, ou seja, o discurso misto- isso se deve ao fato de a situação de produção do texto escrito estar relacionada ao momento de produção do texto escrito e de referência.

O conjunto do texto é coerente por conseguir estabelecer uma unidade de sentido que é recuperável pelo leitor. E por apresentar uma progressão temática. A duplicidade de vozes instaura o tom irônico e questionador, do início até quase o final. Nas últimas linhas, desaparece a tensão e predomina o elogio à cidade, o convite a conhecê-la.

O texto apresenta um tema relacionado à cidade e aos políticos, criticando-os. Revela o posicionamento de alguém que não concorda com a gestão da cidade. Apresenta sequências que satisfazem à exposição e ao raciocínio construído, porém exige do leitor certos conhecimentos que podem não fazer parte do repertório dele – seria preciso acrescentar informações. A organização do texto revela aspectos de outros gêneros com os quais a aluna manteve contato: notícias de jornal, editoriais, textos didáticos de história, além das crônicas trabalhadas nas sequências. Revela a assimilação das principais características da crônica, porém a escolha do tom crítico traz o risco de falsear a intenção principal do texto, sua ação de linguagem.

4.5.3.1 Re-escrita do texto de I.M. - segunda versão de I.M.

Nem tão democrático assim

1 Sol escaldante e a areia queimando **meus pés**, enquanto **tentava** encontrar um espaço entre um guarda-sol e outro **para me** acomodar. Enfim **achei** o lugar perfeito: perto do mar e ao mesmo tempo perto de casa.

2 Enquanto tentava em vão parecer o que a mídia mostra ser Naomi Campbell, fui atingida por um objeto redondo que me assustou tanto a ponto de devolvê-lo para o jogador de frescobol. Quando eu finalmente deitei na cadeira e resolvi relaxar, a criança da barraca vizinha começava a chorar. Nada contra crianças, mas as dos outros ou nos atrapalham ou os pais prometeram-lhes uma surpresa por bom comportamento (e a surpresa não seria boa, acredite).

3 Depois de um bom tempo (que pensei não acabar nunca), a mimada criança recebeu o sorvete. Mas eu já tinha perdido o sono àquela altura, então comecei a reparar nas outras pessoas, e cheguei à conclusão de que, só por pelo menos cobrir minhas partes íntimas de trás, eu era a moça com o biquini mais reservado de toda praia. E então o sol desaparece, sem pôr-do-sol para consolar. Desisti, não era meu dia de ir à praia. Arrumei minhas tralhas, fui embora e senti que minha sorte estava melhorando, pois agora eu estava andando com chinelo nos pés.

4 Continuo gostando da praia, mesmo com a superpopulação, o aquecimento global e a invasão de propriedade impune. *I M- 8ª série M*

O texto de I.M. foi organizado em quatro parágrafos e apresenta modificações profundas com relação à primeira produção.

O plano geral do texto consiste em expor a razão de a praia não ser um lugar tão democrático, pois apresenta alguns inconvenientes, esses, porém, não são aspectos decisivos para fazê-la deixar de gostar do lugar.

I.M. inicia seu texto relatando a experiência por que passou. O relato serve à intenção de I.M. de responder à proposta de correção. Ela expõe seu ponto de vista sobre a situação que vivenciou e que, agora, serve de ponto de partida para sua produção - do relato ao comentário final, há, portanto, dois parágrafos de relato interativo e um de discurso teórico que deixa exposta a opinião e representação da aluna sobre a cidade.

É importante reconhecer no texto marcas que remetem à experiência de leitura realizada em sala de aula-durante as sequências didáticas- e que serve como exemplo para a produção de seu texto. O texto apresenta em alto grau a ironia que I.M. e outros alunos da sala experimentaram ao fazer a leitura da crônica “Os que ficam” de L.F.Veríssimo. O texto “Nem tão democrático assim” de I.M. parodia o texto de L.F. Veríssimo – a aluna nega, portanto, a orientação do texto de Veríssimo, no título e ao longo do texto:

Texto de L.F.V:

Praia é uma república em que todos são iguais perante o Sol. Nenhuma democracia social é tão adiantada quanto a praia, onde as raças não apenas convivem como fazem tudo para se tornarem iguais. Suam, literalmente, para diminuir suas diferenças. Os brancos tentam ficar marrons, embora às vezes só fiquem vermelhos, os marrons ficam pretos e os pretos já estão prontos. A praia também é a democracia econômica com que tantos sonham.

Título do texto de I.M.:

“Nem tão democrático assim”

O texto de I.M. estabelece relação entre os temas “praia como democracia” (T1) e “praia nem tão democrática”(T2). Assim o texto 1 de L.F.V. refere-se à praia como um lugar aberto a todos os que quiserem frequentá-la e em que as diferenças não são tão visíveis : “(...) Praia é uma república em que todos são iguais perante o Sol. Nenhuma democracia social é tão adiantada quanto a praia, onde as raças não apenas convivem como fazem tudo para se tornarem iguais.”. O texto de I.M. apresenta uma visão diferente: há muitas pessoas na praia que dificultam a acomodação, pois não há espaços vazios: “Sol escaldante e a areia queimando meus pés, enquanto tentava encontrar um espaço entre um guarda-sol e outro para me acomodar. Enfim achei o lugar perfeito: perto do mar e ao mesmo tempo perto de casa.”

O segundo parágrafo do texto: “Enquanto tentava em vão parecer o que a mídia mostra ser Naomi Campbell, fui atingida por um objeto redondo que me assustou tanto a ponto de devolvê-lo para o jogador de frescobol.” continua o mesmo raciocínio: a negação do estado democrático da praia. Há, porém, no período uma ironia bastante acentuada quando I.M. assume a diferença existente entre ela e Naomi Campbell. Na continuidade do parágrafo, ela insere um novo dado que complementar a ideia inicial da superpopulação e do incômodo provocado pelos frequentadores da praia: o choro da criança impedindo-a de descansar, seguido de comentário:

Quando eu finalmente deitei na cadeira e resolvi relaxar, a criança da barraca vizinha começava a chorar. Nada contra crianças, mas as dos outros ou nos atrapalham ou os pais prometeram-lhes uma surpresa por bom comportamento (e a surpresa não seria boa, acredite).

I.M. instaura o diálogo explícito com o leitor e insere na sequência o comentário que antevê uma possível objeção do leitor, deixando clara sua visão sobre o bom e mau comportamento de crianças - visão introduzida pela conjunção “mas” que indica ao leitor a orientação do discurso que prevalece- trata-se, portanto, de um organizador textual que articula um segmento de relato interativo (narrar) com discurso teórico(expor), passa-se assim da sequência narrativa à sequência argumentativa. O comentário que segue, colocado entre parênteses, deixa evidente

a visão de que o bom comportamento procede de uma ameaça – uma questão bastante polêmica que revela a representação da aluna sobre esse tipo de situação. O trecho é irônico e reflete a mesma atmosfera criada pelo texto de Veríssimo.

A ironia ocorre em todos os parágrafos e é repetida no parágrafo final, assemelhando-se à construída por L.F.V.:

Parágrafo final de L.F.V.: “Gosto, sim, de praia. Talvez até fique numa uns quatro dias, algum dia.”

Parágrafo final de I.M.: “Continuo gostando da praia, mesmo com a superpopulação, o aquecimento global e a invasão de propriedade impune.”

O terceiro parágrafo mantém o mesmo tipo de raciocínio e organização do parágrafo anterior: “Depois de um bom tempo (que pensei não acabar nunca), a mimada criança recebeu o sorvete.”, pois inicia por um marcador temporal (sublinhado no texto) que é empregado para estabelecer relação entre o parágrafo anterior e o que se inicia, e entre a sequência narrativa e a expositiva colocada entre parênteses tracejada – comentário feito pela aluna. Observa-se também a alteração na ordem do adjetivo: o adjetivo “mimada” é anteposto ao substantivo - enfatizando a ideia que a aluna deseja ressaltar – visto como inconveniente pela aluna produtora do texto (o fato de a criança ser mimada e incomodar o sono alheio). Além desse aspecto, é necessário observar também que o efeito da inversão do adjetivo também pode ser indício do estilo da aluna e do contato com a crônica da primeira sequência didática, pois a crônica de Cecília Meireles emprega esse recurso abundantemente.

Na continuidade do parágrafo, a aluna insere um período composto por coordenação introduzido por “mas” que nega a afirmação anteriormente feita. Segue, na sequência, o organizador textual “então” que estabelece relação entre o fato anterior e a ação seguinte – a de olhar ao redor e concluir que era a moça mais recatada da praia: “Mas eu já tinha perdido o sono àquela altura, então comecei a reparar nas outras pessoas, e cheguei à conclusão de que, só por pelo menos cobrir minhas partes íntimas de trás, eu era a moça com o biquini mais reservado de toda praia.”. Este período inicia pela conjunção “e” que estabelece conexão entre uma oração e outra, contribuindo assim para a continuidade do período. É preciso notar a presença de uma oração intercalada no período, esta acrescenta à sequência uma

crítica ao modo de vestir das mulheres que frequentam a praia e uma tonalidade irônica, há, neste trecho uma sobreposição de vozes: a da aluna e a voz social que estabelece regras morais.

O parágrafo prossegue com novo período introduzido, novamente, por uma oração coordenada aditiva, seguida da conjunção “então” com a função de acrescentar à continuidade do parágrafo a mudança do tempo e passagem do tempo: “E então o sol desaparece, sem pôr-do-sol para consolar.” A repetição do mesmo tipo de organização sintática é uma opção feita pela para construir seu texto, assim com feita pelos autores das crônicas estudadas nas sequências didáticas. O efeito conseguido pela aluna é o de marcar a mudança de um segmento a outro, dar continuidade ao texto, construir a coerência e enfatizar sua ideia. Outros períodos são inseridos no parágrafo, dando continuidade às mudanças que ocorreram e levaram à aluna a sair da praia: as ações são expressas por verbos que remetem à primeira pessoa do discurso e implicam a aluna na situação que relata: “Desisti, não era meu dia de ir à praia. Arrumei minhas tralhas, fui embora e senti que minha sorte estava melhorando, pois agora eu estava andando com chinelo nos pés.”

A sequência narrativa é interrompida e é inserida, no último parágrafo, uma sequência explicativa (expositiva) – basta observar os tempos verbais empregados e a intenção da aluna que é explicar: “Continuo gostando da praia, mesmo com a superpopulação, o aquecimento global e a invasão de propriedade impune.” que deixa clara a intenção da aluna de “mostrar” que a praia é um bom lugar, apesar de não ser democrática. Se se levar em consideração a intenção da aluna no último parágrafo do texto, é possível afirmar que o discurso e as sequências do texto foram organizadas predominantemente na forma de relato interativo para produzir o efeito desejado no leitor: mostrar o cenário em que se desenrolam as ações e expor o ponto de vista da aluna sobre o tema definido: a praia não é um lugar tão democrático – as razões que a levam a pensar assim são expostas ao longo do texto.

Percebe-se que houve, por parte da aluna, a preocupação de estabelecer um eixo condutor e segui-lo até o final, pois o texto produzido reflete essa organização.

As marcas da presença da autora do texto estão presentes nos pronomes, nas escolhas lexicais, na organização dos parágrafos, na inserção de vozes ao longo do texto que expressam sua maneira pessoal de “dizer”.

Houve, portanto, assimilação das características da crônica, a competência linguístico-discursiva fica evidente na organização do discurso, na variante culta

empregada e no emprego habilidoso dos elementos gramaticais do texto. Da primeira para a segunda versão, observa-se um salto qualitativo em que ficam evidentes as operações realizadas ao longo do processo.

4.5.4 Quarto texto: **A praia** de T.R.F. – primeira versão

A praia

A praia é um lugar que todos podem “entrar”; ricos, pobres, negros, brancos, loiros, morenos e ninguém paga nada para entrar*. * Não tem violência e todos podem tomar seu sozinho ou nadar tranquilos.

É um lugar belíssimo, a água do mar é tão limpa que chega a ser transparente. A areia sem nenhuma sujeira.

Na praia, os pais nem precisam se preocupar com seqüestro de seus filhos, deixam eles livres para fazerem o que quiserem. Os turistas se divertem! E aí, gostou? É uma pena que a praia da minha cidade não é assim!

Na praia da minha cidade, ninguém paga nada para entrar.

A água do mar é cheio de sujeiras, fezes, urina, tem de tudo! E a areia também, os visitantes da praia deixam suas sujeiras todas lá.

Eles tem preguiça de colocar em uma sacola.

Você não pode descuidar do seu filho um segundo, porque senão alguém pode tomá-lo de você.

Fique de olho também em suas roupas, óculos e principalmente carteira, nunca peça para ninguém olhar suas coisas enquanto você vai nadar um pouquinho

Mas a praia é um lugar bem legal, com todas essas “coisas”, você ainda consegue se divertir!

O texto “A praia” de T.R.F. está organizado em 9 parágrafos. O tema-título é retomado diversas vezes ao longo do texto, apresentando cadeias anafóricas pouco variáveis. O texto pertence ao mundo do expor e apresenta coordenadas conjuntas à ação de linguagem em curso. O discurso é misto, assim como os outros textos já analisados. A infraestrutura textual pode ser dividida em duas partes: a primeira parte que trata da praia ideal e a segunda parte que trata da praia real. O mundo discursivo criado é conjunto ao mundo ordinário dos agentes da interação e, paralelamente, implicado aos parâmetros físicos da ação de linguagem. Isso pode ser verificado nas ocorrências de frases declarativas, interrogativas e exclamativas; na presença de verbos conjugados no indicativo presente, pretérito perfeito, futuro perifrástico (verbo + infinitivo); emprego de dêiticos de primeira pessoa do singular e

plural, do pronome “você”. Além do emprego de modalizações apreciativas relacionadas às avaliações feitas com base em critérios subjetivos, afetivos ou morais; como também modalizações deônticas que expressam opiniões e regras do mundo social e modalizações pragmáticas que revelam o julgamento do locutor no enunciado que se compromete com o que fala.

No primeiro parágrafo, T.R.F. expõe sua visão e opinião a respeito da praia-lugar aberto a todos, seja qual for a classe social e a raça dos sujeitos que a freqüentem, não exige, portanto, de seu freqüentador dinheiro.

TRF:A praia é um lugar que todos podem “entrar”; ricos, pobres, negros, brancos, loiros, morenos e ninguém paga nada para entrar.

LFV:Praia é uma república em que todos são iguais perante o Sol. Nenhuma democracia social é tão adiantada quanto a praia, onde as raças não apenas convivem como fazem tudo para se tornarem iguais. Os brancos tentam ficar marrons, embora às vezes só fiquem vermelhos, os marrons ficam pretos e os pretos já estão prontos.

A forma de organização do parágrafo é semelhante a uma das crônicas que foram trabalhadas em sala de aula “Os que ficam”, pois repete o mesmo referente inicial e mesmo tipo de ordenação sintática: Sujeito+V.L+Predicativo do sujeito+Oração Adjetiva, a diferença entre um e outro consiste apenas no emprego do adjunto adnominal “A” e a locução verbal “podem entrar”, no texto de T.R.F., o que não é feito por Veríssimo. A escolha dessa forma de organização é estratégica, pois recupera parcialmente o tema abordado em sala de aula, durante a leitura da crônica estudada, e retoma características de sua forma composicional. Bronckart (1999, p. 100) afirma que o agente escolhe “dentre os gêneros, aquele que parece o mais adaptado e o mais eficaz em relação à sua situação de ação específica”. O agente escolhe do intertexto, o gênero e a organização que melhor reflete a ação de linguagem preocupada em ser eficaz em relação ao objeto visado, aos valores do lugar social implicado: a escola, a produtora do texto, a professora e a revista. A agente está submetendo sua ação a uma avaliação social-avaliação que é feita também pela agente, basta que observemos o emprego do modalizador pragmático: podem + entrar - o que implica afirmar que se trata de uma avaliação feita pelo agente-sujeito da enunciação sobre o conteúdo temático-a praia.

O agente inicialmente descreve a praia como um lugar ideal para quem quer aproveitar o sol, o mar e descansar: “ Não tem violência e todos podem tomar seu sozinho ou nadar tranquilos.”, ou seja, ela de certa forma parafraseia o texto de L.F.V e depois o parodia, pois a finalidade do texto é criticar o que há de errado e, também, fazer uma concessão à cidade e à diversão que ela pode proporcionar.

A estratégia empregada pela produtora é “enganar” o leitor ou “brincar” com o leitor”, pois apresenta a imagem de um lugar ideal e não o lugar real de que ainda vai falar e ao qual pertence.

Observa-se a mudança de “lugares” e de mudanças nas pessoas do discurso, no terceiro parágrafo do texto:

Na praia, os pais nem precisam se preocupar com seqüestro de seus filhos, deixam eles livres para fazerem o que quiserem. Os turistas se divertem! E aí, gostou? É uma pena que a praia da minha cidade não é assim!

A mudança da praia idealizada para a praia real é feita por meio da referência a sequestros que ocorrem nas cidades, nas praias. Em seguida, a agente estabelece o diálogo com o leitor por meio da pergunta: “ E aí, gostou?” , inserindo na sequência uma frase exclamativa que revela o seu pesar: “É uma pena que a praia da minha cidade não é assim!”

O produtor emprega uma linguagem bastante informal, fazendo uso de expressões muito próximas da linguagem usada no cotidiano. T.R.F. compõe o quadro descritivo em que a praia é mostrada ao interlocutor, por meio de expressões que revelam o desejo do agente de se aproximar de seu interlocutor e estabelecer um contato mais íntimo, típico de alguém que conversa com um amigo. Talvez se possa afirmar que este é “o tom da crônica”, tom de conversa fiada ou afiada que se encontra em um número bastante expressivo de crônicas, inclusive as crônicas produzidas por nossos alunos.

Ainda se observa na materialidade lingüística, expressões empregadas que denotam certa intimidade - o emprego do pronome “seu”, do diminutivo: “solzinho” e da expressão “lugar belíssimo”, que expressa a apreciação do agente por meio do emprego do adjetivo no grau superlativo.

No conjunto, o texto apresenta seqüências expositivas, descritivas e injuntivas misturadas - organização que reflete uma intenção argumentativa, afinal T.G quer

persuadir o leitor de que vale a pena conhecer a cidade, por isso a escolha desses tipos de seqüências. Para a agente-produtora é necessário “dar a ver”, mostrar a cidade ao interlocutor/leitor, afinal é esta a função de seu texto.

O tema “a praia” é retomado por cadeias anafóricas que incluem substantivos, elipses, expressões adverbiais: a praia (repetida duas vezes); lugar (repetido duas vezes), por elipses empregadas no primeiro e segundo parágrafos; além da expressão adverbial: na praia.

Com relação à coesão verbal, notamos que há preferência pelos tempos verbais do presente, já que houve a opção de construir um mundo conjunto ao mundo ordinário do agente-produtor “conjunção que se marca pela ausência de qualquer origem espaço-temporal.” (BRONCKART, p.301, 1999.)

Nos cinco parágrafos que se seguem predomina o tom de crítica irônica e de advertência, basta observar os comentários feitos ao longo dos períodos-comentários que avaliam a situação em que se encontra a praia e o que pode acontecer no local. A produtora enumera os defeitos de sua cidade...defeitos que são enumerados e estão relacionados à água, à areia, aos visitantes e freqüentadores da praia. É tão somente no último parágrafo que a agente, reorienta positivamente seu discurso, tentando assim “reconstruir” a imagem da praia e do lugar em que vive: “Mas a praia é um lugar bem legal, com todas essas “coisas”, você ainda consegue se divertir!”

Quanto aos organizadores textuais empregados, destacam-se: 1º parágrafo: “que” – pronome que retoma “lugar”; a conjunção aditiva: “e” que liga as orações do período;

2º parágrafo: “tão que” conjunção subordinada consecutiva;

3º parágrafo: “que” conjunção integrante;

5º parágrafo: a conjunção aditiva “e” que liga as orações do período;

7º parágrafo: “porque” conjunção explicativa;

8º parágrafo: a conjunção aditiva “e” que liga as orações do período; “enquanto” conjunção subordinada adverbial temporal;

9º parágrafo: “mas” conjunção coordenativa adversativa; “com” preposição empregada como conjunção concessiva (Mas a praia é um lugar bem legal, com todas essas “coisas”, você ainda consegue se divertir!).

O texto de T.R.F. apresenta uma organização diferente, apresenta incoerente por alguns, mas, por pertencer ao gênero crônica, que apresenta em sua forma

compositiva elementos de outros gêneros como editoriais, textos de opinião, notícias, *folders* e poesia, podemos concluir que não há incoerência já que a natureza híbrida do gênero permite que ele seja assim construído.

4.5.4.1 Re-escrita de T.R.F.

A praia

1A praia é um lugar em que todos podem “entrar”; ricos, pobres, negros, brancos, loiros, morenos e ninguém paga nada para entrar*.

2Não tem violência e todos podem tomar seu sol ou nadar tranquilos.

3É um lugar belíssimo, a água do mar é tão limpa que chega a ser transparente. A areia sem nenhuma sujeira.

4Na praia, os pais nem precisam se preocupar com seqüestro de seus filhos, deixam eles livres para fazerem o que quiserem. Os turistas se divertem! E aí, gostou? É uma pena que a praia da minha cidade não é assim!

5Na praia da minha cidade, ninguém paga nada para entrar.

6A água do mar é cheia de sujeiras, fezes, urina, tem de tudo! E a areia também, os visitantes da praia deixam suas sujeiras todas lá. Assim não dá!!!

7O que custa levar uma sacolinha? Onde fica a educação?

8E a saúde e segurança de que frequenta a praia?

9Pois é!!! Você não pode descuidar do seu filho um segundo, porque senão alguém pode tomá-lo de você E de suas roupas, óculos e principalmente carteira, nunca peça para ninguém olhar suas coisas enquanto você vai nadar um pouquinho...

10Mas a praia é um lugar bem legal, com todas essas “coisas”, você ainda consegue se divertir!

O texto de T.R.F. foi organizado em 10 parágrafos, apresentando algumas alterações quanto a aspectos formais do texto: paragrafação, vocabulário e tipos de sequências. O mundo criado e o tipo de discurso não sofreram alterações, pois o projeto discursivo é o mesmo. A aluna acrescentou sequências típicas do diálogo, aumentando assim a intensidade do diálogo. Esse acréscimo foi relevante porque produziu efeito de dinamicidade no texto e aumentou a impressão de diálogo, de conversa.

As referências ao texto de L.F.V. foram mantidas, porém a tonalidade irônica anterior foi agora minimizada. Na segunda versão, observa-se mais fortemente a indignação: “O que custa levar uma sacolinha? Onde fica a educação? E a saúde e segurança de que frequenta a praia?”

A voz da autora e a voz do outro estão presentes, num jogo de inversões e de negações.

O texto apresenta as características do gênero. Ganhou em criticidade e estilo, permitindo concluir que se trata de um texto coerente em que estão presentes os elementos essenciais do gênero adaptado à situação comunicativa.

4.5.5 Quinto texto: “Meu Lugar” de M.C. - primeira versão

Meu lugar

1 Todas as pessoas têm seu lugar, seja ele no trabalho, na sala de aula ou em casa. Mas no meu caso é diferente, eu sinto que meu lugar é algo mais que isso.

2 O meu lugar tem coisas muito boas, como praia, shopping, gente circulando o tempo inteiro na rua, amizades, mas também, como em todos os outros lugares, tem coisas muito ruins, tais como violência, criminalidade, pessoas desprovidas de beleza... Enfim. Mas isso faz dele um lugar completo!

3 Muitas pessoas podem me achar maluca, podem dizer que eu não tenho muita visão, mas sabe de uma coisa? Eu gosto do meu lugar.

4 Meu lugar faz eu me sentir bem, me faz sentir acolhida, faz eu me sentir não apenas outra pessoa na multidão, mas sim uma pessoa especial, diferente e não menos importante que as outras.

5 A maioria pode não concordar, mas aos 'olhos' do meu coração, meu lugar é lindo!

6 Você quer saber onde é o meu lugar? São Vicente, a minha cidade.

M. C. 8ª série M

O texto produzido por M.C. foi organizado em seis parágrafos. O mundo discursivo construído pela aluna pertence ao expor implicado, o tipo de discurso é misto, apresentando sequências descritivas, explicativas, argumentativas e injuntivas expressas por verbos do presente, uso de conectores lógicos com alta densidade sintagmática. O primeiro parágrafo e o título do texto revelam ao leitor o tema que é tratado ao longo do texto: o lugar em que vive a autora do texto – trata-se de um lugar especial para ela. O início do parágrafo procura estabelecer o contato com o leitor a que se dirige, procurando envolvê-lo num diálogo em que predomina o lugar comum e que tem a intenção de persuadi-lo a compartilhar do mesmo ponto de vista da aluna. Para atingir esse objetivo, M.C. organiza seu texto justificando a razão de considerar esse lugar especial. O parágrafo apresenta duas vozes: a voz social (do

senso comum) e a da autora, introduzida pelo “mas” e que se opõe a afirmação feita no primeiro período do parágrafo. As sequências do parágrafos são descritivas e explicativas, obedecendo a uma organização que aborda diferentes aspectos do lugar – aspectos relevantes para a autora que justificam por que o lugar é especial: “Todas as pessoas têm seu lugar, seja ele no trabalho, na sala de aula ou em casa. Mas no meu caso é diferente, eu sinto que meu lugar é algo mais que isso.” O parágrafo deixa evidente a implicação e presença do sujeito, neste caso, da aluna que produz o texto e dialoga. É importante observar as repetições que ocorrem e ressaltam o tema e o mantém em evidência. Ao longo do texto, a referência “meu lugar” aparece repetidas vezes- a repetição do mesmo item lexical contribui para a construção da coesão, da manutenção temática, da implicação e relação do sujeito com o lugar. Revela ainda a assimilação de um recurso expressivo visto durante a sequência didática:

- o título: “Meu lugar”;
- no primeiro parágrafo (no meio dele e no final): “seu lugar” e “meu lugar”;
- no segundo parágrafo (no começo e no final): “meu lugar” e “lugar completo”;
- no terceiro parágrafo (no final): “meu lugar”;
- no quarto parágrafo (no começo): “meu lugar”;
- no quinto parágrafo (no final): “meu lugar”;
- no sexto parágrafo (no meio): “meu lugar”.

Os demais parágrafos apresentam os aspectos materiais e psicológicos que tornam o lugar especial.

O segundo parágrafo enumera primeiramente os lugares da cidade que são considerados atraentes por M.C.: “O meu lugar tem coisas muito boas, como praia, shopping, gente circulando o tempo inteiro na rua, amizades,”. Em seguida, apresenta em “mas também, como em todos os outros lugares, tem coisas muito ruins, tais como violência, criminalidade, pessoas desprovidas de beleza...” os aspectos negativos do lugar, porém, a autora, antecipando uma reação negativa do leitor, intercala um comentário entre vírgulas na oração coordenada – a intenção é ressaltar que os elementos negativos existem “em todos os lugares” – uma comparação bastante significativa e oportuna que é corroborada pela oração que fecha o parágrafo fazendo oposição ao período anterior: “Enfim. Mas isso faz dele um lugar completo!”

O terceiro parágrafo apresenta a inserção da voz que julga contrariamente a opinião da autora sobre o lugar em que vive: “Muitas pessoas podem me achar maluca, podem dizer que eu não tenho muita visão, mas sabe de uma coisa? Eu gosto do meu lugar.”. Essa avaliação é expressa pelo emprego de verbos que, no conjunto, indicam a possibilidade, probabilidade. Na sequência, é inserida uma oração coordenada adversativa que se dirige ao leitor por meio de uma pergunta, cuja resposta é dada imediatamente pela autora.

Os efeitos positivos do “lugar” no emocional de M.C. são abordados no quarto parágrafo e construídos por meio das escolhas lexicais efetuadas na descrição (adjetivos, advérbios), na gradação presente e organização sintática paralelística: “Meu lugar faz eu me sentir bem, me faz sentir acolhida, faz eu me sentir não apenas outra pessoa na multidão, mas sim uma pessoa especial, diferente e não menos importante que as outras.” O parágrafo apresenta a repetição do mesmo tipo de organização: verbo fazer+pronome de 1ª pessoa+verbo no infinitivo – verbo que indica ação de um sujeito sobre outro-neste caso do lugar sobre a aluna.

Ainda sob efeito do lugar, M.C. corrobora os efeitos do lugar, porém, insere, no início do parágrafo, a voz que representa a negação desse estado de bem-estar provocado pelo “lugar”: “A maioria pode não concordar, mas aos 'olhos' do meu coração, meu lugar é lindo!”. Neste trecho, observa-se a presença da metonímia que cumpre a função de ressaltar o sentimento de M.C. sobre o lugar, contrariando a orientação da oração anterior.

A aluna finaliza o diálogo iniciado com o leitor com uma pergunta retórica: “Você quer saber onde é o meu lugar? São Vicente, a minha cidade.”, revelando assim ao leitor de que lugar fala- especificada agora por meio da referência e da expressão que a define.

4.5.5.1 Re-escrita de M.C.

Meu lugar, lugar meu

1 O que há no seu lugar? Pois eu te digo o que há no meu...

2 No meu lugar existem pessoas de todos os tipos: gordas(como eu!), magras, altas, baixas,enfim,dá até para escolher.

3 Tem lugares agitados,como o shopping,o centro da cidade,a praia,as praças,os bares,onde essas pessoas se encontram quase que diariamente.E que lugares lindos...

4 É lá que elas conversam,riem,fofocam,brincam e brigam também,porque ninguém é obrigado a sempre gostar de alguém.

5 Mas no meu lugar há também coisas que ninguém pode apagar,esquecer ou muito menos comprar:a minha infância,os meus amigos,as minhas alegrias e as minhas tristezas também.

6 Ah,meu lugar,lugar meu!

7 Quer saber onde fica esse lugar maravilhoso? São Vicente,a primeira cidade do Brasil!

M. C. 8ªsérie M

A segunda versão de M.C. foi organizada em 7 parágrafos. O título de M.C. remete o leitor a um jogo de linguagem: repetição, inversão de termos que expressam um modo próprio de conceber a linguagem e a língua – algo que se molda às necessidades de seu produtor e provoca efeitos de sentido diversos em seu leitor. O tipo de discurso predominante é misto, com tempos verbais do presente e referências pronominais que indicam a presença explícita da autora. Há sequências injuntivas, descritivas, explicativas que dão continuidade ao tema abordado. O tema é apresentado numa perspectiva que não sugere polêmica.

O primeiro parágrafo e o título do texto apresentam ao leitor o tema do texto: o lugar em que vive a autora do texto. No início do parágrafo, a aluna dialoga com o leitor por meio de uma pergunta que serve como estratégia para lançar, em seguida, a resposta que dá continuidade ao texto: “O que há no seu lugar? Pois eu te digo o que há no meu...”

Dessa forma, M.C. estabelece o contato com o leitor e o envolve no diálogo em que a autora descreverá o que existe no lugar em que vive. A aluna organiza o segundo,o terceiro e quarto parágrafos enumerando os elementos que compõem o lugar e a diversidade que forma a população desse “lugar”, incluindo-se nesse grupo e se colocando como alguém diferente: No meu lugar existem pessoas de todos os tipos: gordas(como eu!), magras, altas, baixas,enfim, dá até para escolher.”. A aluna revela certa emoção ao descrever esse lugar, há uma tonalidade afetiva em tudo o que diz: ao dar a ver ao leitor os lugares e as ações que comumente as pessoas executam.

As repetições estão presentes nesta versão também, nas retomadas da referência inicial: “meu lugar” que visa não somente a construção da coesão e da coerência textual,mas também de indício de autoria e de um estilo que se constrói.

Revela-se assim a assimilação de um recurso expressivo visto durante a sequência didática.

O quinto parágrafo é introduzido pela conjunção “mas” com valor adversativo, pois insere no texto uma nova orientação, voz que ressalta um aspecto que não foi abordado no texto inicial: a referência ao valor que é dado à infância, aos amigos e aos sentimentos que possui: “Mas no meu lugar há também coisas que ninguém pode apagar, esquecer ou muito menos comprar: a minha infância, os meus amigos, as minhas alegrias e as minhas tristezas também.”

O sexto parágrafo é introduzido pela interjeição “Ah!” que enfatiza o sentimento e emoção da autora e retoma o título: “Ah, meu lugar, lugar meu!”. O trecho também revela o contato que a aluna manteve com crônicas que fizeram uso desses recursos expressivos como a crônica “Escolha o seu sonho”. Algumas vezes nesta crônica é empregada a interjeição “Ah” para expressar o sentimento da autora, assim como em vários parágrafos a repetição de palavras e da mesma organização sintática.

No último parágrafo, a aluna repete a mesma estratégia usada no primeiro texto - finaliza o diálogo iniciado com o leitor com uma pergunta retórica: “Quer saber onde fica esse lugar maravilhoso? São Vicente, a primeira cidade do Brasil!”.

Fica, portanto, evidente a assimilação dos conceitos discutidos em sala. A aluna incorporou as características da crônica, pois há marcas de autoria e traços de seu estilo se sobressaem: vozes se manifestam concordando e discordando, a opinião fica evidente, a presença da produtora também, há paralelismo sintático e inversões. Esses recursos dão expressividade ao texto e permitem identificar alguns dos conceitos trabalhados em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa propôs-se a relatar e analisar uma aplicação junto a alunos da série final do E.F.II, para avaliar em que medida a estratégia adotada para trabalhar o gênero crônica teria ampliado a capacidade linguístico-discursiva dos alunos. A metodologia escolhida foi uma sequência didática focada no gênero selecionado.

O quadro teórico desenvolvido e discutido por Bronckart (1999) e Dolz, Schneuwly e Noverraz (1996 e 1998) orientou a organização das sequências didáticas desenvolvidas na escola, contribuindo para a análise de vários aspectos dos textos produzidos: situação de ação verbal, tipos de discurso e organização sequencial, mecanismos de textualização e de enunciação. Esses elementos mostraram como os alunos se apropriaram das características do gênero crônica, e como aperfeiçoaram sua capacidade linguístico-discursiva.

As sequências didáticas proporcionaram reflexões diversas. As duas aulas iniciais ofereceram aos alunos uma visão geral da produção da revista – da qual a crônica faria parte-, e das representações dos alunos sobre a cidade em que vivem, tema da crônica que deveriam elaborar. Durante o processo, constatou-se que a maioria dos alunos das duas salas tinha um julgamento bastante severo sobre a cidade, visão que precisava ser ampliada e possivelmente modificada.

Ao longo do trabalho, confirmou-se que o gênero crônica é um dos gêneros apropriados para os fins propostos, por ser um gênero híbrido que parte do relato de fatos reais e possibilita um salto em direção à narrativa ficcional ou à exposição criativa, resultando em efeitos de sentido envoltos por elementos ora poéticos, ora irônicos ou humorísticos. Esse salto inventivo, por meio de recursos estilísticos, é uma marca do gênero e, ao mesmo tempo, um recurso que permite revelar a autoria e um estilo pessoal.

Inicialmente, cabe observar que os textos produzidos pelos alunos apresentam hibridismo, na primeira e na segunda versões, o que confirma parte das hipóteses iniciais.

A crônica suscita a reflexão, o questionamento daquele que a lê, já que o cronista, diante de um fato ou situação, avalia e toma posição. Trata-se, pois, de um gênero que contribui para a formação de leitores e escritores críticos, pois os

instrumentaliza e os prepara para argumentar, explicar, descrever e narrar, experiência que pode ser transposta para outros gêneros. A segunda hipótese deste trabalho foi comprovada: a estratégia adotada tem condições de permitir a relação entre diferentes gêneros, acentuando a capacidade crítica dos jovens redatores. Esses recursos foram encontrados nas produções discentes.

O processo foi desenvolvido, como já ficou dito, com apoio nos pressupostos teóricos relativos a gêneros e dialogismo, segundo Bakhtin, e às relações entre a situação de produção e o intertexto, conforme Bronckart, Dolz e Schneuwly. Também se incluiu a contribuição de Vygotsky sobre experiências culturais nas quais a interferência de outras pessoas afeta, significativamente, o resultado da ação individual, ou seja, criou-se a oportunidade para que a aprendizagem fosse ampliada, a partir das experiências vividas e do contato com o outro. Esse fundamento articula-se ao pressuposto de Bakhtin de que o homem, enquanto sujeito histórico, constitui-se por meio da interação com o outro, em determinado contexto. O conjunto aponta para a natureza discursiva e dialógica da linguagem, tanto na produção quanto, acentuadamente, no processo de reescrita das crônicas.

Os pressupostos de Possenti e de Bakhtin permitiram avaliar as marcas de autoria, por meio identificação das vozes inseridas no texto e do diálogo com outros gêneros. A contribuição de Franchi apoiou o trabalho de re-escrita e exploração dos efeitos de sentido dos recursos linguísticos.

Os textos produzidos pelos alunos espelham o processo a que foram submetidos. Eles tiveram contato com diferentes gêneros na fase de pesquisa sobre a cidade (notícias, editoriais, textos didáticos, textos informativos), além do contato com as crônicas que fizeram parte dos módulos das sequências didáticas, somando-se ainda o repertório vindo de outros textos encontrados na sociedade, de modo que as produções analisadas refletem um amplo conjunto de referências.

Discutiu-se a representação da cidade, em classe, relacionando as imagens propostas ao projeto discursivo dos alunos. Essa situação foi produtiva, por levar os alunos a re-elaborar a própria visão e até mesmo argumentar, quando questionados pela professora, sobre a razão da excessiva severidade. Chegou-se, dessa forma, a um retrato mais fiel da cidade, com destaque também para os pontos positivos.

Para compreender a situação de produção relativa às próprias crônicas, os alunos entraram em contato com diferentes gêneros na fase de pesquisa sobre a

cidade (notícias, editoriais, textos didáticos, textos informativos), além das crônicas que fizeram parte dos módulos das sequências didáticas. Uma das hipóteses que norteou a pesquisa considera o intertexto essencial. Constatou-se que essa fase foi produtiva e teve reflexos na produção final.

Os módulos da sequência buscaram levar os alunos a estabelecer relações entre o tema das crônicas e seu modo de organização. Também se tratou do uso de recursos expressivos – paralelismo sintático, gradação, metáfora, comparação, repetição de palavras, dentre outros. No processo de leitura das crônicas analisadas, foi debatida a intencionalidade do autor de cada uma delas. Foram estabelecidos paralelos entre a crônica e a notícia, de modo a ressaltar as características de cada gênero.

As produções discentes foram lidas e comentadas. Os alunos puderam expor suas opiniões e dar sugestões para o aperfeiçoamento dos textos dos colegas. A atividade foi proveitosa para todos. Os comentários feitos pelos alunos foram pertinentes, em tom elegante. As crônicas mais elogiadas foram aquelas que tinham alguma pitada de humor, de ironia e de criticidade. A reflexão sobre os aspectos relacionados ao estilo do gênero ofereceu-lhes subsídios para a produção da segunda versão do texto.

Para análise da organização do texto, procedeu-se a análise do folhado textual organizado em três níveis superpostos e interativos: i) a infra-estrutura geral; ii) os mecanismos de textualização; iii) e os mecanismos enunciativos. Camadas que expõem a trama da organização textual: tipos de discurso, sequências produzidas e os mecanismos enunciativos e de textualização.

No plano geral, observou-se que a organização do conteúdo temático das crônicas produzidas obedeceu à proposta, ou seja, discorrer sobre algum fato ou acontecimento sobre a cidade em que vivem (São Vicente). Quanto à forma de organização desse conteúdo temático, observou-se que houve preferência pelo tipo de discurso misto (mistura do discurso teórico com interativo), conforme classificação proposta por Bronckart, e de sequências descritivas, explicativas e argumentativas. Conforme Bronckart, esses segmentos caracterizam-se pela presença simultânea de subconjuntos de unidades próprias do discurso interativo e do discurso teórico. Pertencem ao domínio do interativo os pronomes de primeira pessoa, remetendo diretamente ao autor do texto (a série **eu, me, mim**), ou ao par autor/destinatários (**nós, nos**) como também a presença de frases imperativas. Já

ao discurso teórico pertencem os organizadores lógico-argumentativos: **mas, às vezes, porque, pois**; modalizadores lógicos: **talvez, aparentemente, pode fazer**; retomadas anafóricas empregadas sob a forma dêitica de referência: **esse, isso, esta**. Quanto aos tempos verbais empregados no discurso misto, verifica-se a combinação do **presente**, do **pretérito perfeito** e do **futuro**. Essa organização reflete o estilo do gênero que, em sua essência, expõe, revela, critica, opina seja de forma incisiva, séria, ou de forma bem-humorada.

As crônicas produzidas pelos alunos apresentaram semelhanças com aquelas que foram estudadas em classe, mesclando sequências explicativas, argumentativas e descritivas. Assim como aquelas, tinham o objetivo de dar a ver ao leitor e procurar persuadi-lo sobre as qualidades da cidade.

Em sua maioria, as crônicas apresentaram-se, portanto, na forma de discurso misto, dirigindo-se a um leitor previsto – leitor de revistas de turismo. Os textos produzidos apresentaram mescla de linguagem formal e informal, perpassada sempre por uma tonalidade crítica ou afetiva, apresentando às vezes “pitadas de humor”. Em alguns dos textos, emergiram vocábulos e construções sintáticas que foram vistos nas crônicas estudadas em sala de aula. Outro aspecto relevante é a ironia, encontrada em alguns textos que refletem a incorporação de expressões que remetem ao estilo dos cronistas lidos e analisados durante as aulas.

A pesquisa confirma uma outra hipótese desta pesquisa: o intertexto é essencial para a produção de textos, pois o contato com a produção cultural produzida pela sociedade e disseminada nos diferentes meios é assimilado pelo sujeito que produz os próprios discursos.

Nas atividades da sequência didática procurou-se também evidenciar as diferenças que o suporte, dadas suas características, podem produzir na organização de um texto, tendo em vista, os leitores, os interlocutores e as possíveis implicações do meio físico, dimensões, espaço reservado, tipo de linguagem empregada, tipo de fonte, presença ou ausência de imagens. Essa reflexão foi útil aos alunos, pois eles tiveram que planejar o espaço que seu texto ocuparia na revista e em qual seção ficaria.

O conjunto das análises detectou a apropriação pelos alunos de conceitos relevantes para a produção do gênero crônica. O contato com o gênero propiciou ao aluno ampliar sua criticidade e avaliar com objetividade os fatos e acontecimentos que o cercam

A experiência realizada possibilitou a construção de sequências que efetivamente desenvolveram a capacidade linguístico-discursiva e de produção textual dos alunos.

O uso da crônica na escola, se bem trabalhado, não se limita ao estudo de um gênero específico, apenas, mas tem alcance mais amplo, pois pode contribuir para a formação de leitores e escritores críticos, já que os instrumentaliza e os prepara para argumentar, explicar, descrever e narrar, neste e, também, em outros gêneros textuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade e Silva, W. de. Lendas e mitos dos índios brasileiros. 2ª ed. São Paulo: FTD; 1999.

Andrade, M.L.da Cunha V.O.. As crônicas de Carlos Heitor Cony e a manutenção de um diálogo com o leitor.In: Dino Preti (Org.). Diálogos na fala e na escrita. São Paulo:Humanitas,2005.

Antelo, R. João do Rio, Salomé. In: Candido, A. A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; 1992.

Aristóteles, Arte Retórica e Arte Poética. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

Arrigucci Jr., D. Fragmentos sobre a Crônica, In: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade, 46, Secretaria Municipal da Cultura, volume dedicado à crônica; 1985.

Authier-Revuz, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas: UNICAMP/IEL; 1990.

Bakhtin, M. Marxismo e filosofia da linguagem. 6ª edição. São Paulo: Hucitec; 1992.

Bakhtin, M. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes; 1992.

Bakhtin, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes; 1997.

Baltar, Marcos. A competência discursiva através dos gêneros textuais: uma experiência com o jornal na sala de aula. Tese de Doutorado. UFRGS, Porto Alegre; 2003.

Bender, F. & Laurito, I. Crônica, História, Teoria e Prática. São Paulo: Scipione; 1993.

Benveniste, E. Problemas de Lingüística Geral. 1º volume. Campinas: Pontes; 1989.

Bilac, O. Literatura comentada. São Paulo: Abril Educação; 1980.

Bosi, A. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Cultrix ; 1997.

Brandão, H. N. Introdução à Análise do Discurso. Campinas: Editora da UNICAMP; 1995.

Brandão, H. N. Gêneros do discurso na escola. São Paulo: Cortez; 1999.

Brandão, H. N..Subjetividade, argumentação, polifonia. A propaganda da Petrobrás. São Paulo: Fundação Editora da Unesp; 1998.

Brandão, H. N..(Coordenadora) Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Cortez Ed. (Coleção aprender e ensinar com textos, v. 5); 2000.

Brandão, H. N .. Estudos sobre o Discurso. Livre-docência.Universidade de São Paulo, USP, Brasil; 2001,p.88-89.

Brandão, R. Para que serve a poesia. In Língua e Literatura, Departamento de Letras: USP; (1992/93).

Braga. R. Os melhores contos de Rubem Braga - seleção Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Global; 1985.

Bronckart, Jean. P. Atividade de linguagem, textos e discursos-por um interacionismo sócio-discursivo.São Paulo:EDUC,1999.

_____.Jean Paul. Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento. Campinas: Mercado de Letras; 2006.

_____, Jean Paul. O Agir nos Discursos - idéias sobre linguagem. Campinas: Mercado de Letras; 2008.

Bueno, Luís. Cecília Meireles – O impasse da eternidade. Folha de S.Paulo, 4.11.2001, p. 12-15, Caderno Mais.

Cândido, A. Estudo analítico do poema.São Paulo: FFLCH, USP; 1996.

Cândido, A. Recortes. São Paulo, Companhia das Letras; 1996.

Cândido, A. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo, Ática;2000.

Cascudo, L. da C. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro-MEC; 1962.

Cavaliere, Ruth V. Cecília Meireles: o ser e o tempo na imagem refletida. Rio de Janeiro: Achiamé;1984.

Chauí, Marilena. Convite à Filosofia_ 6ª ed. São Paulo: Ática; 1997.

Chevalier & Gueerbrant. Dicionário de símbolos. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio; 1996.

Coutinho, A. Notas de Teoria Literária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1976.

COUTINHO, M. A. et alii. Parâmetros de gênero e mecanismos de realização textual: aspectos teóricos. Comunicação apresentada no Simpósio O interaccionismo sociodiscursivo em construção: desafios e posicionamentos. 15º InPLA, PUC-SP, São Paulo, 2005.

Cunha, C. & Cintra L. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1985.

Damasceno, D. O mundo contemplado. Rio de Janeiro: Orfeu; 1967.

_____. Poesia do sensível e do imaginário. In: Obra Poética. Rio de Janeiro: Aguilar; 1987.

Dias, Ana R. F. SEESP (secretaria Estadual de Ensino do Estado de São Paulo), 2005.

Dimas, A. Ambiguidade da Crônica: literatura ou jornalismo? In: Revista Littera nº12. Rio de Janeiro; 1974.

Dolz, J. & Schneuwly, B. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP. : Mercado de Letras; 2004.

_____. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Tradução: Roxane H. R. Rojo. Digitado; 2004.

_____. Os gêneros escolares - das práticas de linguagem aos objetos de ensino. Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Ago; n.º 11; 1999.

Ducrot, O. O dizer e o dito. Campinas: Pontes; 1987.

Fabrino, A. M. J. Rubem Braga e a transfiguração do gênero – a crônica poética. Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP: São Paulo; 2001.

Fávero, Leonor L. Coesão e coerências textuais. São Paulo: Ática; 1991.

Fonseca, Fernanda Irene. Deixis et anaphore temporelle en portugais. 1983.

França, M. T. R. . A retórica do riso nas crônicas de José Simão. In: Lineide do lago Salvador Mosca. (Org.). Discurso, argumentação e produção de sentido. 1a ed. São Paulo: Editora Humanitas, 2006, v. 1, p. 1-278.

Franchetti e Pécora – Rubem Braga – Literatura Comentada. São Paulo: Abril Educação; 1980.

Franchi, Carlos. “Criatividade e Gramática”. SP: Parábola, 2006.

Garcia, Othon M. Comunicação em prosa moderna. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas; 1978.

Goldstein, N. & Barbosa, R. Cecília Meirelles - Literatura Comentada. São Paulo: Abril Educação; 1982.

Gomes-Santos, Sandoval Nonato . A questão do gênero no Brasil. Estudos Lingüísticos XXXIII, p. 326-331, 2004. [326 / 331]

Gouvêa, Leila V.B. Cecília em Portugal. São Paulo: Iluminuras; 2001.

Gouvêa, Leila V.B. Cecília Meireles: Cartas a Cortes-Rodrigues. Revista da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, v.57: 199-203, jan/dez. 1999.

Guimarães, E. e Orlandi, E.P. Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito. In: Discurso e leitura. São Paulo: Cortez Editora/ Campinas: Ed. da UNICAMP; 1993.

Homero (adaptação de Marques Rebelo). A Odisséia de Homero. RJ: Editora Ediouro ; N/C.

Jakobson, R. Lingüística Poética e Cinema. São Paulo: Perspectiva; 1970.

Jakobson, R. Lingüística e Comunicação. São Paulo: Cultrix; 1999.

Levin, S. R. Estruturas linguísticas em poesia. São Paulo: Cultrix; 1975.

Kerbrat-Orecchioni, C. La Enunciacion de la subjetividad en el Lenguaje. Buenos Aires: Edicial; 1999.

Kirinus, G. As vozes da rua na poesia de Cecília Meireles. Revista da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, v.57: 195-198, jan/dez. 1999.

Koch, I. V. Argumentação e linguagem. São Paulo: Cortez; 1996.

Koch, I. V. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto; 2001.

Koch, I. V. e Fávero, Leonor Lopes. Lingüística Textual: Introdução. São Paulo: Cortez; 1994.

Lamego, V. Crônica de uma vida. CULT 51: Revista de Literatura, São Paulo, 48-51, out. 2001.

Laurito, I. B. Tempos de Cecília. USP, FFLCH, 1975 (dissertação de mestrado-trabalho mimeografado).

Leal, Audria Albuquerque (Universidade Nova de Lisboa/ CLUNL, F. C. Gulbenkian) Gonçalves, Matilde Alves (Universidade Paris 8/ Universidade Nova de Lisboa/ CLUNL-FCT) Gêneros ficcionalizados e Identidade de Gênero. <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/25.pdf>

Linhares, T. Situação da Crônica. Suplemento Literário. OESP, 16 fev. 1963.

Lopes-Rossi, Maria A. G. Gêneros discursivos no ensino da leitura e produção de textos. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

Machado, A.R.; Bezerra, M.A. (orgs.) Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna; 2005.

Mangueneau, D. O contexto da obra literária. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes; 1995.

Mainqueneau, D. Pragmática para o discurso literário. São Paulo: Martins Fontes; 1996.

Mainqueneau, D. Elementos de lingüística para o texto literário. Trad. Maria Augusta de Matos. São Paulo: Martins Fontes; 1996.

Mainqueneau, D. Novas tendências em Análise do Discurso. 3ª ed. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes-UNICAMP; 1997.

Mainqueneau, D. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez; 2001.

Marcuschi L. A. Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.

_____ Gêneros textuais: definição e funcionalidade.

Marinho, M. A Língua Portuguesa nos currículos de final do século, in Barreto, Elba de Sá (org.) Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras. Campinas, SP: Autores Associados – Fundação Carlos Chagas, 2000, página 43 a 90.

Martins, N. S. Introdução à estilística. São Paulo: T.A.Q. ; 1997.

Meirelles, C. Escolha o seu sonho. Rio de Janeiro: Record; s/d.

Meirelles, C. O que se diz e o que se entende. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1980.

Meirelles, C. Crônicas de viagem 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1998.

Meirelles, C. Crônicas de viagem 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1999.

Meirelles, C. Crônicas de viagem 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1999.

Meirelles, C. Crônicas de educação 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2001.

Meirelles, C. Crônicas de educação 5. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2001.

Meirelles, C. Janela Mágica. 20ª impressão. São Paulo: Moderna; 1999.

Meirelles, C. Obra Poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S/A; 1987.

Meirelles, C. Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2001.

Meirelles, C. Ou isto ou aquilo. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.

Meirelles, C. Problemas da Literatura Infantil. 5ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1984.

Meurer, José Luiz ; Bonini, A. ; Motta-Roth, D. (Orgs.) Gêneros: teorias, métodos e debates. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

Miranda, Florencia. 2007. Marcadores de gênero: uma pista para identificar a ficcionalização de gêneros textuais. In Proceedings of the 4th – International Symposium on Genre Studies – SIGET. Publicação em CD-Rom

http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/Grupos/Gramatica/miranda_siget_07.pdf

Mizukami, M.G. N. Ensino - as abordagens do processo São Paulo:EPU;1986.

Moisés, M. A Criação Literária. São Paulo: Melhoramentos; 1979.

Moisés, M. História da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix; 1989.

Oliveira, A. M. .D. de. Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meirelles. (dissertação de mestrado, mimeografado). Campinas, IEL/UNICAMP, 1988.

Oliveira, A. M. .D. de. Cecília Meireles e Portugal: intertextualidades. Revista da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, v.57: 205-210, jan/dez. 1999.

Oliveira, Martha Kohl de. Vygotsky-Aprendizado e Desenvolvimento-Um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997(2003).

Orlandi, E. P. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes; 2001.

Orlandi, E. P. A linguagem e seu funcionamento. Campinas: Pontes; 1987.

Orlandi, E. P. Discurso e leitura. São Paulo: Cortez-UNICAMP; 1996.

Pães, M. H. S. A década de 60. 4ª ed. São Paulo: Ática;1997.

Paraense, S. Cecília Meireles mito e poesia. UFSM, CAL, Curso de Mestrado em Letras,1999, 208p.

Pasquier, A.; Dolz, J. Un decálogo para enseñar a escribir. In CULTURA y educación, 2: 1996, p.31-41). Madrid: Infancia y Aprendizaje. Tradução provisória de Roxane Helena Rodrigues Rojo. Circulação restrita.

Paz, O. El arco y la lira. 7ª reimpresion. México: Fondo de Cultura Econômica; 1990.

Platão. A República. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

Possenti, S. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes; 1993.

_____, S. Enunciação, autoria e estilo. Revista da FAEEBA, Salvador, nº 15, jan./jun., 2001.

_____, S. Indícios de Autoria. PERSPECTIVA, Florianópolis, 1-.20, n.01, p.105-124, jan./ un. 2002.

Rastier, F. Arts et sciences du texte. Paris: P.U.F., 2001.

Revista Portuguesa de Educação, 2007, 20(1), pp. 163-189 © 2007, CIEd – Universidade do Minho. <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpe/v20n1/v20n1a07.pdf>

Rojo, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. IN: Meurer, José Luiz ; Bonini, A. ; Motta-Roth, D. (Orgs.) Gêneros: teorias, métodos e debates. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

Roncari, L. A Estampa da Rotativa na Crônica Literária. Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade, Secretaria Municipal de Cultura, volume dedicado à crônica, 1985.

Sá, J. de. A Crônica. São Paulo: Ática; 1992.

Sabino, F. Literatura Comentada. São Paulo, Abril Educação, 1981.

Sachet, C. O Rio de Janeiro de Cecília Meireles para Armando Cortes-Rodrigues. Travessia nº22, UFSC, Florianópolis, 1991.

Sadler, D. J. Imagery and theme in the Poetry of Cecília Meireles. USA: Studia Humanitatis; 1983.

Santanna, A. R. de. Porta do colégio e outras crônicas. São Paulo: Ática; 1997.

Silva, B. C. Inéditos de Cecília vão sair com as reedições. O Estado de S.Paulo, 24.6.2001, p.D5, C2/ Cultura.

Silva, J.Q. “Gênero discursivo e tipo textual”. In: Scripta. Lingüística e Filologia. (Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC-Minas). Belo Horizonte, MG: PUC-Minas. Vol.2, no. 4, 1997.

Silveira, R. P. Opinião, marco de cognições sociais e a identidade cultural do brasileiro: as crônicas nacionais. In Português/língua estrangeira: leitura, produção e avaliação de textos/Norimar Júdice (organizadora). Niterói, Intertexto, 2000.

Trigueiros, L.F. A Crônica como Gênero. OESP (Suplemento Literário). São Paulo, 7 de outubro de 1967.

Vygotsky, L.S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998 (2003).

APÊNDICE A
Exemplo de Revista – 8.ª L

São Vicente

Autores:

Abner,
Celso,
Guilherme Vidotti,
João Marcos
Lucas

São Vicente - 8° L

2007

Índice

História.....	4
Geografia.....	5
Economia.....	6
Turismo.....	7
Crônicas.....	14

História

Em 22 de Janeiro de 1532, foi fundada pelo navegador português Marfim Afonso de Sousa, a primeira vila da Colônia, a vila de São Vicente, que veio a ser a primeira cidade do Brasil. Tem um marco que pode ser visto da Ilha Porchat, determinando o local onde foi atracada a caravela de seu fundador. Quando Martim Afonso chegou com sua frota encontrou na região um grupo de índios que, ao ver as embarcações, se aproximaram para manter contato. Os portugueses se prepararam para lutar, porém entre os nativos um homem evitou o confronto, era o português João Ramalho, que tinha naufragado ali há vinte anos e que garantiu a paz.

Geografia

Localização:

Clima:

Tropical, com temperatura média de 27°C.

População:

302678 habitantes

- 5 -

Economia

A economia da cidade é baseada em indústrias, comércio, artesanato e serviços. De acordo com a Secretaria de Relações Empresariais e Fomento à Pesca, em 2005, instalaram-se setecentas e setenta e seis empresas em São Vicente, uma média de duas empresas por dia.

Um destaque no ramo industrial é a Saint-Gobain, uma das quatro empresas fabricantes de vidro plano do Brasil. Outras duas indústrias são a Kascão, que é a maior fabricante de sorvetes e picolés da região; e a Cangala, uma produtora de roupas, que exporta para a África, Estados Unidos, Espanha, Itália e Inglaterra.

Turismo

Casa Martim Afonso

A casa foi construída em 1895 pelo Barão de Paranapiacaba. Em seu interior ainda encontram-se ruínas da 1ª construção de alvenaria do Brasil, que hospedou Martim Afonso de 1532 a 1533. Atualmente conta com um espaço para exposições que funciona de terça a domingo, das 10h às 18h e o Centro de documentação (Cedom), que está aberto de segunda a sexta das 8h às 18h. A Casa Martim Afonso fica na Praça 22 de Janeiro n° 469, no Centro.

Casa do Barão

Construída no fim do século XIX, abriga o Instituto Histórico e Geográfico e a Biblioteca Municipal. Possui um acervo de 1.380 peças.

O endereço para visitas é Rua Frei Gaspar, 280, no Centro. A casa funciona de terça a domingo, das 15 às 19 horas e tem entrada franca.

Museu do escravo

Uma casa feita de taipa, com um enorme salão, O Museu do Escravo abriga 800 peças feitas com perfeição e riqueza de detalhes, várias cenas da época da escravidão, dentre elas cerâmicas, estátuas de madeiras, máquinas de costura a mão, microscópio, ferro a brasa, canos de boi, pilões, carranca, machadinha indígena, moinho de café. Apresenta também uma sala de visitas contendo móveis antigos e entalhes em madeira. O Museu foi inaugurado em 1976, mas ficou abandonado por muito tempo, acarretando um precário estado de conservação. Em 1990 foi restaurado e reinaugurado e hoje se tomou um dos maiores pontos de visitação da cidade.

Localização: Horto Municipal de São Vicente - Rua Catalão, 620.

Ponte Pênsil

Primeira no Brasil foi projetada por Saturnino de Brito (médico sanitarista que projetou os canais de Santos). Foi inaugurada em 21/05/1914 e tinha como objetivo conduzir o esgoto da cidade. De fama internacional, a Ponte Pênsil é o cartão-postal de São Vicente. Todo o seu material é de origem alemã. É patrimônio histórico do país, tombado pelo CONDEPHAAT.

Centro cultural da imagem e do som

O complexo abriga um cinema para 63 lugares, o Espaço Cultural Francisco Rienzi, com livros, discos de vinil e Cd's, além de um espaço para exposições. Foi inaugurado em 22 de Janeiro de 2000. Localiza-se no Parque Ipujiara.

Igreja Matriz

O primeiro prédio a abrigar a Igreja Matriz foi construído por Martim Afonso de Souza, em 1532, próximo à praia onde aconteceu a fundação oficial da Vila de São Vicente. A construção foi destruída por um maremoto, que varreu a cidade em 1542. A segunda sede foi erguida pelo povo em local mais distante do mar, mas foi destruída por piratas que atacaram São Vicente para saquear o comércio e as casas. Em 1757, a atual igreja foi construída sobre as ruínas da anterior, onde permanece até hoje. Seu nome é uma homenagem a São Vicente Mártir, santo espanhol que deu nome à cidade e hoje é seu padroeiro.

Horto Municipal de São Vicente

Situado no Parque Ecológico Voturuá, o Horto Municipal tem cerca de 800 mil metros quadrados e conta com trilhas ecológicas dentro da Mata Atlântica (uma das últimas reservas dentro da zona urbana da cidade), além de um minizoológico, quiosques, viveiros e estufas. O Parque também abriga o Museu do Escravo e o Restaurante Africano, que serve pratos típicos daquele continente. Eventos de todo tipo são realizados no local, como a Festa do Morango e a Expoflor de Holambra. O endereço é Avenida Juiz de Fora, s/n, Vila Voturuá. O Horto funciona de terça a sexta-feira das 8 às 18 horas, sábados e domingos das 8 às 19 horas.

Marco padrão

O Marco Padrão foi inaugurado em 1933, em comemoração aos 400 anos da Fundação de São Vicente. Oferecido pela colônia portuguesa, encontra-se dentro de uma ilhota na Praia do Gonzaguinha e é conhecido como Pedra do Mato.

Rua Japão

inaugurada em agosto de 1998, a Praça Kotoku Iha caracteriza-se hoje como um marco da Rua Japão, que ficou conhecida como um núcleo de pescadores. A ideia de transformar o local em um recanto japonês partiu da união de São Vicente com a cidade de Naha.

Biquinha

O Morro dos Barbosas possuía três nascentes. Uma delas, a Fonte do Povoado, hoje Biquinha, tomou-se famosa por ser cenário das meditações e aulas de catecismo de José de Anchieta. A praça é referência também pela Feira de Doces.

Ipupiara

Localizado na Praça 22 de Janeiro, em frente à Biquinha de Anchieta, o parque conta com 8.170 metros quadrados de áreas verdes, monumentos e equipamentos de lazer. O local tem playground, gruta com cascata, jardim gramado, sanitários e lanchonete, além do Cine 3D - Túnel do Tempo, primeiro anfiteatro tridimensional da América Latina, com 75 lugares e entrada franca. As laterais desse auditório mostram uma sequência de fotos, semelhante a fotogramas, com cenas da Encenação da Chegada de Martim Afonso de Sousa a São Vicente, valorizando o aspecto histórico da Cidade.

Memorial 500 anos

Uma das mais belas vistas da praia de São Vicente está no Memorial dos 500 anos, que fica localizado no alto da Ilha Porchat. Não apenas a vista do local é atraíva. A plataforma, projetada pelo mundialmente famoso arquiteto Oscar Niemeyer, tem uma design que chama atenção por sua beleza e linhas arrojadas.

A ponta da plataforma do memorial aponta para o Congresso Nacional, em Brasília. O endereço do Memorial é Alameda Paulo Gonçalves, s/n - ao lado da Choperia Terraço - no topo da Ilha Porchat.

Ilha Porchat

Sua localização privilegiada entre as praias do Itararé e Gonzaguinha dá à Ilha Porchat a característica de ter a vista das duas principais praias da cidade: Gonzaguinha (na Baía de São Vicente) e Itararé (no Oceano Atlântico). Na Ilha localizam-se alguns dos bares e discotecas mais badalados de toda a região. A Ilha Porchat fica no início da Avenida Manoel da Nóbrega, após cruzamento com a Av. Presidente Wilson.

Centro de convenções

Com mais de 11.000 m² de área coberta, o Complexo de Eventos e Convenções da Costa da Mata Atlântica é o maior local para exposições de todo o litoral de São Paulo. Trata-se de um galpão com vedação em alvenaria e cobertura em estrutura metálica, além de telhas com proteção térmica. A estrutura foi projetada para permitir a melhor utilização dos espaços durante a realização de feiras, tendo vãos com 32m. entre os pilares de apoio da cobertura. O pavilhão possui estrutura que permite exposições de grandes equipamentos. Existem ainda caneletas de serviços subterrâneos que levam energia, cabo de telefone, luz e água para toda a superfície da área de exposições.

Possui ainda três salas de convenções, que ampliam a capacidade de número de pessoas em diversos eventos, inclusive em eventos simultâneos. Os auditórios contam com ar condicionado central. A praça de alimentação tem mais de 500m², além de amplo estacionamento com aproximadamente 1000 vagas.

Revista 8ªL

Título

Um Passeio Pela História

Autores

Camilla Carballido

Debora Pereira

Fernanda Reis

Pedro Kapp

Thais Barbosa

Publicado em

Novembro de 2007

Índice

Apresentação **4**

História **5**

Geografia **6**

Turismo **7**

Artesanato **10**

Culinária **10**

Crônicas **11**

Bibliografia **13**

Apresentação

Nós, alunos da 8ª série L, residentes de São Vicente, mostraremos assuntos importantes à respeito da cidade mais antiga do Brasil.

Ao longo da história, podemos ver a evolução e a importância que a Cellula Mater trouxe para o nosso país. Rica em cultura e herança natural, São Vicente é um dos lugares mais visitados da Baixada Santista nos feriados e férias.

Cabe a você, abrir a revista e dar um passeio pela história, com a nossa ajud
História

Quando a expedição portuguesa comandada por Gaspar de Lemos chegou ao Brasil, em 22 de janeiro de 1502, deu à ilha o nome de São Vicente, pois o local era conhecido, até então, como Ilha de Gohayó.

Outro fidalgo português, Martim Afonso de Sousa, nomeado pelo rei de Portugal Dom João III donatário de duas capitanias hereditárias que incluíam a ilha, foi enviado pela coroa portuguesa para explorar a nova colônia e colocar marcos territoriais no litoral atlântico e no Rio da Prata, fundou então a vila de São Vicente em 22 de janeiro de 1532. Por ter sido a primeira vila fundada no Brasil, ostenta o título de 'cellula mater' dos municípios brasileiros.

Martim Afonso instalou então em sua nova vila os símbolos do poder organizado, construindo um pelourinho, uma igreja e uma câmara, realizando em 22 de agosto de 1532 as primeiras eleições em todo o continente americano. Como atividade econômica começou a cultura da cana e a instalação de engenhos para a manufatura do açúcar, principal produto do período colonial. Mas a implantação deste esquema exigiu atividades complementares, consideradas secundárias, porém fundamentais para a produção açucareira. Estas eram a pecuária e a agricultura de subsistência. As primeiras cabeças de gado a chegarem ao Brasil vieram do arquipélago de Cabo Verde, em 1534, para a capitania de São Vicente.

Geografia

São Vicente é um município do estado de São Paulo, na Região Metropolitana da Baixada Santista, na microrregião de Santos. A população estimada de 302.678 habitantes e a área é de 148 km², o que resulta numa densidade demográfica de 2.073 hab/km², sua altitude é de 10 metros, tem um clima tropical com uma temperatura média de 27°.

Parte do município se estende pelo continente, em duas porções distintas: o bairro de Japuí, ligado à cidade por uma ponte pênsil construída em 1914, no caminho a Praia Grande, e o distrito de Samaritá, que inclui também os bairros de

Humaitá, Parque das Bandeiras, Vila Ema e o Quarentenário, situados ao longo da Rodovia Padre Manuel da Nóbrega, entre Cubatão, Praia Grande e os contrafortes da Serra do Mar.

Turismo

Os mais famosos pontos turísticos são:

Ponte Pênsil

Construída em 1910 em Dortmund, na Alemanha, foi inaugurada em 21 de maio de 1914, com a finalidade de conduzir o esgoto da cidade. De fama internacional, é a primeira no Brasil e foi batizada de Siumino de Brito, nome do engenheiro-sanitarista que a projetou.

Biquinha de Anchieta

Datada de 1553 e construída pelos jesuítas, a Biquinha de Anchieta serviu de cenário para as aulas de catequese do Padre José de Anchieta aos índios. A História desta fonte de água natural é marcada por muitas lendas. Ao lado da Biquinha funciona a tradicional Feira de Doces na Praia do Gonzaguinha.

Bandeira do Brasil

A maior bandeira brasileira já confeccionada mede 630 m², pesa 110 kg, e está hasteada em um mastro com 60 m de altura. Morro dos Barbosas - Praia do Gonzaguinha.

Marco Padrão

Oferecido pela Colônia Portuguesa de Santos e inaugurado em 1933 é o Marco de Comemoração dos 400 anos da Fundação de São Vicente. Localizado na Praia do Gonzaguinha, próximo à Biquinha de Anchieta.

Memorial 500 Anos

Projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, esta arrojada edificação de 12,5 m x 10m foi planejada também para abrigar um recinto permanente de exposições, sendo constituída em comemoração aos 500 anos do Brasil.

Matriz de São Vicente Mártir

Símbolo de fé e história foi a primeira igreja da Vila, sendo construída por Martim Afonso de Sousa, próxima à praia onde aconteceu a fundação oficial da Vila de São Vicente. Um maremoto a destruiu em 1542. A Segunda foi erguida pelo povo e a Câmara; Denomina-se Igreja Matriz de São Vicente, em homenagem a Vicente, diácono que foi submetido a cruéis torturas na Espanha, das quais veio a falecer em 304.

Rua Japão

Localizada no Bairro de Guamium, é um reduto de pescadores artesanais, cuja tradição se mantém forte nos dias de hoje, graças à colônia japonesa que ali se instalou. Recentemente inaugurada, a Praça Kotuko Ilha, um pedacinho do Japão em São Vicente é uma homenagem do povo vicentino à cidade irmã Naha.

Teleférico

Uma das mais recentes atrações do Município, o Teleférico parte da Praia do Itararé, transportando turistas e munícipes ao Morro da Asa Delta, onde atinge uma altura de 180 metros acima do nível do mar. O Morro, que é point dos amantes de vôo livre, praticantes de asa-delta, para-glíder e para-paint, oferece aos visitantes uma ampla visão da Baía de São Vicente e da cidade de Santos.

Morro da Asa Delta

Para os aventureiros mais radicais, o Morro da Asa Delta faz a cabeça de quem gosta das alturas com sua pista de salto para asa delta e para-glíder. Em baixo a Ilha de Urubuqueaba.

Praia de Gonzaguinha

Dona de uma baía espaçosa e de águas calmas tem sido a Meca de diversos praticantes de esportes náuticos: iatismo, wind surf, esqui aquático e jet ski são os mais frequentes.

Praia do Itararé

Uma das praias mais agitadas concentra o agito dos jovens em todas as temporadas de verão. Espaçosa e com ondas radicais para a turma do surf, ela reúne gente bonita e descontraída. Para quem não gosta de ficar parado, barcos podem ser alugados e se tomam uma opção para a prática do mergulho.

Brisamar Shopping

Empreendimento do Grupo Mendes; que diz que esse shopping seria um fato inédito na cidade trazendo várias marcas novas no mercado para São Vicente, mostrando a cidade como um ponto forte de mercado. Shopping Brisamar é o mais novo ponto turístico da cidade que promete atrair turistas e seus próprios cidadãos.

Artesanato

A economia vicentina baseia-se no turismo e o que seria do turismo sem o artesanato? Encontramos a famosa Feira de Artesanato, que é situada na Praça 22 de Janeiro, na Biquinha.

Nas seguintes lojas, situadas no Parque Vila de São Vicente, podemos ver que a principal característica do artesanato na nossa cidade é em madeira. Com o passar dos anos, a madeira veio tornando-se o material mais importante no litoral brasileiro. A razão desse tipo de artesanato é a mistura de europeus que viviam aqui no começo da civilização. Para lembrar de suas terras, das suas mãos brotavam cerâmica, rendas, bordados e comidas típicas.

Loja Tibiriçá

Tudo em artesanato; artigos esotéricos em pedras semi-preciosas, pássaros e bijuterias em pedras brasileiras, couro, barro, madeira, quadros e cerâmica.

Loja Pêro Lopes de Sousa

Artesanatos com imagens da cidade, lembranças em madeiras, bijuterias como brincos de casca de árvores, colares em palhas e coco e portas incenso.

Loja Bartira

Artesanato em caramujo, bibelôs em conchas, artigos indígenas, peixes em madeiras e artesanatos em diversos tipos de conchas.

Turismo

A culinária principal é baseada em frutos do mar e comida nordestina. Restaurantes como o Boa Vista e o Terraço Chopp, nos dão um ótimo exemplo de como é a nossa comida típica. No ano de 2007, os novos quiosques instalados na praia deram um "ar nordestino", que também pode ser encontrado na Casa do Norte Itabaiana.

Crônicas

São Vicente.

Todos que vão a São Vicente não podem deixar de notar aquela imensa praia com diversas ilhas, o barulho do mar batendo nas pedras com um movimento contínuo que acalma, alivia e deixa a alma limpa. Mas se olha mais adiante repara que não é uma cidade tão calma assim, mas muito ao contrário é muito viva com diversas pessoas jogando bola na areia, caminhando nas águas, muitos carros e de repente... Cadê a sua carteira? Já se foi há muito tempo e vixi... Um escorregão? O que será? Acho que já dá pra imaginar.

Mas tudo isso é um mero detalhe, pois quem vai a São Vicente nunca se esquece daquela bela imagem do teleférico, as belas praias, ótimos restaurantes. É realmente um lugar marcante."

Camilla Carballido Dominguez Santos

"Garçom, me vê uma cerveja!"

É isso o que mais escutamos em um dia ensolarado de verão em São Vicente. Pessoas de fora, com o bagageiro aberto, escutando uma musica suave para relaxar tanto a família quanto o vizinho de três bairros depois. Saem da praia, deixando-a limpíssima, já não sabemos mais se a areia é preta ou branca, e mesmo assim, voltam para os quiosques no final da tarde.

Com certeza, é a parte mais gostosa do dia de todo mundo. Estórias e piadas ficam mais saborosas quando acompanhadas de uma porção de isca de frango, o clima e papo flui como as ondas do mar e o ritmo se suaviza com a chegada da noite.

Há pessoas que só vão embora no outro dia, mas isso não tem problema nenhum, pois a diversão que elas encontram em São Vicente não pode ser encontrada do mesmo jeito em São Paulo."

F.P.R.

"O poder da população sobre São Vicente"

Não sei se é porque é a primeira cidade do Brasil que tem que continuar nesse estado, como se fosse uma tradição, é bom para o turismo, não para os habitantes, que provavelmente são maioria. E por nesse estado quis dizer sem asfalto (até pouco tempo) em lugares como Ilha Porchat, que se diz ser lugar de rico, que pode ser chamados de classes médias pelos paulistanos.

A cidade vive do sol, nossas comidas tem origem do mar e nossos castelos são só os de areia. Nossos frutos sonham em ir embora enquanto nossos maduros lutam pelo futuro deles.

Pedro Kapp de Barras Mainardi

APÊNDICE B-Crônicas do grupo controle

A velha cidade

Bão Vicente é uma cidade de muito tempo que vem se atualizando em termos de tecnologia e de estruturas. A cidade vem sendo muito visitada por turistas por causa das praias, do shopping, dos Praças e etc... mas principalmente por causa das Praças que não tem onde eles moram.

A maior preocupação da cidade é a falta de segurança que tem. (com falta de segurança tem com toda frequência). Várias vezes os bandidos (como no filme) atacam a cidade pois acionamos travas as lojas ficam abertas e shopping, as praças etc... acontecendo isso há um caso...

Deixe Vicente é uma cidade com uma qualidade de que muitos. Qualidade é bem elevada (muito) mais pelas suas praças turísticas do que por outras coisas.

Em São Vicente tem muitas coisas boas desde lanchonetes na esquina até aos restaurantes e quiosques na orla da praia, por mais que isso gere um bom lucro para a cidade as praias ficam mais poluídas depois disso. A maior parte da população vicentina joga diversos lixos nas águas de São Vicente, muitos falam que não jogam para parecerem civilizados, mas na realidade todos não contribuímos para isso mas está do jeito que está hoje. As pessoas não usam essas praias pois acham lindas, mas não sabem da realidade estão sacando nos custos desperdiçando os recursos no mar de nossa cidade.

Meu avô ~~me~~ dizia que existiam golfinhos antigamente pelo mar de nossa cidade. Hoje em dia não vejo nem não sei nem peixe mais somente várias espécies que vem com a onda. Infelizmente o ser humano é assim ele tenta se acostumar as condições sem fazer nenhum esforço, em quanto nossa população não sair dessa cidade continuamos sendo poluídos.

Em compensação São Vicente tem lugares bonitos como o terraço no ilha Bonhat, algumas praias em certas praias de São Vicente, e o mar de areia d'água onde não só de televisão e se vê a beleza de São Vicente.

Os turistas em São Vicente (Abner)

Quando as pessoas vêm para São Vicente, geralmente eles querem aproveitar as praias que a cidade oferece.

São Vicente é uma cidade com muitos habitantes, sendo que uma grande parte é pobre. Existem favelas na cidade, mas também possui praias lindas, lugares bonitos, como o Ilha Porchat, a Biquinha, etc. um dos lugares mais visitados da cidade, é o shopping, que fica no centro da cidade. Ele foi construído há pouco tempo, e já é um dos lugares mais visitados.

Um dos problemas da cidade, é a falta de segurança, existem poucos guardas para fazer a segurança da cidade.

Mesmo assim, São Vicente é um lugar muito visitado por turistas que vêm de muitas partes de São Paulo ou até de fora.

Matheus Dias Sena de Oliveira

São Vicente a cidade de todos

Onde tudo pode acontecer, roubos invasão, excesso de pessoas. Essa cidade está virando a “zona”, porque todos aqueles que vivem aqui, não querem o seu bem, e cada vez mais estão prejudicando a cidade. Nem mesmo os políticos eleitos, estão fazendo seu papel, que é de ajudar em todos os quesitos, limpeza, policiamento, ecônômias. Sendo que todos pensavam que quando o Shopping chegasse aqui, isso tudo iria mudar, todos falavam!! Com a construção de shopping, tudo vai mudar!! E mudou mesmo quem tinha lojas perto do shopping foram fechadas, por causa que não tinha movimento; competir com muitas lojas, que vendem o mesmo produto. Fechado essas lojas, gera mais desempregados, que já existiam.

Pra mim essa cidade, só tem a praia, que chama a atenção de paulistas em férias e feriados, que vem aqui sujam tudo, porque pra eles não tem limites, se a regra fosse igual para todos, tanto para quem mora aqui e quem não mora, isso seria diferente. São Vicente necessita de lugares para pessoas pobres, mais lugares de trabalho, muito mais transportes e condições na saúde, mas primeiro, tem que trazer um cara que saiba o que está fazendo, porque não adianta nada construir uma avenida, sendo que tem pessoas passando fome, onde o crime ainda acontece, pra mim não tem nada de especial nessa cidade.

Minha cidade

Quando os turistas vêm para cá, deixam a cidade de pernas pro ar. Eles sujam as praias, deixando-as imundas; que ao invés de ser um lugar lindo e limpo, é um lugar cheio de lixo.

Sem contar que quando eles vêm, deixam os lugares todos lotados de gente; aonde você for, vai estar àquela “movuca”.

Tirando isso, até que a cidade é legalzinha, ficando melhor ainda com o shopping que acabaram de construir; deixando a cidade com cara de nova. Por mais que eu fique falando mau dela; é o lugar onde eu moro.

*O que há de especial na sua cidade?

R: O shopping e o calçadão da biquinha.

São Vicente(*Celso*)

Quando os turistas vêm para cá (São Vicente), eles deixam a cidade toda suja, inclusive as praias, que em vez de ser um local limpo, vira um monte de lixo. Além do engarrafamento que eles causam, deixando todos os lugares lotados de gente. Tirando isso, até que a cidade é legalzinha, com uns pontos turísticos legais, principalmente o shopping. Apesar de tudo, é o lugar onde eu moro.

A velha cidade (Guilherme F. Vidotti)

São Vicente é uma cidade de muito tempo que vem se atualizando em termos de tecnologia e de atrativos. A cidade vem sendo muito visitada por turistas por causa das praias, do Shopping, das Praças e etc... mas principalmente por causa das Praias que não tem onde eles moram.

A maior preocupação da cidade é a falta de segurança que temos. (mas falta de segurança tem em todo lugar). Várias vezes os Paulistas (como são chamados) atrapalham a cidade pois ocasionam transito, as lojas ficam cheias, o Shopping, as praias etc... Acontecendo isso vira um caos...

São Vicente é uma cidade com mais qualidade do que defeitos. A cidade é bem elogiada mais pelos seus pontos turisticos do que por outras coisa.

Cidade de São Vicente (Pedro Pinto)

São Vicente é uma bela cidade que combina belezas naturais como parte da mata atlântica, Com muitas espécies de fauna e flora, também temos praias, infelizmente mau utilizada pela sua população, que a poluí, e também temos a cidade semi desenvolvida, com um grande centro comercial, diversas opções, e sempre movimentado, São Vicente além de um futuro promissor, tem também um passado glorioso, aliás, é a primeira cidade Fo Brasil, aqui também temos a Marco Padrão, que significa a chegada dos portugueses aqui também temos a ponte mais antiga em atividade do Brasil, a Ponte Pênsil que tem esse nome porque é suspendida por pêndulos de aço, originalmente a ponte foi construída para a passagem da tubulação de esgoto entre São Vicente e a cidade vizinha, Praia Grande. Aqui também tem , a “simbólica” vila de São Vicente localizada aonde os colonos começaram a habitar São Vicente, la dentro em museu, restaurantes e pecas de teatros com temas regionais, e na frente da vila a uma das poucas igrejas que está de costas para o mar, a Igreja Matriz está de costas para o mar por conta de uma lenda.

Tudo isso é uma parte da minha querida cidade, São Vicente.

Primeira Cidade (Raquel)

Linda, linda
 São Vicente, cidade linda
 Primeira cidade do Brasil
 Cultura maravilhosa
 gastronomia melhor ainda
 más a poluição é...
 Unico defeito,
 Não digo todos
 Mas sim a maioria
 Não percebem a maravilha
 desta cidade, por isso
 muita Veses estragam sua vida
 e isso é o que mais me revolta
 essa pessoa não sabem

nada de onde moram
 aqui somos todos ricos
 todos temos castelos, de areia claro
 todos temos tesouro, essa praia maravilhosa
 essa praia que muito mas
 Amam ir jogar bola de fim de semana!

Como viver assim?

São Vicente não tem muito oque dizer é uma cidade muito perigosa que você não pode sair de casa que você já é assaltado pois tem alguns pontos turisticos como a biquinha, a praça das bandeiras, o ilha Porchat, o teleférico, a praia do itararé, a Ponte Pensil e etc...

Pois algumas pessoas dizem que preferem viver aqui do que em São Paulo eu já penso alcontrario

São é uma cidade onde ninguém cuida de nada pois depois sofrem as conseqüências, tem muito bandido muito ladrão pode até ser a primeira cidade do Brasil mais e onte chegou os prineiro bamdido ladrões Portugal por isso que já ta cheio de bandido são Paulo pode até ter mais so que lá é bem maior que aki.

Por isso que eu não gosto da minha cidade e eu prefiro muito mais São Paulo.

Pedro Kadp

Avenidas (Pedro Corumba)

Avenidas, tantas avenidas
 cada uma liga um lugar à outro
 por cada uma passam centenas de pessoas todo dia
 cada pessoa PR um diferente motivo
 Por uma diferente razão
 Todas indo à lugares diferentes
 Ou talvez todas indo para o mesmo lugar.
 A cada momento,
 imprevistos podem acontecer
 pessoas podem morrer

enquanto pessoas podem viver
 não se sabe,
 a única coisa que tenho certeza
 É que nenhuma avenida é igual à outra!

Minha rua (Renan Umbelino de Souza Barbosa)

A minha rua ela é cheia de buraco, calçadas mal feitas, desnível, moradores chatos, más muitas pessoas acham isso maravilhoso, sempre quiseram morar em uma rua assim, e nós? nem imaginamos o por que, mas vai pesquisar sobre a vida dessa pessoa, ela pode ter passado fome, não ter ou tido casa, vida difícil, e assim vai. É que nem quando as pessoas jogam comida fora, tem pessoas que podem ver essa comida e comer pois passam fome mais e mais e isso é uma pena pois nós queremos um país farto, infelizmente esse é o Brasil e minha rua

Willian

São Vicente uma cidade litorânea quando você escuta isso você já pensa em praia, futebol, mar, surf etc. mas essa cidade é muito mais que praia mar é uma cidade que aonde há muitos outros pontos turísticos que muitas vezes não são visitados porque as praias recebem mais atenção essas atrações turísticas são como o teleferico aonde você sobe até o morro da asa delta que proporciona uma vista linda. mais também São Vicente tem muita história como ser a 1ª cidade do Brasil tendo todo ano a encenação da chegada dos portugueses a ilha de São Vicente. tendo também a Vila de São Vicente aonde mostra toda a história da cidade e também aonde há encenações diárias de teatro como se fosse uma vila epoca mesmo. Há também a porta aonde os animais e também aonde há diversas feiras de alimento, como a festa da banana, morango, figo etc. por isso São Vicente é especial ela não é mais uma mera cidade litorânea, ela faz parte da história do Brasil.

Thais de Souza Barbosa

Título: São Vicente, Ó Terrinha!

São Vicente, Ó Terrinha! Aqui, as pessoas ficam encantadas com a paisagem, querem sair, se divertir, e principalmente relaxar, mas nem tudo é uma maravilha.

A pessoa vê a praia e pensa, agora eu vou pegar um sol e relaxar. Dita na canga ou na cadeira, passa bronzeados, fecha os olhos, quando você está começando a relaxar vem um homem e grita bem alto no seu ouvido Olha a COCADA. A pessoa acaba levando um susto e ficando nervosa, mais depois de um tempo, volta a relaxar.

As pessoas também gostam de andar pela praia e comprar alguns brincos ou uma lembrança na praia. Você tira sua carteira do bolso, quando você pisca, Cadê sua carteira? É, se foi, foi roubada e a pessoa fica sem saber o que fazer. As vezes as pessoas não sabe aonde estão “se metendo”, por exemplo, você vai comer um lanche em um quiosque, quando você olha pro lado uma mulher beijando outro homem. A pessoa fica em choque, paralizada, pois às vezes o homem (gay) é muito bonito e acaba sendo um desperdiço.

Enfim, mesmo com alguns exemplos ruins da cidade você pode e com certeza vai se divertir aqui. Sua viagem pra São Vicente vai ou é inesquecível.

Praia

Daqui de São Vicente nada é mais famoso que a praia, toda hora, até com chuva você encontra gente que vai na praia, mesmo que só vá para observar ou comer um pastelzinho na barraca do Seu Zé.

Na praia você encontra todo tipo de gente, de todas as nações, você pode encontrar gente gorda, magra, baixa, alta, forte, fraco, criança, adolescente, adulto e idoso.

A praia também é famosa por ter sempre gente batendo uma bolinha, mesmo sendo vôlei, futebol, frescobol.

A praia sempre fica cheia nos feriados, também todo mundo gosta de tirar uma folga do trabalho e da escola, pra se bronzear ou tomar mesmo um bom banho de mar.

Tem gente que vai na praia só pra sentar num dos banquinhos do calçadão enquanto toma uma água de coco, não daqueles pacotinhos que vendem no supermercado mas sim, de um coco fresco bem boa!

João Victor P. Ribeiro

“O Senhor Prefeito”

Na minha cidade, eu vejo casas. Casas velhas, abandonadas, mas casas. Vejo reformas que o prefeito manda fazer, para garantir seu voto nas próximas eleições.

Saio de casa, e sinto que algo não está correto. É que à primeira pisada na calçada, você já tem aquela sensação de escorregadio.

Culpa dos cães? Não!

A culpa é dos donos que os levam para passear, cientes de que “algum acidente” pode acontecer, e mesmo assim, eles vão desprevinidos.

No entanto, minha cidade é maravilhosa! Em São Vicente, todos são um exemplo de simpatia e educação. Porém, por outro lado, há a parte crítica desse município. Favelas, morros, bairros pobres – locais onde o tráfico e a marginalidade imperam – são locais temidos pelas pessoas urbanas. São lugares onde não se deve pisar sem, ao menos, conhecer alguém. Isso é fato, ninguém muda! Pensando bem, há alguém que pode reverter essa situação: O senhor prefeito”. Sei lá, construir centros comunitários, urbanizar as favelas, aumentar os empregos, não sei! Mas alguma coisa deve ser feita, e logo! Antes que todos nós viremos um exército de traficantes, preparados para acabar com qualquer força benéfica.

João Marcos Xavier

“Veja como eu vejo”.

Muitas vezes, em nossa cidade, por fazermos sempre o mesmo percurso, devido a rotina. Ou muitas vezes por ligarmos a televisão, ou o computador e só vermos notícias, fatos e tragédias que aconteceram em nossa cidade, ficamos com

medo de sair de casa, assustados, deixando de ir à lugares em nossa cidade, que nunca fomos, deixando de viver momentos muito especiais em nossa vida.

Pare um minuto, olhe ao seu redor, veja a cidade de outra maneira, sem pessoas em trabalho, em dinheiro.

Às vezes, nós perdemos tanto com medo de sorrir, porque há tão pouco emoção, uma cidade, um mundo melhor, só depende nós.

Não se preocupe com si mesmo, faça alguém feliz e alguém também fará por você.

João Cláudio Chem

Minha cidade

Minha cidade é Ótima!

Pena que nem todos achem isso

Subir o Ilha Porchat

Caminhar a beira-mar

Conhecer a História

Da cidade onde nasci

Cidade onde vivo

Mesmo se for embora

sempre voltarei pra cá

É muita coisa pra contar

Essa é a Minha Cidade.

Kauan Rodrigues

APÊNDICE C

Crônicas do grupo experimental

Maithê Ferreira Lima

Um pouco de São Vicente!

Em São Vicente ah muitos lugares bonitos e aconchegantes para se conhecer, a biquinha, muitas barraquinhas para se comprar lembranças da cidade, logo ao lado tem os doces, muitas pessoas fazem boas recomendações, logo a frente tem a praça do Ipupiara, com uma estátua tamanho original.

A praia do Itararé é outro lugar bem conhecido, temos quiosques de todos os tipos e todos os gostos, e para e para quem não tem medo de altura, temos o teleferico, que nos leva ao morro do azadelta, onde em dias bons deixam o céu bem colorido.

Nosso cartão postal é o local mais bonito de todos na minha opinião, uma construção antiga e bem sofisticada, muitos restaurantes a beira mar com vista para ela, a Ponte pênsil. Além das marinas que tem localização e vista privilegiada para a ponte, os muitos barcos e Jet-skis são outras coisas adoráveis para se ver. No Ilha Porchat, temos um restaurante também com vista para o mar e logo a frente tem o monumento que dá visão para a praia do Itararé e santos,

Minha cidade é maravilhosa!

Diversidade na cidade. Paula M. Franco

Cidade litorânea onde faz sol, chuva, frio e calor; onde encontramos das mais diversas raças, culturas, crenças, sotaques e opiniões. É Santos, aqui existe violência, onde não existe? aqui existe felicidade, amor, carinho, onde mais existe?

Não é a cidade Perfeita, também, o perfeito não existe, mas é a cidade bonita de se ver com uma paisagem que é de se orgulhar. Tem aquelas paisagens não muito agradáveis, que são as favelas, as depredações, a violência com a própria cidade, mas quem sabe um dia isso irá mudar.

Temos que nos orgulhar do que “possuímos”, pois temos a diversidade de clima que na Antártida também não existem, temos a capacidade de melhorar, pelo menos, acho que temos; pois tem tantas pessoas que usam sua inteligencia e

capacidade para o caminho errado, mas a esperança é a última a morrer, aí é o momento em que surge aquela minoria querendo reverter a situação e ajudar os necessitados.

São várias opiniões, as certas e as erradas, mas que todas levam a pensar e a concretizar de que Santos é uma cidade maravilhosa para morar é só saber aproveitar.

Matheus França

São Vicente

O que devo fazer nessa cidade tão maravilhosa onde existe belas praias, animais exuberantes e uma mata muito linda de se ver. São Vicente áh São Vicente cidades cheia de lugares lindos de visitar, praias, praças, monumentos Históricos e Shopping Bares, feiras livres e muito mais.

Mas também cidade de poluição, Protestos, marginalidade, bairros pobres sem saneamento básico.

Não sei onde devo ir com a minha família, realmente não sei se devo ir na praia ou no shopping ou na praça de artesanatos no lado do Meu Hotel onde ficou índios de Tribos de não muito distante. Proto resolvi vou nessa praça mesmo com precei muitas lem branca para meus parentes lá do interior de São Paulo onde não existem lugar para Se visitar como Aqui em São Vicente e em muitos lugares da baixada Santista

Fernanda Luíza Perazza

A minha cidade.

Cidade com iluminação boa, ruas calmas, “bastante” verde e um clima tropical, não há nada para reclamar, em?

Há! Há! Há!

Outro dia mesmo uma amiga chegou no Brasil. Ela mora no Hawaii, um lugar perfeito! Ao chegar aqui, me chamou para dar uma volta, e eu logo pensei levá-la

para andar no calçadão da praia. Quando chegamos lá, ela disse: “- O mar é marrom?”

Olhei à ela, e fiquei sem reação, mas lhe falei que era assim por causa da areia escura, mas não falei em poluição. Fomos então dar mais uma volta, perto de casa mesmo!

Falava que a cidade era boa, com pessoas calmas (não que nem as de São Paulo), quando de repente, ela parou e ficou “chocada”; ela tinha acabado de olhar para uma criança procurando o que comer em um latão de lixo.

Pois é meu povo, casa é “A” minha cidade!

Fernanda Perazza

Adriano W. F. Oliveira

São Vicente

Quem vem a São Vicente já mais esquece que na cidade a muitas coisas especiais como suas lindas prais, mas tambem não esquece de suas favelas da parte ruim da cidade os diques por exemplo

São Vicente pode até ser considerada à primeira do Brasil, mas tambem pode ser considerada a ultima por sua falta de desenvolvimento uma cidade pobre na grande parte e rica na menor parte.

Mas São Vicente tem uma coisa de especial que ningue pode tirar a sua cultura e isso São Vicente tem muito mas mesmo assim e uma cidade pouco visitada por causa da criminalidade que isso a cidade tambem tem muito, mais pode aposta São Vicente um dia vai sim votar a ser a primeira da Brasil mas não e algumas coisas so é em tudo porque São Vicente vai ser sempre a primeira e unica no Brasil!!!

FIM

Adriana Chismem.

Cidade maravilhosa

Minha cidade é maravilhosa com praias lindas e bem formosas, o céu azul como o mar. O jardim é verde com muitas flores, prédios altos e bonitos casas pequenas e delicadas.

Amo minha cidade porque ela é bela e eu não vivo sem ela.

Nas ruas eu ando todo dia, na areia da praia adoro caminhar.

O de mais especial na minha cidade é as praias bonitas, com o mar azul com conchas na areia, o barulho das ondas quando bate nas pedras.

Luiz Vinícius

O que há em minha cidade?

Em santos coisas para fazer é o que não falta. Em um dia de muito calor você pode ir na praia juntamente com outros turistas também conhecidos popularmente como “farofeiros” e ficar um tempo procurando um bom lugar para ficar, se for na água, deve tomar bastante cuidado para não acertar nenhum “farofeiro” pois a água vai estar cheia.

Se estiver anoite você pode ir no Gonzaga da uma volta e com certeza irá ver um filme no Roxy onde os filmes de comedia não da pra escutar quase nada porque as pessoas não conseguem controlar suas risadas. E nos filmes de Terror sem tem um engraçadinho qui fica lá no fundo do cinema gritando e fazendo graca.

Se você for de maior você pode entrar nos clubes noturnos por exemplo Capital lá toca de tudo, caçaria só funk, e muitos outros lugare, más para entrar em alguns outros você vai precisar de uma coisa a mais, dinheiro, alguns clubes são bem caros, mas valem a pena, só depende de você escolher o lugar onde queira ir. Más tome cuidado pois existem muitos lugares chatos.

Russel L. Dias

Perdido

Era de manhã, eu tinha acordado de ressaca, peguei o carro e fui tomar Café na padaria. Parei na Gallery, pedi um pingado, na televisão passava um daqueles filmes de faroeste antigo, me cansei e decidi ir para o hipódromo do Jchey, Cheguei lá e estava começando o primeiro páreo, fiz minha aposta e perdi, no segundo páreo apostei no cavalo “Thunder”, não estava em evidencia mas parecia ser bom, finaal do páreo ganhei cem pratas, fui embora queria ir para Santos, peguei a Av. Pres. Wilson e fui em direção à praia, no semáforo do Pão de açúcar a gasolina estava acabando, continuei indo e parei no posto BR da divisa para abastecer, aproveitei e calibrei os pneus, segui em direção à Santos e decidi ir ao Shopping da “Ponta da praia”, comprei algumas roupas, e comprei um livro, um livro de crônicas, escrito por Charles Bexouski, comprei alguns vinhos e peguei o carro e fui embora.

Andressa L.

Minha cidade

Na minha cidade não tem muita coisa à fazer; mas tem algumas praias maravilhosas.

Nela eu me divirto muito; Meus vizinhos, amigos, e família são um tudo para minha cidade.

Um centro que é difícil de andar mas muito divertido à final.

Um shopping novo pouco tempo tem, mas foi um alívio para minha cidade.

Tem muitos lugares: quanto p/ se divertir, como supermercados que não são poucos;

Muitas favelas, bandidos mas qual cidade que não tem?

Já sabe qual é a minha cidade?

Pois é isso é um pouco que pude descrever; E essa cidade é São Vicente.

São Vicente Renan Guarmani Roca

São Vicente normalmente é muito motivo de zoação, pelos próprios habitantes e por outras pessoas de outras cidades, mais tem algumas coisas boas, como: praia, ponte pênsil, entre outros, as praias não é aquela coisa, é um pouco suja, e tem muito maloqueiro, a ponte pênsil é a plataforma para o “mar” muitos

jovens vão lá só para pular da ponte, e é bem movimentada. São Vicente é uma cidade pobre que está vez crescendo mais. Uma coisa boa só para algumas pessoas, é o camelô, mecadoras piratas só que dão acesso às pessoas que não têm muito dinheiro a tir, vídeo games, fitas, CDs virgens, bolas, camisa, boné, brinquedos, entre outros.

Minha cidade - Juan Rodrigues

Minha cidade, de nome São Vicente, ou como todos dizem São Viselva não é nem um pouco bonita mas também não é tão ridícula que nem várias cidades por aí.

Aqui há uma coisa que é frequente e também o que poderíamos dizer especial para o tipo da cidade, seria o roubo.

É muito fácil é só você sair na rua todo “mala” que você dobra a esquina e já volta pelado para sua casa. Mas também não deixo de elogiar o trabalho da polícia que apesar de não conseguir a péssima fama da cidade pode ser elogiada por vários atos que tenham sido concretizados com sucesso.

Minha cidade também tem vários lugares bonitos como o Ilha, a rua Japão, a Ponte Pêncil. Mas também não podemos encher muito a bola dessa cidade não podemos esquecer que estamos falando de “São Viselva” essa cidade pode ter lugares muito bonitos mas as praias e ruas são sujas e não é bairros calmos e pouco movimentado

Existe muita desigualdade social preconceito e etc...

O dia-a-dia de São Vicente(Arthur)

São Vicente amanhece com um lindo sol, com pessoas correndo na praia, surfando, indo para o seu trabalho; já as crianças vão para as suas escolas, algumas públicas e outras particulares, outras pessoas saem às ruas para pedir comida ou dinheiro para poder sobreviver.

A tarde chega junto com as crianças de suas escolas, logo vão almoçar para poder estudar ou praticar algum esporte, já os adultos que não têm emprego vão ao centro comprar roupa, sapato, ou até mesmo procurar um emprego.

A noite as pessoas chegam prontas para jantar, assistir televisão e ir dormir para o dia seguinte fazer a mesma coisa.

“São Vicente”

G.P.

São Vicente é a minha cidade,
Ela é muito mais do que especial,
Tem praias lindas e gente feliz.
Todos gostam de morar **aqui,**
Apesar de ter assaltos,
É raro ver gente triste daqui.
As praias são as mais belas,
As ruas as mais tranqüilas
E as pessoas as mais bonitas,
Você já veio para cá?
Venha, você vai aproveitar!
A cidade pode não ser a mais conhecida,
mas é onde eu moro,
que vivo minha vida,
Afinal ela é a primeira cidade desse meu Brasil,
E é aqui que eu pretendo ficar
Até o dia que eu morrer,
São Vicente é a minha cidade,
São Vicente é o meu mundo.

Tabelas

Juan 8.^a M	Minha cidade
Objetivo	Expor e descrever o que se passa na cidade de forma crítica. Salienta os aspectos negativos, admitindo que há positivos. Ressalta os negativos: 2º, 3º e último parágrafo, no quarto, os aspectos positivos, advertindo que há os negativos.
Tema	cotidiano
Plano global	Exposição da opinião do agente-produtor sobre a cidade, principalmente dos problemas da cidade: roubos, sujeira nas praias - uma visão negativa e crítica.
Tipo de discurso e sequência	Mundo do Expor Tipo de discurso misto. Implicado; sequências explicativas, descritivas e argumentativas
Coesão nominal	Minha cidade, nome São Vicente, São Visselva, pouco bonita, não é tão ridícula, Aqui, tipo de cidade, minha cidade, dessa cidade, São Visselva; Todos dizem, Você, você, elipse, você
Org. Textuais	Ou com, nem, mas também, que nem, que, e também, o que, para, que, apesar de, essa, mas, e, e, e.
Coesão verbal	Dizem, é, é, há, é, poderíamos dizer, seria, é, é, sair, dobra, volta, deixo de elogiar, conseguir, pode ser, tenham sido, tem, podemos encher, podemos esquecer, estamos falando, pode ter, são, existe
Vozes	Sociais e pessoal do agente
Linguagem	informal
Escolhas lexicais	Predominam adjetivos: pouco bonita, ridícula, especial, “mala”, péssima fama, lugares bonitos, bairros calmos, pouco movimentados, desigualdade social.
Linguagem	Informal
Emprego de Modalizadores e avaliações	Pouco bonita, tão ridícula, fácil sair, lugares bonitos
Aproximações com outros gêneros	Artigos de opinião, comentário crítico.

Luiz Vinícius 8.ª M	O que há em minha cidade?
Objetivo	Responder à pergunta do título.,expondo o que há para fazer na cidade, por meio da enumeração das opções existentes. Ele ressalta,porém, em alguns momentos, os aspectos negativos,além dos positivos.
Tema	cotidiano
Plano global	Exposição da opinião do agente-produtor sobre os pontos turísticos da cidade.
Tipo de discurso e sequência	Mundo do Expor Tipo de discurso misto. Implicado;sequências explicativas,descritivas e argumentativas
Coesão nominal	Minha cidade, nome São Vicente,São Visselva,pouco bonita,não é tão ridícula,Aqui,tipo de de cidade,minha cidade, dessa cidade,São Visselva; Todos dizem, Você,você,elipse,você
Org. Textuais	Ou com,nem,mas também, que nem, que , e também, o que, para,que, apesar de,essa,mas, e , e , e.
Coesão verbal	Dizem,é,é,há,é,poderíamos dizer,seria,é,é,sair,dobra,volta,deixo de elogiar,conseguir,pode ser, tenham sido, tem,podemos encher,podemos esquecer,estamos falando,pode ter,são,existe
Vozes	Sociais e pessoal do agente
Linguagem	informal
Escolhas lexicais	Predominam adjetivos:pouco bonita,ridícula,especial, “mala”,péssima fama,lugares bonitos,bairros calmos,pouco movimentados,desigualdade social.
Linguagem	Informal
Emprego de Modalizadores e avaliações	Pouco bonita,tão ridícula, fácil sair,lugares bonitos;
Aproximações com outros gêneros	Artigos de opinião, comentário crítico.